

Um Outro Olhar
Volume VIII - Ano C

Coletânea de Homilias de J.B. Libanio, S.J.

Organização:

Marta Martins de Aguiar

Maria Alice de Moraes Fonseca

Regina Maria Melo Marinho Ferreira

Capa e ilustração: Márcia Viana

Índice remissivo: João Batista Pereira Ferreira

Gravações: Roseli Magalhães Ferreira

Execução Gráfica:
BIG Editora Gráfica
(31) 3416.7896

1ª Edição
(Vespasiano - Julho de 2011)

Contato:
Marta Martins
(31) 3309-2186
(31) 9611.2186
martatins@yahoo.com.br

Roseli
3621.2037

Márcia
3621-1420

Acesse o site:
www.jblibanio.com.br

APRESENTAÇÃO

Tenho, por incumbência e por dever, a honra de apresentar o 8º volume do livro de Homilias do Pe. Libanio “Um Outro Olhar”.

Precederam-me, nessa tarefa, Marta Martins de Aguiar, Maria Alice de Moraes Fonseca e Patrícia Ferreira; Eduardo Machado, Pe. Roberto Albuquerque, SJ, Patrus Ananias, Pe. Carlos James, SJ, Dom Joaquim Mol. Estes, amigos pessoais do Pe. Libanio, representantes dos Irmãos da Companhia de Jesus, dos Profissionais da Educação, da Justiça e da Psicanálise, dos Bispos e da classe Política. Sou o 8º nessa lista, prêmio esse que me traz muita satisfação. Não garante o pódio, mas assegura pontuação.

É verdade que relutei em aceitar o convite feito lá pela quinta ou sexta edição. Pensei: “terá o próprio teólogo instado a equipe a convidar o pároco?”. Talvez pela presença simbólica da Igreja que o pároco evoca e realiza como responsável diante da Comunidade e do Bispo no “espaço pastoral” que lhe foi confiado.

Mas o principal motivo da minha relutância é porque queria dar a preferência a pessoas que certamente teriam mais condições de apresentar o Teólogo e Pregador, como tem acontecido. Seja pela amizade que desfrutaram junto ao jesuíta, seja pela competência pessoal de que são portadores.

Faço-o agora, principalmente em nome da Comunidade Paroquial na qual Pe. Libanio profere suas homilias, registradas em processo dinâmico e auspicioso, pela equipe de “libanetes”, como algumas já se autodenominaram jocosa, sincera e devotamente.

Faço-o, principalmente, em vista do momento eclesial que vivemos: 50 anos de Ordenação Sacerdotal do Pe. Libanio, 27 dos quais vividos nos finais de semana quase que exclusivamente na Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, em Vespasiano, onde é vigário paroquial.

O ministério do Pe. Libanio aqui exercido, neste período, é diversificado como acontece normalmente nas Comunidades Paroquiais: ele abrange a presidência nas Celebrações das missas, as confissões, os batismos e matrimônios, os atendimentos quinzenais de aconselhamento e orientação, as bênçãos de residências, de veículos e objetos de piedade, a visita aos enfermos, os cursos e palestras, a presença nas assembleias paroquiais e o acompanhamento das pastorais

Muitos dos amigos do Pe. Libanio, residentes em outras paragens, ficam surpresos e emocionados ao tomar conhecimento do exercício de função pastoral tão profícua. Já ouvi de muitos a exclamação: “pensei que ele era só da teoria”!

Pe. Libanio é, sim, a teoria que deu certo. Alguns diriam com certa malícia: “a teoria, na prática, é outra”. Nós dizemos: ele pratica o que produz e desenvolve nas elucubrações teológicas. Saiu-nos, portanto, melhor que a encomenda, como diriam os antigos.

A celebração dos 50 anos de sacerdócio do Pe. Libanio, em 31 de Julho de 2011, já é para nós um momento privilegiado. A preparação que antecedeu à festa foi um exercício de colegialidade pastoral e de co-responsabilidade eclesial, temas caros ao teólogo.

Nesses 27 anos de presença aqui na Paróquia, primeiro como padre convidado a colaborar nos finais de semana, depois como vigário paroquial fiel, suas homilias se destacam. O altar e o púlpito visibilizam o ministro. E o ministro tem o “grave encargo” de visibilizar o próprio Cristo (Gal 2,20).

Do púlpito, que, para ele, não se restringe necessariamente ao espaço litúrgico do ambão, ele ensina como mestre que é; orienta, conforta, estimula, exorta, seduz. A comunidade bebe, ávida, as suas palavras. Sorve lentamente, saboreando cada gota que se transforma em rio caudaloso a correr por outras paragens e cenários, molhando a terra seca e fazendo brotar sementes de vida e de esperança.

Pesa sobre o ministério do Pe. Libanio, nos seus cinquenta anos de vida presbiteral, a responsabilidade de ter sido ele o único pregador na quase totalidade das missas da Matriz de Nossa Senhora de Lourdes, durante um quarto de século.

Uma geração inteira tem como única referência de presidência, pregação e mestre de liturgia, o teólogo e pastor que ora celebra o seu Jubileu Sacerdotal. Estes paroquianos, muitos dos quais têm a missa como única experiência de vida eclesial, receberam dele o anúncio da Palavra, a catequese, os sacramentos e, através dele, conheceram a Igreja.

Muitos, a maioria seus ouvintes, se emocionam. Emoção que se estende aos que o leem, estando perto ou longe. É pela emoção que Pe. Libanio toca a razão. Ou o contrário. O resto é, pela graça de Deus, com o ouvinte e, por extensão, com o leitor.

Certamente, por seu dedicado ministério e fiel compromisso exercido ao longo dos anos aqui em Vespasiano, ele ouvirá no dia final: “vinde bendito de meu Pai para o lugar que meu Pai lhe preparou...” (Mt. 25,34-40)

Pe. Lauro Elias de Oliveira
Paróquia N.S.de Lourdes-Vespasiano
Pároco

ÍNDICE

	<i>Pág.</i>	<i>Pág.</i>	
01-O futuro que estamos construindo ...	09	35-Não vos afasteis de Jerusalém 100	
02-Uma religião inserida na história.....	13	36-Espírito é o lado feminino de Deus . 103	
03-Que túnica iremos repartir?	16	37-A Trindade nos leva à abertura 106	
04-Duas crianças como artífices da salvação.....	19	38-Compaixão é colocar-se ao lado 108	
05-A luz que ilumina as nossas noites ..	21	39-O perdão nasce do amor 110	
06-Jesus nos assume para nos salvar	23	40-Deus é propício para o seu povo..... 112	
07-Alegrias e dores se misturam na família	25	41-Jesus, o salvador da humanidade..... 115	
08-Um ano novo na misericórdia do Filho e na graça de Maria	27	42-Pedro e Paulo: instituição e carisma 117	
09-Com Maria e em nome de Jesus	29	43-A paciência infinita do amor..... 120	
10-Há em nós ouro, incenso e mirra	31	44-A pregação começa pelo modo de ser.....	122
11-A democracia da felicidade.....	35	45-A vítima é quem nos converte 125	
12-Jesus nos propõe seu plano de metas	38	46-O amor não deixa o outro partir..... 128	
13-O meio é o caminho da liberdade ...	41	47-Deus colocou a história em nossas mãos.....	130
14-O peixe que não vemos.....	43	48-Carregamos eternidade dentro de nós.....	132
15-O amor que cobre todas as dores	46	49-O tesouro que guarda o nosso coração.....	134
16-Só o perdão salva e reconstrói	49	50-O Amor é a única realidade eterna... 136	
17-Estrelas falam de Deus	52	51-A paz que Jesus espera de nós 138	
18-Tentação é uma realidade diária e contínua.....	54	52-A porta que nos levará ao banquete da vida	140
19-Transfigurar é ir além da figura	57	53-Disponibilidade e gratuidade	142
20-O amor de Deus é fogo que não se consome.....	60	54-Amar a Jesus potencializa os nossos amores.....	144
21-Deus sempre espera	63	55-Buscar e esperar: duas grandes pedagogias de Deus	146
22-Dentro de cada um de nós existe o infinito	66	56-Lucidez e fidelidade.....	148
23-O Deus que se entrega	68	57- O abismo que há entre nós.....	151
24-Grandes dores e grandes amores se encontram.....	70	58-Nós carregamos a semente da fé..... 154	
25-O Senhor despe a túnica	73	59-Maria pede a Deus por nós 157	
26-Um Deus próximo de nossas dores..	76	60-Além do cumprimento do dever 159	
27-O profeta da eterna felicidade.....	78	61-Deus chega antes	162
28-As passagens em nossa vida	81	62-O bem é extensão da presença de Deus	164
29-Quem precisa de ressurreição?	83	63-A felicidade onde não se espera..... 167	
30-A fé passa pela memória	85	64-O caminho para a liberdade..... 169	
31-O toque de Deus	88	65-Além de tempo e espaço..... 171	
32-O cuidado começa pelo olhar	91	66-Pedras que constroem esperança 173	
33-Vida é o infinito de que dispomos ...	94	67-Um reino chamado amor	176
34-A força heurística da palavra	97		

*“Somos a Revelação da
Transcendência de Deus”*

(Pe Libanio)



O FUTURO QUE ESTAMOS CONSTRUINDO

(Lc 21, 25-28.34-36)

Antes que conhecêssemos um pouco mais o que chamamos, em literatura, de gênero literário, um pouco mais o ambiente em que Jesus viveu e o universo cultural em que esses textos foram escritos, imaginávamos que essas passagens eram descrições do fim do mundo. Então, ouvíamos tranquilos, porque se tratava de uma realidade distante.

Segundo os paleontólogos, a humanidade tem mais de dois, talvez três milhões de anos, e o cosmo, talvez, quinze bilhões de anos. O que seria então mais um milhão de anos? Não havia motivo nenhum para temores, mas não se trata disso. Podemos voar em um *boeing* bonito, novíssimo, da Gol (*), passa um *Legacy* pequenino, esbarra na asa, e aquele monstrengo desce. Um minuto apenas para desintegrar-se. Imaginem esse minuto para as pessoas que estão lá dentro! É para esses que o Senhor diz que caíam de pé. Imaginem aqueles homens e mulheres que estavam na janelinha daquele imenso avião que levantou vôo em Chicago, nos Estados Unidos, e que se chocou com as torres! (**). É isso que o Senhor está descrevendo.

Eu tive ocasião, nessa última viagem a Roma, de ouvir pessoas que estavam em Sri Lanka no momento em que ocorreu a *tsunami*(***). Viram dois terços da região serem destruídos pelas imensas ondas. Só escaparam os animais que fugiram antes, enquanto os homens festejavam, bebiam. Os turistas *brancos*, queimando-se ao sol como caranguejos, não perceberam quando, de repente, a imensa onda invadiu tudo. Imaginem vocês, olhando para o mar, e ele chegando, cobrindo os edifícios, destruindo tudo. Imaginem aqueles cinco, dez minutos!

Um cientista inglês está estudando muito o aquecimento da atmosfera. Somos de uma *inocência batismal* em relação aos problemas cósmicos, que são muito maiores do que podemos imaginar. Talvez daqui a uns trinta, quarenta anos aconteça de imensas avalanches de neve descerem do polo e se abaterem sobre Londres, que ficará destruída definitivamente sob a neve. Imaginem vocês num *pub* londrino, tomando seu *whiskizinho*, quando uma imensa massa gelada cobrir toda a cidade! Um processo de glaciação gigantesco! Enquanto isso, no polo e também por aqui, as florestas incendeiam-se espontaneamente, tal é o calor. Tudo isso não é Jesus que anunciou, mas são cientistas que estão anunciando. Não é um simples estilo apocalíptico, uma simples ameaça, mas estudos científicos sobre o aquecimento da Terra. E nós continuamos poluindo, soltando gases, fabricando carros e mais carros. Os grandes países poluindo, nessa inconsciência, nessa *insânia irracional*, que quer sugar a Terra como se ela fosse infinita. O Senhor hoje nos alerta para isso.

Tive uma conversa com Leonardo Boff, que considero um dos personagens mais importantes do Brasil para acordar a consciência nacional sobre os problemas

ecológicos, e ele está fortemente tocado. Os riscos são gigantescos! Quando lemos esse evangelho, não devemos pensar em fim do mundo. Pensemos nos céus, nas estrelas que estão caindo aqui, nas praças de nossas cidades. Quantos estão trabalhando num banco e, de repente, chega um assaltante armado, anunciando tranquilamente que aquilo é um assalto, um *suave, delicado e terno assalto*. Imaginem esse momento! Quantos já passaram por isso?! E aqueles tantos que estão no Iraque, onde cada dia explode alguma coisa?! E ainda continuamos a pensar que o evangelho fala de um distante fim do mundo.

Pelo contrário, é Jesus penetrando o coração humano e dizendo que no seu tempo a violência já existia. A capital do estado em que morava – Séforis – foi totalmente destruída pelos romanos, quando Ele teria de doze a quinze anos. Crucificaram tanta gente que não houve árvores suficientes para fazerem cruzes. A cidade ficava cercada de corpos crucificados. Também no ano setenta, Tito, filho do *nosso* Vespasiano, invade Jerusalém, destrói seu Templo. Hoje podemos ver apenas o *rabinho* daquele imenso edifício – o Muro das Lamentações. Imagino os apóstolos subindo aquela montanha belíssima, chegando próximo a Jerusalém, admirando os raios de sol refletidos sobre o seu teto, e o Senhor lhes adverte, com o rosto tisonado de tristeza: “não ficará pedra sobre pedra!”. Não é profecia no sentido de adiantar acontecimentos, mas de conhecer o coração humano.

Posso dizer também que daqui a pouco, a vida numa cidade grande, numa megalópole, será absolutamente inviável. Já nem podemos andar nas ruas, porque estamos com medo. Podemos precisar de chamar o SAMU, (****) para nos levar a algum Prontocor. Todo mundo tem medo de todo mundo! Como podemos viver num mundo de ameaças, no qual as relações estão deterioradas, radicalmente deterioradas em todos os níveis, até mesmo entre as crianças?! Ainda outro dia vi uma estatística de crimes cometidos por crianças entre doze e quinze anos. Não já lhes contei de uma menina de treze anos assaltando com revólver aqui mesmo no Caieiras (*****)? Não precisam buscar nem em Belo Horizonte, é só vir aqui, no Caieiras, e já acham. Uma adolescente, colega dos meninos desta sacristia! Onde esses meninos aprenderam tanta perversidade? Será que já nasceram perversos, que já trouxeram revólveres do seio materno? Ou fomos nós, a nossa sociedade, que engendramos dentro delas, todo esse ódio, raiva, violência, essa ganância de gozar, de usufruir? Por causa de um tênis, se assalta e se mata. Um tênis que tem a marca que o *pivete* quer. Um tênis está valendo a vida de alguém. São essas notícias que estão estampadas nos nossos jornais todos os dias. Ainda nessa semana, uma mulher, grávida de quatro meses, telefonando inocentemente, é esmagada por um caminhão que perdeu o freio. Morrem ela e a criancinha que nem chegou a nascer. Minhas palavras estão fortes, não? Mas não pensem que inventei qualquer desses fatos. São todos reais, acontecendo debaixo de nossos olhos.

Agora olhemos para o que o Senhor quer de nós. Ele nos pede três atitudes.

Vigilância. Significa capacidade crítica, capacidade de organizar a sociedade para melhorá-la. Significa lutar para que tudo isso não continue a acontecer, para que haja distribuição de renda, maior igualdade em nossa sociedade. Que ninguém precise ficar em condomínios fechados, imaginando que poderá viver eternamente numa redoma. Ninguém pode ser um *menino do tambor*, que não queria crescer e preferiu ficar dentro de uma redoma. O ser humano não pode viver isolado em condomínios fechados, porque no dia em que puser o pé para fora, a ameaça lhe chegará também. Precisamos de vigilância para construir uma sociedade diferente e devemos começar logo. Não podemos esperar mais! Precisamos ter uma visão ecológica a respeito da natureza: não destruir, não sujar, não poluir! Nossos rios estão fedorentos, as águas estão quase sólidas. Jogamos plástico nas águas como se fossem sementes para nascer árvores. A vigilância é fundamental! Que os jovens estudem, penetrem fundo na biologia, na química, na física, para que homens e mulheres possam se relacionar melhor. É a única realidade de que precisamos. Temos um único problema, todos os outros são periféricos: é o nosso relacionamento, é saber reconhecer as pessoas, saber amá-las, compreender, cuidar. Como diz Leonardo Boff: saber cuidar! E nisso as mulheres são as mestras das mestras. Deus lhes dotou o coração de uma fineza de cuidado. Eduquem seus homens *cavaleiros*, cuidem desse *hipódromo* que vocês têm em suas casas! Eduquem esses adolescentes que vivem *cavalgando* por aí afora, achando que, destruindo as coisas, se realizam como gente! Passem ternura, passem fineza, passem doçura!

Oraí, diz o Senhor! Oração, silêncio, contemplação – como tudo isso anda fazendo falta! Pensam que passando o dia com um aparelho nas orelhas, ouvindo o dia todo, sem nenhum momento de silêncio no cérebro, podem produzir alguma coisa que preste? Será que sem pensar o ser humano pode criar alguma coisa? Pensam que as idéias nascem como *cogumelos depois de chuva*? Precisamos de silêncio, de momentos tranquilos para que o nosso interior se volte para a beleza que existe em nós, e que deve ser colocada a serviço dos outros. Se tivermos inteligência, vamos usá-la para servir. Se tivermos dinheiro, sorrisos, beleza, seja lá o que for, devemos partilhar. Aí a humanidade será construída com novos corações.

Vigiai, orai, permaneçei unidos! Naquele momento em que cai o avião, naquele instante de vida, os braços de Deus são os únicos que contam. Há momentos em que nenhuma força terrestre nos salvará. É aquele momento em que a morte se aproxima. Os médicos podem tentar prolongar a vida por quanto tempo quiserem, mas chegará o momento em que só os braços de Deus poderão nos receber. Amém. (03.12.06/1º. domingo do advento)

(*) referência ao acidente aéreo ocorrido em 29.09.2006.

(**) referência ao atentado terrorista contra os Estados Unidos, ocorrido em 11.09.2001.

(***) referência ao fenômeno ocorrido no sudeste asiático em 26.12.2004.

(****) Serviço de Atendimento Móvel de Urgência

(*****) bairro de Vespasiano

UMA RELIGIÃO INSERIDA NA HISTÓRIA

(Br 5, 1-9/Lc 3, 1-6)

Esse texto não é uma curiosidade histórica. Isso é para historiadores, que precisam conhecer um fato, como por exemplo, o que aconteceu na França no início do século XVIII. Para isso, vamos a uma enciclopédia e descobriremos Luís XIV, o Rei Sol, e aí entenderemos toda uma situação. Assim fazem vocês, que estão se preparando para o vestibular ou que estudam numa universidade, pois só podemos entender uma realidade, se soubermos colocá-la dentro de um contexto. Lucas era historiador e quis fazer isso com Jesus, evidentemente, colocando primeiro João, até aparecer Jesus, que era quem realmente interessava.

E por que esses nomes? Sabe que isso me intriga. Jesus poderia ter escolhido o momento que quisesse para viver na história. Poderia ter escolhido agora, por exemplo: iria para Oxford, para Harvard ou para Berkeley, in *United States of America*. Poderia ir para Hollywood fazer um grande filme, que deixaria Mel Gibson (*) *no chinelo*. Mas não fez isso. Escolheu a época em que o imperador era Tibério, filho adotivo de Augusto. Um homem violento que reinou muito tempo e terminou de maneira sanguinária. Acham vocês que Pilatos era aquela *gracinha* que vemos no evangelho, conversando com Jesus? Ele era outro sanguinário, com fatos horrorosos em sua vida. Certa vez desviou o dinheiro do templo – que era uma coisa sacratíssima para os judeus – e usou para fazer a linha verde (**) daquela época: imensas tubulações. O povo foi para a praça protestar contra o mau uso do dinheiro público. Como podemos ver, a coisa é antiga. Sabem o que fez Pilatos? Semeou soldados camuflados no meio do povo – naquela época, também já existia polícia secreta – que, a um pequeno gesto dele, começaram a matar os judeus. Herodes era um grande *sem-vergonha*: pega a mulher do irmão e faz toda aquela confusão que já sabemos. Promovia grandes bacanais, construiu um grande palácio em honra do imperador Tibério, porque tinha medo dele. Começa então a *badalar* e constrói uma cidade em sua homenagem – Tiberíades. Também isto já é antigo: colocar nas cidades, ruas e praças nomes de pessoas importantes, como ainda hoje fazemos – Antônio Carlos, Milton Campos. Pensam que descobrimos alguma coisa nova? Herodes já sabia que os poderosos gostam de ver seus nomes nas praças. Se vamos a Salvador, na Bahia, o aeroporto tem o nome do filho morto de ACM (***), também a avenida tem o nome do filho dele, que foi um deputado nada honroso. Anás e Caifás eram da UDR (****) daquela época, aqueles que possuíam as terras, que oprimiam e exploravam violentamente o povo.

É nesse contexto que Lucas situa Jesus, querendo mostrar que Ele não veio a um mundo colorido, mas conheceu a nossa realidade *nua e crua*. Não quis fugir e viveu de maneira *vulgaríssima*. Quanto mais estudamos o contexto de Jesus, mais sabemos a quantidade de motins, de pequenas guerras e guerrilhas

que já havia naquela época. Não é apenas o Iraque de hoje não. Provavelmente, o próprio Barrabás era um guerrilheiro, não um ladrão. Tinha a sua *tropazinha* para lutar contra o império romano, e, por isso, foi preso. Jesus viveu num mundo muito irrequieto, cheio de guerras e confusões – bem plantado na realidade. É isso que Lucas quis nos mostrar, e por quê?

O cristianismo é a única religião cuja fé é histórica. Não temos uma religião que paira sobre as montanhas, uma religião que nos leva para o alto de uma serra para contemplar estrelas, nascentes e poentes, para ficarmos todos *zenificados*. O cristianismo é história metida na realidade, da qual fazem parte esses políticos que nós temos. Por mais que falemos mal deles, são eles que estão aí, e são iguaizinhos aos do tempo de Jesus, iguaizinhos aos que conviveram com Ele e o condenaram. Mas Ele não fugiu da realidade. Essa é a primeira grande lição de Lucas para nós: a história de Jesus começa enraizada na História, como a nossa vida hoje. Não podemos fugir de nada, devemos estar vígiles, acordados, para exigir direitos, honradez, ética. Mas esquecemos que somos cristãos e não lutamos pela ética na política, pela defesa ecológica, pela limpeza da natureza. Tudo isso é dever do cristão!

Um segundo quadro, mais bonito ainda, podemos vislumbrar na primeira leitura. Nós, brasileiros, temos dificuldade, pois não vivemos nenhuma experiência forte na história. Não conhecemos nenhuma guerra e, entre nós, a pobreza e a miséria existem de forma dissimulada e disseminada. Nunca vimos uma guerra com soldados dominando as ruas com canhões. Os golpes são dados entre generais, tramados na noite. Enquanto isso, tantos povos viveram e vivem experiências fortes de invasões e guerras. Por isso, eles têm uma firme consciência de nacionalidade.

Hoje Lucas retoma uma passagem de Isaías, falando do segundo exílio (*****). No primeiro, o povo judeu era escravo, quando aparece Moisés e o arranca do deserto, fazendo-o andar anos e anos, atravessando mares, entrando em terra ocupada, enfrentando um verdadeiro genocídio. Depois virão os assírios e babilônios – grandes exércitos da Mesopotâmia. Invadem a terra, escravizam os homens, levando-os para o cativeiro. Novamente o povo está desfeito, desesperado, numa *noite* terrível. Aí, nasce a estrela da esperança! De certa maneira, Isaías fecha os olhos e vê toda a Terra se transformando numa imensa alegria. Os vales são preenchidos, as montanhas são aplainadas, as estradas perigosas são *viaverdemente*(**) recuperadas. De repente, está o povo caminhando altaneiro rumo a Jerusalém, luminosa no alto. O povo tem Deus à sua frente. É dessa experiência que Isaias fala! É simbólico, é metáfora. O real é que Jesus vem, mas não para fazer milagres. Ele os fará através de nós. Amém. (03.12.06/2º. domingo do advento)

(*) referência ao artista americano, diretor do filme “A paixão de Cristo”.

(**) referência a obra do governo mineiro, ligando Belo Horizonte ao aeroporto Tancredo Neves

(***) referência a Luiz Eduardo Magalhães, filho de Antônio Carlos Magalhães, falecido em 1998.

(****) União Democrática Ruralista

(*****) Is 40, 3-5

QUE TÚNICA IREMOS REPARTIR? ***(Lc 3, 10-18)***

Quando, em semanas passadas, líamos a passagem de Isaías (*), dizendo que os vales estariam cheios e as montanhas seriam aplanadas, como o grande projeto de João, imaginávamos que ele estava propondo grandes coisas. Imaginem o que seria cortar uma montanha! Estamos assistindo a essa grande confusão para se cortar um montezinho qualquer e construir a via verde (**) – meses e meses de trabalho para homens e máquinas enormes. Imaginem numa época em que não havia nenhum trator! O sonho de João era gigantesco no olhar de Isaías! Mas quando lhe perguntam o que deveriam fazer, ele diz: quem tiver duas túnicas, dê uma. Não vejo nada de tão gigantesco. É como dizer para as crianças que quem tiver uma merendeira cheia, reparta com o coleguinha que não tem nada. Será apenas isso que João quer nos dizer com tanto barulho, com tanto espalhafato, nas palavras bonitas e pomposas de Isaías? Apenas que devemos dar um pouco do que temos a alguém? Os dois conselhos exigem apenas bom senso, nada mais. Um cobrador de imposto não deve explorar, não deve subornar, não deve chantagear, mas cobrar o justo, o honesto. Que os advogados, os juízes, os políticos o façam – nada mais óbvio! Parece que o reino de Deus acontece aí, e será isso boa nova? Devemos andar muito mal para que coisas tão pequenas sejam boa nova. Se na época de João era assim, parece que dois mil anos depois, as coisas ainda não mudaram. As circunstâncias estão nos pedindo pequenas coisas para que a nossa realidade social melhore, para que consigamos caminhar de maneira mais honesta, mais justa. Coisas pequenas, sem nada de espetacular!

Penso que, neste advento, cada um de nós deve se perguntar: qual a túnica que eu vou dividir com o meu irmão? Quais as túnicas que vocês têm e podem dividir? Não aquelas que já não servem para ninguém, o restolho que sobra de uma boa faxina. Que comida eu posso repartir? Os alimentos materiais são necessários, pois há tantos carentes. Mas há também tantos carentes de uma palavra de conforto, de paciência, de alguém que sente ao lado de uma pessoa e lhe abra o ouvido para captar sua mensagem de dor. Hoje mesmo estamos celebrando duas mortes – pai e filha (***) – e aí está a mãe, nesta solidão enorme. Vão duas pessoas de uma mesma família, e um outro filho já tinha partido pouco antes. Parece que, às vezes, a dor se concentra em algumas famílias, e elas sofrem tanto que, talvez o único gesto que lhes reste, seja o de Jó, olhando para Deus e dizendo: “Deus deu, Deus tirou. Bendito seja Deus!”

Ao invés de esperar que Deus “tire”, por que nós mesmos não tiramos as coisas que nos sobram, nesta sociedade da abundância, do desperdício, ao lado da carência e da miséria? O que mais nos corta o coração, o que mais nos divide, mais nos rasga as entranhas não é que haja abundância, que as pessoas queiram comprar e ter as coisas. É que às vezes tanto consumismo é uma bofetada no

rosto de quem não tem nada – exhibir, esnoabar, mostrar uma imensa riqueza diante de tantos miseráveis.

Ainda outro dia eu dizia, inspirado em Santo Tomás, e é bom que vocês saibam disso, pois os advogados, os juízes não sabem: se uma pessoa pegar alguma coisa, de qualquer lugar, por extrema necessidade, isso não é crime. Já ensinava Santo Tomás de Aquino: na extrema necessidade todas as coisas são comuns! Se um miserável faminto pegar qualquer coisa num *sacolão* para comer, ele não furtou. Apenas tirou o que de direito era dele! É o ensinamento mais tradicional da Igreja, que vem desde o Antigo Testamento, vem da criação, quando Deus disse para Adão e Eva no princípio da humanidade, que os bens eram para eles e não para os loucos que guardam. Saibam disso, pois o policial não sabe, o advogado não sabe, o juiz não sabe. Mas Deus sabe! Foi Ele que nos revelou e disse que, em caso de necessidade, o nu, o mal vestido, sem roupa nenhuma, pode apossar-se de qualquer roupa, porque é dele aquela roupa. Não cometeu furto, porque era dele.

Se soubéssemos disso, como mudaria a sociedade, como abriríamos as portas! Saibam que existe hoje – no Brasil de 2006, *já agonizando* – um grupo de jovens em São Paulo e também em Belo Horizonte, cuja casa está aberta para que todos os mendigos e miseráveis entrem lá e peguem o que quiserem. (****) Há pessoas que ainda vivem isso no Brasil de 2006, enquanto nós trancamos, trancafiemos as nossas casas, guardamos os nossos bens, entulhamos os nossos armários de tantas coisas.

Que venha um João Batista para dizer: abram os armários, abram as portas de suas casas para que as pessoas que nada têm consigam alguma coisa! Ele ainda usa uma imagem um pouco alheia a nós: joeirar o trigo. É uma imagem rural: por o trigo numa peneira, jogar para cima para que a palha seja jogada para o alto e depois queimada, enquanto o trigo será guardado. João diz que o Messias vem fazer isso. Antes que o Messias o faça, façamos nós mesmos: joguemo-nos um pouco para cima, um pouco mais alto, para mais perto de Deus. Aí o vento do Espírito poderá soprar as palhas de nossa vida. A palha que é leve, que é vaidosa, que é vazia.

Reparem que a palavra **vaidade** vem de *vanitas*, *vanum*, que significa vão, vazio. A vaidade é vazia. O vão é oco. As pessoas vaidosas são vazias como palha. O primeiro vento sopra, e o próprio João Batista diz que a palha será queimada num fogo inextinguível. Que o advento seja a época do sério, do peso, do grão de trigo que cai, que fica na peneira, enquanto queimamos as palhas da superficialidade, da banalidade que tanto cerca a nossa vida. Precisamos nos despreparar de tudo isso, e aí sim, com um trigo bonito, um vinho bonito faremos uma bela eucaristia para entregar ao Senhor. Amém. (17.12.06/3º.domingo do advento)

(*) Is 40, 3-5

(**) referência à obra de construção da Linha Verde, ligando o Aeroporto Internacional à Belo Horizonte.

(***) referência à morte de Diniz Fonseca Viana e sua filha Isabel Cristina

(****) referência à irmandade Toca de Assis

DUAS CRIANÇAS COMO ARTÍFICES DA SALVAÇÃO (Lc 1, 39-45)

Esse texto é cheio de simbolismo: Maria parte apressadamente para uma região montanhosa. A montanha sempre significa o lugar da intimidade com Deus. É para onde as pessoas se retiram para encontrarem-se mais próximas do Altíssimo. É o lugar mais puro, mais transparente. Maria vai para as montanhas, e o texto reforça dizendo que ela segue apressadamente. Parece que o sacramento do Novo Testamento tem pressa, enquanto o Antigo Testamento está esperando. Isabel carrega a graça dentro de si: João Batista é uma expectativa. De repente, os dois sacramentos se encontram: Maria e Isabel. A visibilidade está nas vozes. Elas falam e ouvem entre si, mas isso não é importante. O que realmente importa acontece no íntimo: a criança do Antigo Testamento – João Batista – recebe a graça de Jesus – o profeta do Novo Testamento. É essa graça de João Batista que chega até Isabel. Ela fala, ela proclama. A criança em seu seio a acorda para a maravilha que está acontecendo.

Visivelmente, nada de mais acontecia: uma prima jovem que vem visitar a outra que está grávida. É a visita de uma pessoa querida, e não passava disso. Um simples acontecimento doméstico. Mas a criança, em seu seio, percebe o mistério maior. Quem estava ali não era apenas a prima jovem, mas a Mãe do Salvador. É a promessa do Novo Testamento que chega! A criança no seio de Isabel não é mais o João do Antigo Testamento, mas o João Batista envolvido pela graça. Isabel, envolvida pela mesma graça, proclama que, diante dela, está a Mãe do Salvador, eternamente bem-aventurada. A graça prosseguirá naquela relação, de modo que, anos depois, o mesmo João Batista irá proclamar que, diante dele, está o Cordeiro de Deus, aquele que tiraria o pecado do mundo. Até hoje, quando o sacerdote levanta a hóstia, nós recordamos essa verdade, proclamando com os dois já adultos. Mas, antes mesmo de nascidos, eles já se comunicavam.

Outro mistério é que a criança é fonte de salvação. Não pensem que isso é poesia romântica da cultura brasileira. Naquela época, para o povo judeu, as crianças eram desprezadas. Eram como bichinhos que precisavam ser espantados. As famílias eram numerosas, e as mães não tinham como cuidar de tantos filhos. Muitos morriam, pois não havia toda essa cultura moderna de aleitamento materno, vacinas, soro caseiro. A Dra. Arns (*) ainda não trabalhava na Pastoral da Criança. Portanto, crianças eram um peso para as famílias. Pois bem, é através da criança que surge a salvação, e são elas que podem transformar a nossa realidade. Nós, adultos, já não podemos esperar muito, mas essas crianças que estão por aí, podem esperar e podem fazer. Parece que a nossa geração se esqueceu dos valores da beleza, da verdade. Está na hora de começar tudo de novo. Como disse Guimarães Rosa (**): “nasce uma criança, tudo começa de novo!”.

Assim, também diante desse mistério de duas crianças ainda não nascidas que se encontram, a sociedade começa a se agitar, e a salvação se faz. Esperemos que nossas crianças de hoje, bem orientadas, possam realizar o que aquelas duas outras conseguiram, através do sacramento da graça, comunicando-se internamente, fazendo com que o júbilo de uma passasse para a outra. Amém. (22.12.06/4º. domingo do advento)

(*) referência a Dra. Zilda Arns Neumann, coordenadora da Pastoral da Criança, falecida no terremoto ocorrido no Haiti, em janeiro de 2010.

(**) médico e escritor mineiro, nascido em Cordisburgo.

A LUZ QUE ILUMINA AS NOSSAS NOITES

(Is 9, 1-6/Lc 2, 1-14)

Eu imagino duas grandes noites: a noite da Páscoa, e hoje, a noite de Natal. São dois momentos fundamentais vividos pelo nosso Salvador, Cristo Jesus.

Hoje é a festa do nascimento e, olhando para ela, me pergunto: o que o nascimento do Senhor nos trouxe de original, de diferente, entre tantos bilhões e bilhões de outros nascimentos de seres humanos? Na aparência, nada. Reparem que as pessoas pensam que os anjos acompanharam o nascimento, juntamente com Maria e José. Não, lá não houve anjos. Eles apareceram para os pastores. O nascimento de Jesus foi a coisa mais simples, mais corriqueira, mais normal, mais chã. Nem hospedaria tinha. Não sabemos bem de que maneira a nossa devoção arranjou uma gruta em Belém, e é bonito que seja assim. Lá, naquele lugar de tanto silêncio – apenas Maria e José, ninguém mais –, nasce uma Criança. Onde fica a originalidade?

Fico pensando que, para nós, o presente não tem nada de temeroso. Nós sabemos conduzi-lo lentamente: umas alegrias aqui, outras acolá, e assim vamos passando os dias. Também os animais vivem o presente tranquilamente. Ele não nos ameaça, por pior que seja, pois passa continuamente. Acabamos esquecendo as horas tristes, as dores, porque há muitos meios de viver o presente de maneira suave, tranquila, até feliz. Sobretudo quem desfruta de bens materiais, pode atravessar toda a vida sem sustos ou incômodos. Então, o nascimento não vem trazer coisa alguma para o presente.

Temos duas grandes noites, que ninguém, nem nenhuma força humana conseguem tocar: a noite do passado e a do futuro. Na noite do passado, persegue-nos todo o mal que fizemos, os pecados que cometemos. Sempre temos um passado obscuro que nenhuma análise, nenhuma psicologia consegue limpar. Haverá sempre um resquício do que fomos e que se incorpora ao nosso presente, mesmo sendo passado. E sabem o que diz esse Menino? “Não tenhais medo!”. Não precisamos ter medo do passado, porque Ele veio trazer o perdão do Pai, transformar esse passado obscuro, tenebroso, em luz diáfana, que atravessa toda a nossa vida. Assim como o anjo disse para os pastores, os anjos do Senhor Jesus nos dizem hoje: não se preocupem com o passado. Jesus é só misericórdia, só perdão, só bondade, só esquecimento de Deus em relação às nossas faltas. Se alguma coisa Ele guarda de nosso passado, são somente as nossas boas ações, os nossos amores, nossas horas de caridade, tudo aquilo que construímos de lindo. Isso sim, pertence à eterna memória de Deus. Toda a parte obscura desaparece. O Menino nos tira o peso do passado.

Mas há uma noite pior ainda: o futuro. Filósofos neo-históricos querem falar que só existe presente com pequenas alegrias, porque têm medo de olhar o futuro. Não só o futuro da humanidade, do cosmo, que está ameaçado, mas o futuro de cada um de nós. Somos eternos, esse é o grande problema! Se fôssemos puramente temporais, tudo seria mais fácil: viríamos do nada e voltaríamos ao nada. Mas carregamos dentro de nós a eternidade. Somos responsáveis, não só pelo tempo que vivemos, mas pela eternidade

que viveremos. Diante disso, levamos um susto imenso, o medo é terrível, as dúvidas são enormes. Assim viviam os pagãos, assim vivem tantos povos, tantos ateus: tremem diante da morte, porque sabem que caminham para uma escuridão terrível. E nós, hoje, nesta noite de Natal, temos uma Criança que nos diz: “Não tenhais medo! Eu venci a morte, eu venci a escuridão do futuro!”. Diz Guimarães Rosa (*): “Nasce um menino, tudo começa de novo!”.

Temos também essa bela leitura que ouvimos de um profeta que olhou para o futuro e viu aquele menino que iria nascer. Imaginava um reizinho que nasceria em Israel. O profeta tinha pouca visão, mas hoje, quando olhamos para este Menino que nasce – o próprio Filho de Deus –, tudo se desvenda. Nasce uma Criança que vai crescer e trazer-nos a salvação. Essa mesma criança vai morrer, vai derramar sangue, mas vai ressuscitar. E, ao ressuscitar, nos abrirá definitivamente as portas da eternidade.

Não tenhamos medo do passado, não tenhamos medo do futuro e sejamos felizes no presente. Amém. (24.12.06/Vigília de Natal)

(*) médico e escritor mineiro, nascido em Cordisburgo

JESUS NOS ASSUME PARA NOS SALVAR

(Jo 1, 1-17)

Santo Irineu, um padre do começo da Igreja, fez uma metáfora muito bonita. Diz que Deus Pai tem duas mãos: uma delas é o *logos*, a Palavra que se fez carne – Jesus Cristo. A outra mão do Pai é o Espírito Santo. Com essas duas mãos, Ele trabalha a história de maneiras diferentes. Com a mão do Senhor, a mão que se fez carne, trabalha a história para os nossos sentidos, para que vejamos – como diz João – a glória. Quando fala em glória, João fala do lado visível dessa infinita santidade que é o Pai, escondido na eternidade, alguém velado, cercado por um grande mistério. Ele não pode aparecer e, quando quer entrar na história, estende sua mão e nasce num cantinho do mundo, numa cidade perdida num dos países mais insignificantes da história da cultura. Aí nasce a Palavra que se fez carne!

João usa a palavra **carne** – *sarx*, em grego, que não tem nada a ver com o nosso conceito. Para João, carne é o ser humano inteiro. A alma, o coração, os sentimentos, os desejos, o que temos de mais espiritual, tudo isso é carne. Somos carne quando somos frágeis, mortais, encarnados – daí a palavra. Somos alguém caminhando na história. Todos nós somos carne, bem inseridos nas coordenadas de tempo e espaço, sujeitos a doenças, sofrimentos, depressões e todas as contingências da fraqueza humana. Com essa mão, o Pai vai conduzindo a história.

O *logos*, a Palavra, quis fazer-se carne para que nós, que somos carne, tivéssemos alguém divino mais próximo de nós; tão grande que existe desde toda a eternidade. “Ele estava junto de Deus e era Deus”. Quando olhávamos para a Palavra lá na eternidade, ela estava *distantíssima*, no infinito mistério. De repente, esse mistério faz-se história: uma criança nasce, cresce, morre, ressuscita e novamente volta para a mesma plenitude de onde veio. Essa é a história que a mão do Pai vai tecer. Mas, apenas com a carne, nós não damos conta.

Vocês já repararam que Jesus sozinho não deu conta? Ele não deu conta de nós. Pelo menos duas ou três vezes Ele diz isso. Quando já ia partir, estava conversando com os apóstolos, e eles lhe perguntam se Ele estabeleceria o grande reino, o grande império judaico, com Jerusalém como capital do mundo. E Jesus conclui que depois de dois, três anos de pregação, eles não haviam entendido nada. O Pai precisaria usar a outra mão, a mão do Espírito Santo! Sem o Espírito Santo, não entenderíamos quem era Jesus, passaríamos à margem. Para quem não tem o Espírito Santo, o Natal é isto que vemos: festas, mercado, comércio, luzes, flores, canto. Para isso, não precisa Espírito Santo, bastam os olhos. Jesus desanimou-se! E é bom que saibamos que Jesus errou e errou forte. Confiou em pessoas frágeis para organizar o seu movimento. Quando é preso, todos fogem, e Ele fica sozinho. Quando morre, está absolutamente abandonado. Sua obra teria terminado aí. Com apenas uma das mãos, o Pai não teria conseguido fazer história.

Tudo começa a refazer-se quando o Pai estende o braço do Espírito Santo. Lembrem-se da passagem dos discípulos de Emaús (*). Há uma frase simbólica: “nós esperávamos!”, mas não esperamos mais. Esse é o desastre para Jesus: os mais próximos esperavam! Um trai: Pedro; outro suicida: Judas; os outros fogem, trancam-se numa sala e ficam simplesmente sem fazer nada, desanimados, deprimidos. A doença do século XXI já existia na época de Jesus. Então, o Pai olha para essa comunidade frágil e vê que precisa mexer, pois o Filho já não dera conta. É tempo de o Espírito Santo começar a trabalhar.

No Pai está a fonte de tudo, mas, se quisermos conhecer o significado da história, precisamos olhar para Jesus. Se quisermos compreender e entender, precisamos olhar para o Espírito Santo. Os dois juntos falam do que nós somos.

Talvez no Natal do século XXI nós precisemos mais do Espírito Santo do que do nascimento de Jesus. O nascimento está gasto, escapou do seu verdadeiro significado, e a sociologia do conhecimento diz uma coisa muito interessante sobre isso. Quando queremos desvalorizar uma realidade, temos duas maneiras de fazê-lo: calar totalmente essa realidade, de modo que ninguém mais fale dela até que desapareça; ou falar tanto nela, até que se gaste. Alguns países já se calaram, e não falam mais em Natal – o Natal morreu pelo silêncio. Outros falam tanto do Natal, tanto e tão vulgarmente, que ele acabou morrendo sem significado. Hoje, na festa do natal, vou pedir ajuda ao Espírito Santo, pois precisamos dele para olhar este Menino e começar a redescobrir o seu significado.

Tomo uma última palavra sobre a tradição dos padres da Igreja. Digo em latim, porque é bonito e depois traduzo: *quod non est assumptum, non est sanatum* – o que não foi assumido não será sarado, curado ou salvo. O que o Verbo não assumisse, Ele não curaria. Ele precisou assumir tudo para curar. Se alguma coisa não fosse assumida, não seria salva. Para salvar-nos na nossa totalidade, precisou assumir nossas mágoas, dores e tristezas, nossos erros e ignorâncias para que, de dentro dessa realidade, Ele a purificasse e salvasse. Natal é esse momento em que Ele quis se fazer criança.

Precisamos reparar que, no mito da criação, Deus criou o homem já adulto. Adão nunca foi criança. Para a mentalidade judaica, o começo deve sempre ser com um adulto, porque a criança não vale nada. O normal seria então que o Verbo se encarnasse adulto: Adão adulto e o novo Adão também adulto – aí haveria um paralelismo. Mas Deus quebra esse paradigma: Adão é adulto, mas a redenção começa de baixo. É como se o Pai se agachasse, colocasse sua mão e tomasse toda a nossa humanidade, desde o início, desde a concepção e gestação, desde o nascimento, para que nenhuma fase, nenhum instante de nossa história escapasse desse momento de salvação. O que não é assumido não é salvo. Amém. (25.12.06/Celebração vespertina de Natal)

(*) Lc 24, 13-35

ALEGRIAS E DORES SE MISTURAM NA FAMÍLIA (Lc 2, 22-40)

Nesta festa da Sagrada Família, logo depois do Natal, ouvimos esse evangelho na sua forma resumida, porque ele condensa bem os temas da celebração de hoje.

Pelo nascimento, Maria deu Jesus ao mundo. Nenhuma mãe dá à luz um filho para si, por isso a expressão em português é bonita: dar à luz – à luz do mundo, da história, da vida. Nesse momento, a criança já não é mais dela. Em toda a tradição, luz sempre indicou coisa de Deus, de tal maneira que a palavra latina *dies* significa o momento da luz. Quando a mãe gera um filho, o faz como um grande presente para a humanidade. Cada um de nós pode se considerar como um grande presente de nossas mães para o mundo. Maria, sendo mãe, deu Jesus de presente para todos nós. Passados alguns dias, novamente ela toma o Menino e faz outro gesto, não mais para nós, não para o mundo, mas para o Pai. Ela se separa duas vezes de Jesus. Que tremenda renúncia para uma mãe! Entrega Jesus à humanidade e ao Pai! Quando a missa ainda era em latim, começava com uma frase bonita: “...um menino nos foi dado!”.

Na visão patriarcal, o filho primogênito tinha a obrigação de continuar a família, e é esse primogênito que Maria leva ao Templo, sem sequer imaginar que vida teria aquela criança. Quando Maria entregou Jesus ao Pai, ela apenas vislumbrava o significado do seu gesto. No templo, o velho Simeão disse que ela passaria por tribulações, coisa que qualquer velho Simeão poderia dizer a qualquer mãe. Qual mãe não passou ou passará por tribulações por seus filhos? São doenças, noites mal dormidas quando ainda crianças; na adolescência, são noites passadas acompanhando o barulho de freadas, de chaves girando nas fechaduras, sobressaltos com telefonemas. Assim também foi com Maria.

Jesus foi uma criança original, diferente, e quanto mais original e diferente é o filho, mais as mães sofrem. Por isso, Lucas, quando quer resumir as atribuições de Maria em relação a Jesus, coloca uma cena típica: o seu desaparecimento quando da viagem da família a Jerusalém, por ocasião de seus doze anos (*). Assim são todas as mães que sofrem tantas vezes procurando os filhos que se lhes escaparam das mãos, seja porque procuram novos caminhos, ou porque desfizeram laços afetivos.

Portanto, família não é essa coisa bonita dos poetas para se declamar na escola primária. É o lugar do sofrimento e da dor, mas também das grandes alegrias. Sempre repito esta frase, que para mim, cada vez tem maior clareza: a família é o lugar das grandes alegrias, mas também é o lugar dos maiores sofrimentos. Assim somos nós e sempre seremos. Essa é a condição humana, que nunca conseguirá equilibrar todas as nossas relações, todas as nossas afetividades e interesses, tudo aquilo que entra no jogo da família.

Maria leva seu Filho para casa, e o evangelho diz que Ele crescia em estatura, isto é, em saúde, que é o primeiro cuidado da família. Crescia também em sabedoria, e eu acho graça, pois sabedoria parece coisa própria de velho. Como eu gosto muito de etimologia, fui atrás da palavra. Sabedoria vem de sabor e de saber – saber da boca. Sabedoria é saborear as próprias experiências. Maria e José ensinaram Jesus a saborear a vida. Como seria bom se os pais ensinassem seus filhos a sentirem o gosto de uma brincadeira sadia com os coleguinhas, a alegria de brincar, de estudar, de conviver, de partilhar! Nesse aspecto, é preciso muito cuidado para cobrir as nossas crianças com sorrisos, para que elas cresçam em sabedoria. Jesus também crescia em graça. Todos nós sabemos que Deus tem paixão pelas crianças. Todos podem condená-las, menos Deus. Javé nunca rejeitou ninguém, muito menos uma criança. Como Jesus, que as nossas crianças cresçam sempre envolvidas pelo amor infinito de Deus.

Nós sempre imaginamos que Jesus, Maria e José viviam num bangalô bonitinho, que Jesus vivia *cheirosinho, com cabelos cacheados e desodorante francês*, mas estudos modernos nos revelam algo bem diferente. Certamente, viviam em casas modestas de apenas um cômodo, ao lado de outras famílias de parentes próximos. Jesus não terá morado sozinho – o evangelho cita pelo menos sete nomes de parentes. Pelo contrário, vivia rodeado de parentes, como ainda é comum no nosso interior, em meio a conflitos familiares, invejas e disputas. Temos que ter essa compreensão da vida de Jesus bem próxima, para concluirmos que Deus quis entrar no nosso mundo. O Pai não pôde vir, porque é infinito. Por isso, mandou-nos o Filho, trazendo todo o seu amor de pai, toda a sua grandeza, toda a sua revelação através de seus gestos, sua linguagem, sua maneira de ser e de se comportar. Que esse mistério nos toque e nos converta. Amém. (27.12.2008 – Festa da Sagrada Família)

(*) Lc 2, 41-52

UM ANO NOVO NA MISERICÓRDIA DO FILHO E NA GRAÇA DE MARIA (Lc 2, 16-21)

Se olharmos para os astros, para o tempo astronômico de bilhões de anos, um ano é absolutamente insignificante. É como se, andando na praia, colhêssemos um grãozinho de areia e ficássemos considerando-o como se fosse toda a praia ou todas as praias. Uma partícula minúscula entre bilhões e bilhões de grãos de areia! Assim é um ano da história humana. O rolar dos anos astronômicos é lento. E por que damos tanta importância a essa data? Por que tanto entusiasmo na passagem de um ano? É um dia como qualquer outro, para os astros todos os dias são a mesma coisa: o sol, a lua, os planetas continuam da mesma maneira, na sua lentidão gigantesca, enquanto isso nós vivemos um frêmito. Queremos ver o pipocar dos foguetes que, no Rio de Janeiro, vai cobrir toda a imensa praia, desde o Leme até Copacabana. Por que tudo isso?

Por trás da passagem do ano está a metáfora mais fundamental da existência humana – morte e vida. Temos a impressão de que o ano de 2006 morreu, enquanto 2007 começa a nascer. Todas as vezes que esbarramos nessa realidade, nos assustamos, trememos. Vocês viram agora como toda a humanidade ficou chocada com o enforcamento de Saddam Houssein? (*). Um homem sobe vivo e, em questão de segundos, sua cabeça rola – está morto! O mundo fica estarelecido. Parece que ver a morte, assim instantânea, é terrível! Pois bem, quem morre agora é 2006! E o que podemos fazer diante dessa morte? Como podemos esconder esse 2006? Enchendo de foguetes, de luzes, para que tudo fique claro, enquanto 2006 desaparece na escuridão. Quando terminar o pipocar dos fogos, só veremos fumaça e escuridão. Os nossos sentidos não conseguem apagar a história, que fica cristalizada.

O que fazer com a nossa negatividade? Queríamos joeirar 2006. Jogar para cima, como fazem os camponeses, para que toda a palha voasse. Que seja queimada a palha das nossas tristezas, das nossas frustrações, dos momentos escuros, todas as negatividades da nossa existência. Que tudo de negativo voasse para longe e, na peneira, ficasse somente o grão bonito, limpo, branco, sólido. Quiséríamos fazer isso, mas a nossa negatividade segue. As mágoas estão aí, as tristezas marcam o nosso rosto, as rugas vão marcando as nossas faces. Não conseguimos negar o que todas as plásticas do mundo querem esconder, porque as marcas são cada vez mais profundas. O ano que passou está dentro de nós. Nós somos 2006! Não podemos arrancar as suas marcas.

Mas nós somos espírito, e é nesse campo que trabalharemos. Hoje nós lemos o evangelho do nome de Jesus. Repetimos um pedacinho do natal e colocamos uma pitada nova – “e deram-lhe o nome de Jesus!”. Antigamente, essa festa era do nome de Jesus, mas Paulo VI mudou, acrescentando a solenidade da Mãe de Deus. Temos aí esse eixo fundamental que vai transformar a nossa história.

2006, enquanto experiência de Deus, enquanto momento de graça, pode fazer o que não conseguimos com o corpo, nem com a sensibilidade ou afetividade. Pode fazer essa triagem, esse joeirar do mal e do bem. O que o Senhor nos trouxe é a grande novidade, que eu quero comunicar a vocês, e será repetida milhões de vezes ao longo da história. Deus olhou para a humanidade e disse que apagaria tudo o que há de negativo, de pecado, de maldade em nossa vida. Nada ficará! As mortes, as tristezas, as dores, as doenças ficarão. Mas não o pecado, porque há uma criança que se chama Jesus e que nos salva!

Essa criança, que vimos nascer em 25 de dezembro, carrega o mundo. Olha para todas as maldades e nos diz que não devemos guardar culpa nenhuma. O cristão não pode carregar culpa nas costas, porque sabe que Deus perdoa, que é capaz de nos redimir na radicalidade do nosso ser. Somente sua graça, sua bondade, sua misericórdia são capazes de apagar totalmente os nossos pecados. São Paulo diz que nada de condenação permanece naquele que está na graça. Às vezes, ouvimos algumas pregações tonitruantes que nos arrastam ao inferno, mas não podemos acreditar nelas, mas sim na misericórdia salvadora de Deus. Nada de condenação resistirá em nós, porque uma criança carregou todos os nossos pecados. Basta que abramos o coração, que nos arrependamos e acolhamos o seu perdão.

Há dezessete séculos, numa cidadezinha da Ásia, chamada Éfeso, teólogos e bispos discutiam questões difíceis, mas intuíram que o que importava era o destino e a realidade daquela mulher, chamada Maria. Havia os que não admitiam que ela fosse chamada de mãe de Deus. Achavam que era somente mãe de um homem, nunca mãe de Deus. Mas o povo saiu com seus archotes, velas, luzes, invadiram a cidade e proclamou: Maria é *Theótocos* – Mãe de Deus. Dezessete séculos depois, estamos celebrando esta mesma festa de Maria, Mãe de Deus. Também ela venceu o mal desde a sua origem e durante toda a sua vida e também na hora de sua morte – assunção. Como pura criatura, caminhou à nossa frente, para que saibamos que também podemos ser imaculados, que também devemos ser puros, que também podemos ressuscitar para a vida.

Essa é a grande mensagem que vai nos abrir 2007. Que em 2006 fiquem os nossos pecados. Para 2007 queremos a graça. Amém. (31.12.06/Celebração de Ano Novo)

(*) referência ao ditador iraquiano, executado em 30.12.06

COM MARIA E EM NOME DE JESUS

(Lc 2, 16-21)

Fico imaginando se, durante certo tempo, tivéssemos a possibilidade de nos transformar em animais. Veríamos um mundo absolutamente cinzento, sem nenhuma referência, sem nenhum significado, sem nenhuma diferença de um dia para outro, de uma hora para outra, a não ser o ritmo do instinto: comer, dormir, beber. É o ritmo do animal e nada mais! Assim era no início da humanidade! Lentamente, os seres humanos observaram isso e perceberam que era preciso marcar, fazer traços na história. É como se uma criança tivesse folhas em branco e, com um lápis, fosse demarcando, marcando os contornos: aqui o Brasil, a América Latina. Daí os países iam aparecendo aos seus olhos, porque os contornos foram marcados.

É isso que fazemos todos os anos, porque precisamos de dois ritos fundamentais: de iniciação e de transição. Senão, vejamos. Quando uma mãe espera o seu primeiro filho, começa o rito de iniciação: compra as roupas, prepara a família, arruma o quarto para receber a nova criança. Ela nasce e entra para dentro da família. Se for uma família religiosa, ela entrará pelas águas do batismo. Nós precisamos sempre iniciar. A criança entra numa realidade diferente, depois de sair da escuridão uterina para a luz do dia. Para isso, toda a família se organiza, se reformula, porque nasce, começa alguma coisa de novo. Daí aquela frase de Guimarães Rosa (*), que eu já repeti tantas vezes e que me parece tão encantadora: “Nasce um menino, tudo começa de novo!”. Isso é frase de verdadeiro literato, de gênio!

Também precisamos de ritos de transição. Repararam quantas missas de formatura celebramos no final do ano?! Por que marcar uma formatura, fazer uma festa? O jovem passa de aluno para profissional – é uma transição. E o rito é tão pesado que precisam fazer vestibular. Por isso, os alunos tremem, choram, ficam nervosos, insones. Também o casamento. A noiva, por mais cética, quer maquiar-se toda, entrar na igreja gingando para a direita e para a esquerda, atravessar todo o corredor até o altar. Ela quer passar do “ser solteira” para o “ser casada”. Mesmo já vivendo juntos há tempos, não interessa, é preciso o rito da transição.

Nós precisamos disso e fazemos todos os anos o rito de transição: 31 de dezembro/1º de janeiro. Podia ser 30 de janeiro, 28 de fevereiro, mas escolhemos um dia que se transforma no que há de mais lindo. Há pessoas que se vestem de branco, outras vão até o Rio de Janeiro assistir a toda aquela festa de fogos arrebentando por todos os lados, outros fazem a transição *transidos* pelas bebidas, mergulhados em *whiskies*, cervejas e vinhos, mas todos querem fazer a transição. Um ano termina, e outro começa. Nós temos que marcar essa data!

Mas isso é muito pouco para nós, cristãos. Ficaríamos simplesmente no nível antropológico, na pura sociologia de nossa experiência humana. Mas chega esse dia e a Igreja escolhe dois signos, duas referências fundamentais da nossa fé, para nos ajudar a fazer a transição. Um deles eu li no evangelho, e vocês notaram que eu chamei a

atenção: “deram-lhe o nome de Jesus!”. Esse é o nosso primeiro rito de transição: não éramos de Jesus e agora somos. São Paulo vai dizer que éramos trevas e agora somos luz. Vivíamos na escuridão e agora caminhamos na luz! Paulo dá grande importância a essa passagem das trevas para a luz. É como se a cada ano a Igreja dissesse: não tenham medo! 2006 pode ter sido escuro, tenebroso, carregado de dores e de lágrimas, mas nós faremos a transição para 2007 em nome de Jesus. É através desse nome que entramos no ano de 2007. Não entramos vazios, a partir de festas, de tilintar de cálices, do pipocar de foguetes. Tudo isso é muito pequeno, é superficial, é *global* demais para nós. O que fazemos é um ritual em profundidade, no mistério da fé. Fazemos em nome do Senhor! Por isso, podemos entrar esperançosos, mesmo sabendo que virão nuvens escuras no horizonte. Entramos para uma nova era de existir que está se abrindo. Cada dia é uma folhinha que cai do calendário de nossa existência, e ela é sempre nova, sempre uma surpresa. Mas fomos introduzidos e fizemos a passagem pelo Senhor.

Antigamente, a festa parava aí: a circuncisão e o nome de Jesus. Mas a liturgia não se contentou. Paulo VI achou que precisaria haver alguém que nos ajudasse ainda mais a fazer essa transição, essa passagem de ano, e criou esta festa: Maria, Mãe de Deus! É como se nós precisássemos não só de uma criança para fazer nosso caminho, mas também de uma mãe para nos acompanhar. Quem não necessita de uma mãe para atravessar as fronteiras escuras da existência? Agora sim, estamos aptos a fazer essa passagem de ano: o Senhor com o seu nome, e Maria com sua proteção. Com esses dois braços, entramos em 2007, tranquilos, esperançosos, mesmo nas surpresas, nas dores e sofrimentos. Amém. (01.01.2007/Celebração vespertina)

(*) referência ao médico e escritor mineiro, nascido em Cordisburgo

HÁ EM NÓS OURO, INCENSO E MIRRA

(Is 60, 1-6/Mt 2, 1-12)

A primeira leitura e o evangelho fazem um conjunto de uma beleza que nos escapa, se não mergulhamos mais profundamente.

Na leitura tirada do livro do profeta Isaías, temos que fazer um exercício de fantasia e imaginar que aqui, em Vespasiano, vieram os inimigos, sequestraram todos os homens, mulheres e crianças e levaram para longe. Passaram dez, vinte, quarenta anos, e então o profeta, de repente, fecha os olhos e vê aqueles antigos moradores que caminhavam em direção a Vespasiano, colocada no alto de uma montanha toda iluminada. Era o povo de Israel que voltava para Jerusalém, que se iluminava. Sobretudo aquela passagem tão bonita das mães carregando seus filhinhos, nascidos no exílio, para Jerusalém – a cidade da paz.

O evangelho é de uma beleza simbólica extraordinária, uma grande obra de literatura. Só um gênio inspirado pelo espírito de Deus seria capaz de redigir, em poucas palavras, a saga da história da humanidade. Não são só os magos – o evangelho não fala que são reis – que vêm adorar. Isso seria insignificante. Mateus quer passar toda uma visão histórica e cósmica da humanidade e de toda a criação. Começa dizendo que as estrelas se movem. Para os judeus, elas eram o símbolo da beleza de todo o universo. Eles não conheciam as nossas galáxias, com milhões de estrelas. O céu se restringia às estrelas que podiam ver. Viram uma luminosidade maior, talvez causada pela conjunção entre planetas. É o cosmo que se move em direção ao Menino. Isso é fantástico! Uma *criancinha pequena*, pobre, numa manjedoura, faz todo o cosmo se convergir para ela. Mais tarde, Paulo vai dizer que por Ele, nele, para Ele todas as coisas foram criadas. A mente de Paulo se abre, e ele vê todo o processo criativo: um Deus que há quinze bilhões de anos fez com que aquela energia *gigantesquíssima* se concentrasse num *big bang* a trilhões de graus centígrados, dando origem a todo esse processo. Naquele momento, o Menino já estava lá!

Mateus olhou para o fato narrado por Isaías e agora olha para aquele *Meninozinho*, imaginando outra viagem. Não é mais o povo de Israel que veio da Pérsia, agora são os magos que vêm do Oriente. Quando se fala em Oriente, se entende todo esse mundo místico, mágico, exótico, distante, rodeado de mistério. Sempre imaginamos o Oriente como palco de grandes festas das mil e uma noites, grandes palácios, um mundo cheio de mistérios que nos seduz. Dizem até que os *Beatles* ficaram muito mais inspirados para comporem suas músicas depois de viajarem por lá. Largaram a fria Inglaterra e foram tocar o solo da Índia. Tocar esse solo diferente fez abrir suas inteligências. Seus dons artísticos e musicais acordaram, e eles criaram as músicas mais bonitas. Mateus traz o Oriente inteirinho, representado pelos magos aos pés de Jesus – o Príncipe da paz, da ternura, da serenidade!

Se olharmos a situação política em que vivemos, será que não podemos imaginar como uma sina, um destino, como uma saga do Oriente sempre submetido, ajoelhando-se diante do Ocidente? Estamos vendo o capitalismo, que é ocidental, invadindo e dominando o Oriente. Os americanos, que são ocidentais, invadem o Iraque, condenam Saddam Houssein (*) à morte, matam, *rematam, tresmatam* como querem. É o Ocidente dominando o Oriente. Mesmo no Japão, que parece que não foi dominado, a tecnologia alimenta a visão americana. O consumismo e o hedonismo do Ocidente invadem o Japão, a China, a Índia. Os indianos talvez sejam hoje os mais entendidos em eletrônica, a ponto de serem contratados pelas grandes empresas britânicas. Mais uma vez, a serviço do capitalismo ocidental.

Mas Mateus faz o inverso. Já não é o Ocidente que domina, mas o Oriente que vem para prostrar-se diante de uma criança recém-nascida. É diante dessa criança que os bens são colocados, sem nenhuma dominação. Não é diante de nenhum poder que o Oriente se prostra, mas diante da pequenez de quem não quer guerra, não quer dominação. É como se Mateus nos dissesse que o Ocidente não é a potência que imaginamos, mas pequeno como uma criança. Aí vem todo o Oriente, caminhando para o Ocidente, representado por Jesus, que vai marcá-lo definitivamente. É Oriente e Ocidente vivendo em plenitude de paz, não Oriente e Ocidente se digladiando em conflitos terríveis, cujas consequências nós apenas podemos vislumbrar. Aquele 11 de setembro (***) foi apenas uma pequena *amostrazinha* do que poderá ocorrer nessa grande invasão do Ocidente sobre o Oriente.

Uma terceira grande viagem: somos nós os magos! Estamos habituados a ouvir a narrativa clássica de que os magos trouxeram ouro, incenso e mirra. Eu vou fazer uma inversão. É bom pensar diferente, pois isso nos obriga a uma reflexão. Vamos imaginar que nós somos mirra, somos incenso, somos ouro. Nós somos os magos!

Dizer que somos mirra é reconhecer a nossa fragilidade, a nossa pequenez. Nós, do Ocidente, nos imaginamos tão poderosos, com uma tecnologia tão grandiosa, que consegue dominar o mundo através da telemática, invadindo todas as regiões. Grande ilusão! Como dizia um grande pensador europeu: “o Ocidente é um acidente”, isto é, alguma coisa superficial, vazia. Somos mirra! É bom que nos sintamos pequenos, pois, diante do pequeno, temos também que nos fazer pequenos. Se sacudirmos esse poder, se sacudirmos as bolsas de valores, os bilhões de dólares que circulam no mundo, sobrarão apenas poeira, porque a única realidade que resiste ao tempo chama-se amor, e o dinheiro é o oposto do amor. O dinheiro mata, faz guerras, divide famílias, divide irmãos. Quantas famílias eu conheci que se desfizeram por causa do dinheiro?! Ele quebra, estraga, corrompe. Vejam a corrupção na nossa política! Quantos homens, considerados ímpolutos, intactos, foram tocados pelo dinheiro e aí esqueceram todos os valores?! De repente, aumentam seus salários, modificam, fazem o que querem, porque o

dinheiro tem a força. Se a nossa força se apóia no dinheiro, a nossa casa, como diz Jesus, está construída sobre a areia, que a primeira ventania faz derrubar. A criança também nos arranca de nossos *podiums* e nos traz para a pequenez de seu tamanho. Ela nos redime, e nós precisamos disto: sentirmo-nos como mirra. Como nos faz falta sentirmo-nos pequenos como crianças!

Nós somos incenso! Fico pensando em tantos jovens que um dia aqui estiveram e não estão mais, apagaram-se. Incenso é aquele resquício de religiosidade que existe no coração de cada um. Qual de nós, quando sente o cheiro de incenso, não pensa no religioso? Parece que a nossa alma se perfuma, que o incenso vai subindo em volutas, para mostrar que sobe a beleza, invadindo e penetrando todos os nossos sentidos, para que percebamos o divino. Todos nós somos religiosos, por mais ímpios, por mais afastados, por mais secularizados que sejamos. De vez em quando, toca-nos o coração o *riscozinho* da piedade, da religiosidade, da saudade. Não há pessoa humana que, diante da morte, do sofrimento, da dor, do fracasso, não ouça o ressoar suave da dimensão incenso que todos nós trazemos. Uma das coisas mais bonitas é perceber o toque religioso na vida de pessoas que, às vezes, passaram anos e anos longe do Senhor, de qualquer prática religiosa, de qualquer Igreja. De repente, parece que, no seu interior, soa um sino que as acorda. Gosto muito de citar uma crônica de Cony (**), publicada na “Folha de São Paulo”. Ele, que se considera agnóstico, dizia que os sinos badalaram em seu coração, como se, de repente, acordasse para algum sentido religioso que não sabia de onde vinha. O comunismo começou na Rússia em 1917, impondo um ateísmo militante nas escolas. Durou até 1989. Nesse período, várias gerações nasceram e cresceram frequentando escolas ateias. De repente, o comunismo desmorona, e as igrejas voltam a se encher – era o incenso que estava escondido nos corações dos russos. Também Cuba, há anos, é trabalhada pelo secularismo, pelo ateísmo. Quando lá estive, conversando com aqueles marxistas, senti que bastava raspar um pouquinho e surgiria a força religiosa. O próprio Fidel (***) chegou a dizer que, se algum dia voltar à Igreja Católica, voltará nos braços de Frei Betto e Leonardo Boff, dois teólogos brasileiros que tocaram o seu coração. Quando encontra João Paulo II, se encantam mutuamente. João Paulo se encanta com Fidel, porque viu que também naquele homem, que lutou, sofreu, batalhou, o incenso estava presente. Então, senhoras mães, que veem seus filhos distanciados de qualquer prática religiosa, não tenham medo, porque o incenso está lá dentro. Um dia, a chama voltará a se acender, e o incenso irá perfumar o jovem coração.

Somos ouro! Não do dinheiro, não do poder! Desse ouro o Menino não precisa. Jesus passará toda a sua vida à margem do dinheiro. Era Judas que cuidava da *bolsazinha* dele, e nós sabemos como acabou a história. Ele escolheu a *própria raposa para tomar conta do galinheiro*. Não estava nem aí para saber se o dinheiro era ou não bem aplicado na *bolsa de Nova York*. O ouro que Ele quer é o que temos de mais profundo. Já repeti milhões de vezes: ouro chama-se

amar! Amar e servir – esse é o único ouro! O amor é dourado. É a única realidade que atravessa todos os tempos. Como o ouro é um metal que não se corrói, o amor também não pega ferrugem, pois atravessa todo o universo e conserva a sua pureza radical, porque é eternidade. Ele não morre, não sofre da fragilidade da Terra. Ainda outro dia, ouvia uma psicanalista dizer que a única felicidade possível é fazer o bem, e fazer o bem é amar. Diante do Menino, devemos colocar o nosso amor, não para Ele, porque não precisa, mas para os irmãos, pois só amamos a Deus amando ao outro. Ele acolhe o nosso amor quando nos desvelamos diante do irmão.

Somos mirra, incenso e ouro. Somos os magos! Amém. (07.01.07/1º. domingo comum – Epifania)

(*) ditador iraquiano, executado no final do ano de 2006

(**) referência ao atentado de terroristas árabes contra os Estados Unidos

(***) referência ao jornalista carioca Carlos Heitor Cony

(****) referência a Fidel Castro, ex-presidente cubano

A DEMOCRACIA DA FELICIDADE (Jo 2, 1-11)

Evidentemente, João não está interessado em narrar mais um milagre de Jesus. Exagera de tal maneira as proporções do fato para que nós, inteligentes que somos, entendamos que ele quer falar de algo mais profundo. É interessante que ele não chama a ação de Jesus de milagre. Qualquer um de nós acharia que fora um grande milagre: transformar seiscentos litros de água em seiscentos litros de vinho – algo fantástico! Mas João não chama de milagre, mas de sinal – *semeion*, em grego, isto é, sinais externos. Sinal, então, é uma coisa visível, mas que não para nele, joga-nos para outra coisa.

Falamos de amor, amizade, saudade. São palavras, mas o mais importante é o conteúdo que passam, e isso não podemos ver. Sempre dou o exemplo do tráfego, que é o mais claro de todos. Nenhum de vocês, diante de um sinal vermelho, vai fazer poesia, porque, logo, todos os carros começariam a buzinar. O semáforo não está ali para inspirar poesia, mas simplesmente está dizendo que devemos parar o carro. Diante do sinal verde, avançamos; assim como, diante do amarelo, sabemos que precisamos estar atentos. Portanto, o sinal existe para indicar uma outra coisa além dele. Ele não vale nada nele mesmo, porque o mesmo sinal pode ter inúmeros significados, que podem até nos deixar perplexos. Se recebemos um abraço – e disso as mulheres entendem –, logo nos perguntamos o que ele significa. Pode significar traição, como o beijo de Judas, carinho, e até outras coisas, porque é um sinal e, por ser simbólico, permite muitos significados. João conclui, dizendo que foi o início dos sinais, deixando claro que viriam outros que ele mesmo descreverá depois.

Há também um outro aspecto clássico de linguística: qualquer sinal só pode ser entendido dentro de um contexto, como já lhes disse do sinal vermelho, que só tem sentido na rua. Se colocássemos um semáforo aqui no altar, todos pensariam que o padre enlouquecera, pois não há nenhum carro aqui dentro. Portanto, o semáforo só tem sentido no contexto do tráfego. Como diversas vezes já lhes falei, se formos ao Japão e estendermos a mão num cumprimento, o japonês se sentirá desafiado para uma luta de judô. É o contexto japonês, enquanto no contexto brasileiro é um simples sinal de cumprimento. Já temos, portanto, um sinal e um contexto e já podemos procurar um significado.

João deixou em aberto esse milagre, querendo nos mostrar que acontecera algo muito maior do que vimos. Faltou vinho, Maria se preocupou e pediu a ação de Jesus. Mas algo maior aconteceu, e é essa a grande questão sobre a qual temos que começar a pensar. Vejam bem: água/vinho. É mais que sabido que água é sinal de vida, pois onde há água é possível haver vida. No planeta onde vivemos, existe muito mais água do que terra, e é interessante que o chamemos de Terra e não de Água. Pela teoria evolucionista, sabemos que nós, seres humanos, viemos da água, há milhões de anos. Mas será que o vinho é melhor do que a água? Será um progresso transformar água em vinho? Sobre certos aspectos sim. Sem água

não podemos viver, mas quando falamos de vinho, falamos de festa, de convívio. A vida corriqueira e banal do dia-a-dia se transforma em festa.

No contexto de um casamento, encontramos bodas, festas, alegria, convívio, convivência, felicidade. Ninguém vai a um casamento com a cara funérea, mas sim alegre. As mulheres vestem seu melhor vestido, perfumam-se *francesamente*, para chegarem lindas, esbeltas, pois é um contexto de festa, de felicidade. João escolhe esse contexto para o primeiro sinal de Jesus. Portanto, nunca podemos imaginar que Jesus tenha sido um profeta da tristeza, da morte, do sofrimento, um profeta da cruz, como tantos pregam. Jesus é o grande profeta da felicidade, como tão bem fala Juan Arias (*), em seu livro “Jesus, esse grande desconhecido”. Talvez seja isso que nunca tenhamos descoberto no cristianismo e que andou escurecendo a imagem de Jesus. Fez um Jesus sério demais, que não ria, sempre ligado à imagem da cruz, do sangue, sempre com as mãos cravadas. Com isso, não conhecemos o Jesus que começa sua vida pública numa festa de casamento, em meio à alegria e ao convívio – símbolos da grande novidade que Ele trouxe. Jesus não se contentou com a vida, mas quis que ela fosse uma festa.

Se percorrermos o evangelho, teremos a certeza de que Ele só quer a nossa felicidade. E tem mais: reparem na quantidade de vinho em que a água foi transformada. Não pensem que foi à toa que João escreveu isto – seiscentos litros! Aqui vem um detalhe profundo, e para isto eu gostaria de chamar mais a atenção: quando Jesus pensa na felicidade, não pensa apenas para alguns, mas para todos. Essa é a grande mudança! A sociedade moderna oferece a felicidade apenas para alguns. Perguntem a esses que estão na rua, jogados na sarjeta, se o sistema lhes oferece felicidade. Não! Oferece cadeia, dor, sofrimento, miséria, fome. Mas Jesus, não! Ele não se preocupou com as noventa e nove ovelhas que estavam no redil, mas com a única que se tinha perdido. Quando coloca seiscentos litros de vinho na festa de uma pequena cidade, quer dizer que todos puderam beber, sem excluir ninguém.

Esta é a grande característica do Senhor: não pensa a felicidade para os que já são felizes, que têm os recursos para tê-la. Ele a quer para todos e começa com aqueles que a sociedade deixa de lado. Por isso, vai curar os cegos, os leprosos, os mendigos, os sofridos, todos os que vivem jogados e excluídos. Daí Ele começa, e daí podemos entender uma coisa que poucas vezes conseguimos: Jesus tinha um carinho imenso para com as crianças e as mulheres, numa sociedade em que elas eram as excluídas. Quantos milagres Ele fará em relação às mulheres, e quanta acolhida dará às crianças – exatamente aquelas que estavam excluídas do bem-estar da sociedade. Os homens tinham todos os direitos, só eles eram considerados cidadãos. Até recentemente, na *formosa* Suíça, as mulheres não votavam. Isso mostra que a cultura excluiu a mulher e a criança, enquanto Jesus fez exatamente o contrário.

Uma das cenas mais fantásticas, mais paradoxais na vida de Jesus, que os próprios copistas muitas vezes saltaram, foi quando Ele perdoa a mulher colhida

em adultério. Saibam que a lei mosaica a condenava à morte. O homem podia cometer o adultério que quisesse, quantas vezes quisesse. Mas para a mulher era um pecado terrível. Então, os homens agarram a mulher surpreendida em adultério, certos de que desafiariam e venceriam Jesus. Jogam-na a seus pés para que a lei seja cumprida com o apedrejamento. Jesus inverte a lei, dizendo que aquele homem que não tivesse pecado jogasse a primeira pedra. É claro que nenhum jogou, porque todos tinham pecados maiores e também deveriam ser apedrejados. Todos eles se retiraram diante do olhar forte de Jesus. Ficam os dois sozinhos, e Ele pergunta se algum homem a condenara, pois também Ele não a condenaria. Nenhum teve coragem, porque nenhum era inocente para condená-la. É essa a felicidade que Ele trouxe para todos! (**)

Uma última coisa, também fundamental: nenhuma felicidade é possível à custa da infelicidade do outro. Para Jesus, com certeza, esse era o maior pecado. Ele trouxe a democracia da felicidade, por isso é o profeta dos profetas. Vivemos numa sociedade capitalista, em que um pequeno grupo burguês vive muito bem, muito feliz, tantas vezes à custa daqueles que sofrem e que pagam. Isso Jesus nunca tolerou, pois queria que a felicidade fosse a coisa mais democrática possível. Toda a sua pregação é uma tentativa de levar a felicidade àqueles que nunca a sentiram: o povo mais marginalizado, mais segregado. A partir daí começa a construir a felicidade. De tal maneira Ele gostava da felicidade, que os inimigos o chamaram de comilão, beberrão, criticaram-no, porque perdoava as mulheres, os pecadores. Nunca o condenaram por ser duro, rígido, ortodoxo, porque isso Ele nunca foi.

Nós mudamos muito a imagem de Jesus, transformando-o num homem da lei, da proibição, do sofrimento. Pelo contrário, Ele só vivia para acolher as pessoas e, quando as admoestava, era porque sabia que aquele caminho não as levaria à felicidade. Quando dizia que bem-aventurados eram os mansos, sabia que a violência não traz felicidade. Quando dizia que bem-aventurados eram os misericordiosos, sabia que o ódio não traz misericórdia a ninguém. Quando dizia que bem-aventurados eram os pobres, sabia que o excesso de riqueza não traz felicidade a ninguém. Quando dizia que bem-aventurados eram os puros de coração, sabia que andar *sem eira nem beira*, nos subúrbios da impureza, nunca traz felicidade para jovem nenhum, que fica encostado aí pelas paredes. Busquem-na com Ele e a encontrarão. (***)

Só com isto Ele está preocupado: que todos sejamos felizes, mas nunca à custa de ninguém. Ao cego, Ele dá a vista; ao doente, dá saúde; à mãe que perdera o filho, Ele o devolve com vida. Isto é o que Ele quer: felicidade para todos e não apenas para alguns. Amém. (14/01/07/2º.domingo comum)

(*) jornalista e escritor espanhol contemporâneo

(**) Jo 8, 1-11

(***) Mt 5, 1-12

JESUS NOS PROPÕE SEU PLANO DE METAS

(Lc 1, 1-4; 4, 14-21)

Cada um dos três evangelhos sinóticos, que são muito parecidos, escritos por Marcos, Mateus e Lucas, apresenta um pórtico de entrada de Jesus na vida pública diferente, mas todos com um grande discurso programático. Não são iguais, porque cada um tem uma perspectiva própria e escolhe um prisma diferente. O mais conciso  Marcos, que escreve trs frases: “O tempo chegou  sua plenitude. O Reino de Deus está próximo. Converti-vos e crede no Evangelho!”. Assim, Marcos anuncia o programa de Jesus bem resumidamente: Jesus no meio do povo. Mateus é mais longo. Leva Jesus para a montanha, porque tinha os olhos voltados para Moisés. Moisés na montanha, recebendo a Lei, e Jesus na montanha, proclamando oito bem-aventuranças.

Depois deles vem Lucas, que era historiador, mais aconchegante, mais estudioso. Por isso, pensa que a cidade onde Jesus vivera sua infância e juventude era o melhor lugar para Ele começar a sua vida pública. Mas Jesus já tinha ido longe, já tinha feito quase uma viagem internacional para aquela época. Fora  Judeia, bem ao sul, onde João o batizara. Lucas o traz novamente para a sua cidade, para a Galileia, para Nazaré. E agora vem a coisa mais linda: em Nazaré, todos conheciam Jesus. L Ele foi criança, foi adolescente, estudou na escola local, conhecia todos os coleguinhas com quem brincava. Era um jovem forte, trabalhador, camponês e artesão, trabalhava para ajudar seus pais terrenos no sustento de uma grande família. Mas Ele fica adulto, e ninguém poderia imaginar nada desse homem. Tinha frequentado as sinagogas, as escolas normais de sua época, onde os judeus aprendiam a ler e a escrever através das escrituras. De repente, num belo dia, sem ninguém esperar, com todos reunidos, Jesus entra na sinagoga, e todos olham espantados. Percebem algo diferente naquele rosto. Aquela pessoa que conheciam já não era mais a mesma.

Jesus se dirige ao púlpito, toma do encarregado o rolo de pergaminho e começa a ler uma passagem que todos conheciam, como tantas histórias que conhecemos desde a infância. Todos conheciam aquela passagem e escutaram distraidamente. Mas, de repente, Ele para, tira o véu do *escondimento* e se mostra como o grande enviado de Deus. Diz que eles pensavam que sabiam tudo, mas, na verdade, não sabiam o essencial. Toma um texto de Isaias, um profeta que, séculos antes dele, viu seu povo sair do exílio. Muitos de nós devemos nos lembrar de uma experiência semelhante: centenas de brasileiros voltando de um longo exílio, depois da noite escura do regime militar, embalados pela música cantada por Elis Regina, que evocava Betinho, o famoso irmão do Henfil (*). A profecia de Isaias se realizava naquele momento, na pessoa de quem a lia. O olhar de Jesus penetra no mais profundo de todos que o ouviam e, há dois mil anos, Ele proclamou cinco metas, e nenhuma delas nós conseguimos realizar até hoje.

A primeira é evangelizar os pobres. O mundo de hoje tem, provavelmente, alguns bilhões de pessoas que nunca ouviram o nome de Jesus. Penetrem no interior da China, onde há tanta miséria; caminhem pela Índia, onde verão pessoas morrendo pelas ruas; e perguntem a algum indiano, que está morrendo, se conhece o Senhor Jesus. Certamente, ele nos olhará espantado, porque nunca ouviu falar dele. Dois mil anos depois, os pobres da Índia ainda não ouviram o evangelho de Jesus.

Ele continua, dizendo que os cativos devem ser libertados. As nossas delegacias e penitenciárias continuam repletas de cativos, e acreditamos que muitos outros deveriam estar lá também. Continuamos colocando seres humanos atrás de grades, como se fossem feras. Já pensaram nessa barbaridade?! É que nos acostumamos a pensar o ser humano como uma pantera, uma onça pintada, um leão, um tigre, que temos que colocar atrás das grades. Mas não são feras, e, sim, Antônio, Pedro, Maria. Geralmente pobres, largados, sofridos, frustrados na infância, não cuidados no amor, nunca tocados por um carinho, mas pervertidos, não pela natureza, não por Deus, mas pela sociedade.

Jesus viu cegos, e não só dos olhos. Não é essa cegueira que o Senhor precisa curar, essa Ele entregou aos oftalmologistas. Ele quer curar as cegueiras da nossa cultura, da nossa sociedade. A gente se acostuma a não pensar no outro. Quando imaginamos barbáries, pensamos nos campos de concentração nazistas, que mataram seis milhões de judeus – uma tragédia terrível! Mas temos que pensar nos *gulags* russos, que mataram talvez muito mais; temos que pensar no *khmer* vermelho (**), que liquidou um terço de todo um país. Temos que pensar naquele presidente limpo, do país mais *ensabonetado* do mundo, chamado *United States of America*: Truman (***) manda jogar duas bombas atômicas sobre duas cidades. Já viram monstruosidade maior? Jogar duas bombas sobre mulheres, crianças inocentes, que nada tinham a ver com a guerra. Que soldados façam guerras, passa, mas que, em suas casas, mulheres com crianças pequenas no colo, de repente, sejam atingidas por uma bomba radioativa e que anos e anos depois ainda sofram suas consequências, é inadmissível! Tudo isso o mundo inteiro olhou e achou normal. Truman não foi julgado em Nuremberg, como tantos nazistas que foram condenados, como Saddam Houssein (****), que acaba de ser enforcado. Os poderosos matam e continuam impunes nos seus crimes. Que diferença do programa de Jesus!

Jesus continua. Agora falando dos oprimidos pela doença, pelo trabalho, pela tristeza, pela falta de sentido na vida. Como doi ver tantos jovens que olham para o mundo e não vêm nada, só pensam em chicletes e coca-cola, no máximo uma *internetizinha* discreta! Vivem uma vida vazia, numa segura interior, com um deserto no coração, enquanto o Senhor veio para libertar os oprimidos. Como não conseguimos falar uma palavra que toque o coração desses jovens?! Como me sinto impotente diante de vocês, jovens! Minha palavra não chega, não os alcança. Eu queria entrar nos seus corações, mexê-los por dentro, transformá-los,

fazê-los felizes. Essa é a nossa missão na Terra! Não viemos aqui para sofrer, para carregar cruzeiros todos os dias. Viemos para irradiar felicidade, alegria, paz, amor, carinho, respeito, ternura. Devíamos existir para cuidar um do outro e, vendo uma pessoa que sofre, abrir um horizonte para ela, ressuscitando-a por dentro.

Precisamos pensar onde estão as cegueiras que queremos curar, onde estão os cativos que queremos libertar, que cativo, que opressão precisamos extinguir em nossas vidas, em nossas famílias, qual a grande anistia que precisamos anunciar e realizar. Tudo isso deve acontecer dentro de cada um de nós, que temos as nossas cegueiras, nossas opressões, nossos grilhões. Deve acontecer nas nossas famílias. Onde estão os grilhões, os cativos, as cegueiras?

É isso que o Senhor queria. É isso que Ele começou e anunciou mais ainda: um tempo de graça e anistia. Um tempo em que todo o povo se reconciliaria. Em Israel, isso significava pagar todas as dívidas, recuperar todos os bens, para que tudo fosse dividido. Deus não criou o céu e a terra apenas para alguns, mas para todos os bilhões de habitantes deste mundo. Mas os homens começaram a agarrar a terra para si e a expulsar uns aos outros, como também nós fazemos. Temos casas bonitas para morar e jogamos os pobres nos morros, que, à primeira chuva, caem e os matam. Jesus não quer isso. Não quer a tristeza.

Pobre Jesus, acreditou demais em nós! E nós continuamos não respondendo aos seus sonhos e utopias. Amém. (21.01.07/3º. domingo comum)

(*) referência à canção “O bêbado e a equilibrista”, de autoria de Aldyr Blanc e João Bosco

(**) regime praticado no Camboja entre 1975 e 1979.

(***) referência a Harry Truman, presidente dos EUA, de 1945 a 1953, que determinou o bombardeio de Hiroshima e Nagasaki, no Japão, no final da segunda guerra mundial.

(****) referência ao ditador iraquiano, executado no final de 2006.

O MEIO É O CAMINHO DA LIBERDADE ***(1Cor 12, 31-13,13/Lc 4, 21-30)***

A leitura da carta de Paulo é considerada uma das páginas mais belas da literatura religiosa universal. Platão escreveu um famoso diálogo sobre o amor de Fedon, em que fala de um banquete, mas não chegou à altura de Paulo. Apesar de toda a filosofia, de toda a sua inteligência gigantesca, Platão chegou apenas até o amor *filia*, não foi mais longe. Não chegou a compreender o amor *agape*. É diferente de ágape, que significa refeição, em português. Agape é o amor mais alto, mais elevado, e somente Paulo conseguiu chegar lá, naturalmente inspirado na prática de Jesus. A grande característica desse amor, que Platão não conheceu, é a capacidade de perdoar, de acolher o inimigo, de conter todos esses adjetivos que acabamos de ouvir. Vale a pena, um dia, com calma, abrirem essa página, lerem, sublinharem, conferirem os adjetivos com os substantivos da vida de cada um de vocês. Pela gramática, vocês devem saber que o que dá consistência e substância é o substantivo, que está segurando a realidade, que tem muitas cores, muitos matizes e, por isso, precisa dos adjetivos ao seu lado. Os adjetivos são importantes, porque nos indicam para onde devemos caminhar, pois de nada adianta caminhar se não soubermos para onde estamos indo. Essa carta é toda ela feita de adjetivos, partindo de um único substantivo, que é a caridade, o amor. Cabe-nos avaliar se eles se compatibilizam com os nossos amores, sejam entre namorados, esposos, pais e filhos, amigos, e até mesmo em relação às pessoas que são desafetas a nós.

O evangelho de hoje supõe o conhecimento da leitura do último domingo, quando Jesus entrara na sinagoga de Nazaré, provocando nos presentes um grande choque, pois a criança, o adolescente que crescera junto com eles naquela cidade, havia saído para outros lugares – para grande escândalo de todos eles –, onde realizara maravilhas. De repente, Ele reaparece e provoca um frêmito, um *frison*. Ele termina de ler o texto de Isaías e afirma que aquela profecia se realizava naquele menininho que crescera entre eles. Ele não era um jovem qualquer, mas viera para realizar o projeto de Deus, que é modificar o mundo, transformar a realidade, criar uma sociedade de justiça e fraternidade. Seus milagres eram simples sinais de tudo o que a humanidade poderia fazer. Ao afirmar isso, muda todo o ânimo daquela comunidade. Vai do espanto e admiração para a fúria. A verdade é que Nazaré pretendia possuí-lo, ser a sua única dona, e Jesus não aceitou isso. A grande lição para todos nós é que ninguém é dono de ninguém, a não ser Deus. Na sociedade humana, durante milênios, nós tivemos senhores e servos, senhores e escravos, donos e possuídos. Há um fato simples na história do Rio de Janeiro, quando um belo jovem negro chega na casa de uma senhora trazendo um presente de uma certa dama da sociedade, terminando por dizer que também ele fazia parte do presente, como se fosse uma coisa que pudesse ser disposta de uma pessoa para outra. Já dois mil anos antes, Jesus não aceitou que Nazaré dispusesse de sua vida e de sua pessoa, dominando-o. Quando seus conterrâneos quiseram expulsá-lo, empurrando-o pelo monte abaixo, Ele abriu caminho pelo meio e seguiu sua própria vontade, sem que ninguém o tocasse. Não

foi pelo lado, porque trombaria nas pessoas, fosse pela esquerda ou direita. Ele escolheu o meio, para dizer de sua liberdade, sua independência, sua clareza. Nós vivemos num país em que a liberdade é muito menor do que imaginamos. Se parássemos um instante sequer para pensar quantos mecanismos nos conduzem a cada dia, às compras, aos modismos... Frei Betto me contava que há pouco tempo, um desses galãs de novela se machucara acidentalmente, provocando um pequeno ferimento pouco abaixo do pescoço, que o obrigou a usar a camisa abotoada para escondê-lo. Poucos dias depois, muitos jovens usavam a mesma camisa abotoada até o último botão, apenas para imitar o galã da vez. A ignorância palmar leva a esses ridículos. São eles que nos comandam, nos fazendo querer, desejar, pois não somos livres. Até mesmo os Estados Unidos, que se dizem o país da liberdade, talvez sejam de menos liberdade, altamente condicionados pelos *sites*, pelas propagandas, pela indústria farmacêutica. Há um escritor gaúcho, Luís Fernando Veríssimo, filho do clássico Érico Veríssimo, que escreveu uma crônica muito simpática, dizendo que, se fôssemos seguir esses conselhos que rodam por aí, o dia precisaria ter mais de quarenta horas para dar conta de todos os preceitos que a mídia determina. Nós vivemos como manequins teleguiados, e Jesus hoje nos dá esta fantástica aula de liberdade: atravessou a multidão pelo meio e seguiu o seu próprio caminho. Amém. (31.01.2010/4º.domingo comum)

O PEIXE QUE NÃO VEMOS (Lc 5, 1-11)

Só ouvir o evangelho já é uma grande lição! São essas cenas da vida de Jesus que nos tocam em profundidade! Como é belo esse jogo que Lucas faz, usando uma quantidade enorme de símbolos: margem, lago, a barca que vai e que volta, a rede que não pesca nada, largar tudo e seguir o Senhor. Que sequência maravilhosa! É a nossa vida, somos nós que estamos parados na margem! Quantas vezes ficamos desanimados, céticos, sem acreditar em ninguém, em nenhuma mudança política! Agora mesmo fizeram uma pesquisa enorme no Brasil, e a grande maioria dos brasileiros disse não acreditar na política nem nos políticos. Estamos à margem! E na margem não mudaremos nada, a realidade continuará tal qual está, se não nos lançarmos para águas mais profundas.

Jesus percebe a multidão e precisa de uma cátedra para falar. Não a dos filósofos gregos, em Atenas, mas a cátedra humilde da barca de um pescador. Não uma cátedra rígida, firme, mas que se ondeia, se agita, se move e se adapta a cada pequena onda. O Mestre vai falando, ensinando, enquanto todos os olhos estão fixos nele. Entra na agitação, na oscilação, no movimento da nossa história, que não para. Se nós pararmos, ela continuará à nossa frente. Que nós, velhos, fiquemos parados, ainda se tolera, mas jovens e adolescentes parados, enquanto a história caminha, é uma tristeza terrível. O que poderemos esperar, se os que deveriam correr, ter coragem de lançar-se, são os mais medrosos? Se não têm coragem de mudar a realidade, de tomá-la na mão e perguntar o que fazer com ela? Uma outra pesquisa feita com jovens alemães – um país bem mais adiantado do que o nosso – constatou que a grande maioria quer buscar uma profissão que dê estabilidade, que não os coloque em risco. Tudo isso sinaliza que a juventude não quer mais assumir a história, entrar na barca e avançar para águas mais profundas.

Termina aí a lição sem dizer sobre o que Jesus pregou. Certamente sobre aquilo que depois ouviremos nos evangelhos: terá falado do amor do Pai, de perdão, de misericórdia, da acolhida e de tantas outras coisas que vão sendo jogadas naquelas pessoas, de pé, na praia, ouvindo o Senhor. Todos eles mal acomodados, apertados na multidão, para ouvir uma palavra do Mestre, que tocava cada coração. Mas Jesus quer avançar, ir para águas mais profundas: “Avançai, Pedro!”. Cada um de nós é Pedro. Não podemos ficar parados em águas estagnadas, estragadas e cheias de mosquitos – águas do consumismo, do egoísmo, do hedonismo, do materialismo. Temos que avançar para águas mais límpidas, mais puras, mais azuis. Entremos com Jesus no Mar da Galiléia!

Ele olha para Simão e manda que lance as redes. Mas Pedro está cético. Hoje não haveria pesca. Era um velho e experiente pescador falando para um artesão, um camponês, que certamente não entende de águas: “Hoje não há peixes, pois a água está quente, o vento está forte, e todos os peixes se foram. Tentei durante toda a noite, lancei redes à direita, à esquerda e não pesquei nada!”.

Jesus continua insistindo para que Pedro lance as redes contra toda a aparência.

Como nós, Pedro confiava na aparência e na sua longa experiência. Acreditamos que, muitas vezes, em nossos corações e nos das pessoas não há *peixe*. Talvez uma filha que tanto queríamos que estivesse onde estamos – é o *peixe* que não vemos! Queremos lançar a rede, mas não vemos os peixes, que, muitas vezes, é a atitude das pessoas, a abertura, o coração que pode acolher. Tentamos uma, duas, três vezes e não pescamos nada, na aparência. Mas o Mestre Jesus é maravilhoso e continua: “Não se enganem. Vocês pensam que não há, mas estão enganados, pois sempre haverá *peixes*! Não percebem que o mar nunca estará vazio, que, quando eu chego, os *peixes* todos vêm: os *peixes* da bondade, da beleza, da graça que existe no coração das pessoas?! Sou eu o grande imã que vai atrair todas as pessoas! Lancem as redes e verão quantos *peixes* vão pegar!”. O olhar do Senhor é mais profundo e vê peixes onde nós não vemos, vê beleza e bondade onde não vemos, vê possibilidade de mudança onde não vemos. Pedro se convenceu e encheu duas barcas. E se ele tivesse acreditado nos seus olhos, na sua experiência? Os peixes vieram do olhar profundo de Jesus, que os acorda, que evoca o que há de bom em cada um de nós. É esse olhar que precisamos ter. Precisamos captar um pouquinho do olhar de Jesus para acordar nas pessoas o que têm de melhor. Há muito mais coisas bonitas no coração de cada um, mesmo naquele jovem largado, aquele que pega um carro e sai por aí a toda velocidade. Só o olhar de Jesus é capaz de acordar nesse jovem, metido na droga e na bebida, alguma coisa de melhor.

Quantas vezes acontece na nossa vida pastoral, na nossa vida sacerdotal, com vocês, catequistas do crisma?! Veem esses adolescentes com essas caras desanimadas e acreditam que naquele mar não há peixe. Lançam milhares de redes e não pescam nada. Mas as pessoas são maiores que a sua aparência, são maiores do que o que existe dentro delas, porque sempre haverá um mistério escondido nas águas. As águas cobrem o mistério humano e, com os nossos olhos, nunca poderemos atravessá-las e descobrir lá embaixo, peixes maravilhosos que estão a nadar, colorindo aquele fundo de mar. Ficamos nas ondinhas superficiais e por elas não percebemos nada, a não ser a vida monótona, sem graça e sem beleza.

Mas em quem vamos apostar? A Vulgata (*) diz uma frase bonita, em latim: *in verbo autem tuo, laxabo rete* – na tua Palavra, Mestre, lançarei as redes! Na tua palavra e não na minha. Quando a minha palavra não for suficiente, quando for inútil e pobre para tocar um filho, uma filha, o namorado, aquela pessoa que eu queria tanto ajudar, aqueles jovens desorientados por aí afora, é na tua palavra que eu acredito. É na tua palavra que eu vou tentar ainda uma vez fazer alguma coisa! É nessa Palavra que vivemos! Vocês acham que nós, sacerdotes, continuaríamos se não fosse a palavra de Jesus?! Se apenas acreditássemos nos nossos olhos, nas nossas experiências, teríamos como continuar, depois de tudo que vemos e ouvimos, depois de todo o sofrimento que tocamos? Mas

pela palavra do Senhor sabemos que há algo além da nossa pequenez, da nossa miopia. Há peixe lá no fundo e, mesmo que não sejam com as minhas redes, mesmo que não seja hoje nem amanhã, um dia haverá uma grande *pescaria*, e as redes trarão para as margens aqueles peixes que estão no mais profundo do coração das pessoas.

Pais, mães, catequistas, não tenham medo, não desanimem nunca! Sempre haverá peixe, mesmo que as nossas redes sejam aquelas da noite de Pedro, que não pescaram nenhum peixe, mas *in verbo tuo* – na palavra de Jesus –, os peixes serão tão abundantes, que encherão várias barcas. Amém. (04.02.07/5º. domingo comum)

(* tradução latina da Bíblia, escrita por São Jerônimo, a pedido do Papa Damaso I, em meados do século IV.

O AMOR QUE COBRE TODAS AS DORES ***(Lc 6, 17. 20-26)***

Hoje temos esse evangelho das bem-aventuranças na versão de São Lucas, e não de São Mateus, que é a mais conhecida. É também a véspera, já o início da celebração da festa de Nossa Senhora de Lourdes, a padroeira da nossa paróquia. Vamos confrontar essas duas realidades e veremos que elas se casam muito bem.

Lucas é diferente de Mateus. Faz uma belíssima procissão: Jesus estava na montanha, cercado de seus discípulos e desce como um grande Mestre, um grande Senhor e sua coorte que o acompanha descendo a montanha. A montanha é o lugar da intimidade com Deus, também da provação, da tentação. É onde Moisés recebera a Lei. Jesus desce. Lugares montanhosos, como Minas Gerais, intimidam. O mineiro é circunspecto, introvertido, um pouco mais tímido, porque a montanha cerca-nos. Já a planície espraia-se. Vejam como o gaúcho é aventureiro, como galopa pelos pampas! Enquanto isso, o mineiro precisa subir e descer, cansar-se, andar devagar. *Mineiramente*, Lucas faz Jesus descer lentamente da montanha como o grande Mestre, até chegar à planície.

Na planície não há limite, os horizontes se abrem até perderem-se de vista, e é aí que Jesus falará. Na montanha, Ele fala da intimidade, fala apenas para os apóstolos, enquanto na planície falará para o mundo, para todos nós que viremos depois, nas infinitas planícies da história. A pregação de Lucas é universal, e podemos imaginar que também nós estávamos lá. Dois mil anos depois, sua voz ainda ecoa nas bem-aventuranças. Agora são quatro e são colocadas na forma negativa, ao contrário de Mateus, que só viu o lado positivo. Lucas fala de quatro felicidades: pobreza, fome, choro e perseguição.

Lucas, com o olhar clínico – não por acaso, era médico –, olha a realidade e percebe os contrastes, as dores que, muitas vezes, vêm exatamente das oposições, dos conflitos, das grandes e escandalosas diferenças que tanto nos fazem sofrer. Ele percebera tudo isso e começa dizendo que bem-aventurados eram os pobres, e infelizes eram os ricos, que já estão cheios e saciados. Bem-aventurados os que choram, e infelizes os que trazem estampado no rosto um sorriso *global*, *novélico*, maquiado, superficial, colorido, que não tem nada por dentro. São infelizes, porque não haverá um sorriso bonito que nasce de dentro, como o sorriso da Virgem quando acolheu o anjo. Nunca poderemos pensar que Maria tenha chorado ao receber do anjo a notícia de que seria mãe do Filho de Deus. Só podemos imaginá-la sorrindo, feliz, com o sorriso da intimidade, do mistério, de quem se volta, debruçando-se sobre si mesmo, para atingir a profundidade. É o homem e a mulher do mistério, não do barulho e da superficialidade. É um pouco esse o jogo que Lucas nos mostra.

Não é a pobreza que ele elogia, pois, muitas vezes, ela é humilhante, degradante e triste. Deve ser vencida, destruída, porque avilta o ser humano. Reparem nas pessoas

que encontramos pelas ruas, destruídas fisicamente – pessoas de quarenta, cinquenta anos, que parecem anciãs, com o corpo gasto pela miséria, pela pobreza. Nem mesmo Deus é capaz de dizer que essa pessoa é feliz. Mas se ela levantar um pouquinho o olhar, não encontrará o olhar severo, mas um olhar dolorido, sofrido, de um Deus que se compadece. Essa é uma felicidade diferente da felicidade do rico, que já vive satisfeito. É a felicidade daquele que sabe ser amado por Deus. Eu compararia com a criança pequena que está enferma. Ninguém teria coragem de dizer-lhe que ela é feliz, mas um dia, mais tarde, quando deitar num divã, se lembrará de uma mãe que se desvelou por ela, que passou noites em claro acariciando-a, abraçando-a. Aí ela se lembrará de como foi feliz por ter tido uma mãe. Não é a doença que a fez feliz, mas o carinho, o zelo, o cuidado, a paixão da mãe, que novamente lhe devolveu a vida e a saúde. Essa é a felicidade que Deus passa, não a felicidade da doença ou da pobreza, mas a felicidade do amor que nos cobre.

A Virgem Maria é essa mãe que nos cobre com seu amor nas horas em que estamos sofrendo, quando nos sentimos pobres de tantas pobreza que atacam a humanidade. Saber que, nesses momentos, não estamos desamparados, não estamos sós, mas cobertos por um manto de mãe, pelo amor do olhar de Deus é a felicidade do pobre e não da pobreza.

No mesmo sentido também é a felicidade dos que choram. Podemos chorar de alegria, mas aí já é diferente. Choramos de dor, quando alguma coisa nos corta, nos magoa, nos fere. É claro que isso não é felicidade. Quantas vezes, nos enterros, nos velórios, diante da tristeza dilacerante de se despedir de uma mãe, de um amigo, de um filho, aparece um amigo que se debruça sobre uma pessoa machucada, ferida?! É como se aquele abraço lhe trouxesse uma paz e uma felicidade que nunca sentira. Bem-aventurados os que sofrem! Não somos bem-aventurados pelo sofrimento, pois não somos masoquistas nem sádicos. Somos felizes no sofrimento, quando um amor maior nos cobre e nos envolve. Essa é a importância de amarmos os que sofrem, para que percebam que também na dor eles podem ser felizes, não pela dor, mas pela acolhida que podem encontrar no sofrimento.

A mesma coisa com a fome. Não podemos dizer que a fome traz felicidade. Se passamos um dia sem comer, o estômago já se amarra, e ficamos desvairados. Imaginem se aquelas crianças de Biafra, cujas imagens chocaram o mundo, podem ser felizes em meio a tanta miséria e fome. Mas quando os Médicos sem Fronteira (*) deixam as comodidades de seus países ricos e vão lá para cuidar delas, elas serão felizes. Não pela fome, mas pela saciedade no amor. Podemos ter todos os alimentos, todas as riquezas, mas se faltar o amor, a infelicidade será gigantesca!

Já lhes falei de uma coluna que eu li numa revista e que me marcou muito. Falava do aniversário da filha da Xuxa. Uma criança pequenina numa sala cheia de presentes, e a jornalista comenta que, apesar de tudo, ela estava triste e infeliz. Ela percebera, numa intuição que só uma criança tem, que lhe faltava alguma coisa muito importante: o calor humano que a envolvesse independentemente dos interesses. Muitas daquelas pessoas não estavam ali por ela, mas pela Xuxa, pela artista. A criança estava de lado, e

isto ela percebe imediatamente: onde há ou não amor. Estava ali uma criança infeliz, na abundância e na riqueza.

Maria vem nos dizer isso também. Viveu uma vida extremamente despojada. Nem temos idéia de como era a vida naqueles idos dos primeiros séculos. Viviam em extrema pobreza e austeridade, numa casa com quarto e nada mais. Era uma mulher pobre, mas de uma felicidade gigantesca, pois se sabia imensamente amada, um amor que nenhum de nós conseguiu experimentar. Portanto, mais que ninguém, podemos dizer: bem-aventurada Maria, porque o amor de Deus a envolveu. Assim como soube disso e experimentou esse amor, pode nos cobrir com o mesmo amor. Também terá passado por grandes privações, com uma família numerosa, dificuldades climáticas e financeiras, mas terá sido feliz naquela vida de dificuldades e privações. Ela sabia que, na luta pela vida, podia contar com alguém maior, que era um tesouro infinito. Daí vinha sua alegria. Bem-aventurados os que têm fome, mas se sabem amados por Deus! Maria terá vivido uma vida desconhecida. Andava anônima pela sua cidade, mãe daquele *meninozinho* que, por sinal, já crescido, foi embora, deixando a mãe com o resto da família. Levou uma vida anódina, comum, rotineira. Podemos dizer que era uma mulher feliz? Era feliz, não pela vida que levava, mas pela consciência de ser amada por Deus, por ter recebido uma missão. E essa consciência todos nós podemos ter.

É doloroso ser perseguido, até mesmo em situações menores dentro de nossa própria comunidade: ciúmes, pequenas palavrinhas que nos ferem, nos macucam e que logo nos fazem querer largar a comunidade. Nesses momentos devemos lembrar-nos dessas bem-aventuranças, pois mesmos desentendidos, *descompreendidos*, com culpa ou sem culpa, Deus, Maria, Jesus continuam amando-nos e cercando-nos com a sua ternura infinita. É isso que nos faz felizes, e não a pobreza, as lágrimas, as perseguições, a fome. Não são as coisas materiais que podem nos amar, mas as pessoas que nos rodeiam, que participam de nossa vida, de nossas refeições. Se faltar uma palavra sussurrada nos nossos ouvidos, dizendo de como somos amados e importantes, nunca seremos felizes.

Mas todos nós sabemos que somos infinitamente amados por Deus, e mais felizes que Maria, porque também somos amados por ela. Por isso, nosso rosto nunca poderá estar fechado, seja qual for a situação, porque a única coisa que nunca faltará é o amor de Deus a cada um de nós.

Interessante que no evangelho previsto para o dia da festa, e que não foi lido, João coloca Maria na festa de Caná (**). E como diz o texto que foi lido, Maria também é colocada na cruz, aos pés de Cristo. Maria na festa e na dor! É essa que nos protege nos dias de festa e nos de dor, sempre ao nosso lado. Amém. (10.02.07/6º. domingo comum/ Festa de Nossa Senhora de Lourdes)

(*) organização humanitária internacional

(**) Jo 2, 1-12

SÓ O PERDÃO SALVA E RECONSTRÓI

(Lc 6, 27-38)

Esse evangelho muitas vezes foi entendido simplesmente como um conselho de Jesus, mas ele tem um papel muito importante na história da cultura. Hoje, mais do que nunca, ele se faz não apenas importante, mas, eu diria mesmo, necessário, porque o que Cristo quis quebrar foi a onda de violência. É impressionante ler uma página como essa neste momento histórico em que vivemos! Lá atrás, bem atrás, no Antigo Testamento, podemos ler uma passagem que diz que por um agravo se responderia com dez outros. Por um dano recebido, dez, cem outros seriam praticados. Lentamente, no próprio Antigo Testamento, foi-se descobrindo que, se a humanidade assim proceder, nos destruiremos radicalmente. Então, surge aquela máxima, indicando um grande equilíbrio: “olho por olho, dente por dente” – 1 X 1, o que já foi um grande avanço. Tão grande evolução, que os alemães nazistas não conseguiram atingi-la. Ouvi de muitos colegas alemães que por um soldado que fosse morto, dez civis do país adversário eram, arbitrariamente e aleatoriamente, fuzilados durante a segunda guerra mundial. Assim aconteceu também com os Estados Unidos: tiveram duas torres derrubadas, cerca de três mil pessoas morreram em Nova York (*), e já são centenas de milhares de mortos nas guerras americanas no Afeganistão e no Iraque, onde até Saddam Hussein foi enforcado. Onde estamos, se por um matam-se milhares, dois mil anos depois desse evangelho?

Já acreditávamos que “olho por olho” era um grande avanço, mas aí vem Jesus e eleva esse preceito às alturas, às quais nunca chegaremos. Ele diz para não nos vingarmos, mas perdoar, amar – “amai os vossos inimigos!”. Muitas vezes, vemos fatos com os quais muito podemos aprender, como este acontecido recentemente, de uma criança que foi arrastada por vários quilômetros, por um automóvel. Podemos aprender muito com ele. Eu vejo duas lições: uma negativa e outra positiva. A lição negativa vem da mídia, a terrível mídia, que aproveita o fato para açular o rancor, o ódio, a vingança, provocar no povo brasileiro o desejo da pena de morte. Os policiais sentem-se quase obrigados a executar mais e mais pessoas por um inocente que morre. É o lado perverso! Cada crime que se joga na grande imprensa açula a multidão para que se continue matando. Certamente, aqueles dois jovens serão assassinados na prisão. É só esperar os dias. Mas o mesmo fato nos fez ver duas cenas bonitas, tanto por parte da família da vítima, como da mãe dos assassinos. A família da criança morta não pediu vingança, mas justiça. Nada mais! Também a mãe dos dois assassinos foi mais longe ainda, e disse que preferia ser a mãe da criança morta do que a dos dois assassinos. Preferia assumir a dor da outra mãe, identificar-se com ela, ao invés de sentir a terrível dor de ter dois filhos, gerados no seu próprio ventre, transformarem-se em assassinos. Pelo menos há um lado bonito nessa tragédia! (**)

Nós tivemos também um fato bonito, aqui em Belo Horizonte. Um grande católico, já falecido, Edgar da Matta Machado, que chegou a ser Senador da República, teve seu filho torturado e morto em ações contra um grupo que protestava contra o governo militar. Era uma época em que começava a se romper a repressão mais forte, e a notícia *vazou* na imprensa. Então o corpo foi devolvido à família, em um caixão lacrado. Diante daquele que podia ser o corpo de seu filho, o pai diz em voz alta que perdoava o torturador que o matara.

Precisamos aprender a pensar, a refletir sobre a violência, para que não entremos na desmedida vingança, que não resolve nenhum problema. Não será a pena de morte ou a diminuição da idade penal que resolverá essa situação. De que adianta baixar a idade penal para dezesseis anos, se as crianças pequenas já estão vendo tantos filmes violentos, se no horário nobre elas veem tantos programas cheios de crimes e assassinatos? Até o Lula disse uma frase forte: que daqui a pouco estaremos punindo os fetos, para que não venham a ser assassinos. A solução não vai por aí, mas por uma reflexão serena, tranquila, profunda.

Cristo rompeu duas grandes correntes de violência. Uma com relação ao próprio Deus, pois os judeus entendiam, e ainda hoje muito católico pensa assim, que, se alguém comete uma falta, Deus pune. Portanto, é uma violência também, e Jesus quebra essa primeira onda, dizendo que Ele não pune, mas perdoador, porque é todo misericórdia. Jesus começa rompendo a violência celeste, a mesma que ainda domina em certos grupos fanáticos muçulmanos e também católicos, que ainda trazem a ideia da vingança, do castigo. A violência religiosa é das piores na história da humanidade, e ainda se cometem crimes e mais crimes em nome de Deus. Não sei se vocês se lembram de que, quando o presidente americano invocou Deus para fazer a guerra no Iraque, João Paulo II, ainda vivo, o advertiu para não invocar Deus para justificar uma guerra. Ele nunca pode ser invocado para uma violência.

Jesus quebrou essa violência, mas ainda restou a nossa violência humana, que também precisa ser quebrada. Se observarmos bem, veremos que há uma grande diferença entre a violência animal e a humana. O animal é violento em duas situações: quando tem fome e quando é provocado. Nenhum animal planeja invadir uma casa à noite. Ele apenas reage, quando provocado. É a violência animal, mas o homem é ainda mais violento, e isso é terrível! Somos piores, porque podemos planejar. Os assaltos são planejados, não são atos de animais, mas de inteligência. O ser humano se deixa agarrar por uma motivação tão forte, que é arrastado violentamente para a violência. Eu cheguei a pensar que o ser humano estava regredindo a seu estado animal, mas acho que estou errado, pois o animal não chegaria a fazer o que estamos assistindo: o homem colocando a inteligência em função da violência. E violência acaba gerando mais e mais violência. Nos países onde há pena de morte, os crimes não diminuíram. É uma grande ilusão *idiótica*, porque apenas açula os instintos de violência.

Jesus viu tudo isso e disse que só há um caminho: é através do perdão que poderemos reconstituir o tecido brasileiro. É um tecido que está esgarçado, rasgado, e precisamos reconstruí-lo através do trabalho constante, diário, com as nossas crianças. Enquanto não houver perdão, a violência continuará. Por isso, a exigência do Senhor é muito difícil e pesada. Nada de vingança, de ódio, principalmente, nos seus primeiros anos de vida! Nossas crianças estão sendo educadas para a violência e, depois, estranhamos. Pais e mães se esquecem de envolvê-las, de cobri-las de carinho, de ternura, de silêncio, de amor, não deixando que se estraguem com esses programas que já criam nelas o ódio prematuro, que explodirá na adolescência. Uma criança de treze anos assaltando a mão armada não pode ser culpada. É criança demais para já ser criminoso! Será que não fomos nós que a forjamos criminalmente?

Toca a todos nós a responsabilidade de modificar a sociedade, se quisermos que ela caminhe. Quando Jesus lançou esse *programa*, já havia percebido que o ódio determinava. Podemos ver cenas na sua vida concreta. Quiseram apedrejar a adúltera, porque assim mandava a lei de Moisés, e o próprio Jesus disse que atirasse a primeira pedra quem não tivesse pecado. Não era um pecadinho qualquer, mas o adultério, e todos aqueles homens eram adúlteros, pois nenhum teve coragem de atirar pedra alguma. Se todos eram adúlteros, por que queriam castigar apenas a mulher? Com seu olhar forte, Jesus salvou-a pelo perdão: se ninguém a condenara, também Ele não a condenaria.

Jesus terminou também com a violência da própria compreensão de Deus, e nós continuamos dizendo às crianças que Ele castiga. Continuamos a falar em pecados mortais e veniais, como se Deus tivesse uma balança para medir os nossos pecados. Jesus vem quebrar essa violência associada a Deus e em nós: perdoai, amai os vossos inimigos, pois só assim construiremos uma sociedade diferente. Amém. (18.02.07/7º. domingo comum)

(*) referência aos atentados ocorridos em Nova York, em 11.09.01

(**) referência ao assassinato do garoto João Hélio, ocorrido no Rio de Janeiro

ESTRELAS FALAM DE DEUS ***(Mt 6, 1-6.16-18)***

Essa é a famosa trilogia do Antigo Testamento que Jesus retoma. É aquilo que nos prepara e nos faz mais maduros para a vida e para a história: oração, esmola e jejum. Sempre tomamos esse texto no início da quaresma, e nos perguntamos: o que é quaresma? Palavra difícil e rara, que vem de um longo vocábulo latino: quadragésima. Como o português engole metade das letras, de quadragésima restou quaresma. Quadragésima significa quarenta em latim, que nos remete aos quarenta anos em que o povo de Israel atravessou o deserto. Quarenta anos para sair da escravidão até chegarem à Palestina. Também Jesus esteve no deserto por quarenta dias. Esse número quarenta é simbólico, um número bonito que fala de plenitude, mas também fala de deserto. Deserto e quaresma são duas realidades que batem muito bem.

Comecei dizendo que quaresma é tempo da esmola, da oração e do jejum. E que relação haverá entre deserto e esmola? Num deserto não posso dar esmola a ninguém, pois só encontro areia e mais areia. Mas vamos tentar entender. Quando estamos num deserto sem um ponto de referência, nos perdemos, ficamos girando num mesmo lugar. Precisamos de um rumo, de uma seta que indique o caminho. Como não há seta, precisamos nos orientar por duas coisas: pelas estrelas no céu e pelo nascer e pôr do sol. Daí teremos norte, leste, e saberemos a direção. Mas o que tem a ver a esmola com os astros? A esmola é a expressão do amor, da caridade, daquilo que damos para os outros, quando saímos de nós mesmos. Só conseguiremos encontrar o norte de nossa vida, só conseguiremos entender o nascente e caminhar para o poente de nossa vida, se tivermos amor. Só consegue amar quem tem norte, quem tem direção. E o que mais norteia e orienta a nossa vida é o amor. No oriente, está o sol que nasce. E quando realmente amamos, a chegada do esposo, do namorado, é como o sol que nasce. Quando o ser humano fala do amor, fala de luz, de um sol que nasce e vai caminhando para o ocidente, para o poente, quando dormiremos. E o amor só dorme na eternidade. Enquanto vivermos, o amor é o sol que vai caminhando e atravessando para o ponto em que nos encontramos no deserto da vida, da história, da existência. Precisamos do amor e da esmola para nos orientarmos.

Quem conhece o deserto, quem um dia passou uma noite num deserto saberá que o céu no deserto não é essa coisa horrorosa que vemos nas nossas cidades, com apenas borrões de estrelas, coisinhas pequenas. São estrelas fortes num céu muito mais azul, que nos deixará fascinados. Só aí entendemos e imaginamos a grandeza de Deus, e então podemos rezar.

Um famoso jovem, chamado Ernest Psichari, neto de Renan, um dos maiores filósofos e enciclopedista francês que viveu no século XVIII, vivia na *gandaia*, de carnaval em carnaval, sem quaresma. De repente, se enche de Paris

e vai para o deserto, na África, onde numa noite, olhando para as estrelas ao longe, ele viu os muçulmanos rezarem a Alá. Aquela prece atravessou o deserto e chegou aos ouvidos daquele jovem rico, de família nobre, estudante da Sorbonne de Paris. Ele começa a rezar e muda a sua vida. A estrela fala de Deus, e o deserto é o lugar da oração e do encontro com Deus.

Deserto também é lugar de jejum, onde não encontramos flores, nem frutos, onde João Batista comeu mel silvestre e gafanhotos imensos. Deserto nos fala de austeridade. É a beleza de nossa quaresma: beleza das estrelas, o norte que nos orienta e o jejum que doma o nosso corpo, nos faz mais fortes, mais abertos para os outros. Jejum não tem a finalidade de fazer mal ao estômago, não é para sentir fome não. Fome não é nada bom, basta perguntarmos aos pobres, para sabermos como é horrível. O jejum é uma maneira de eu olhar para mim e saber que sou dono do meu corpo, que o meu corpo não manda em mim. É uma maneira de saber que somos senhores, somos consciência, somos liberdade, somos capazes de orientar nosso corpo como quisermos. Não corremos atrás de um osso como os cachorros, ou como o gado que procura o pasto, mas somos capazes de nos dominar serenamente. Este é o sentido do jejum: o domínio sobre nós mesmos, sobre as nossas paixões, as nossas raivas, os nossos egoísmos. Esse é o verdadeiro jejum, que nos torna senhores. Conversava com um policial que esteve trabalhando durante o carnaval, e ele me dizia das brigas. O jejum é justamente o contrário: é não beber demais, não brigar, não entrar na violência.

Portanto, quaresma é o chamado para o amor, para a oração, para o convívio. Amém. (21.02.07/quarta-feira de cinzas)

TENTAÇÃO É UMA REALIDADE DIÁRIA E CONTÍNUA (Lc 4, 1-13)

Vocês já ouviram centenas de vezes esse evangelho, e acho que já está suficientemente claro, depois de tantos comentários que faço durante a leitura. Primeiramente, é preciso lembrar que ele é um tecido e não um fato histórico. Portanto, Jesus não foi para o deserto, não ficou quarenta dias sem comer, porque senão teria morrido. Qualquer um que ficar quarenta dias sem comer e não tomar soro, morre. Então, é simbólico. Não aparece nenhum demônio como uma pessoa física, como não aparece para nós também. Portanto, é uma descrição belíssima, cheia de simbolismo, que nos atinge hoje, desde que mergulhemos no sentido real e profundo.

Quarenta dias. Durante quarenta dias choveu no dilúvio, por quarenta anos os judeus atravessaram o deserto, quarenta dias Jesus esteve no deserto, quarenta dias entre a ressurreição e a ascensão de Jesus. Uma coisa que talvez vocês não saibam, porque mudamos muito culturalmente: para o judeu, quando o homem chegava aos quarenta anos, considerava que a sua vida estava completa. Naquela época, quarenta anos fechavam toda uma vida. Eles achavam que, com quarenta anos, o homem já teria um filho para continuar sua missão. Portanto, quarenta anos significa toda uma vida. Mesmo que sejam vinte, sessenta ou oitenta anos, pois o próprio Jesus não viveu quarenta anos. O que Lucas quer dizer é que Jesus foi tentado durante toda a vida. Até na cruz, Ele foi tentado pelos soldados que o desafiavam a descer, para que acreditassem nele. Todos nós somos tentados até o último instante. A tentação é uma realidade que atravessa a vida, não apenas um momento. Não é o fato de o demônio nos encontrar numa esquina e nos tentar numa festa, num carnaval, num jogo de futebol. Nada disso! A tentação atravessa toda a nossa vida.

As tentações de Jesus também são simbólicas. Reparem bem e poderão entender a força desse evangelho. As três tentações querem fazer com que Jesus use um poder seu em benefício próprio. Ele podia fazer milagres, mas não os fazia para si. Era o senhor de todas as coisas, mas essas coisas não deveriam ser usadas para o seu próprio benefício. Jesus veio para dizer-nos a coisa mais difícil, que até hoje não aprendemos e é elementar para a felicidade humana, não para a santidade: o ser humano só pode ser feliz, quando é capaz de sair de si e abrir-se para o outro. Quando passo no vestibular, não é para mim, mas para que amanhã, formado, bem estudado, coloque a minha ciência, a minha cultura, a serviço das pessoas.

Cito sempre aquele exemplo tão lindo daquele cientista americano, Sabin (*), que dedicou toda a sua vida para que uma vacina pudesse evitar que milhares e milhões de crianças do mundo ficassem paralíticas. Que coisa linda! Usou seu talento, sua capacidade, suas horas infindas nos laboratórios, não para ser

famoso e glorificado, mas para vir ao Brasil e vacinar crianças nas favelas. Ele fez isso! Como era grande a sua alegria ao ver aquelas crianças sabendo que elas não seriam mais ameaçadas pela doença, por causa de sua dedicação, de sua inteligência, da força de sua pesquisa. Comparem com outro cientista, que fez a fissura no átomo para fabricar a bomba atômica que seria jogada em Hiroshima e Nagasaki, matando seiscentas mil pessoas. Esse homem terminou a vida numa noite escura. Sua consciência o atormentou até a morte, pois a sua pesquisa foi para a morte.

Jesus não poderia usar os seus talentos para satisfazer a sua fome, mas para satisfazer as nossas fomes. Ele não veio para ser senhor do mundo, para ter todas as coisas, pois nenhuma delas poderia lhe trazer felicidade como nenhuma coisa pode nos trazer felicidade se não recebermos um olhar de carinho, um toque de amor, um abraço de felicidade. O abraço em pessoas que têm muito dinheiro, muitas vezes, é o abraço a uma bolsa de onde se pode retirar dólares, não um abraço que toca o coração. Como é bonito quando a pessoa se entrega, se dá, quando ela ama, quando tem alguma coisa de si para doar às pessoas que com ela convivem!

Para dizer isso, Lucas inventou, formulou, desenhou essas três tentações: pão, poder e glória – as coisas que mais queremos. O povo de Israel passou fome no deserto, gemeu e chorou até vir o maná do céu para alimentá-lo. No horizonte de Jesus estava o poder de Deus que poderia fazer o alimento aparecer quando Ele quisesse, e por que não o fez? Ele multiplicou pães para uma multidão, mas se fosse apenas para si, seria tentação. Transformar pedra em pão para satisfazer a sua fome seria tentação. Multiplicar pães para a multidão é graça. Percebam a diferença: quando temos os nossos talentos e os usamos apenas para nós é como transformar pedra em pão, mas quando eles são colocados a serviço dos outros é multiplicação dos pães. Escolham multiplicar seus talentos ou ficar fechado, amarrado em si mesmo, se alimentando das pedras transformadas em pão. Quando conseguirmos partir, dividir os nossos pães, aí estaremos multiplicando, e a nossa alegria será muito maior.

“Eu te darei todas as coisas!”... – que tentação maravilhosa! É a tentação da fila da megassena. Todos querem subir ao *podium* da glória, ter poder sobre os outros, possuir as coisas para ser poderoso, grandioso, para que todos o aclamem. Se celebrássemos o *minimozinho* sequer desse mistério da vida de Jesus, nos transformaríamos e não teríamos rostos tão tristes. Ainda outro dia, lia um livro de um fantástico jornalista francês: Jean-Claude Guillebauld, em que ele diz que cinco por cento da humanidade – que são os americanos – consomem mais de cinquenta por cento de psicotrópicos – esses remédios para tranquilizar as pessoas – fabricados no mundo. É a felicidade do país mais rico do mundo, em que as pessoas vivem felizes, desde que tomem muito remédio. No dia em que só pudermos construir a nossa felicidade à base de medicina é porque, interiormente, já não existe a felicidade humana, o dom de si, a entrega de si na gratuidade.

A última tentação é a mais fantástica e tipicamente pós-moderna. É a tentação da aparência: Jesus no pináculo do Templo, voando como um *batman*. Ele resiste: “não tentarás o Senhor teu Deus!”. Vivemos num mundo terrível de uma aparência! Precisamos buscar a transparência do nosso ser, da nossa interioridade, daquilo que existe no mais profundo de nós.

É nessa linha que vão as tentações que Jesus sofreu e venceu, não expulsando demônios, mas perdoando a mulher adúltera, acolhendo as crianças, ajudando quem estava ao seu lado, entregando a si mesmo, sofrendo, suando sangue, e derramando-o até o último instante. Não fez um gesto sequer para prolongar um minuto a mais em sua vida. Morreu de câimbra, de hemorragia, como qualquer ser humano, no momento em que o corpo esgotou suas possibilidades de existir. Ele só quis que tudo o que era e tudo o que tinha fosse para nós. Só quem é capaz de tudo isso pode nos passar algo tão sério. Amém. (24.02.07/1º. domingo da quaresma)

(*) Albert Sabin, cientista judeu-americano, inventor da vacina oral contra a poliomielite.

TRANSFIGURAR É IR ALÉM DA FIGURA **(Lc 9, 28b-36)**

Essa passagem é extremamente simbólica e pedagógica: *pais + agogein*, isto é, que conduz a comunidade. É também muito importante para a nossa vida cristã, se levarmos em conta que não é um fato histórico da vida de Jesus. É como se escrevêssemos perguntando: como é que a nossa comunidade vai reagir, como vamos viver a experiência de Jesus? No centro de tudo está a sua figura, tão conhecida dos apóstolos. Muitos o conheceram jovem, adolescente; outros, já adulto. O evangelista sabe que um dia eles irão encontrar um Jesus desfigurado – esse é o problema todo. O mesmo Jesus que tinha uma aparência simples e normal, simpática e agradável, que vivia com eles, dormindo, conversando, passeando, era o Jesus humano, como qualquer pessoa. Mas um dia – talvez um ou dois anos à frente – seria totalmente desfigurado pela paixão, pela coroa de espinhos, pela flagelação, pelo sangue, pela crucifixão, pelas zombarias. Era possível que os apóstolos não suportassem a desfigura de Jesus. Aí o evangelista, didaticamente, coloca essa passagem como para dizer que eles não se assustassem. Abre uma cena nova, levanta um pouco a cortina, para que eles vejam além, e transfigura Jesus – figura/desfigura/transfigura.

Eles precisavam saber que além da desfiguração havia coisa muito mais bonita, muito mais profunda, porque as desfigurações em nossa vida nos machucam muito, nos causam dor, nos fazem desanimar, se não temos nenhuma transfiguração na memória. Enquanto Jesus viveu entre os homens, Ele se configurou na nossa maneira de existir – figura/configura/desfigura – e mostrou apenas um pouquinho do que seria a transfiguração. Por isso, os evangelistas trazem para colocar ao lado de Jesus dois símbolos fundamentais do Antigo Testamento: Moisés, a Lei e Elias, o Profeta! A Lei cruza com a Profecia! Aponta para o que existe como norma, como regra. A profecia vai mais longe: denuncia o erro e anuncia a vitória. Todo esse jogo o evangelista coloca diante dos três apóstolos, símbolos de toda a comunidade. Pedro, o grande apóstolo da Igreja hierárquica; João, a Igreja mais carismática, e Tiago, o apóstolo da fidelidade. Os apóstolos foram bem escolhidos, assim como as duas figuras, além da transfiguração colocada entre a figura e a desfigura de Jesus.

Olhemos para a nossa vida. Quantas situações *desfigurantes* vivemos?! Quantas vezes convivemos com pessoas cuja figura conhecemos e que, de repente, se desfiguram diante de nós, pela corrupção, pela decadência?! Às vezes, conhecemos um jovem simpático, alegre, festivo e, inesperadamente, ele mergulha no terrível mundo das drogas, do sexo desvairado, e a sua figura se desfigura radicalmente. Se não acreditarmos que existe para ele a chance de uma transfiguração, nosso primeiro movimento será rechaçá-lo definitivamente. Mas acreditamos que a pior figura que possa existir aqui na Terra, mesmo a

peessoa mais desfigurada, terá sempre a chance da transfiguração. Um dia, ela poderá ser refeita, reestruturada, *refigurada* através da força, da graça, do amor das pessoas. É isso que nos anima a viver, a existir, a falar aos jovens de hoje, que não raro se perdem. Às vezes, achamos que não há mais esperança. Sempre haverá esperança!

Por isso, esse evangelho é bonito, porque, quando os apóstolos estiveram com Jesus desfigurado, não perderam toda a esperança, pois sonhavam com a transfiguração que, de fato, veio com a ressurreição. Eles viram e experimentaram, enquanto nós poderemos atravessar um túnel mais escuro, porque muitas transfigurações não poderemos ver. Quantos pais veem seus filhos desfigurados e, talvez, morram na noite escura, sem ver as transfigurações que o evangelho afirma que existem?! Há esperança para todos os seres humanos, pois a transfiguração de Jesus é símbolo e marco para todas as nossas transfigurações.

Quando, na nossa vida, conseguimos experimentar pequenas transfigurações, isso nos anima mais ainda, como quando acontece de alguém, que vimos quebrado, se reerguer. Como eu, que conheci um jovem quebrado, desfeito, saindo do túnel escuro das drogas e, de repente, ele começa a se reconstruir, e eu pude ver a sua transfiguração! Como isso reacende a nossa esperança! Transfigurações são os momentos bonitos da vida, quando tudo fica claro, como Jesus no alto da montanha, quando o rosto irradia alegria. Esses momentos são importantes, e precisamos guardá-los na memória para quando outra onda nos abater. São essas transfigurações que acontecem agora que nos fazem pensar que outras serão possíveis. Deus faz isso acontecer em todos os lugares. Não houve momento na história em que não acontecessem grandes conversões. Pessoas loucas, desanimadas, que depois viveram momentos de grande lucidez. A luz iluminou-lhes o rosto, e elas se transfiguraram.

Lembremos de Raissa e Jacques Maritain (*), que chegaram a fazer um pacto de suicídio, porque não encontravam sentido na vida. Depois, ela galgou os degraus mais altos da mística, perdendo-se em Deus numa profundidade gigantesca – uma verdadeira santa. Também ele, depois de viver desvairado, desanimado, quase desistindo, de repente, se encontra e morre como santo. Deus vai-nos mostrando que as transfigurações existem na história, e que podemos apostar nelas, porque a graça do Senhor é maior do que as nossas fraquezas.

A vida humana não é um passar *em brancas nuvens*, não é navegar em um lago sereno, mas é esse contraste, esse jogo de alegria e tristeza, de fé e dúvida, de amores e vinganças. Se não semearmos e não colhermos experiências que nos alimentem, como poderemos viver? Aí se nota a diferença de quem tem fé. A fé é exatamente essa luz *transfigurante* que não nos abandonará nos momentos mais difíceis da nossa vida. Haverá momentos em que as academias, as maquiagens e todas as outras belezas não servirão para nada, e só restará a profundidade da fé. Aí não seremos cabides de *grifes*, mas teremos interioridade, que só é marcada profundamente, quando a nossa consciência se faz presente a si mesmo, e nessa

presença descobrimos o mistério profundo de Deus, que nunca nos deixará.

Transfiguração são momentos de profundas experiências, para que, nos momentos de desfiguração, suportemos o peso da existência, sem desânimo nem desespero. Amém. (03.03.07/2º. domingo da quaresma)

(*) filósofo francês e sua esposa, falecidos em 1960 e 1973, respectivamente.

O AMOR DE DEUS É FOGO QUE NÃO SE CONSUME (Ex 3, 1-8a. 13-15/Lc 13, 1-9)

A primeira leitura é tão bonita, que sinto necessidade de fazer um pequeno comentário. É a parábola, a metáfora de nossa vida, ainda que pensemos que é a história do povo de Israel.

Moisés vai ao Monte Horeb, que é o mesmo Monte Sinai. Vai à montanha, que, para Israel, é o lugar da tentação, mas também da intimidade com Deus. É o silêncio de quando desligamos a televisão, o rádio e entramos no quarto; então, estamos no *monte Horeb* que existe em cada uma de nossas casas. Mas, certamente, não no momento em que as televisões estão gritando, as motos passando em alta velocidade. Aí todos os *horebs* desaparecem. O Sinai está em nossa casa! É o monte da Lei, da Torah, dos relâmpagos e tempestades. Aí Moisés vê uma sarça que arde sem se consumir. A única realidade que arde sem se consumir é um Deus que ama, é o amor de Deus, que está sempre a arder e nunca se consome. Portanto, podemos jogar a água que quisermos: a água do nosso desprezo, do nosso silêncio, da nossa indiferença. A sarça continuará ardendo, ao contrário dos amores humanos, que ardem na paixão e depois de alguns anos só restarão cinzas e nada mais.

Moisés ouve uma voz, indicando que estava próximo do sagrado. As suas sandálias, como as nossas, carregam poeira, pois pisam nas ruas, em tantos lugares contaminados. Como Moisés poderia entrar com elas no santuário? Como podemos nos aproximar de Deus carregados da poeira de nossa futilidade, do vazio, da falta de sentido? Com tudo isso, nada poderemos encontrar em Deus, porque projetaremos nele o nosso vazio terrível, e Ele nos aparecerá também vazio, mesmo que a sarça continue ardendo. Moisés tira a sandália. E nós? Será que tiramos as nossas sandálias para encontrar o Senhor?

A parábola continua: a voz que quer libertar o povo da escravidão. É claro que o povo somos nós. Como já falei em outras ocasiões, quarenta anos eles vão passar no deserto, quando toda uma geração morre. Isto é, nós morremos continuamente para alcançarmos a Terra Prometida. Ninguém chegará à Terra Prometida sem antes morrer. Quarenta anos significam a nossa história. Pode-se ter noventa anos, que serão quarenta anos bíblicos. Quarenta é um número simbólico: não é preciso toda uma geração morrer para se chegar à plenitude. Nós só chegaremos à plenitude passando pela porta da morte. É bonito demais!

Pensando se tratar de um dos muitos deuses que havia naquela época, Moisés pergunta: “Como chamas?”. Javé responde ser o Deus de Abraão, Isaac, Jacó, o Deus dos vivos. Ele não é um Deus dos mortos. Podemos dizer que é o Deus dos nossos pais, dos nossos avós, da nossa família, de nossa cultura, de todos os nossos antepassados. Esse é o nosso Deus, aquele que atravessa todas as nossas tradições, toda a nossa história. Uma das coisas mais sérias das gerações

de hoje é que as crianças não recebem mais esse Deus. Muitas vezes, os pais têm vergonha de falar dele, ou mesmo não sabem o que falar. O catecismo da infância foi soterrado e ficou apenas o vazio. Acabam não sabendo mais quem é Deus. As crianças e os jovens ficam sem Deus, porque não têm pai, mãe ou avós que lhes falem dele.

Mas não basta falar do Deus das nossas tradições. Isso ainda é pequeno, e Ele mesmo dá uma maravilhosa definição, de uma profundidade fantástica: “Eu sou aquele que sou!”. Nós não somos aquilo que somos. Somos fingidos, enganamos, mentimos, vivemos de aparências, somos maquiados, vestidos de tantas coisas que não são nós mesmos: queremos ostentar cargos e carros que não são nós. Talvez se nos despíssemos daquilo que não somos, viveríamos bem mais leves.

Deus é quem estará com o povo de Israel em todos os momentos da história, mesmo na morte, no fracasso, na traição. Saber que Ele é nosso Deus em qualquer situação é fantástico! Podemos nos debandar por aí afora, mas teremos sempre a certeza de que esse Deus é nosso Deus e de que podemos voltar quando quisermos. Ele estará ali, pois é o que é. Ele não desaparece, não acaba. É a sarça ardente que nunca se consome. Que metáfora linda! Ele não se acaba, e se Deus não se acaba, o seu amor também não se acaba. Se o seu amor não se acaba, em qualquer momento, poderemos voltar para Ele.

Pais, não desanimem jamais com os seus filhos, por mais perdidos que estejam na história da humanidade! Deus sempre estará ardendo de amor por eles, por aquele casal em que um mata e depois suicida, por aquele rapaz envolvido na droga. Podem voltar a qualquer hora. Podem sair, que Ele continuará dentro de cada um de vocês.

Sobre o evangelho, vou falar apenas umas poucas palavras. Ele vem corrigir um preconceito que até hoje existe. Sempre achamos que Deus nos castigou, quando nos acontece qualquer desgraça, ou que tinha mesmo que acontecer, por obra do destino. Será que Deus está sempre nos punindo? Isso está metido na imaginação das pessoas, como se Deus estivesse sempre nos cobrando. Ele não cobra nada! O amor não pode cobrar. Quando cobramos do esposo, da esposa, dos filhos, dos pais, é porque não amamos. O amor é pura gratuidade. Se Deus é pura gratuidade, nunca cobrará nada de ninguém, e nada é nada. Nunca nos esvaziará, pois é sarça ardente que arde sempre. É isso que Jesus está nos dizendo. Se caiu a torre de Siloé, como caiu o andaime aqui na Soeicom (*), não foi nenhum castigo ou punição, mas erro de cálculos humanos. Se fizermos uma curva a cento e oitenta quilômetros por hora, e o carro cair no abismo, não será castigo, mas uma simples lei da física. Tiremos Deus das desgraças humanas! Deus só está olhando para nós e torcendo para que tudo dê certo, para que nunca aconteça um assalto. Mas se acontecer, Ele estará ao nosso lado, ajudando, dando-nos força, animando-nos.

O evangelho de hoje fala de esperança, de consolo, da paciência de tomar aquela figueira e cultivá-la sempre, por mais um ano, que não é 2007, mas todos os que ainda virão. Vejam-se nessa figueira! Os anos virão até o dia em que fecharmos os olhos. Só então não haverá mais chance. Para Deus, os números não existem, assim como os dias e as datas, porque o seu amor não tem calendário. Ele não tem tempo, não conhece anos, porque é eterno e infinito. Nós somos essa figueira que o amor de Deus sempre espera, e a quaresma é o momento bonito de regá-la e adubá-la Amém. (10.03.07/3º. domingo da quaresma)

(* referências a um acidente ocorrido, naquela ocasião, na fábrica de cimento Soecom

DEUS SEMPRE ESPERA ***(Lc 15, 1-3. 11-32)***

Esse evangelho é tão bonito, que nem precisa ser comentado, mas há pormenores finíssimos sobre os quais eu gostaria de chamar a atenção. O texto fala apenas de um homem e seus dois filhos, a mãe não aparece. Precisamos compreender isso dentro da cultura judaica, que valorizava apenas a figura masculina e assim imaginava Deus.

É pena que nos cansamos da bondade de Deus! Pena que nós nos acostumamos com a misericórdia de Deus, como se Ele fosse um qualquer, que podemos escolher se lhe damos ou não atenção. Não temos a mínima ideia da grandeza, do infinito desse Deus, soberano absoluto, criador e senhor de todas as coisas, que podia ser um juiz terrível, mas não quis sê-lo. Quis ser apenas bondade, apenas misericórdia. E como Jesus era o único que tinha essa experiência do Pai, pôde contar-nos essa parábola, essa história. Só Ele pôde traduzir a experiência que trazia dentro do próprio coração. Nós somos como esse filho mais velho, desligado, frio e sem amor. Queremos um reconhecimento, já que fizemos tudo, enquanto tantos não fizeram nada. Somos incapazes de reconhecer o outro como irmão. Somos esse filho mais velho que não teve coragem de olhar para a dor e o sofrimento daquele irmão que voltava de uma vida perdida, mas que se reencontrava diante de um pai que o amou infinita e incondicionalmente. Reparem que esse filho mais velho se refere àquele que voltava apenas como filho do seu pai e não como seu irmão.

Vejam o jogo maravilhoso de Lucas: diante do filho que escolhe partir, o pai fica imóvel, não se opõe e o deixa ir, levando o dinheiro pedido. Não fala nada, não se comove, mas o seu olhar ia longe, acompanhando os passos joviais e saltitantes do filho, nos caminhos e descaminhos do vício, do pecado, da prostituição, das farras. Enquanto isso, o pai continua calado, à espera. Não saiu atrás do filho, não mandou ninguém buscá-lo. Apenas esperou, como espera tantos de nós. Só Ele pode esperar, parado e silencioso. Os pais da Terra não conseguem esperar tanto.

Agora vem a mudança fantástica: quando o filho desponta no horizonte, é como se o coração lhe saltasse pela boca, e ele corre para encontrá-lo, sem sequer esperar que se aproxime. Já não é mais o homem parado, aquele que deixa o filho ir. O seu amor é tão grande, que cada minuto, cada segundo parecia uma eternidade. Nem sequer esperou a confissão do filho, acolhe-o entusiasticamente e, como diz o evangelho, cobre-o de beijos efusivos e lhe devolve todos os sinais de vida e dignidade: sandália, anel, veste, comida. Se ele vivera a grande fome, agora teria o grande banquete. Se vocês, jovens, reconhecessem a fome que passam longe de Deus e o banquete que está sempre à sua espera, nunca se afastariam dele. Pensam que o alimento de fora é o que sacia, mas esse sempre acaba, e virá a grande fome. Reparem no jogo do evangelho. A festa acaba logo, e vem a grande fome. Depois de ele ter gastado todo o dinheiro em comilança e

bebedeira, vem a grande fome: fome de Deus, de sentido, de saúde, de beleza, de dignidade, de vida. Mas resta a memória, e é nisso que eu aposto e acredito.

Quando vejo tantos jovens perdidos, a minha esperança é a memória: na casa do meu pai, ninguém passa fome. Se ele não tivesse tido nem pai e nem casa, não teria do que se lembrar. Aqueles que não experimentaram o amor, dificilmente conseguirão sair do lodaçal da existência. Por isso, pais, avós, é importante que passem para seus filhos e netos, ao menos uma vez, a beleza, a bondade, a pureza, a transparência, o amor, para que, se algum dia se encontrarem enlameados, quando virem o seu corpo desfigurado pelos vícios, pelo pecado, eles sejam acordados pela memória e se lembrem que na casa do seu pai nenhum empregado está naquele estado. Essa lembrança lhe dará ânimo de voltar. A vontade de voltar é a única esperança. Sabemos que as portas para a saída são muitas, mas, para a volta, são mais raras, mas é nela que apostamos. Quantas vezes, na minha vida de conselheiro, ouvi pessoas que se reencontraram, se reconstruíram, se recriaram, porque um dia se sentiram amadas! Essa é uma marca que fica, pois a memória não é a faculdade de esquecer, mas de recordar as experiências bonitas de nossa vida. As únicas coisas que ficam são as lindas memórias da existência: o amor do pai, da mãe, dos irmãos, dos amigos. Nas noites escuras, quando a morte bate sobre nós, fechamos os olhos, e as luzes do passado se acendem e nos iluminam. Mas, se não houve lâmpadas, continuaremos no escuro.

O filho volta, porque pode voltar, tem para onde voltar. Quem fica não melhora, não sai da escravidão. Ele volta, como todos nós podemos voltar, para a casa do pai de sempre. Se algum dia vocês, jovens, estiverem perdidos, saibam que podem sempre voltar. Aqui existe beleza, existe um Deus que ama, que acolhe. Essa é a única esperança diante de tanta juventude perdida, que fará aflorar a verdade de cada um, pois não conseguimos mentir para nós mesmos. Nenhuma feiura interior pode se esconder atrás de maquilagens e corpos *sarados*.

Existe uma pintura maravilhosa, de um pintor do século XVII – Rembrandt – que está lá na Rússia, num museu maravilhoso. Procurem no *Google* (*), e poderão ver a figura maravilhosa de um pai circunspecto, e poderão se encantar com a capacidade de um artista em colocar tanta ternura naquele rosto. E um pormenor ainda mais bonito, é que o filho que tem a cabeça enterrada no colo do pai é acolhido por duas mãos: uma grosseira e calosa de um homem, que aperta o filho, e outra, fina e delicada de uma mãe, que o acaricia. Rembrandt não aceitou que Deus fosse só homem, mas pai e mãe. É com essas duas mãos que o filho é acolhido. Isto é Deus: com a mão de pai Ele nos aproxima, com a mão de mãe Ele nos toca. O filho mais velho está de lado – uma triste figura. É bom, bem comportado, mas tem o coração pequeno, medíocre, incapaz de amar, de perdoar. É como o católico bonzinho, regular. Não se entusiasma com o irmão que volta, não participa do banquete maravilhoso do pai, e ainda reclama de não ter um cabritinho para comer fora com os amigos. Que levemos conosco esta perguntinha para refletirmos em casa: será que, um dia sequer, em minha vida,

experimentei esse amor incondicional de Deus? Amém. (13.03.2010/4º.domingo da quaresma)

(* site de busca da Internet

DENTRO DE CADA UM DE NÓS EXISTE O INFINITO (Is 43,16-21/Fl 3,8-14/Jo 8, 1-11)

Esse evangelho tem dois níveis de leitura. Um imediato, transparente, que talvez nos toque mais diretamente: Jesus acolhe uma pecadora, quebrada na honra, na dignidade, o que para Ele era simples, porque veio para isso. Era-lhe natural acolher as pessoas que vinham a Ele ou lhe eram trazidas numa situação de doença, de fragilidade ou de pecado, como era o caso.

João, porém, quer trabalhar mais profundamente. Reparem que ele leva Jesus até o Monte das Oliveiras. Claro que isso não é gratuito, porque lá é o lugar onde Ele se encontra com o Pai, em que faz a experiência profunda do amor de Deus e, de certa maneira, se abastece de uma experiência divina. Ele precisava disso, porque iria enfrentar uma situação culturalmente nova, e para isso eu quero chamar a atenção. Ele desce ao Templo! Imaginem se estivéssemos aqui neste momento, e alguém agarrasse uma prostituta, jogando-a aos pés do altar, e perguntasse o que Deus tinha a dizer a uma pecadora diante do Santíssimo Sacramento. Certamente pediríamos que ela fosse retirada daqui, pois era indigna de ficar nesta igreja. Assim pensaríamos, mas Jesus pensou e fez diferente, chocando a todos. Fingiu que não entendeu nada, que não se dirigiam a Ele e começou a escrever no chão, com toda a serenidade, impassível, apesar de ter sido interpelado diretamente. Reparem bem que os homens o chamam de Mestre, enquanto a mulher vai chamá-lo de Senhor. Tudo é muito bem pensado por João. Todos querem questionar a Jesus como mestre, testá-lo como conhecedor das escrituras, como aquele que segue as leis de Moisés. Dizem claramente que Moisés mandava condenar aquela mulher, querendo saber o que Jesus teria a dizer. Seria Ele maior que Moisés? Teria coragem de contrariar a sua lei? Jesus tinha estado antes com Javé, e eles não sabiam disso. Conheciam um Javé ainda muito atrasado, de coração duro e fechado, enquanto Jesus tivera uma experiência recente com Ele, abastecendo-se com uma água nova e cristalina. Assim, Ele pode dizer que eles não entendiam nada de Javé, nada da lei de Moisés. Diz aquela frase que, muitas vezes, atenuamos bastante, mas, pelo contexto cultural, parece que era muito mais forte. O texto diz: “aquele que não tem pecado...”, mas provavelmente a palavra pecado foi colocada em lugar de adultério – qualquer um de vocês, que trouxeram essa mulher, se não for adúltero, jogue a primeira pedra. E todos o eram – isso é o terrível! Vem aí a crítica cultural de Jesus: naquela época, nenhum homem era condenado, apenas a mulher. Os homens podiam cometer o adultério que quisessem, pois não havia lei nenhuma contra eles. Mas se fosse a mulher a adúltera, seria apedrejada. O direito só existia para o homem! Jesus modifica a concepção da relação homem/mulher – um avanço que nem Moisés percebera. Ele vê essa injustiça social e cultural, esse peso terrível de tradições machistas, que funciona até hoje em

nosso país, sobretudo nesse nosso estado mineiro, em que o machismo ainda é forte. Jesus se indigna contra isso, adverte-os e provoca-os.

No momento em que se viram desmascarados, saem todos, e Jesus fica sozinho com a mulher. Mais um pormenor de João: Jesus se levanta. Não vai falar com a mulher assentado, mas de pé, pois, estando de pé, pode também levantá-la, transformá-la, purificá-la. Todo o seu passado é apagado. Repararam que, hoje, as duas leituras anteriores falam que não devemos olhar para o passado, pois o perdão de Deus destroi totalmente o passado de pecado? Jesus diz à mulher que ela deveria esquecer o passado, pois, a partir daquele momento, era nova, digna e poderia caminhar de cabeça erguida, enquanto aqueles homens saíam cabisbaixos, envergonhados. Que ela caminhasse, enfrentando a história e qualquer situação, para transformar a sociedade. É uma revolução que as feministas tão tarde perceberam. Quando Jesus lhe disse que fosse em paz, a graça do Espírito penetrou o seu coração, e ela se levantou livre e purificada.

Olhando para este Brasil, sabemos que ainda existe a prostituição. Não me refiro ao aspecto sexual, que é o mais combatido. A prostituição é degradante também em seu aspecto social. Talvez nem a própria mulher tenha percebido que ela se vende como coisa, que se destroi. Não é questão de buscar ou não o prazer. Jesus não era nenhum moralista ou puritano. O que Ele não suportava é que as pessoas fossem desprezadas, que uma classe, uma etnia, um gênero dominasse o outro. Para Ele, todos nós participamos de uma igualdade radical, e é isso que Ele veio trazer. E saibam que os Direitos Humanos, que um dia chegaram até a ONU (*), nasceram com o cristianismo. Fomos nós, cristãos, que os semeamos, e ainda estamos longe de realizá-los. Ainda é o poder, a dominação que imperam. Se um país é forte, se tem armas nucleares, invade outros. O pecado de invadir o Iraque com bombas e o de prostituir uma mulher é o mesmo. Nas duas situações, pessoas são tratadas como coisas, e nenhum ser humano é coisa, pois carrega em si o infinito. Jesus vai trabalhar também com a criança no mesmo nível, pois também elas eram desprezadas naquela sociedade. Ele vai dizer que também elas eram símbolos do Reino. É Jesus se colocando sempre ao lado do oprimido, do excluído.

O evangelho de hoje é revolucionário. Estamos longe de fazer acontecer, pois somos ainda muito atrasados. Ainda imaginamos que existem pessoas que devem ser tratadas como coisas. Se as prostitutas descobrissem a sua dignidade, talvez não existisse tanta pobreza, tanto desprezo, tantos pais horrorosos, tantos homens indignos que as jogam fora, levando-as ao desprezo de si mesmas. Elas não descobriram ainda que dentro delas está o mistério do amor de Deus. Amém. (25.03.2007/5º. domingo da quaresma)

(*) Organização das Nações Unidas

O DEUS QUE SE ENTREGA (Lc 22, 14-23.56)

Nós estamos habituados a ouvir essa leitura de longa data e, por isso, nosso coração fica um pouco insensível. Também essa narração, de certa maneira, está um pouco embelezada, porque a cena foi muito mais rude do que podemos imaginar. Hoje, depois de muitas pesquisas históricas e bastante sérias sobre a época de Jesus e sobre a sua condenação, temos muito mais informações. Essa é uma narração bastante posterior, de cristãos devotos que colocaram pormenores mais suaves, para não chocar as comunidades, tão violenta era essa espécie de morte.

Até nisso Jesus não quis ser diferente. Imaginamos que a sua crucifixão foi uma coisa rara, mas agora já sabemos que, naquela época, milhares de judeus e também pessoas de outras nacionalidades não romanas foram crucificadas. Toda rebelião, todo pequeno movimento que chamamos hoje de greve, era reprimido pelos romanos com a crucifixão. Eles não toleravam nenhuma revolta. Era um castigo tremendamente violento! Se realmente é um fato histórico, podemos dizer que Jesus foi até mesmo privilegiado, porque o costume era crucificar as pessoas bem próximas ao chão. Não se usavam cruzes bonitas, levantadas, mas ao rés do chão. Também as crucificavam totalmente nuas e não permitiam que os corpos fossem retirados. Usavam colinas que cercavam as cidades, para que os lobos e cães ferozes devorassem as vítimas, que sequer eram enterrados. De tão terrível, não podemos imaginar. Portanto, se a narração do evangelho é histórica, é muito delicada, pois Jesus teve um túmulo novo, foi envolvido em panos, o que não acontecia aos demais, que simplesmente eram comidos pelas feras. Jesus aceitou também isso, embora muito privilegiado em relação aos outros crucificados.

É bom sabermos disso, pois muitas vezes glorificamos o sofrimento como se fosse o mais importante. Mesmo na recente história do Brasil, na época do regime militar, eu mesmo conheci e conheço jovens, hoje já senhores, que foram barbaramente torturados, a ponto de não serem reconhecidos pelos colegas, tão desfigurados ficaram. Também os nazistas chegavam a encher um vagão de crianças para serem torturadas e mortas. Portanto, essa desumanidade sempre existiu e ainda existe, como podemos ver pelas notícias que nos vêm pela televisão e jornais. Jesus quis fazer parte desse submundo. Isso é o terrível! Ele quis conhecer o que havia de mais baixo na história humana. Não quis ser apenas o Filho de Deus, glorioso, que caminhou sobre as águas, como imagina nossa fantasia. Foi arrancado da vida, estraçalhado, coroadado de espinhos, zombado, humilhado, cuspidado, esbofeteado. Por esse lado, é como os homens de sua época.

O que há de novo, então? Por que estamos aqui reunidos? Por que colocamos uma cruz, se foi como tantos outros crucificados? Porque o significado de sua morte foi diferente. Aí está a sua originalidade. Ele não foi arrancado como um qualquer, não foi crucificado como esses dois subversivos, que chamamos de bom e mau ladrão. Quando foi agarrado, torturado e condenado, quis anunciar

duas coisas, e esse foi o seu mistério. Quis anunciar que Deus mostra o seu amor mesmo nas situações mais terríveis. Lá embaixo, naquele *porão*, Ele olhava para o Pai e sabia que era amado ali, para nos mostrar que, se um dia estivermos também lá, poderemos ter a certeza de que Deus também nos ama. Pode ser que nos aconteça como com tantos milhares de brasileiros que um dia estiveram no submundo da tortura, que estão nos cárceres, mulheres que são traídas pelos maridos, pessoas no submundo da depressão, jovens metidos nas drogas. Jesus olha e diz que o Pai as ama aí. Essa é a sua originalidade, para nos mostrar que nunca devemos desanimar, abaixar a cabeça, nos entregar à depressão. Devemos ter a certeza de que somos envolvidos por um amor maior, porque aquele que foi o mais amado de todos também esteve lá embaixo.

Jesus não quis viver apenas de banquete em banquete, *andando de iate pelos mares ou viajando de boeing*. Quis viver o cotidiano no que tinha de mais trágico, para nos animar, nos dar esperança, para dizer que Deus nos ama. Tudo isso Ele fez, porque se entregou por nós, porque amava a humanidade inteira, até mesmo os carrascos que o crucificaram e torturaram. Amava Herodes, amava Pilatos. Apenas amava! Não deixou de amar ninguém, apesar de ser tratado daquela maneira. Ele se nos deu a nós, para que nos entregássemos aos outros. Como é difícil amar as pessoas, sair de si! Estamos tão egoístas, pensamos tanto em nós mesmos, nos nossos bens, nos nossos interesses que tudo é nosso, nosso, nosso e é difícil sair disso. Jesus quis nos mostrar que era capaz de sair de si, se dar a nós para nos mostrar que, tocando o nosso coração em profundidade, também seríamos capazes de, pelo menos, levantar os olhos e olhar para a dor do outro. Quem dera fôssemos capazes de não passar à margem, fechando a cara aos pobres e miseráveis, aos bêbados e prostitutas como se eles não existissem, como se fossem rebotinho da plebe. Quantas vezes não somos capazes de olhar e ver as pessoas, principalmente quando estão desfiguradas! Quantas vezes achamos que os marginalizados deveriam ser mortos! Jesus quer nos dizer que mesmo esses devem ser vencidos pelo amor. Até o último instante devemos tentar. Só se eles quiserem e naquele último segundo de vida se fecharem, aí sim, nem Deus nada mais pode fazer. Mas até o último instante em que o coração ainda bater e os neurônios ainda funcionarem, Deus estará à espera do sim de qualquer um de nós. Seja de um Hitler ou de um Stálin, Deus sempre estará à espera. Desses não sabemos se o sim veio ou não, mas temos a certeza de que Ele esperou até o último instante. Amém. (01.04.07/Domingo de Ramos)

GRANDES DORES E GRANDES AMORES SE ENCONTRAM

Mais uma vez, estamos aqui nesta praça, para este momento que nos toca em profundidade, que é o encontro do Senhor dos Passos e a Virgem das Dores.

Santo Agostinho disse uma vez que os grandes amores e as grandes dores transformam o mundo. Estamos aqui diante de duas pessoas – Jesus e Maria – que experimentaram, nesses dias dolorosos da paixão, o que é uma grande dor e o que é um grande amor.

Meditemos um pouco o que é esse grande amor do Senhor, esse grande amor da Senhora, essa grande dor do Senhor, essa grande dor da Senhora. O Senhor tem um amor enorme, imenso. Na epístola aos Filipenses, São Paulo disse que Ele poderia andar entre nós de uma maneira divina, poderia ter descido do céu como os pagãos imaginaram ser próprio dos filhos de seus deuses: faria uma espécie de grande piquenique, voltando depois para o céu, simplesmente passeando pela Terra de forma esplendorosa, como aquele Deus do Sinai, fazendo reluzir até mesmo os olhos de quem o visse. São Paulo continua dizendo que Ele renunciou a essa maneira divina de caminhar entre nós e escolheu a maneira mais simples: aparece com a veste do escravo, do menor. Nós sabemos, pela história, que, para os romanos, aqueles que morriam na cruz eram escravos. Um cidadão, até mesmo um soldado romano, nunca era crucificado. Se condenado à morte, seria degolado. Jesus não era cidadão romano, não era importante e, como escravo, foi crucificado. Por que terá escolhido essa maneira tão humana de viver? Por que quis viver tão próximo de nós? Uma pergunta que nenhum de nós sabe responder, pois só o amor responde. Os grandes amores transformam as realidades. Jesus teve para conosco, seres humanos, um grande amor, demonstrado aos homens de sua época e também a nós.

Muitas vezes, em nossa vida, a dor, o sofrimento nos bate, vivemos momentos difíceis. É nessas horas que o Senhor, caminhando para a cruz, mostrando o seu imenso amor, nos consola, porque nenhum amor humano consegue chegar lá embaixo, lá no mais profundo de nós, em nossos momentos difíceis, sobretudo quando passamos por situações bem próximas da morte. Para os doentes terminais, para aqueles que se submetem a cirurgias difíceis, para aquelas pessoas mais prolectas, mais próximas do limiar da eternidade, a grande força é o amor do Senhor, pois é Ele quem nos amou até o extremo. João, quando quis resumir tudo, disse esta frase bonita: “*Consumatum est!*”, isto é, o seu amor é tão grande, que já não é possível crescer e, por não poder ser maior, morre. Um teólogo francês disse que nós, seres humanos, falamos muito do amor, as novelas só falam e mostram cenas de amor, os jovens vivem se escrevendo bilhetes de amor, mas, quando deparamos com o maior amor do mundo, quando ele nos aparece de maneira fulgurante na pessoa de Jesus, não suportamos o amor e o

matamos. Observem que as pessoas que demonstram mais amor são as que mais nos tocam, e muitas vezes as rejeitamos. Ainda outro dia, um senhor veio me dizer do grande amor que sente pela filha de sua esposa. Ele se queixava dessa enteada não amá-lo, apesar de todos os esforços que faz para conquistá-la. Como é grande o sofrimento desse homem, que apenas queria sentir um pouco de amor numa família da qual queria fazer parte. O ser humano é terrível! Parece que, ao se encontrar diante do amor, só procura rejeitá-lo. Diante do Senhor dos Passos, que caminha para a morte, é preciso nos perguntar se conseguimos corresponder a tanto amor que Ele teve para conosco e se conseguimos cumprir o mandamento que nos propôs de amar ao nosso semelhante.

Numa passagem do evangelho, em que Ele aparece como juiz universal, Mateus imagina um imenso vale, onde estão reunidos todos os povos. Ele olha para as pessoas, dizendo: “quando eu tive sede, me destes de beber; quando eu tive fome, me destes de comer; quando estive nu, me vestistes; quando estive preso ou doente, viestes me visitar”. Tudo isso fizemos quando acolhemos o menor, por mais humilde que fosse. Naquele momento de necessidade, o fizemos ao próprio Jesus. Que coisa fantástica! O Senhor se identifica com todas as pessoas que recebem o nosso afeto, o nosso carinho, o nosso amor.

Também Maria teve um grande amor. “Faze tudo o que Ele mandar!” – foi o que ela disse àqueles homens em Caná. Maria orienta o amor para Jesus. Ela não pensa em si, não quer ser o centro do amor. Naquela festa, todo o amor era para Jesus. No Calvário, ela se esconde, e quem se eleva é Jesus. Na vida pública, ela quase não aparece, mas sustenta seu Filho com amor silencioso de mãe – o amor mais lindo que pode existir na história humana. Ela o teve para Jesus, e num momento de generosidade, na cruz, Ele vai entregá-la a nós, através de João. A partir daquele momento, ela sentiu como que a obrigação de nos amar como filhos. Que honra para nós sermos um Jesus para Maria! E que vergonha sentimos, às vezes, de estarmos tão longe de Jesus! Apesar disso, Maria continua nos olhando como filhos. Hoje à noite, quando forem para a cama, pensem nesta realidade: que Maria nos ama como amou a Jesus, apesar de todas as nossas fraquezas. Os grandes amores transformam o mundo!

Se os grandes amores transformam o mundo, as grandes dores também. Nenhum de nós defende a dor, muito menos a deseja. As dores físicas tendem a diminuir, pois hoje já conhecemos tantos remédios e outros recursos médicos para atenuá-la. A humanidade está conseguindo uma vitória enorme sobre as dores físicas. Comparem com os antigos, como sofriam! É terrível lembrar como as pessoas sofriam fisicamente! A medicina avançou e já nos cobre com um véu quase indolor. Mas não há medicina ou psicologia que possa curar as dores profundas do nosso coração. São justamente essas que transformam as realidades. A dor de Maria diante de seu Filho caminhando para a cruz não podia ser diminuída por nenhum remédio. As mães que vão visitar seus filhos nos presídios olham impotentes para aquelas grades, sabendo que atrás delas está

um filho seu. Elas podem tomar o remédio que quiserem, que a dor continuará profunda em seus corações. Nenhuma dor jamais será arrancada, enquanto estivermos na condição humana. Mas Jesus e Maria estão aí, para se colocarem ao nosso lado diante das nossas próprias dores.

As pessoas sempre perguntam a razão de Deus permitir o sofrimento. Penso que, se não tivéssemos dores e sofrimentos, não amaríamos. Se Deus retirasse a dor, e a vida fosse um puro sorriso, uma constante festa, talvez não fôssemos mais humanos. Pois o que nos torna humanos é justamente esse flexionar entre as dores e sofrimentos, para que o amor possa despertar em cada um de nós. Uma famosa escritora imaginou um romance de apenas um personagem, que recebia o dom da imortalidade e do não-sofrimento. Passam-se anos, séculos, apenas gozo e alegria, e aquele personagem chega à conclusão de que, sendo imortal, nunca conseguira amar. Todas as pessoas que passavam por ele iriam morrer, enquanto ele continuaria buscando outros amores sem nunca se colocar inteiro para uma única pessoa. Esse é um romance, mas é também a nossa história. A dor faz parte do amor, e Jesus, juntamente com Maria, quis mostrar isso de forma radical, fazendo com que o amor deles se manifestasse através da dor, se fundindo numa única realidade.

Neste ano, a Igreja colocou a Amazônia como horizonte da nossa Campanha da Fraternidade (*). Será que essas considerações sobre dores e amores têm algo a ver com a Amazônia? A Igreja não fez essa escolha apenas pelas árvores, pelos rios, pela beleza ecológica da Amazônia. Ela está muito preocupada com os habitantes daquela região, a começar pelos nativos, os próprios índios, depois os migrantes que lá vivem em condições muito difíceis. Eles sofrem muito e são vítimas de muitas dores e muita exploração. Olhando hoje para a distante Amazônia, mas também para as nossas pequenas amazônias, podemos perceber que muitas pessoas sofrem a opressão e a dominação e são vítimas de outros poderes: das mineradoras, das madeireiras, dos exploradores da biodiversidade. Há uma terrível exploração na Amazônia que faz doer o coração de Deus: o sofrimento dos seres humanos, de brasileiros que poderiam se beneficiar de tanta riqueza que Ele nos deu. Como brasileiros, somos responsáveis e não podemos deixar que essa realidade se estrague, porque é uma responsabilidade de todos nós.

Olhando para o Senhor que caminha para a morte e para a Virgem que o acompanha, peçamos a Deus para que nós, brasileiros, sejamos capazes de cumprir o nosso dever de respeito à humanidade. As grandes dores, os grandes amores transformam a realidade. A dor da Amazônia e o amor por ela farão com que nós, brasileiros, responsáveis, conscientes da Campanha da Fraternidade, façamos com que, onde houver um pouquinho de Amazônia em qualquer parte do nosso país, aí estará a nossa responsabilidade pela natureza, símbolo do dom de Deus à humanidade. Amém. (04.04.07/Procissão do Encontro)

(*) referência ao tema da Campanha da Fraternidade 2007, “Por uma terra sem males”

O SENHOR DESPE A TÚNICA ***(Ex 12, 1-8. 11-14/1Cor 11, 23-26/Jo 13, 1-15)***

Numa noite de quinta-feira como hoje, Jesus, com seus apóstolos, passou a sua última noite na história humana. Nunca mais voltaria a viver daquela maneira, com seu corpo físico. Nunca mais veria um nascer ou pôr-do-sol. Era o último dia da vida humana de Jesus. Jovem, aos trinta e poucos anos, ninguém poderia imaginar que, dentro de poucas horas, estaria preso a uma cruz, esvaindo-se em sangue, morrendo por nós. Nós celebramos tudo isso nesta noite. É uma noite única, tão importante quanto a de sábado, porque já antecipamos o que vamos celebrar ali. Aquilo que será o corpo físico de Jesus na cruz de sexta-feira, assim como o corpo glorioso que nos alegrará na noite de sábado, celebramos agora nos sinais, no pão e no vinho. Ele antecipou sua morte através do sinal. Por isso, a festa de hoje adquire um sentido enorme, e as três leituras são fantásticas.

A primeira coloca o grande quadro em que Jesus vai entregar sua vida. Ele não nasceu no início da humanidade, tinha atrás de si uma enorme história. Estava inserido dentro de um povo que conheceu a escravidão, o cordeiro, a aliança, a libertação. Esse conjunto todo Jesus retoma agora num momento só. Recordando Israel, recordamos que éramos escravos, os apóstolos eram escravos ainda, toda a humanidade ainda era escrava no *egito* do pecado, de todas as dominações, tantos *egitos* que nós temos, sejam pessoais, sociais ou políticos. As dominações ainda continuam. Mas um cordeiro simbolizou a saída daquele povo. Depois veio o momento maravilhoso da aliança do povo de Israel com Javé – “tu será o meu povo e eu serei o teu Deus para sempre!”. Javé continua olhando para toda a humanidade, representada pelo povo de Israel. Tudo isso no Antigo Testamento. Bastaria isso de beleza, mas parece que Deus achou pouco essa aliança maravilhosa com a humanidade através de um cordeiro animal. Ele quis que alguém mais importante, alguém que fosse a expressão máxima do seu amor, viesse selar essa aliança. Esse alguém se chama Jesus Cristo!

Na segunda leitura, Paulo nos recorda como os cristãos celebravam a eucaristia com o pão e o vinho, como nós hoje. Portanto, desde o começo do cristianismo, os cristãos achavam que, reunindo-se ao redor do pão e do vinho, poderiam recordar, de uma maneira muito mais bonita, a morte de Jesus e a promessa de que Ele estaria no nosso meio. Isso acontece agora: o pão e o vinho estão aqui, nós estamos aqui, e o Senhor está aqui. Que coisa fantástica saber que o Senhor está aqui! Foi Ele que nos reuniu. Quando iniciamos a missa, chamo sempre a atenção para que tomem consciência: em nome de quem nos reunimos? É a Trindade que nos reúne, nos congrega. É em nome dela que aqui estamos. O Senhor Jesus, o Filho Unigênito, feito homem, feito carne é quem nos congrega. Pensamos que deixamos nossa casa, porque quisemos. Mas nós deixamos a nossa casa, porque alguém mexeu o nosso coração por dentro e nos trouxe, e

esse alguém se chama Trindade, onde está o Filho, cuja memória celebramos.

O evangelho é bellissimo, eu diria que é um texto de muitos movimentos. Tomando a última ceia nos textos de Marcos, Mateus e Lucas, não encontraremos o lava-pés, mas a instituição da eucaristia. João fez uma substituição, de certa maneira, escandalosa, chocante. Ele não fala na instituição da eucaristia, mas coloca no seu lugar, o lava-pés. Será que o lava-pés é tão importante quanto a instituição da eucaristia? Sim e não. Sim! Reparem os verbos que João usou nesse evangelho. São de um simbolismo maravilhoso – “Ele sabia que tinha chegado a hora de partir para o Pai!”. Voltemos ao grande êxodo do povo de Israel no deserto. Agora Ele faz o êxodo para o Pai, enquanto nós fazemos o êxodo para a participação. Em latim, a palavra é bonita – *trans+ire* – ir além. Jesus vai além para chegar ao Pai, o povo de Israel foi além dos *egitos* para a Terra Prometida, e nós viemos das nossas casas além para chegarmos a este mistério da eucaristia. Esse é o grande trânsito, o maior que existe, que é a passagem para a vida que nós celebramos aqui.

João diz que Jesus sabia, e eu gostaria de chamar a atenção para o verbo saber. Em português, podemos saber de duas maneiras. Todos fazemos esta experiência de tirar uma folhinha do calendário e saber que dia é hoje. Esse é o saber/conhecer. Mas quando acordamos e vamos à mesa do café, encontramos delícias preparadas com amor, talvez comemorando alguma data especial, também aí sabemos. Não o saber com a cabeça, mas saber pela experiência. Esse é o sentido que João quer nos passar. Jesus sabia que iria partir para o Pai, apesar de ter apenas trinta e poucos anos. Sabia que sua morte estava próxima, que estavam tramando contra Ele, que um dos apóstolos o trairia. Esse é um saber doloroso. É o saber da experiência, o saber da dor. Nessa ceia, Jesus viveu uma variedade de sentimentos, e João nos diz que Ele amou os seus até o extremo. Logo depois, Satanás entrou em Judas, e daí a paixão, que, em português, também tem dois sentidos: a paixão do amor pela humanidade, e a paixão por saber que um dos seus iria traí-lo. Isso Ele sabia pelo sentimento.

João continua com mais um movimento. Novamente, sabendo que vinha do Pai e voltava para o Pai, Ele, o Mestre, tira a túnica e deixa de ser mestre, cinge-se com a toalha do escravo, ajoelha-se diante dos apóstolos e lava-lhes os pés. O Senhor se move até a escravidão para ensinar a nós, Igreja, o que não aprendemos até hoje, porque é tão difícil aprender: que todo o poder na Igreja é para servir e lavar os pés dos outros e não para glorificar-nos. Como é difícil se despir da túnica! Mas Ele se despe e se torna o escravo dos escravos. Os discípulos representavam o povo de Israel saindo da escravidão do Egito, e Ele lava o pé de cada um deles. Reparem no jogo maravilhoso de João: quando diz que Ele sabia que vinha do Pai e ia para o Pai, quando toma consciência de sua origem e de seu destino, Ele despe a túnica, veste a roupa do escravo e lava os pés dos discípulos. E vem o mais bonito ainda: volta e, novamente, veste a túnica. Volta a ser mestre e ensina: “assim como vos lavei os pés, lavai os pés uns dos outros!”. Lavai os

pés dos velhos que estão nos asilos – é a coisa mais evangélica que podemos fazer. Nesse evangelho, João brinca conosco, mostrando as maravilhas de Jesus.

Jesus não poderia ser morto de qualquer jeito, não poderia ser preso como qualquer assassino, sua vida não poderia perder o sentido. Ele quis dar um significado para a sua morte, entregando-se para a humanidade. Ele deu a sua vida para que nós nos déssemos aos outros. Este é o sentido mais profundo da eucaristia: recebemos o dom do Senhor não para nós, mas para vencer o nosso egoísmo e nos abrir para os outros. Isso é a eucaristia. Todas as vezes que recebermos o Senhor e sairmos desta igreja, levaremos a missão de comunicar alguma coisa nossa aos nossos irmãos. Nesse momento, estaremos vivendo o mistério da eucaristia. Amém. (05.04.07/quinta-feira santa)

UM DEUS PRÓXIMO DE NOSSAS DORES

(Jo 18,01-19.42)

A leitura da paixão segundo João, como é próprio desse evangelista, está cheia de profundos sinais e símbolos do mistério de Jesus. Vou escolher duas expressões bem pequeninas que Pilatos usou para apresentar Jesus à multidão: “Eis o Homem!” e “Eis o vosso Rei!”.

Quando Pilatos diz “Eis o Homem!”, talvez a palavra portuguesa não nos dê a profundidade das línguas originais. Ele não se refere ao homem no sentido de varão, que seria *vir* em latim, mas a *homo*, para dizer da humanidade desse Homem. A palavra *homo* quer significar que Pilatos mostra Jesus no que tinha de mais humano, pois Ele era acusado justamente de se dizer Filho de Deus. Pilatos quis dizer que era óbvio que Ele mentia, pois era humano demais para ser Deus. Como poderiam levar isso a sério? Como aquele Homem poderia ser Filho de Deus, machucado, com uma coroa de espinhos, com um manto vermelho que significava vergonha, desprezo?! Ele desfêz do Homem, e nesse momento Pilatos foi muito mais profeta do que poderia imaginar!

Pilatos não era tão bonzinho como aparece no evangelho, mas um cético, um homem sanguinário, violento, que já havia massacrado muitos judeus. Era uma pessoa absolutamente insensível, que desprezava radicalmente aquele povo. Jesus era mais um aborrecimento para ele. Quando o encontra, não consegue perceber nada. Para ele, era apenas um homem comum e nada mais. Aí está o mistério de Jesus: mostrar o seu divino no extremo da humanidade.

Os pagãos gostavam e acreditavam em muitos filhos de Deus que passeavam esplendorosos pela Terra e depois voltavam para o céu. De repente, trazem esse Homem nessa situação, e Pilatos diz que Ele não tinha nada de Filho de Deus. Esta é a maior revelação de Deus: assumiu a humanidade lá de baixo. Não começou por cima, pelo poder, mas pela humildade, pela humilhação. Gosto muito de repetir um hino anterior a São Paulo, que ele assume na sua carta aos Filipenses: Ele, o Filho, que poderia andar no nosso meio de maneira divina, esvaziou-se, aniquilou-se, deixou toda a manifestação divina e assumiu a forma concreta do escravo. Nesse momento, Ele mostrou para nós quem é Deus. Nunca poderíamos imaginar que Deus fosse assim. Até hoje temos medo dele, até hoje pensamos que Deus é um ser perigoso. Jesus vem para um povo que vivia oprimido exatamente pela força da religião, principalmente os pobres, aqueles que não podiam cumprir bem as leis, aqueles miseráveis, doentes, que se vestiam mal, todos os desprezados, portanto, jogados fora da lei. Jesus vem e vai recolher um por um. É lindo ver isso! Ele vai colhendo o que há de pior na humanidade. Busca o paraplégico, a prostituta, o cego, o endemoniado. Esse era o seu povo! Não escolhia, não foi a palácios, não buscou os herodianos, os que rodeavam Pilatos, não foi a Roma ou a Atenas. Buscou os mais desprezíveis e nisso mostrou que era Deus. É algo tão fantástico que podemos passar anos meditando e nunca entenderemos. Como Deus desceu tão baixo para começar a nos levantar?

Muitas vezes, estamos tristes, abatidos e até interpelamos Deus: como foi acontecer isso comigo? Por que meu filho morreu? Por que meu marido é tão ruim? Por que essa mulher não me alegra? Por que o meu filho entrou na droga? São tantas perguntas que fazemos a Deus! Lembrem-se sempre por onde Deus começou. Não começou pelos sadios, bonitos, os que frequentavam as academias, os perfumados. Foi buscar os rebotalhos da plebe e os foi colecionando, chamando-os, agrupando-os. Ai Pilatos diz: *ecce homo!* – eis o Homem! Diante disso, nenhum de nós pode mais interpelar a Deus: por que me aconteceu isso? Como Ele pode evitar alguma coisa se está lá embaixo, se está bem próximo de nós, bem colado à nossa miséria?

Ecce rex vester – Eis o vosso Rei! Esse Homem, nesse estado de humanidade, é o nosso Rei, o nosso Salvador. Hoje, mais uma vez, vamos ouvir o canto da Verônica, que vai nos dizer isto: “Senhor nosso, Salvador nosso”. É a dor de ver o Senhor nosso – *dominus noster*. A palavra **senhor** é muito gasta em português, usamos até como pronome interpelativo. *Dominus* é a tradução latina da palavra grega *Kyrios* que, por sua vez, é tradução de Javé – o nome que os judeus não pronunciavam. Portanto, quando dizemos que Jesus é o nosso Senhor, o nosso Rei, estamos dizendo que Ele pertence a esse mundo esplendoroso da divindade. Ele veio do Pai e assumiu essa humanidade tão baixa. É esse contraste que João coloca diante de nossos olhos. Ao mesmo tempo em que Pilatos apresenta o *homo*, apresenta também o *rex*, que vai estar pregado na cruz.

Saiamos dessa igreja hoje convencidos de que recebemos o maior presente da história. Todos os outros não são nada diante do fato de recebermos um Deus tão próximo de nós, que assume a nossa dor, a nossa tristeza até o seu extremo. Amém. (06.04.07/ Celebração da Paixão e Morte de Jesus)

O PROFETA DA ETERNA FELICIDADE

Assistimos a essa encenação. Agora, com os olhos da fantasia, imaginemos o mundo inteiro como um grande palco. Os astronautas que olharam para a Terra de suas naves espaciais disseram que ela é azul e acharam-na bonita. Jesus, na cruz, olhando para a Terra, diria que ela é vermelha como a cor do sangue com que iria cobri-la; como a cor do manto, não aquele feio e rasgado que os soldados colocaram sobre Ele, mas o manto da sua misericórdia. Foi esse sangue que redimiu e salvou todos os homens e mulheres que viveram antes dele, no tempo dele e todos nós que viemos depois. Esse manto cobre toda a Terra e sobre ele queremos hoje refletir.

Na meditação do encontro, falávamos dos grandes amores e das grandes dores. Hoje vamos percorrer o corpo do Senhor, esse corpo que desceu ao mais profundo sofrimento. Nós sabemos que Ele, exaltado, estava sendo adorado, mas a adoração e a contemplação são só o início. Não podemos nunca parar na adoração e na contemplação. Ele quer muito mais de nós. Quer que consigamos contemplá-lo e adorá-lo, para depois segui-lo. Contemplar o quê? Seguir a quem?

Olhemos para a cabeça do Senhor coroada de espinhos! Essa cabeça na qual Ele forjou e pensou o imenso projeto de salvação. O projeto que Deus Pai, com Ele na eternidade, já imaginava para todos nós e que foi construindo a cada dia de sua vida. Desde a infância, aquele Menino, que no Templo discutiu com os doutores, que lhes falou que o projeto de Deus não era rígido e pesado como pensavam, mas sim de bondade e misericórdia. Assim essa cabeça ia pensando. Podemos imaginar que o cérebro de Jesus funcionava vinte e quatro horas. Mesmo quando dormia, sonhava os sonhos que o Pai tinha para nós: sonhos de misericórdia, de bondade, de perdão, para que a nossa vida fosse diferente. A sua cabeça pensou o grande projeto de felicidade para os homens. Ele viu e percebeu como, no seu tempo, as pessoas eram infelizes e, com isso, sofreu muito. Percebeu que os pobres e doentes, os hansenianos, que chamamos de leprosos, eram segregados e expulsos da sociedade. Ele ia chamando-os, acolhendo-os, curando-os para integrá-los, trazendo-os para o convívio de todos. Também hoje existem os hansenianos, não físicos, mas todos os que rejeitamos e expulsamos. Não sei se repararam uma foto que apresenta as crianças da África: fracas, magérrimas, mamando nos seios desfeitos das mães. Essas são segregadas e expulsas do nosso mundo. Jesus, já na cruz, com dificuldade até de respirar, olhou para esta humanidade e fez esse imenso projeto de salvação.

Olhemos para o seu braço direito! Com a mão direita, Ele perdoou tantas vezes! É o braço que depois a Igreja quis comunicar a todos nós, sacerdotes, e, nesta semana santa, nós, padres, o estendemos sobre tantas cabeças como sinal do perdão. O nosso braço não é nosso, mas prolongamento do braço do Senhor. O poder não é nosso, mas dele, que nos deu o poder de perdoar pecados, como bem disse o fariseu: só Deus pode perdoar pecados. Quem dera pudéssemos procurar

no mistério, no corpo de Jesus e ver com os olhos físicos como os pecados eram perdoados! Quem dera pudéssemos ouvir de sua boca que os nossos pecados estão perdoados! Mas esse poder Ele quis deixar através do tempo, da sua Igreja, a todos os ministros que um dia recebessem o ministério da ordem, para que traçassem sobre as pessoas, consolando-as e aliviando-as, para que pudessem voltar tranquilas para casa. Quantas vezes vocês sentiram esse braço do Senhor traçar sobre suas cabeças o perdão e a misericórdia?!

Também o braço esquerdo não é aquele desastrado por não ter astro, aquele que não serve para nada. Para Jesus, o braço esquerdo foi também o braço da misericórdia, porque Ele abraçava com os dois braços. Quantas vezes Ele abraçou e acolheu os pecadores de sua época e continua nos abraçando ao longo da história? E quando é que recebemos o abraço do Senhor? No abraço da paz, durante a missa, nós nos abraçamos: é o abraço do Senhor. Todas as vezes que uma mãe acolhe o seu filho que volta arrependido de uma alguma aventura equivocada é o abraço do Senhor. Todas as vezes que esposo e esposa se abraçam no amor, esse amor que gera a vida, é o abraço do Senhor. Em infinitos abraços encontramos o Senhor, porque Jesus é o grande profeta da felicidade. A felicidade passa pelo nosso corpo, pelos nossos abraços, pelos nossos carinhos, pela pureza dos nossos olhares. E Ele mesmo nos ensinou que só assim seremos felizes.

Seus pés, que percorreram o chão de sua época, quando não havia os meios de comunicação que temos hoje, eram pés carnaís que palmilharam a Terra Santa: Galiléia, Samaria, Judéia. Subiam, desciam, iam às alturas de Jerusalém, desciam às profundezas de Jericó. Em cada caminhada pregava, ensinava a salvação, o amor, o perdão de Deus. Jesus foi um andarilho. Impressionante, se observarmos bem o evangelho, vamos perceber as infinitas vezes em que Ele está passando. Um pormenor muito bonito é que Ele escolheu os apóstolos andando. Passava, chamava um e outro. Diante do telônio, viu Levi, chamou-o e depois lhe deu o nome de Mateus. À beira-mar, viu os pescadores consertando redes, chamou-os. Era João, era Tiago, era Pedro, era André. Assim ia chamando um a um, sempre andando. Com os seus pés, ia passando e recolhendo. Quem sabe o Senhor não passará diante dos jovens de hoje, olhará seus olhos e lhes chamará para ouvir a sua voz?! Ele continua querendo chamar novos discípulos, novos sacerdotes, novos servidores. Nesta praça podem estar tantos servidores do Senhor! Quem sabe Ele poderá chamar qualquer um de vocês. O ministério continua. Nós, padres, passamos, o tempo passa, novas gerações vêm. São dois mil anos de ministério, dois mil anos de apóstolos que se sucedem, dois mil anos do passar de Jesus. Ele nunca deixou de caminhar. Agostinho dizia que tinha medo daquele Jesus que passava e ele não percebia. Não tenhamos medo, porque Ele chama com coragem e vamos ouvi-lo, vamos perceber o seu passo.

Olhemos para Ele, todo inteiro: cabeça, braços, mãos, pés. Juntos, com o coração de Maria, um último olhar de contemplação. Contemplemos para seguir

o Príncipe, o profeta da felicidade, da entrega de si, o profeta do amor! Nosso irmão, papa Bento XVI, escreveu uma encíclica sobre o amor “*Deus caritas est*”. Quando era um jovem teólogo, sem nem imaginar que chegaria a este cargo de papa, num de seus livros, chamado *Introdução ao Cristianismo*, escreveu três frasezinhas muito bonitas, que gostaria de deixar como última palavra nesta noite. Falando do amor, ele disse: “o amor quer eternidade”. O amor de Jesus quer que nós sejamos eternos. Ele é o profeta da eternidade. Continua o papa: “o amor faz eternidade”. Tudo o que fizermos, tudo o que construirmos, todos os nossos atos por amor têm um toque de eternidade e não desaparecerão. Terminando, ele diz: “o amor é eternidade”. Esse amor, que é eternidade, é o amor que Ele coloca no fundo de nosso coração. Não há nada que temamos mais que a morte, e Ele, jovem, também temeu, chegando a pedir ao Pai que afastasse dele o cálice da morte. Chegou a suar sangue, a sentir terror, espanto diante da morte, mas na última hora, no instante final, baixou em seu coração a doçura do amor de Deus. No evangelho lemos as duas frases: “Meu Deus, por que me abandonaste?” – é o momento terrível. Depois diz: “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito!”. No primeiro momento, não chamou de Pai, disse Deus. Parece que o viu longe e, depois de um mínimo intervalo de minutos talvez, baixou em seu coração uma paz sereníssima. Aquele Deus que parecia abandoná-lo se transformou no Pai, em cujas mãos Ele se entregava. Esse milagre só pode ter sido feito pelo amor, o amor do Pai para Ele e dele para o Pai.

Que fique bem profundo em nosso coração essa figura do Deus que pensamos que nos abandona e do Pai ao qual nos entregamos. A ponte entre esses dois momentos é o amor. Só ele nos fará serenos em nossas doenças, tranquilos em nossos sofrimentos e fará maravilhosa a nossa passagem para a eternidade. Ele é o profeta da eternidade. Amém. (06.04.07/Sermão do descendimento da cruz)

AS PASSAGENS EM NOSSA VIDA

(Lc 24, 1-12)

Esta é a noite maior! É uma noite que não tem fim, porque já não é mais noite. Já é luminosa, conforme ouvimos nas primeiras leituras. Para os judeus, a noite era uma lembrança escura: de como caminharam pelo deserto e atravessaram o Mar Vermelho a pé enxuto. Para nós, cristãos, essa noite é luminosa, porque Cristo ressuscitado se manifesta em todo o seu esplendor.

Páscoa é o rito da passagem, por excelência. Na nossa vida, fazemos muitas passagens, e a páscoa é a passagem máxima. É símbolo, parâmetro, modelo para todas as outras, inclusive as que aconteceram antes. O que Israel fez ao sair da escravidão do Egito para a Terra Prometida não foi nada se comparado com a noite da ressurreição, porque o Senhor passou da morte para a vida, da paixão para a ressurreição, do sofrimento, da humilhação, do desprezo para a presença vivificadora do Espírito. É a grande passagem! Nós também faremos muitas passagens.

Hoje abençoaremos a água do batismo, que é a primeira passagem que fazemos dentro da Igreja: o catecúmeno, aquela criancinha pequena, que ainda não é envolvida plenamente pela graça do Senhor, vai transformar-se em filho de Deus. É a primeira pequena passagem, e a ressurreição ilumina o batismo. Ele já traz uma faisquinha da ressurreição.

Vocês vieram de suas casas, deixaram o que estavam fazendo para chegarem à celebração da eucaristia: páscoa! Vocês vão sair daqui e voltar para suas casas, carregados de espírito, energia, coragem, entusiasmo e esperança: também é passagem. Quantas vezes fazemos essas passagens, indo da alegria para a tristeza, sendo surpreendidos pela morte de um parente?! É passagem da dor para a esperança da ressurreição.

Assim, o Senhor Jesus vai mostrando que faremos milhares de passagens. Também Ele quis fazer essa grande passagem, para que nós nunca desanimássemos diante de nossas pequenas passagens. Do velho Adão para o novo, do pecado para a vida da graça. Todos os que recebem o sacramento da reconciliação, seja de maneira individual ou comunitária, fazem a páscoa, passam de uma vida em que vinham carregados de tanto peso, trincados pelo mal, para uma vida carregada da graça do Senhor, que também transforma e também é páscoa!

Cada sacramento é páscoa, e em cada eucaristia aparece mais claramente a páscoa do Senhor, hoje mais do que nunca. Em cada eucaristia, passamos do pão e do vinho para o corpo e o sangue do Senhor; de nossa presença dispersa à presença comunitária; de nossa vida, tantas vezes desprovida de sentido, para bebermos o sentido do mistério da entrega do Senhor; do nosso eu fechado em si mesmo a um outro eu que se abre para os outros.

Que essa grande passagem de hoje nos abra para um horizonte enorme de esperança, para que nunca, em nossa vida, nenhuma atribulação possa abater-nos profundamente, porque sabemos que o Senhor uma vez passou da morte, da paixão, para a vida, para a ressurreição, e nós também passaremos. Amém.
(07.04.07/Vigília Pascal)

QUEM PRECISA DE RESSURREIÇÃO?

(Jo 20, 1-9)

Madalena amava tanto Jesus, que nem esperou o sol nascer. Destemida, foi ao túmulo ver o seu corpo, que ela queria ungir. Ela errou, indo buscar entre os mortos alguém que estava vivo, por isso não o encontrou. Também Pedro, o discípulo que tinha uma imensa paixão pelo Mestre, apesar das três negações. Diz o evangelho que, consciente de sua negação, ele chorou amargamente. Segundo a tradição, foram tantas as lágrimas até o final de sua vida, que em suas faces dois sulcos se formaram. João, o discípulo que Jesus amava, também foi ao túmulo. Três amores, três corridas ao túmulo de Jesus! O amor busca, o amor procura, o amor é inquieto! O amor corre, enquanto o medo para! Os demais apóstolos ficaram parados, medrosos, atados, seguros em suas casas, porque tinham medo. Medo e amor: esse é o grande dilema de nossa existência! Quanto mais amamos, menos medo temos. Quanto mais temos medo, menos amamos. A ressurreição só pode ser percebida por dois tipos de pessoas, por isso, muitos se encontram parados diante dela, sem nenhum desejo mais profundo. Por que o mistério da ressurreição fala tão pouco a tanta gente?

Confesso que hoje à tarde fiquei pensando nisto: quem precisa e quem não precisa da ressurreição. Descobri duas coisas, que não sei se são corretas. Quem precisa da ressurreição é só quem espera e quem ama. Quem não ama e não espera não precisa da ressurreição. Para esses, Jesus pode ter morrido ou não, ressuscitado ou não. Pouco importa, porque não há amor. Quando morre alguém que eu não conheço, fico tranquilo, porque não o amei. Mas se morre alguém que eu amo, que esteve ao meu lado, a diferença é enorme. O coração se esgarça, porque há amor. Quem ama, sofre a morte e, se realmente amamos quem morreu, queremos que esse alguém viva de novo. O amor sofre com a morte, o amor faz ressuscitar, faz com que o morto não permaneça realmente morto. Assim fez Madalena, assim fez João, assim fez Pedro. Discretamente, o evangelho não fala de Maria, mas terá sido ela a primeira a fazer isso. Na solidão de sua tristeza, terá sido a primeira que fez Jesus ressuscitar diante dela. O amor faz ressuscitar!

Por isso, Jesus continuou morto e continua até hoje, para todos aqueles soldados que estavam lá. Eles não viram nada, os fariseus não viram nada, Herodes não viu nada, Pilatos não viu nada. Iria Pilatos tomar conhecimento de um judeu? Ele, o pretor romano? Herodes, na farra em que vivia, iria se interessar por Jesus? Nunca! Maria sim, João sim, Pedro sim, Madalena sim! É isto que se passa conosco: só nos interessamos pela ressurreição do Senhor, e ela só é importante para nós se amamos e se esperamos.

A ressurreição de Jesus não interessa a quem está totalmente feliz com o presente. Estão muito bem, satisfeitos, têm tudo de que precisam, estão absolutamente completos. Para que precisariam de ressurreição, se apenas querem prolongar o presente? Comem, bebem, vão às academias, aos esportes, felizes o dia todo, sorrindo, gargalhando *faustonicamente* nas tardes de domingo, vendo um programa depois do outro, *zapeando* todas as inutilidades que podem encher-lhes a vida inteirinha. Não precisam de Jesus, de

morte, de ressurreição, porque o presente lhes basta. Homens e mulheres *autosatisfeitos* não precisam acreditar na ressurreição do Senhor.

Foi muito simbólico, mesmo que não intencional, termos iniciado a procissão de hoje diante do hospital. Aqueles que lá estão precisam da ressurreição. Os que estão doentes, fracos, largados, muitos deles esquecidos, numa solidão tremenda, a quem vão se agarrar, se o presente é trágico, é dor, sofrimento, doença? Para eles, o Senhor veio e para eles ressuscitou. Jesus tinha uma paixão imensa e misteriosa pelos pobres, pequenos, fracos, desprezados, largados. Pelos alegres e satisfeitos, Ele não tinha muito interesse. Lucas até disse uma frase forte: “ai de vós, ricos, que estais satisfeitos!”. Esses não precisam de Jesus. Se estamos muito satisfeitos, muito felizes, somos jovens, temos o corpo *acadêmico*, o dia repleto de atividades, a toda hora *plugado* aos celulares, para que precisamos de ressurreição, de Jesus, já que tudo isso nos preenche a vida?

Só que, um dia, toda essa parafernália desaparecerá, nem que seja aos noventa anos. Deitados numa cama, já não ouviremos mais nada, as mãos tremerão e já não poderemos sequer segurar o celular. Talvez aí, na fragilidade física, talvez na solidão, esses perguntarão: e se não houver ressurreição? E se não houver vida além da morte? Será essa situação horrorosa o término da existência? Diante disso, podemos entender a beleza da mensagem para nós. Isso nunca poderá acontecer para quem acredita.

Pedro Casaldáliga (*), numa de suas belas cartas, diz que quem crê na ressurreição, nas horas mais duras e tristes, conserva a esperança. Um jornalista da Nicarágua, perseguido na época terrível de Somoza, dizia que não estamos ameaçados de morte, mas empapados de ressurreição. Esses homens entenderam a ressurreição. Como estamos no espírito ecumênico, cito um pastor luterano alemão, Dietrich Bonhöffer, que esteve em campos de concentração e morreu executado pelos nazistas algumas horas antes em que seria libertado. Seu último escrito para um amigo, também pastor, foi: “a vitória está segura!”. Alguém que sabe que será executado dizer isso é sinal de que realmente crê na ressurreição. Amém. (08.04.07/domingo de Páscoa)

(*) bispo de São Félix do Araguaia até 2005.

A FÉ PASSA PELA MEMÓRIA (Jo 20, 19-31)

É bonito o evangelho de João! Esse homem é fascinante! Pensamos que literatura é uma coisa moderna, mas os antigos tinham muito mais profundidade literária do que as crônicas dos nossos jornais de hoje. Percebam o jogo de paradoxos! Paradoxos são duas coisas que parecem opostas, mas não são. João diz que os apóstolos estavam com as portas fechadas e, supostamente, também as janelas. É como se tudo estivesse fechado, e Jesus entrasse. Nas duas vezes, Ele entra quando tudo está fechado. Será que João falou isso para brincar conosco ou para nos mostrar alguma coisa mais profunda? Creio que ele quis nos dizer duas coisas. Em primeiro lugar, não é com os olhos que vamos acreditar em Jesus. Se Ele entrou com a porta fechada, é sinal de que não tinha o corpo como o nosso. Quando receberem uma visita, fechem a porta para ver se ela consegue entrar. Se entrar, certamente, levarão um susto. Portanto, se Jesus entrou é porque o seu corpo era de um outro tipo. Não era um corpo para os olhos, pois Ele está aqui, e não o vemos. Ninguém tenha ilusões de espiritismo, de que os apóstolos viram Jesus com o seu corpo físico, que o agarraram ou o tocaram. Eles não viram Jesus com os olhos físicos. A presença de Jesus é de outro tipo, não precisa nem de portas nem de janelas, e João reafirma que elas estavam fechadas. Este é o grande desafio para nós, padres, monitores de crisma, e pais: como Jesus poderá entrar em corações que têm portas e janelas fechadas? João quer, de uma vez para sempre, tirar de nós essa ansiedade sensível. Precisamos dar um passo profundo para o mistério da fé, entrar num universo que ultrapassa os nossos sentidos, pois quem vive apenas com os cinco sentidos é animal. Nós vamos para além dos sentidos, pois não somos apenas animais. Quando digo isso, não estou me referindo a algo antigo, lá de Aristóteles ou de Platão, mas algo que hoje é altamente contestado por grandes biólogos da biotecnologia americana ou europeia, que querem reduzir o ser humano ao puro corpo, à pura máquina. Estou lendo um livro em que, no primeiro capítulo, o autor francês mostra que a cultura atual quer reduzir o homem a uma coisa só, e João vem dizer que nós somos seres que transcendem os sentidos, o corpo, as coisas, as máquinas. Já existem computadores, programas, que reagem e produzem o que não esperamos. Podemos até começar a imaginar que somos máquinas ou até inferiores a elas, mas um filósofo inteligente diz que o computador, a máquina, nunca tomará uma iniciativa sem que a tenhamos programado. Ela não dá um passo novo, enquanto uma criancinha pequena pode caminhar e escapar dos braços da mãe. O computador não escapa das nossas mãos, não sorri para nós, porque é máquina. João quer nos dizer que Jesus se mostrará através do mistério da fé.

A segunda ideia que me ocorre, ele coloca em duas passagens diferentes. Na primeira, Tomé estava presente, e na segunda, não. Vou usar uma ficção, que talvez seja mais profunda, para que possamos entender. Imaginemos que, na primeira aparição, Tomé estava presente. Jesus aparece, e ele não o vê, ao

contrário de todos os outros. É como se Tomé estivesse fora. Aqui, nesta igreja, pode haver pessoas que estão totalmente alheias a Jesus. É o Tomé que não viu, pois a eucaristia é a mesma, o altar é o mesmo, a palavra que ouviram é a mesma. De repente, uns ouvem e outros não. Tomé não é quem está fora física e geograficamente, mas quem não tem o mínimo de fé para captar a presença do Senhor. É aquele que fechou as janelas e as portas. Como o Senhor pode entrar, se fechamos as portas e janelas? É Jesus quem explica como Ele entra. Reparem que Ele mostrou a mão e o lado. Com as mãos, nós trabalhamos, construímos as coisas, escrevemos, costuramos, cozinhamos. Pelas mãos do Senhor, Tomé, que não acreditava, começou a acreditar, pois somente percorrendo o histórico, o passado de Jesus, rememorando o que Ele fez, nós poderemos crer. Quantas vezes Jesus some de nossas vidas?! Quantas vezes entramos em dúvidas de fé, não acreditamos mais em Deus e em nada? As nossas portas se fecham. É hora de olhar as mãos de Jesus, recordar tudo o que Ele fez por nós. Num primeiro momento, Tomé não acreditou, porque não pensou, não recordou do Senhor, não se lembrou das maravilhas que Jesus tinha feito na sua vida e na vida de tantos. Ele não acreditou e disse que era preciso colocar as mãos. Também nós só acreditaremos de verdade, quando percorrermos o evangelho e a nossa própria vida, percebendo as maravilhas que o Senhor nos fez e que também outros fizeram em nós. Só assim acreditaremos! Não será olhando ou farejando caninamente, mas recordando com a memória, que é a grande faculdade que toma conta do passado, trazendo-o para o presente e despertando a fé. Não crê quem é surdo, quem é cego, quem é desmemoriado. O animal não tem memória, a não ser sensitiva. Nós podemos recordar todas as bondades que recebemos, o amor de nossos pais, dos parentes, dos amigos, de todos que nos acompanharam e foram importantes em nossa vida, todas as experiências espirituais que tivemos, todas as celebrações que nos tocaram, todas as vezes que nos aproximamos do mistério do Senhor. Tudo isso desperta a nossa fé. Sem memória das experiências, nós abandonamos tudo.

Na minha análise, que pode estar errada, uma das razões de ser tão difícil para a juventude crer, é que o jovem de hoje não tem memória. Por isso, jovens, é bom que vocês procurem ver um filme que está em cartaz em Belo Horizonte: “Batismo de Sangue”. Nele vocês poderão ver um pouco da memória deste povo brasileiro. Jovens como vocês foram torturados, derramaram sangue por amor a este país, para libertá-lo da opressão de uma ditadura militar. Precisamos recuperar a história, pois só assim poderemos crer. Como poderemos confiar no Brasil, se apenas tivermos o presente, se não soubermos mais quem foi Tiradentes, como foi a libertação dos escravos? Como vamos acreditar, se olharmos só o presente cheio de corrupção, de deputados venais? Precisamos voltar à nossa história, assim como Tomé recuperou a história de Jesus para crer.

Jesus também mostrou o lado. Qualquer criança, quando desenha o amor, faz o coração. Já é um arquétipo profundo do ser humano. Esse orgãozinho, que

é um simples músculo pequeno - mas que se para é terrível – é símbolo de todo o nosso mundo afetivo, de toda bondade e dedicação. Tomé não foi capaz, num primeiro momento, de recuperar o afeto, o amor e, por isso, não acreditou. Quem não tem memória para os amores, torna-se um monstro. Há tantos assassinos, tantos assaltantes, porque eles não têm nenhuma memória do amor, não sabem o que é ser amado. Se olharmos para suas vidas, veremos que têm a profundidade de uma quadra de basquete: só cimento em que nenhuma água penetra, apenas bate, escorre e seca. Não são capazes de descobrir alguma raiz, alguma mina de água bonita que brote transparente, fresca e nova. Em seu evangelho, João se derrama para falar do amor do Senhor: “amou-nos até o extremo”, “ninguém tem maior amor do que quem dá a vida pelos seus”. Ele usa mais de quatro capítulos de seu evangelho para falar do amor de Jesus, para nos dizer que, se não acreditamos, é porque não sentimos o seu amor. Quando não percebemos o amor, começamos a duvidar. Não vamos perceber com os olhos, mas com a fé. Recordaremos do Senhor e de tantas pessoas maravilhosas que, às vezes, temos a graça de encontrar, ainda que seja *de raspão*. Ninguém sai imune de uma experiência de amor! É a única experiência que nos transforma profundamente. São as grandes dores e os grandes amores que transformam o nosso coração e também o mundo. Os apóstolos tiveram o grande amor de Jesus e viram também a sua grande dor. Também Tomé fez a recordação dos amores de Jesus, acreditou e pôde dizer: “meu Senhor e meu Deus!”.

Se quisermos ser humanos, ser cristãos, ser cidadãos, necessitamos recuperar todas as ações do passado que nos ajudem a crer nesta humanidade, porque o presente muitas vezes nos leva ao descrédito e à desesperança. Só a história nos mostra que é possível recarregar-se de esperança a cada momento, lançando-nos, do passado e do presente, para o futuro, e assim construiremos um Brasil, uma Igreja melhores. Amém. (15.04.07/2º. domingo da Páscoa)

O TOQUE DE DEUS (Jo 21, 1-19)

Não pensem que esse evangelho é a história de alguém que estava lá, na Galiléia, é de todos nós que estamos aqui nesta igreja. Pensam que João escreveria alguma coisa passada, como se fosse uma aula de arqueologia, uma história como as que estudávamos quando crianças? Essas não nos interessam se não falam à nossa experiência. Vejamos a beleza do que João nos fala.

A morte de Jesus aconteceu em Jerusalém. Lá Ele foi crucificado e humilhado. Lucas faz Jesus aparecer ressuscitado somente em Jerusalém, enquanto João leva os apóstolos para a Galiléia, muito mais longe. Como não pode ter sido nos dois lugares, evidentemente, é simbólico. E por que João escolheu a Galiléia? Tentei descobrir alguma coisa, *mas como não consegui conversar com ele*, pensei em duas razões, que espero sejam plausíveis. Suponhamos que dois jovens, dois esposos, de repente, têm uma ruptura violenta, como se acabasse o amor. Quantas vezes já vi isso entre vocês! A maioria *afoga* as mágoas entrando num quarto ou se enchendo de cerveja para tentar esquecer. Na dor, na morte, na fuga, sempre queremos esquecer. Será que os apóstolos também não quiseram esquecer? De noite, *na fossa*, sem Jesus, e como naquela época não existiam barzinhos, nem televisão, nem novelas, nem *internet*, nem celular, só puderam ir pescar. *Afoga* suas mágoas na pesca. Aí João continua, muito irônico: quando fazem isso, não pescam nada. Podem fugir, podem ligar televisão, *internet*, que nada preencherá seus corações. A mágoa, que é profunda, cresce, e o vazio aumenta. Quanto mais se foge, maior é o vazio. Cervejas só enchem o estômago e a cabeça, jamais o coração. Também os apóstolos não pescam nada. Quando fracassamos em alguma coisa, voltamos ao cotidiano. Já não vale mais a pena trabalhar, anunciar. Também os apóstolos desanimaram e resolveram pescar, apenas para distrair. Faltava o Mestre, aquele que era o centro da vida e do amor deles e só restou a noite. Impressionante, quando falta o amor, tudo é noite, e na noite, sem amor, só resta buscar distração. Voltamos ao cotidiano, onde nem tudo é cor-de-rosa. A dor e o sofrimento fazem parte da condição humana. No cotidiano está o fracasso: não pescaram nada, não passaram no vestibular, estão desempregados. São os momentos duros da vida.

Mas João não quer que eles cheguem ao desespero e coloca alguém de pé na margem. Mas eles viram e não reconheceram. Como podemos reconhecer Deus numa hora *de fossa*, de desespero? Nunca! Ele está de pé, olhando para você, que o olha e não o reconhece. Quando fracassamos, não reconhecemos o amor, tudo fica azedo. Também eles estavam azedos a ponto de, quando o Senhor pergunta se tinham algo para comer, rudemente responderem que não, um não frio e seco de quem não sente nada. Aí Ele fala: lancem novamente a rede do outro lado! Façam diferente, mas façam crendo, esperando. Coragem, jovem! Volte ao amor primeiro, reencontre as pessoas! Acontece a abundância, a rede volta cheia de peixes. É o toque de Deus que transforma a realidade! Do nada, aparecem 153

peixes grandes, e a rede, o amor, a experiência, a história não se rompem. O amor acorda! O amor de João, o amor do mais amado, que estava coberto de cinzas, é soprado pelo vento, a brasa se acende, e ele reconhece: *Dominus est* – “É o Senhor!”. Pedro não percebeu, mas João, o discípulo amado, sim. Tudo se transforma. É o Senhor que nos anima, que nos joga pra frente sem nenhuma cobrança. Diz apenas: “Vinde comer!”. É bom saber que, para o judeu, comer junto é das coisas mais lindas que existe. Pena que nós, aqui em Minas, estamos perdendo isso. Nossos encontros estão *macdonaldimente, hambuguermente* acabando. Mas Jesus continua convidando: vamos comer juntos, vamos lutar juntos! E aí ressuscita todo o amor.

Pensando uma outra versão, podemos ver que os apóstolos estão tristes, amargurados, mas voltam à Galiléia, porque foi lá que o Senhor os chamou, os escolheu. Eles querem voltar à origem do amor. É um grande conselho que dou a todos vocês: quando acabarem uma relação profunda, tentem voltar ao lugar de origem. Há coisas lindas na literatura, e eu quero citar um fato bem rápido de Exupéry, um grande escritor francês, que morreu ainda jovem, em um acidente no mar. Ele escreveu um livro que, na década de cinquenta, era lido por todos os jovens com um pouquinho de inteligência: “O pequeno príncipe”. Até hoje vale a pena lê-lo. Alguns anos mais tarde, encontrei um livro de um autor português, que continuou a história de Exupéry. Ele imaginou a coisa mais bonita que poderia imaginar. O personagem Antônio sai do fundo do mar, volta a Terra, mas invisível. Via, mas não era visto. O primeiro lugar que vai visitar é a escola de sua infância, onde reencontra os amiguinhos, os professores. Ninguém o via e ele via a todos. Que beleza de simbolismo! Ele recorda toda a sua vida e revive tudo interiormente.

Foi exatamente isso que os apóstolos fizeram: voltaram à sua escola primária, que era o lago de Genesaré, porque lá aquele Homem que estava de pé na margem tinha passado muitas vezes, chamado um por um. Também nós, quando perdemos um amor, voltamos às suas origens: uma praça, uma festa, uma música. Fechamos os olhos e revivemos. Isso é muito humano. Também os discípulos começam a recordar e reencontram o Senhor no coração, no afeto, na profundidade. É lindo demais! No momento em que o amor acorda, nasce a fé. Não existe fé sem amor. Quando o amor estiola, a fé desaparece. Ninguém perde a fé, perdemos o amor. Não temos fé quando não amamos. As pessoas que perdem o amor ficam sem graça. São mecânicas, calculistas, só pensam em si, nos próprios interesses. Calculam até que o seu namoro lhes custa três hambúrgueres por semana. Pensam que as pessoas são coisas e brincam com elas, porque não amam, não creem, não esperam. Quando os apóstolos acordaram para o amor, puderam dizer: “É o Senhor!”. Aí João continua brincando conosco e coloca Pedro como se estivesse no paraíso terrestre: nu, como Adão. Mas, como pecara, estava com vergonha e precisava se vestir para encontrar o Senhor, que despertou nele as negações. Ele estava nu, inocente no barco e, de repente, sente vergonha diante do Senhor.

Mas como todos os verdadeiros amores, Jesus faz a mesma coisa: não pensa na falha, não cobra, não relembra faltas passadas. O amor verdadeiro nunca faz isto: não cobra, não exige, não faz mercado, mas também não deixa passar. Traiu três vezes? Aí vêm as três perguntas: “Tu me amas mais que os outros?” – três vezes negando, três vezes amando. Se tratássemos as pessoas assim, como o mundo seria diferente! Se a cada vez que alguém nos fizesse algum mal, ao invés de criticar, de ficar azedo por um mês inteiro, lhe perguntássemos: mas você não me ama?, veríamos que o amor refaz tudo. Pedro apela para a coisa mais linda que existe: “Senhor, tu sabes tudo. Tu sabes que eu te amo!”. Amém. (22.04.07/3º. domingo da páscoa)

O CUIDADO COMEÇA PELO OLHAR ***(Jo 10, 27-30)***

Muitas vezes nos preocupamos por sabermos tão pouco da infância e adolescência de Jesus. Gostaríamos de ter sabido mais, mas se tivermos um olhar mais profundo para o evangelho, descobriremos muita coisa que a criança, o adolescente, o jovem Jesus viveu. Creio que o texto de hoje revela isso. Antigamente, julgávamos e acreditávamos que Jesus tinha sido muito mais um artesão, por ser filho de um carpinteiro, mas hoje as pesquisas avançam noutra direção. Ele foi muito mais um camponês, portanto, alguém que trabalhou no campo e, sobretudo, com ovelhas e lavoura. Parece ser uma vertente bem mais histórica, que vai transparecer em várias de suas metáforas e parábolas, nas quais falará de semente, trigo, joio e plantação. Tudo isso deveria constituir o seu mundo.

É muito provável que o menino, o adolescente Jesus tenha experimentado isso, de uma maneira até surpreendente, pois quando falava, as ovelhas vinham, reconheciam-lhe a voz – “as ovelhas conhecem a minha voz”. Com o seu olhar de criança, Ele também as conhecia e era capaz de dar um nome a cada uma delas, como as nossas crianças chamam os seus animaizinhos. Jesus as chamava, elas escutavam e, provavelmente, Ele terá experimentado uma terceira coisa. Não vivia numa cidade como a nossa: *bem protegida, com vários carros de polícia, onde todos podem dormir com as janelas e portas abertas, pois não há perigo nenhum*. Na sua época, Nazaré era roça, cidade pequena, onde os rediz ficavam um pouco afastados. Havia lobos, cães selvagens e, ainda pequeno, pôde ouvir o uivar dessas feras, tendo que afugentá-las com o bastão – “eu defendo as minhas ovelhas. Ninguém as arranca de mim”. Evidentemente, terá defendido as suas ovelhas.

Esse Menino cresceu, mas essa imagem ficou no mais profundo de seu inconsciente, de sua memória afetiva. Tornou-se um andarilho e escolheu um lugar muito bonito para viver. Quem for à Palestina, poderá ver aquele maravilhoso lago de Genesaré, ao redor do qual Jesus passou grande parte de sua vida e conheceu outro tipo de gente, que também o influenciará. Verá pescadores, redes, peixes, que também farão parte de sua linguagem, enriquecendo o seu mundo metafórico. Um belo dia, já adulto, olhou para aquela multidão e começou a perceber, como também eu olhando para você percebo aqueles que escutam e os que não escutam. É bonito quando a nossa memória se volta para as nossas experiências vividas! Jesus falava e percebia que algumas pessoas escutavam, tinham o olhar fixo nele. Daí, começou a reconhecê-las. Algumas pelo próprio nome, como Tiago, João, Pedro, Maria de Magdala, Maria de Joana, Marta, Lázaro. Conhecia e ia chamando. Quando algum grupo adversário, talvez os fariseus, os zelotas ou saduceus, queriam arrancar-lhe os discípulos, Ele os

defendia – eram as suas ovelhas, das quais sabia das alegrias e tristezas, conhecia a voz e os sonhos. As ovelhas o reconheciam. Esse verbo, em português, tem um significado muito bonito: significa que voltamos sobre uma experiência e a refazemos. O **re** quer dizer que fazemos de novo, começamos de novo, conhecemos de novo. Como é importante que vocês, jovens, usem esses verbos: reúnam, recomecem, refaçam, reconheçam! Mais bonito ainda é que as ovelhas o seguem e criam um vínculo que ninguém pode arrancar. É o que vemos nas verdadeiras famílias, nos verdadeiros matrimônios. Ninguém nada arranca, quando o vínculo é forte. Estando vinculados a Jesus, estaremos ligados ao Pai, pois Ele e o Pai são um. Como é bom saber que Deus, em sua infinitude, se vincula a cada um de nós, e ninguém consegue nos arrancar dele!

Jesus experimentou e vivenciou tudo isso, talvez numa hora muito dolorosa, quando, no término de sua vida, parece que todas as ovelhas escaparam-lhe das mãos, menos as mulheres, menos Maria de Magdala, que estava ao seu lado na cruz, junto com outras e apenas um discípulo. São elas que ouviram a sua palavra até o último instante. Ele morre, e termina tudo. Teria realmente terminado tudo, como aconteceu com tantos que encabeçavam movimentos naquela época: morreram, e tudo acabou?

Mas no caso de Jesus teria que ser diferente. Parece que a sua conversa sobre as ovelhas avançou e, pouco a pouco, os apóstolos foram acordando, despertando, percebendo situações, criando coragem, as mulheres insuflando-os. Talvez nunca pudéssemos imaginar que os apóstolos foram acordados para a ressurreição por uma mulher. Foi Maria de Magdala que disse para Pedro, e ele acreditou. Foi ela que arrancou o medo dos apóstolos para, pouco a pouco, perceberem que também eles eram pastores, até escreverem isso que lemos agora.

Todos aqueles pastores morreram, e só estamos nós aqui. E quem são os pastores hoje? O bispo, o padre, sim, mas não só eles. Talvez mais pastores seja cada um de vocês, e vou dizer por quê. O pastor é aquele que cuida das ovelhas. Reparem no verbo: cuidar. Se soubéssemos como ele está sendo estudado, aprofundado pela ética do cuidado... Sei que aqui há universitários, pessoas letradas que deveriam estudar um pouquinho essa ética, uma das áreas mais avançadas atualmente. Começamos a perceber que a humanidade vive tanta dificuldade e violência, porque as relações humanas estão deterioradas, o tecido humano está se esgarçando. Não é só pobreza material, não é só porque as pessoas moram nas favelas. Há também jovens de classe média cometendo crimes, porque as relações humanas estão esgarçadas, rasgadas, estilhaçadas, porque não há cuidado. Espantamos as crianças nas ruas como se fossem hansenianos, aidéticos. Como não cuidamos nem olhamos para essas crianças, como não são cobertas de carinho pelo olhar, amanhã poderão portar um revólver para nos matar. Matam, porque ninguém as olha, ninguém cuida delas, ninguém as ama, ninguém as cobre com pelo menos um olhar de ternura. Elas não querem apenas

dinheiro. O que esperam é o olhar.

Conheço uma psicóloga que, quando entra numa creche, tem o seu colo disputado. As crianças querem momentos de colo daquela mulher, porque não tiveram o colo de uma mãe. Quando encontram uma mulher de coração aberto, carinhosa, se mostram sedentas, porque nunca foram cuidadas. Porque trazem o coração rasgado, as pessoas se tornam violentas. O bom pastor é o que ouve, escuta, conhece, cuida. E o primeiro movimento do cuidado é o olhar. Não somos cegos, mas responsáveis pelos dois olhos que temos. Ao invés de olhar coisas pornográficas nas *internets*, ao invés de varar as noites nesses *sites* que só estragam a nossa fantasia, por que não olhamos para as crianças sofridas, para os meninos de rua, os mendigos, os bêbados, as prostitutas? Não um olhar de curiosidade para devorá-los, mas para dizer-lhes que são seres humanos e merecem a dignidade do nosso olhar. O maior desprezo que existe não é xingar, pois quando xingamos, é sinal de que o outro existe. Muitas pessoas gostam de serem xingadas, porque acordam a raiva do outro. A pior realidade humana é a indiferença, o desprezo, o não olhar. É como se o outro não existisse, fosse nada. Se eu xingo, é sinal de que ele é alguma coisa, mas considerar alguém nada é levá-lo à posição mais baixa que pode existir, porque não se cuida, não se olha, não se ama, não se cultiva.

Assim, esse bom pastor cuidará de suas ovelhas. Não esperem o bispo, não esperem os padres. Vocês dispõem do que Deus lhes deu: o olhar. Que nos olhemos e cubramos as pessoas com o nosso carinho. Aí sim, construiremos uma sociedade humana. Amém. (29.04.07/4º.domingo da Páscoa)

VIDA É O INFINITO DE QUE DISPOMOS

(Jo 13, 31-35)

Tão pequenino é esse evangelho, e a humanidade precisou esperar mais de um milhão de anos para ouvir uma frase como essa. Antes, sabíamos pouco sobre a origem do ser humano. Tínhamos a narração do Gênesis, que é um hino simbólico, não é científica e nem tem essa pretensão. Depois que a palenteologia, isto é, a ciência das coisas antigas, começou a pesquisar sobre o aparecimento da humanidade, pudemos realmente descobrir a maravilha do evangelho. A história do ser humano começa de uma maneira muito violenta, muito próximo do animal. O animal se hominiza, isto é, torna-se ser humano, surge a razão, a inteligência, mas como animal, ainda é muito bruto. Ele se destrói, se mata. Havia muitos assassinatos entre pessoas do mesmo clã, de forma que os antropólogos e paleontólogos falam em *homo sapiens* – o homem que pensa, e *homo destruens* – o homem que destrói. Destruíu a natureza, as plantas, vivia em guerras. Assim passaram centenas e milhares de anos, e lentamente nos humanizamos, até que hoje somos mais ou menos humanos.

Nessa grande trajetória, a pessoa de Jesus é o gonzo que faz a porta da história girar cento e oitenta graus, de um lado a outro – até Jesus e depois dele. Ele corta a história ao meio, não apenas quanto às datas. Se dissermos maio de 2007, essa data se refere ao nascimento de Jesus. Assim falamos antes e depois de Cristo, medimos a história e os anos. Mesmo os que não creem, não querem e não desejam, ao assinarem um cheque, assinam em nome de Jesus, pois datam sua vida a partir de seu nascimento. É impressionante! Mesmo o mais materialista dos materialistas vai firmar o cheque numa data a partir do nascimento de Jesus, mesmo que não saiba. É o gonzo histórico e geográfico, porque a Palestina se transformou até hoje num lugar de luta, de busca, de disputa. Estão aí os judeus, os palestinos, também cristãos e ortodoxos numa luta muito difícil. Interessante, o Príncipe da Paz nasce num lugar que é fonte de guerra! Assim somos nós!

Mas o gonzo que divide a história é muito mais importante. O máximo que tínhamos atingido era amar aos outros como amávamos a nós mesmos. E até a isso, apenas alguns chegam. A maioria de nós nem isso consegue. Jesus dá um passo à frente, tão gigantesco que parece um horizonte longínquo, para o qual caminhamos. Ele nos diz assim: “amai-vos uns aos outros como eu vos amei”. Não disse apenas “amai-vos uns aos outros”, mas acrescentou: “como eu vos amei”. A infinita paciência de Deus esperou dois milhões de anos para nos dizer essa frase. Alguém pode pensar que o Antigo Testamento também não conheceu esse amor. Sim e não. O Antigo Testamento dizia que devemos amar aos outros como nos amamos. É um pouco esta jogada: fazer e receber a recompensa. Jesus muda o jogo. Amar como Ele nos amou é a maior entrega, e podemos resumir isso em quatro verbos: desejar, querer, fazer, alegrar-se com o bem do outro, sem mais. Desejar o bem do outro pelo outro e pelo bem, nada mais. As mães

desejam o bem de seus filhos, mas de **seus** filhos. O amor de Cristo nos pede que amemos qualquer pessoa. Desaparece o **seu**, e quem escreve para mim sabe que tenho horror aos pronomes possessivos e elimino a maioria deles. Somos tão narcisistas que enchemos tudo com **nosso** e **meu**. Os que passam por mim desaparecem, mas tantos ainda continuam. Jesus quer que desejemos o bem pelo bem e ao outro pelo outro e só. Pensem como isso é difícil! Sempre esperamos um agradecimento, um elogio, a volta. Temos uma dificuldade imensa de amar, muito mais do que podemos imaginar. Pensamos que amamos, mas nos amamos muito mais. Jesus nos fala hoje de um novo mandamento, e continua sendo novo: desejar, querer, fazer o bem, simplesmente por ser bem.

Agora vem a pergunta: como é que Jesus nos amou? Vou lhes mostrar dois grandes sinais. Foi capaz de amar o inimigo, o que muito pouca gente consegue. Pouca gente é capaz de perdoar, de dizer um sim, de dizer que perdoa, que acolhe, que reconcilia com alguém que ofendeu ou por quem foi ofendido. Temos uma dificuldade imensa de reconciliação, de perdão, de acolhida. Ficamos ofendidos, viramos o rosto, ficamos meses e anos sem falar com uma pessoa, às vezes até com um irmão, com um filho, com o pai. Tantos são os casos de quem não chegou a amar nem como se ama a si mesmo! A gente sempre fala com a gente mesmo. Falamos com nossos botões, nos aconselhamos com os travesseiros, ficamos um tempo enorme diante do espelho, e isso é bom. É sinal de que nos gostamos e se gostássemos dos outros como gostamos de nós mesmos, já seria ótimo.

Jesus vai adiante e nos diz que devemos amar também aqueles que não gostam de nós. E como é difícil! Amar é um movimento de fora para dentro. Mas ainda vem o mais importante, e Ele vai insistir nesse ponto. Qual é a melhor coisa que temos, o nosso dom maior? Não pensem que é um carro, pois isso seríamos até capazes de dar para pagar o tratamento de um pai, de um filho. Um carro é coisa, e nós damos coisas de nós mesmos. Mas Jesus não nos deu coisas, mas a sua vida – o maior dom que temos. O infinito de que dispomos chama-se vida, e nós a gastamos a cada dia, a cada instante. Nós amamos aquelas pessoas com as quais gastamos o nosso tempo, o nosso corpo, o nosso olhar, a nossa saúde. Se quiserem saber se amam alguém, perguntem se essa pessoa ocupa algum espaço no grande mundo do afeto, do tempo, do olhar, do encontro. Se a resposta for negativa, é porque ainda não amamos como Jesus. Ele é inclusivo – inclui todas as pessoas. O evangelho dá exemplos fortes. Quando, na ceia, Judas sai para entregá-lo, poderíamos pensar que Ele estaria feliz, por ter saído o traidor. Mas um pouco mais tarde, Jesus vai se encontrar com Judas e o saúda: “Amigo, a que viestes?”. Não fazia política, pois não estava em campanha eleitoral. Diz amigo, porque na verdade assim sentia. Judas não era um peso para Ele. O outro podia rejeitá-lo, mas Ele não rejeitaria ninguém.

Essa idéia de não rejeitar ninguém, de acolher as pessoas, é muito difícil, mas é por aí que poderemos construir uma sociedade. Mas parece que não caminhamos nessa direção. As pessoas mais idosas como eu, conheceram Belo

Horizonte, quando tinha duzentos, trezentos mil habitantes. Podíamos passear por todo o centro sem nenhum esquema de segurança e nunca víamos nenhum assalto, a não ser alguns ladrões de galinha. Tão diferente de hoje! Contra tudo isso, só temos uma alternativa: o perdão e a reconciliação. Não serão a polícia, o exército, o judiciário corrupto que poderão acabar com a violência. Ela terminará com o nosso trabalho ao cultivar desde as criancinhas. Que elas saibam brincar com seus coleguinhas diferentes, de raça diferente, de classe social diferente, de time diferente. Que saibam brincar e não brigar. Realmente, podemos criar esse convívio.

Ama quem deseja o bem pelo bem e pela pessoa, sem nenhum outro interesse. E ainda há o mais difícil: alegrar-se com o bem dos outros. Nós queremos que as pessoas sejam reflexos nossos e não que tenham luz própria. Os próprios pais temem que os filhos cresçam por eles mesmos, e o mesmo acontece com os professores em relação aos alunos. Ainda não aprendemos a amar a pessoa por ela mesma, a querer o bem por ele mesmo. Será que quando vejo um colega de trabalho sendo promovido, quando encontro alguém feliz não fico com *dor-de-cotovelo*? Será que me alegro com as alegrias dos outros? Sou capaz de chorar verdadeiramente com as lágrimas dos outros? É um pouco o que acontece com Maria. Ela não aparece nos momentos de glória de seu Filho, mas sim na cruz, vendo-o humilhado, desprezado. Se aprendermos a sorrir com os que sorriem, a chorar com os que choram, a se alegrar com os que se alegram, a se entristecer com os que se entristecem, partilhar e receber o que os outros nos propiciam, teremos entendido um pouquinho do evangelho de hoje. Jesus pede a cada um de nós esse esforço, mesmo que nunca cheguemos lá. É o horizonte para o qual caminharemos por toda a vida. “Nisso conhecereis que sois meus discípulos!”. Amém. (06.05.07/5º. domingo da Páscoa)

A FORÇA HEURÍSTICA DA PALAVRA

(Jo 14, 23-29)

Esse evangelho vem a calhar para a festa que comemoraremos amanhã, que é o dia das mães. São duas realidades que se cruzam, como se o evangelho tivesse sido escolhido de propósito. É quase como uma mãe dizendo a seu filho: “Filho, se você me ama, guarde a minha palavra!”. Quando o filho ouve isso de sua mãe, entende que é uma palavra falada que vem sendo sussurrada nos seus ouvidos desde pequenino. A criança vai crescendo, embecendo-se, vestindo-se de palavras, que é a maneira como nós, seres humanos, nos comunicamos. Vivemos no mundo dos símbolos, e o mais perfeito que o ser humano criou foi este que estou usando agora: a palavra. Se trago uma rosa, posso ser interpretado de muitas maneiras: um vai achar que ela é bonita, outro dirá que é perfumada, ainda outro verá os espinhos que picam o nosso dedo e que ainda poderão simbolizar as alegrias e dificuldades que cercam os nossos amores. Enfim, quando coloco um símbolo não falado, ele permite uma quantidade enorme de sentidos, que poderão até nos desorientar, enquanto a palavra vai carreando esse sentido numa certa direção. A palavra limpa os sinais. Se pouparmos as palavras, nossa vida será ambígua. Ela ilumina as realidades, para que comecemos a ver. Falo muito para os jovens que, se eles não se falarem durante o namoro, poderão se enganar muito. A palavra vai fechando e concretizando o sentido dos gestos, pois eles são ambíguos e enganadores. Judas beijou Jesus, Maria também – dois beijos, duas infinitas distâncias! A palavra é uma das coisas mais lindas que a inteligência humana criou. Nenhum animal tem palavra, nem mesmo o papagaio, que apenas repete sons que ouve. As mães começam a conversar com os filhos pequenos através de símbolos: abraços, beijos, dar de mamar. Não usam palavras, porque a criança não fala e não entende, mas entende os gestos, que devem ser revestidos pela palavra, para que mostrem seu verdadeiro sentido.

Freud, o pai da psicanálise, disse que, muitas vezes, estamos amarrados com os nossos problemas, mas, no momento em que conseguimos falar deles, comecemos a desvendá-los. A palavra tem uma força heurística, que arranca a verdade de dentro. Heurística é a descoberta. A palavra faz com que descubramos o afeto, a verdade, o bem, os valores – “quem ama, segue as minhas palavras!”. Mas precisamos de dois outros verbos: entender e recordar. Peço licença a João para inverter, colocando primeiro o recordar e só depois o entender. Vamos voltar um pouquinho à nossa etimologia: re + cor + ação – re: de novo; cor: coração, ação – a recordação coloca o coração em movimento para recuperar o passado. Que coisa bonita! Olhem para a mãe de vocês: tem vinte, trinta, oitenta anos de história. Quanta coisa para recordar?! Imaginem a capacidade de uma criança recordar o afeto, o amor. Portanto, esse recordar é colocar o coração em ação, para só depois entender.

Parece que Jesus tomou essa metáfora, pois Ele também foi criança. Primeiro, aprendeu os sinais e, só depois, as palavras. Foi tecendo dentro de si aquilo que mais tarde pregaria. Hoje Ele nos diz que aquele que o ama, segue a sua palavra. Em grego, essa palavra é *logos* e, no princípio do evangelho, João nos diz que a Palavra estava em Deus. Jesus diz que aquele que ouve a Palavra, no fundo, ouve a pessoa dele, pois Ele é a Palavra do Pai – “a Palavra estava em Deus, a Palavra era Deus!”.

Quando se refere à Palavra, Jesus está falando de sua história, de sua vida, não de palavras faladas, discursos, sermões, homilias, mas a palavra vivida. *Logos* diz tanto da palavra falada quanto da entendida. Portanto, ouvir, seguir a palavra do Senhor é seguir o seu exemplo, é ver-lhe as ações – como age, como atua, como trabalha, como gesticula, como acolhe, como perdoa – tudo isso são palavras, porque Ele é a Palavra. Os filhos aprendem muito mais de suas mães através de seus silêncios, dos gestos, do seu estar, de sua dedicação, de seu amor, de sua preocupação.

Aprofundando um pouco mais, veremos que a palavra mais usada hoje é do cuidado. Estamos trabalhando muito a ética do cuidado, e gostaria de chamar muito a atenção para isso. Só melhoraremos a sociedade, só construiremos uma comunidade diferente, só conviveremos melhor, se realmente começarmos a colocar dentro de nós a preocupação de bem cuidar das pessoas, desde as mais próximas de nós – esposos, filhos, aqueles que trabalham para nós e conosco, qualquer pessoa que encontrarmos, sem distinção de classe, raça, cor, religião, ou qualquer outra marca extrínseca. Qualquer um merece, por ser pessoa humana, por ter uma dignidade infinita.

Tenho insistido muito nisto: o primeiro cuidado vem do olhar, porque não estamos acostumados a olhar. Reparem bem se vocês olham para quem encontram na rua. Ninguém olha para ninguém. Talvez por medo. Enchemos nossa cabeça de porcarias, e nossos olhos ficam *emporcados*. Por isso, não conseguimos olhar as pessoas com serenidade, beleza e tranquilidade. Esse é o primeiro cuidado, principalmente, para com as crianças. O olhar humano é a maneira que Deus tem para nos olhar. Ele não tem olhos, já pensaram nisso? E hoje Jesus também não tem olhos. O corpo glorioso não tem olhos, pois eles são só da Terra. Aproveitem para olhar agora, porque nunca mais olharão. Na eternidade, a maneira de conhecer será outra, nunca pelos olhos. Os olhos são só para a Terra, e é na Terra que precisamos olhar, cobrindo as pessoas com os nossos olhares. A mãe é a primeira escola do olhar de carinho, de amor, pois é ela que vai criando, estruturando a criança por dentro através do olhar.

Certa vez citei uma psicanalista – Patrícia (*). Ela me disse algo que me marcou muito: da mãe, olhando para a criança pequenina de meses, que também olha para a mãe. Aquele cruzar de olhares, parados um no outro, faz com que a criança comece a se encontrar e criar sua identidade por dentro. O olhar da mãe acorda o espírito da criança. Ela não é animal! Se um cachorrinho fica feliz com

um olhar carinhoso do seu dono, muito mais a criança, porque dentro daquele pequenino ser corpóreo há um espírito infinito aberto para a transcendência. A criança é o infinito, e o olhar da mãe consegue rasgar-lhe os véus, para que comece a perceber que existe uma realidade maior. O carinho, o amor da mãe lhe abre, para que um dia encontre o amor do grande pai e da grande mãe, que é Deus.

João ainda nos diz uma última coisinha: “eu vos deixo a paz, eu vos dou a minha paz! Não a dou como o mundo a dá”. É uma frase que nos deixa preocupados. É claro que, para João, mundo não é essa realidade que vivemos. Ele quer falar da falácia, do engodo, da mentira, daqueles que querem nos transmitir uma paz mentirosa, que nos dizem que seremos felizes usando roupas de grife, bebendo determinado refrigerante, vestindo uma calça *jeans*, indo ao *MacDonald*. Vem Jesus e diz que não é essa a paz que Ele nos dá. Essa paz é aparente, é fútil, é vazia. A sua paz é duradoura e definitiva, e só se encontra e se completa no amor. Dizem que há um jogo entre a paz e o amor, em que um quer fecundar o outro. Só conseguiremos construir a paz, se ela nascer de dentro de nós, tornando-nos conciliados com os outros. Se vivermos isso, criaremos a paz, a paz que o Senhor nos trouxe. Amém. (12.05.07/6º. domingo da Páscoa)

(*) referência a Patrícia Ferreira Costa

NÃO VOS AFASTEIS DE JERUSALÉM ***(At 1, 1-11/Lc 24, 46-53)***

Somente na liturgia de hoje, podemos ouvir duas narrativas diferentes da ascensão do Senhor, ambas escritas pelo mesmo autor, porque se atribui também a Lucas a autoria do livro dos Atos. Se recorrêssemos ao evangelho de Mateus, na mesma cena, depararíamos com uma frasezinha muito misteriosa: “e alguns ainda duvidavam” (*). O que significa isso? Eram onze apóstolos que tinham experimentado Jesus, viram-no no Cenáculo, comendo diante deles e, ainda assim, duvidavam.

A experiência do Cristo ressuscitado não é para os sentidos. Os evangelistas transformam uma experiência pessoal de fé numa realidade visível, porque trabalhamos com os sentidos. Temos a impressão de que o evangelista descreve um fato, que Jesus foi subindo luminoso para o céu. Se tivesse sido assim, todos teriam visto, e parece que ninguém viu. Apenas com os sentidos não alcançamos o Cristo ressuscitado, assim como também não o alcançamos apenas com os olhos, na eucaristia, na palavra, no pequeno, no pobre. Ascensão é um esforço muito grande de nos arrancar deste mundo imediato, palpável, em que só acreditamos no que vemos, no que apalpamos. Custa-nos perceber que existem realidades que ultrapassam os nossos sentidos, e que são as mais importantes. Ascensão vem nos dizer que o Senhor não está mais acessível a nós, que nunca mais o veremos como os apóstolos o viram antes da morte. Eles viram fisicamente Jesus antes da morte, não depois. Depois, tiveram que fazer um ato de fé, buscar dentro de sua interioridade para perceberem que o Senhor estava vivo, e não morto, como nós também temos que fazer hoje, pois não o encontramos na esquina. Mesmo as aparições de que ouvimos falar na história da Igreja são formas de exprimir profundas experiências espirituais. São tão fortes, que as pessoas, de certa maneira, as visibilizam.

Nos evangelhos de Mateus e de Marcos, quando Jesus ressuscita, pede às mulheres que digam aos apóstolos para irem à Galiléia, pois lá Ele apareceria. Nesse trecho, Lucas diz exatamente o contrário: que eles permanecessem em Jerusalém. Onde está a razão? É interessante! Quando começamos a observar os evangelhos, descobrimos pormenores lindos, pois Jerusalém tem um sentido, e Galiléia outro bem diferente. Lucas insiste para que fiquem em Jerusalém, pois é nessa cidade que Jesus apareceria, e realmente ele coloca todas as aparições do Cristo glorioso em Jerusalém. Para os outros, Jesus aparece na Galiléia. Como naquela época não havia aviões, eles não poderiam se deslocar tão rapidamente. Portanto, alguma coisa interessante existe por trás desse pormenor geográfico.

Jerusalém é o lugar da comunidade, e Lucas tem uma preferência enorme pela vida comunitária. Para ele, a experiência que Jesus faz é como a que nós estamos fazendo aqui. Por isso, ele insiste em Jerusalém, em dizer que eles

ficassem no Cenáculo, sempre rezando junto com Maria. É também juntos que receberão o Espírito Santo, a presença do Senhor. Quando o *senhor* Tomé sai da comunidade, não consegue ver Jesus e também não crê. Quando os dois discípulos de Emaús vão embora, encontram com Jesus e não o reconhecem. Como Lucas é interessante! Só quando Jesus parte o pão – naquele mínimo momento comunitário – é que os dois discípulos o reconhecem. Apenas andando e conversando, não o reconheceram Mesmo Jesus explicando-lhes a escritura, falando de si, eles caminhavam sem perceber nada. Jesus finge ir embora, então eles pedem que Ele fique, pois já se fazia tarde. Ao partir o pão, eles o reconhecem e voltam a Jerusalém, onde novamente encontram a comunidade. Jesus aparece, quando estamos unidos. O simples fato de estarmos reunidos já é uma maneira de Jesus aparecer.

Essa é a grande lição de Lucas hoje. A nossa sociedade nos separa, não apenas por causa do trabalho, dos deslocamentos. A vida moderna nos dilacera e faz com que a vida comunitária vá se esfiapando. É como um tecido do qual puxamos os fios, até que se desfça. Cada um precisa pensar muito nisso. Estamos continuamente cansados e procuramos nos isolar para refazer-nos, ficamos longo tempo em frente à *santa* televisão, *zapeando* por todos os canais, procurando preencher o vazio imenso que a vida moderna nos deixa. Parece que Lucas sabe disso, que ele está aqui entre nós, dizendo-nos que precisamos de paz, de felicidade, de alegria, de realização humana, de um pouco mais de afeto. Precisamos nos unir, nos congregar, agradecer os momentos privilegiados em que Deus se manifesta. Precisamos agradecer, mas sempre em comunidade. Lucas insiste muito: não devemos nos afastar de Jerusalém! Jerusalém é esta igreja, é a família, é a celebração, são os amigos e irmãos que encontramos na eucaristia. É claro que muitas vezes é difícil, quando uma filha se mostra um tanto rebelde, quando a celebração se faz cansativa, monótona.

Certa vez, o padre Comblin (***) contou-me que ele estava na porta da igreja ao lado de um adolescente, *já quase descendo as escadas*. Perguntou-lhe porque não entrava, e ele respondeu que já sabia o que aconteceria lá dentro. É claro que as celebrações não são tão interessantes como as *cacetadinhas do Faustão* (***), em que cada uma é diferente: um cai para a direita, outro para a esquerda, nunca se sabe se cairão de frente ou de costas. Aqui tudo é sempre igual, e a gente se cansa, principalmente se não entendemos. Vivemos no mundo da notícia, cada vez mais rápida. O papa veio, já foi embora. Vem Bush, volta Bush. A cada dia aparece um escândalo diferente. Quem se interessaria em ler o jornal de ontem?!

A comunidade é lenta e nos segura. A vida comunitária, familiar também é lenta. Sentamos à mesa, conversamos, podemos ficar horas batendo papo, mesmo que falte assunto. Um lembra de uma coisa, outro lembra de outra, fazemos associações e vamos construindo esse tecido que nos realiza. Nascemos de uma Trindade que quer que nos amemos mutuamente. Quando buscamos autonomia

sem vínculo, a solidão por ela mesma, acabamos num sofrimento gigantesco. O que mais atormenta as pessoas no mundo de hoje não é a busca de trabalho, o desemprego – mesmo que isso doa muito –, mas a solidão, a maior doença de nosso tempo.

Lucas sabe disso, e continua dizendo que só em Jerusalém encontraremos o Senhor. Que devemos procurar conviver e encontrá-lo. Jesus diz que vai, mas sempre volta, diz também que nos deixará um auxiliar. Nem mesmo o Senhor quer ir embora. Ascensão não é o seu desaparecimento, a sua partida. Ele não parte, pois sempre fica. Quantas vezes eu já lhes disse: “O Senhor esteja convosco!”, e vocês respondem que Ele está no nosso meio? Ascensão é o desaparecimento do visível e a entrada do mistério; é a mudança da presença, nunca a ausência. O Senhor nunca está ausente. Muda a presença física, sensível, de que gostamos tanto, porque sentimos a mão, o calor, o tato. Tudo isso percebemos no outro, mas não teremos mais essa presença do Senhor. Teremos sim, uma presença bem mais profunda. Jesus vem nos dizer que, de agora em diante, Ele estará no sacramento - na água do batismo, no óleo do crisma - e assim esbarraremos no próprio Deus. Doravante, precisaremos da comunidade para vivenciar a fé.

Na medida em que formos avançando em anos, iremos percebendo que experiências mais profundas não são as sensíveis. Elas apenas mostram a estrada da existência. Para quem tem uma caminhada mais longa, basta a memória, o pensar, o rezar. Basta carregar o outro dentro de si, nunca a solidão. De vez em quando, precisamos também dos encontros, dos momentos juntos, tudo isso que Lucas nos ensina hoje. Amém. (19.05.07/8º.domingo comum/Festa da Ascensão)

(*) Mt 28, 1-17b

(**) sacerdote belga, radicado no Brasil, falecido em março de 2011

(***) referência a um quadro apresentado no programa “Domingão do Faustão”, na TV Globo

ESPÍRITO É O LADO FEMININO DE DEUS

(At 2, 1-11/Jo 20, 19-23)

Hoje é a grande festa de Pentecostes! Diríamos que a liturgia católica se sustenta sobre dois grandes pilares: Páscoa e Pentecostes. Páscoa é a humanidade de Jesus que chega à plenitude, aquele imenso oceano que estava vazio se encheu da água da vida e transbordou-se na ressurreição de Jesus. E como esse mistério é tão grande, precisamos de várias semanas para, lentamente, o interiorizarmos. O processo termina em Pentecostes, outra coluna litúrgica de nossa fé, de nossa celebração.

Pentecostes é a festa do Espírito Santo e, para entendermos esse mistério, precisamos dar um mergulho para dentro da Trindade, para conhecermos como Deus atua na história. Pode nos parecer uma coisa difícil e obtusa. Certa vez, São Paulo, andando pelas suas comunidades, perguntou às pessoas se elas tinham recebido o batismo do Espírito Santo. Elas olhavam-no espantadas, porque nunca tinham ouvido falar naquilo. Até hoje ainda existem pessoas que não sabem o que é isso. A Trindade que nos aparece é a mesma que vive eternamente no amor infinito. Dentro de Deus está o princípio dos princípios, que é o Pai – começo da vida, começo de uma história. Pai é dessas palavras bonitas, pequeninas, em quase todas as línguas, mas que diz da grandeza desse início de toda a vida. Os pais que estão aqui, os pais biológicos devem ficar felizes ao saber que Deus usa o mesmo nome que eles. É lindo demais, mas hoje não é a festa deles, e eu vou deixá-los de lado.

O Filho é outra maravilha que também não quis parar lá dentro do Pai. O Pai é o projeto, a grande fantasia, a grande imaginação divina, que está pensando na humanidade, na salvação de todos nós. Mas o pensamento precisa adquirir força na história, não pode ficar apenas na cabeça. Se apenas pensássemos e não falássemos, este mundo seria um grande silêncio. Se não tivéssemos mãos, nem escrita teríamos. O pensamento precisa deixar-se nas letras, nas palavras, para que possamos tocar nossa vida – é o Filho. Por isso, se chama caminho, para que caminhemos por Ele, para que trilhemos o próprio mistério do Senhor. Mas basta o projeto e o caminho? Será que o Espírito sobraria?

Com apenas o mundo externo não conseguimos viver bem. Apenas com o meu corpo físico, que está aqui, eu não posso estar agora em Belo Horizonte. Se estiver num lugar, só posso estar ali. Também não posso estar ontem ou amanhã. Ontem eu estive, e amanhã estarei. Jesus era assim quando estava aqui na Terra e, até mesmo com todos os apóstolos escolhidos, podia atingir pouquíssimas pessoas, pois estava limitado a tempo e espaço. As leis, as normas, as regras nos aborrecem. Quando a mãe diz a um filho que ele precisa acordar cedo para ir à aula, a criança fica irritada. Parece que as coisas objetivas nos mordem, nos picam, nos fazem sentir mal. De certa maneira, estamos incomodados com o

caminho. É como se Cristo não desse conta, e realmente não deu conta. Isso é o trágico de Jesus! De doze apóstolos, um suicidou-se, outro traiu, outros fugiram. Querem maior fracasso que esse? Até no curso de teologia tem mais gente. Quando morreu, nem roupa tinha, sequer um caixão para ser enterrado. Precisou até de um riquinho lhe emprestar o túmulo. Morreu sem nada, num fracasso radical. Portanto, a palavra, o caminho não deu conta. O Filho não deu conta, o Pai também não, então, resolve mandar o Espírito, o lado feminino de Deus! Alegrem-se, mulheres! A palavra **espírito**, em hebraico, é feminina: *uar*. Talvez as mulheres saibam mais aconchegar, interiorizar as leis, os ritos, as normas, as realidade de fora, o que é objetivo. Vem o Espírito a cada coração, para dizer aos juvenzinhos que, por trás das normas, há beleza e poesia, mesmo que eles resmunguem contra elas. É o Espírito que vai tocando o rebeldezinho, acalmando-o para encontrar o sentido da vida. Muitas pessoas se agitam tanto, que não encontram calma, e quem tranquiliza é o suave, o silêncio, o aconchego, é o Espírito Santo. Ele vai trabalhando um por um, interiorizando o projeto do Pai, a caminhada do Filho.

É o Espírito que propagará o ensinamento de Jesus, recordando, tornando íntimo a cada um de nós tudo o que Jesus fez, sem atingir a quem desejava. Por isso, quando eu li, fiz questão de frisar: “Ele nos ensinará a recordar o que Jesus falou!”. O caminho falou, mas ficou no ar. Vem o Espírito Santo, traz as palavras, o gesto, a prática do Senhor, todo o conhecimento que Jesus nos transmitiu, transformando essa realidade em nossa realidade. Interioriza, coloca dentro de nós, para que percebamos em profundidade. É o Espírito que faz Jesus presente na História. Se não houvesse Espírito Santo, como poderíamos saber? Pouco ou nada sabemos de Otávio, de Tibério, e foram grandes imperadores. De Jesus, sabemos menos ainda, pois dele, historicamente, quase nada foi escrito. Mas sabemos que o Espírito Santo mexeu naqueles homens. Pedro era um pescador analfabeto, de uma aldeiazinha desconhecida, e foi morrer na capital do império romano. Imaginem um caipira chegando naquela cidade gigantesca, sem falar nem a língua das elites, e lá ele fala de Jesus. Não foi nem a roça nem a pesca que lhe deram força, mas o Espírito Santo. Isso também aconteceu com os outros, com Paulo, que era um pouquinho mais culto. Ele atravessou mares, e não foi em nenhum transatlântico, mas num barquinho. É ele mesmo que conta que passou três dias e três noites agarrado a uma tábua no meio do mar, porque dentro dele tinha um fogo, uma energia, uma coragem, que também o leva a Roma. Hoje, onde a sua cabeça rolou, existe um templo magnífico. Onde um dia Pedro foi crucificado está construída a maior igreja do mundo – a basílica de São Pedro. Tudo isso foi porque o Espírito Santo tomou posse do coração daqueles homens.

Vivemos num mundo tão superficial, tão banal, tão cheio de imagens e ideias, que, mais do que nunca, necessitamos da força do Espírito, para que desçamos um degrau a mais na profundidade do ser. Também hoje, o Espírito está aqui e continua mexendo conosco. Somente Ele nos faz olhar uma criança

e não nos distrair, mas aprofundar. Quando vemos a inocência da criança, devemos pensar na nossa própria inocência que se esvai, e descobriremos que o Espírito é aquele que consegue tocar o nosso coração. Não podemos ficar parados, acomodados. Se tantos fizeram tanto ontem, por que não podemos fazer o mesmo hoje? Amém. (26.05.07/Festa de Pentecostes)

A TRINDADE NOS LEVA À ABERTURA ***(Jo 16, 12-15)***

Essa leitura parece uma geometria trinitária, que nos deixa um pouco perdidos. Os cristãos sempre sofrem quando refletem sobre a Trindade. O monoteísmo puro, quando não há pessoas em Deus a não ser Ele mesmo, parece mais claro, mais evidente. Mas, se Deus fosse uma só pessoa, seria terrível, porque o **um** é muito perigoso. Ele tende ao autoritarismo, ao monopólio – um único polo, à monarquia – um único poder. Todos esses monos são muito perigosos, pois dão a ideia de uma única pessoa com todo o poder nas mãos, e isso é terrível. Também quando se é dois, fica-se muito ligado um ao outro e parecem esquecer qualquer outro terceiro. Que o digam os jovens quando namoram: ficam tão voltados um para o outro, que esquecem todo o resto. Já não trabalham nem estudam, não conhecem nem mãe, nem pai, de tão envolvidos que estão um com o outro. Daí, o dois também é perigoso, pois prende um ao outro e ambos se esquecem de um terceiro, de um outro, de um diferente. Quando esse chega, tudo melhora. Abre-se o um para o dois, o dois para o um, e todos para um terceiro.

A Trindade é abertura. Por isso, tudo que realmente nos leva à abertura é trinitário. Podem perceber. Somos corpo, alma e espírito – somos três. Certo dia, Santo Agostinho começou a olhar todas as coisas e foi percebendo: raiz, tronco, galho, e assim por diante. O três parece ser a abertura perfeita e, de fato, a Trindade, sendo três, é a comunhão perfeita. Por isso, os pais, quando têm seus filhos, se alegram tanto, pois é como se chegassem à plenitude. Se não podem ter filhos, parece que lhes dói alguma coisa: falta-lhes um terceiro, que é realmente fundamental para romper todo o fechamento.

Deus é Trindade, é abertura, mas uma abertura que volta para uma comunhão profunda. Há um quadro de arte em Itaici (*), sobre o qual gostaria de falar com vocês. É a Trindade refletida em três olhares. O Pai olhando para o Filho, com todo o seu olhar concentrado nele. É bom lembrar que, para a teologia, o Pai é também mãe, não apenas a figura masculina, mas uma única realidade. Ainda, no mesmo quadro, aparece o Espírito Santo distraído, olhando para o mundo, para as realidades. Enquanto isso, o Filho olha para quem o olha. Os artistas são fantásticos! Se estamos diante do quadro, o Filho está nos olhando. Quando mudamos de lado, Ele continua nos olhando, em qualquer direção a que nos dirijamos. O Filho olha para quem o olha!

O olhar do pai e da mãe volta-se totalmente para o filho, fazendo-o surgir. É esse olhar de Deus que faz com que existamos. Estamos aqui, porque Deus Pai olhou para nós. Se não tivesse olhado, seríamos nada, simplesmente não existiríamos. É o olhar de Deus que faz nascer todas as coisas, todas as pessoas, todos os amores, todas as realidades. Tirem definitivamente da cabeça que Deus é carrasco, é juiz para condenar. Ele só olha para nós para que sejamos, existamos,

tenhamos consistência, sejamos liberdade, vontade, amor, ternura, sentido, tudo aquilo que somos. Todos os milhões de galáxias que existem nasceram do olhar maravilhoso do Pai! Estávamos hoje lá no alto da Serra da Piedade (**) – mais de cem pessoas de nossa comunidade participando da Assembleia Paroquial –, e lá de cima podíamos ver uma imensidão enorme de montanhas e vales. Lá em cima ainda há algumas *florezinhas pequeninas*. É como se Deus tivesse tomado uma agulha minúscula para tecer essas *florezinhas*, ao mesmo tempo em que fez as gigantes montanhas. Da mesma forma que faz um gigante, plasma uma criança no seio de sua mãe. Esse é o olhar do Pai! Saber que vivemos sob esse olhar não pode nos provocar medo. Não é mais aquele olho terrível do triângulo que os padres antigos colocavam nos internatos para aterrorizar crianças e adolescentes: “Deus me vê!”. Nada disso. Ele não só me vê, mas me faz amar, existir, ser gente, ser liberdade.

O Espírito olha para o mundo, como também olhamos, e temos medo do mundo. Perguntem ao médico que faz a sua primeira cirurgia, ao engenheiro que faz os primeiros cálculos, ao professor que dá a primeira aula. Temos medo dos alunos – alguns adolescentezinhos bizarros. Só que eles não sabem que temos medo exatamente deles. Trememos, gaguejamos, esquecemos as palavras, trocamos os verbos porque o mundo nos assusta, a realidade nos confronta. Hoje, muito mais, com tanta violência, guerras, crimes e tantas outras coisas, parece que o mundo nos horroriza. Não tenhamos medo! O Espírito Santo olha para o mundo, e é dele que sai uma luz transparente, que nos leva a encontrar a beleza. O Espírito embeleza todas as realidades físicas e espirituais, nos levando a encontrar a beleza das pessoas, dos corações. Quantos sinais de amores, sinais de beleza vemos no mundo?! É o olhar do Espírito!

O Filho está sempre a olhar-nos, e nós a olharmos para Ele, porque tem corpo, tem olhos. Quando falo no olho do Pai, no olho do Espírito, é metáfora, pois nem o Pai nem o Espírito têm olhos. Olhos que precisam ser tratados por oftalmologistas são os olhos da Terra, e esses o Filho teve, e com eles pôde nos olhar. Ele conheceu a beleza física das coisas. Deus conhece a essência das coisas, enquanto Jesus conhece a sensibilidade. Por isso, pode olhar para os nossos corpos, para a nossa realidade. Pode saber quem é o ser humano na sua fragilidade, no seu sentido, no seu cansaço, na sua dor. Ele sim, sabe o que é ter medo. O Pai nunca teve medo, nunca teve fome, nunca se cansou, ao contrário do Filho, que experimentou cada elemento da nossa existência. Quando olharmos para o Filho, poderemos dizer que aí está alguém semelhante a nós em tudo, menos no pecado. Amém. (03.06.07/9º.domingo comum – Festa da Santíssima Trindade)

(*) município paulista, onde existe o Centro de Espiritualidade Inaciana

(**) localizada no município de Caeté, região metropolitana de Belo Horizonte

COMPAIXÃO É COLOCAR-SE AO LADO

(Lc 7, 11-17)

Quando lia o evangelho, chamei a atenção para vários pormenores, para que os nossos ouvidos sejam mais profundos ao ouvirem a palavra de Deus. Lucas não quer simplesmente relatar um fato passado que já não tem importância. Esse menino já morreu, assim como a sua mãe. Eles já não existem, ao contrário de nós aqui. É para nós que o Senhor quer falar hoje. Lucas coloca Jesus em movimento: dirigiu-se, vieram as pessoas, a multidão caminhava, vai ao encontro. É que Deus está sempre em movimento. Até Aristóteles, um filósofo grego que não entendia nada do Deus bíblico, usou uma expressão que foi traduzida em latim: *motor immobilis* – o primeiro motor imóvel, por ninguém movido e que Santo Tomás chama de primeiro movente.

A vida humana é um encontro entre dois fluxos: um da vida e outro da morte. São experiências que vivemos no cotidiano. Há três dias, uma psicóloga estava preparando uma festa e foi ao florista. Encontra-se com uma amiga que foi ao mesmo lugar. Só que o rosto dela era diferente: era um rosto carregado. Ela também iria comprar flores, só que para colocar no caixão de seu pai. As duas se encontram: é a história humana. É isso que Deus quer nos mostrar. Quantas vezes caminhamos saltitantes pela rua e, se olhamos à direita, encontramos não um agonizante físico, mas um agonizante espiritual?!

Lucas faz com que uma multidão carregue a vida eterna: os discípulos e Jesus, e outra carregue a morte: é o enterro. Vida e morte são a nossa experiência de cada dia. É claro que não é preciso ser morto de cemitério. Há tanto morto-vivo caminhando pelas ruas, pessoas que já morreram e nem se deram conta. São pessoas vazias que perambulam como máquinas, como robôs ou manequins. Jesus nos chama para seguir com o grupo que caminha com a vida. Em primeiro lugar, a vida física. As pessoas precisam comer, alimentar-se. Não podemos aceitar que haja fome neste país. Cabe a nós fazer o milagre da partilha.

Somos também doentes na alma e no coração. Perguntem aos farmacêuticos sobre a quantidade imensa de antidepressivos que eles vendem. É a mercadoria mais vendida nos Estados Unidos. Estamos muito longe de aprender a trabalhar essa doença. Dizia ontem que um professor da Universidade Federal, em Belo Horizonte, um grande filósofo, está organizando um curso de pós-graduação para médicos, para que eles aprendam a perceber que os doentes não têm apenas doenças no corpo, mas no coração e no espírito. O ser humano é aberto ao transcendente e, quando estamos doentes, adoecemos na totalidade. Somos frágeis espiritual e fisicamente.

Para comprovar isso de maneira tão simples e cotidiana, fui visitar a Irmã Fabíola (*), internada no CTI. Converso com ela e saio, quando algumas enfermeiras comentam que eu era padre. Um dos doentes se volta e me chama,

pedindo ajuda. Disse-lhe que não era médico e não poderia lhe dar nenhum remédio para curar-lhe o corpo. Mas ele queria outro tipo de remédio – estava doente do espírito. Precisava que alguém lhe falasse da transcendência. Estava todo cheio de tubos, com todos aqueles aparelhos apitando – para a doença do corpo tinha recursos, médicos e enfermeiros competentes. Mas queria alguém que lhe falasse para além daquele corpo enfermo, pois estava doente também do espírito, uma doença que poucos conseguem curar. E todos nós podemos fazer isso, não apenas nós, padres, mas qualquer ser humano. É a nossa vocação cristã sermos médicos do espírito, da alma. Que os médicos do corpo sejam três vezes médicos. Não adianta cuidar apenas do corpo, colocar um soro, um aparelho para controlar batimentos cardíacos, se por dentro a pessoa geme e sofre o vazio. O silêncio, o vazio, a solidão, são muito maiores que o mal orgânico.

Quando Jesus encontra essa mulher, Ele a cura nos três níveis. No primeiro – devolver a vida –, não podemos fazer nada, mas Ele faz. E continua dizendo para a mulher: “não chore!”. Ele fala ao seu coração. Toca a parte espiritual, sensível, afetiva, a sua parte materna. Mostra a ela que a vida é mais bonita que suas lágrimas. Jesus se aproxima, e aí aparece a palavra que eu gostaria de trabalhar hoje com vocês: Ele teve compaixão!

Compaixão não é dó, que a gente sente por uma pessoa triste. Dó dá ideia de que eu estou bem e a pessoa está mal. É muito pouco! Compaixão é *cum + passio*. É preciso que eu desça, pois do contrário não posso ter compaixão, que me coloca no mesmo nível de quem sofre. *Cum* é junto a, junto de, é estar ao lado, pois só assim posso ter compaixão. É preciso se abaixar, encostar-se na pessoa para captar-lhe a dor e fazê-la minha dor. Paixão em português – não é preciso muito Aurélio (**), não – tem dois sentidos muito diferentes que cruzam a existência. Falamos em paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo significando sofrimento, dor, cruz. Mas também os jovens adolescentes sabem que coisa é paixão: é aquele surto de amor que explode por dentro. A ligação semântica, o motivo que faz essas palavras se cruzarem é que, quando me encosto no sofrimento do outro, brota em mim uma energia espiritual de amor e de presença a esse outro, que me torna capaz de arrancá-lo de baixo, elevá-lo e devolver-lhe a vida. Abaixamo-nos para, junto com quem sofre, levantarmos. Não podemos devolver a vida física a ninguém, mas temos a fé para devolver a vida espiritual. Podemos devolver a vida a infinitas pessoas, se tivermos compaixão por elas, nos aproximando, nos encostando, ouvindo as suas dores. O ouvido é o grande sentido do amor. Olhar e ouvir são as grandes manifestações do amor. Amém. (10.06.07/10º.domingo comum)

(*) religiosa franciscana que trabalha na Paróquia de Vespasiano

(**) referência ao dicionário Aurélio

O PERDÃO NASCE DO AMOR (Lc 7, 36-8, 3)

Tentei ler bem *devagarinho*, para que vocês começassem a ver a escritura com olhos novos. Esse texto foi trabalhado por anos a fio, ao contrário de nós, que escrevemos um artigo em meia hora. Os autores – Lucas terá sido o último – foram trabalhando e pesando cada palavra. Imagino um grande triângulo isósceles: no alto está o fariseu – a lei. Ele julga Jesus e a pecadora, porque se julga o santo, o puro, o cumpridor da lei. A mulher era a pecadora, e também aquele Homem que se deixara tocar por ela, e que, portanto, não poderia ser o Messias. Os demais eram inferiores, e o fariseu permanecia feliz no alto do triângulo, e assim ficaria eternamente. Os presunçosos, aqueles que se julgam mais que os outros, nunca saem de suas alturas, enquanto todos ficam embaixo.

Jesus vai tomar o triângulo e virá-lo. Não se colocando acima, mas fazendo o que menos esperamos: coloca a pecadora no vértice de cima, tornando-a o grande critério para analisarmos a realidade. Jesus vai então falar de dois devedores, reconhecendo primeiramente que ela era devedora, e de muito – quinhentos ducados de prata. Sem dúvida, o fariseu era um homem justo, que cumpria os mandamentos, mas que também tinha o seu débito de cinquenta ducados, que ele não reconhecia. Ela, que devia quinhentos, reconhecia a sua dívida. Por ele não reconhecer o seu débito, nega a água, o beijo, o óleo. A água, que é a pureza e o bem; o beijo, que é o amor; o óleo, que nos envolve, nos unge e amacia o nosso coração. Portanto, o seu coração é duro e impuro. A mulher lava os pés de Jesus com lágrimas, que é uma das maneiras mais bonitas que nós, seres humanos, temos para expressar o amor, o carinho, a dor, a alegria. Choramos de alegria e de tristeza. Quando somos sucumbidos pela morte de uma pessoa, choramos, e é bonito ver uma pessoa chorar a morte de um pai, de uma mãe, de um filho. As lágrimas lavam o coração.

Essa mulher chora e chora muito, a ponto de poder lavar os pés de Jesus, e, naquela época, como andavam descalços, os seus pés deveriam estar bem sujos. Ela lavou-os com suas lágrimas, enquanto o fariseu, nem água ofereceu a Jesus. Reparem o contraste. Jesus continua com suas metáforas, e vem aí a lição mais bonita. Ele vai ligar duas realidades que parecem tão diferentes: amar e perdoar. Nós achamos que amar é uma coisa e perdoar é outra. Perdoar é sempre um gesto de cima. Eu perdoar, porque sou melhor que os outros. Jesus não permite que entendamos o perdão dessa forma. O perdão nasce do amor.

Ainda outro dia eu falava da compaixão. Para termos compaixão é preciso que desçamos da altura onde estamos e nos coloquemos no mesmo nível das pessoas. Jesus, para falar do perdão, vai dizer a mesma coisa. Já falei várias vezes sobre a origem da palavra perdão. Quem conhece um pouquinho de linguística sabe que a partícula **per**, em português, significa que determinada ação é levada a seu extremo, a seu grau mais elevado. Perdão é dom, é presente, é o dom maior que eu posso dar. Jesus liga o perdão ao amor, e aí fica um teste para vocês. Pode

ser que aqui haja pessoas separadas, que um dia amaram o marido ou a esposa. Tantas vezes as separações são duras, conflituosas e deixam marcas, mágoas e até ódios. Testem a si mesmos. O amor se mede pelo tamanho do perdão. Primeiro, vem o perdão e só depois, o amor. O amor nasce do perdão, e não o contrário. Precisamos começar a fazer uma violência tremenda dentro de nós, arrancando de nossas vísceras as nossas amarguras, mágoas, sofridos e doídos sentimentos, para dizer que agora estamos limpos, perdoamos e amamos. Se não dermos o passo do perdão, não chegaremos ao amor.

Costumo dizer uma frase que já ouvi tantas vezes: a família é o lugar das maiores alegrias, mas também das maiores tristezas e sofrimentos. Guardem isso! Na família as dores são fortes, porque os amores também são fortes ou, pelo menos, foram um dia. Mesmo que aconteça menos no Brasil, na rica Europa os filhos já não toleram mais seus pais e os encapsulam em asilos, porque já não amam, porque não sabem perdoar. Testem e se perguntem: se sou capaz de perdoar, eu amo. Se não sou capaz de perdoar, tenho apenas a ilusão de que amo, mas ainda não aprendi a amar. Amém. (17.06.07/11º. domingo comum)

DEUS É PROPÍCIO PARA O SEU POVO

(Is 49, 1-6/Lc 1, 57-60.80)

João Batista é um santo muito conhecido no Brasil, inclusive, na nossa comunidade, existe uma capela dedicada a ele. Mas a coisa é bem mais séria com esse rapaz, chamado João Batista, porque o seu aparecimento foi uma surpresa atrás da outra. Ele era um filho que não podia vir, não era esperado, era o impossível e improvável, e por muitas razões. Houve muitas coisas inauditas para essa criança aparecer. Primeiramente, os pais eram velhos e não podiam conceber – um primeiro impedimento biológico. Lá estava o velho Zacarias pensando que iria partir sem deixar descendentes, a velha Isabel, toda envergonhada, escondida em sua casa, e Deus olha para eles. Parece que Ele tem um prazer muito especial em tomar as situações que julgamos impossíveis e girá-las a cento e oitenta graus, fazendo com que a realidade se modifique. Uma segunda coisa é saber que ele se chamará João, e não deveria, como era a tradição, porque não havia nenhum João naquela família. João é um nome muito bonito – *Yohanan*, em hebraico. *Yo* é a abreviatura de Javé, e *hanan* – para alegria das *anas* – significa misericórdia, propício, afável: Deus é propício, é gratuito, Deus é misericórdia.

Primeiramente, Isabel e depois Zacarias escolhem um nome para dizer que esse menino foi propício para com eles, para com o povo de Israel, e ninguém entendia a razão. Pensem um pouquinho na experiência de cada um de nós: quando realizamos um ato de bondade verdadeiramente gratuito, ele é imprevisto. Portanto, dar presente no dia de aniversário não é gratuito, pois é o que se espera. Dar um presente quando ninguém espera é que é gratuito. Vivemos numa sociedade tão comercializada, tão condicionada por costumes, regras e etiquetas, que a gratuidade desaparece. Só existe gratuidade no imprevisto.

Uma terceira coisa imprevisto é que perguntam a um mudo, e como ele poderia responder? E outra coisa fantástica é que um mudo fala. Quando escreve que João seria o seu nome, a língua de Zacarias se solta, e ele fala, recitando o belo hino do *Benedictus* (*).

Maria, a mãe do Salvador, estará perto desse menino ao nascer – outra coisa absolutamente improvável. Como Isabel poderia saber que sua prima, que morava noutra cidade, também ficara grávida daquele que seria para nós, hoje, Jesus Cristo? João nasce! Jesus ainda não nasceu, mas está ao lado dele. Outra coisa improvável é que, quando as duas mulheres se encontraram, as duas crianças, no escuro do seio de suas mães, também se encontraram. Hoje, as mães sabem que, quando ainda estão em seus seios, seus filhos se comunicam com elas, e os psicanalistas vão mais longe ainda e dizem que, antes de nascer, as crianças já estão captando problemas, complexos. Nem nasceram e já estão cheias de problemas que vão gerar dinheiro para os psicanalistas mais tarde. E ali, naquela cena, já aparecem as duas crianças se comunicando.

João nasce e não vai para a escola estudar, não vai para a sinagoga aprender, mas para o deserto. Como é diferente esse menino! Cresce no deserto. Qual de vocês, pais e mães, têm coragem de soltar um pirralhinho num deserto? E os desertos daquela época não eram como os de hoje, onde se praticam safáris, com os bichinhos todos arrumadinhos. Era deserto mesmo, com muitas cobras, víboras e serpentes terríveis, e é bom lembrar que também não havia soro para combatê-las. Esse menino vai viver nesse meio e se alimentar de gafanhotos e mel silvestre. Ele nasce, cresce, fica forte e não morre, mesmo sem receber qualquer cuidado. Que coisa impressionante! Parece que Deus está brincando! E tudo isso apenas para uma coisa só, pois ele morrerá pouco depois. Logo que aparece, morre. Mas aparece para fazer o gesto mais bonito de toda a existência humana: com o seu dedo, mostrará para a humanidade quem é Jesus. Ele será o precursor do Messias. Fez tudo para que Israel conhecesse Jesus. Diante do outro João, de Tiago e de tantos que depois serão discípulos, passa Jesus, e ele dirá aquela frase que até hoje repetimos: “este é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo!” Dois mil anos depois, em todas as missas, a sua frase é repetida. Falou muito pouco, mas uma frase tão forte que ficou gravada na memória da humanidade. Esse é o João Batista de ontem!

João Batista toma uma passagem do servo sofredor, personagem muito importante para a cultura judaica que a liturgia vai usar para três realidades: primeiro, para o povo de Israel, conforme a leitura que ouvimos. A liturgia continua aplicando essa figura a Jesus, e hoje, para surpresa nossa, aplica também a João Batista, que era uma espécie daquele que prepara tudo para a vinda de Jesus. Isso foi há dois mil anos, mas existe João Batista aqui nesta igreja, todos somos João Batista e não só de nome.

Hoje, cada um de vocês pode ser um João Batista. Esse homem não fez nada mais do que conduzir uma pessoa a encontrar o Senhor. Fez-se de ponte. De um lado, estavam os discípulos, do outro lado, estava Jesus, no centro, o rio da história. João foi a grande ponte, e nós também somos chamados a ser pontes, para que as pessoas se aproximem do Senhor. Vou citar o jovem que está sentando ali, que toca e canta bem. De repente, encontra alguém perdido por aí, sem eira nem beira, desvairado no mundo da droga. Pode se achegar a ele e dizer de uma luz maior que as trevas onde vive. É hora de ser João Batista, não importa o nome que tenha, porque chega perto de alguém e lhe aponta outra direção.

O primeiro João Batista é a mãe verdadeira – porque há mães também desvairadas – que é capaz de tomar o seu filho pequeno e conduzi-lo ao bem, à beleza, à justiça, ao amor, ao carinho. A criança não sabe quem é Jesus, e será a mãe que a introduzirá nessa verdade. Já repararam que todos nós precisamos de um João Batista, que nenhum de nós chegou sozinho ao batismo, que nenhum de nós chega diretamente à fé? Mães que passam às crianças alguma coisa diferente são os reais João Batista. Também as catequistas, os monitores de crisma, os bons professores e companheiros. O primeiro João Batista já morreu, está no

céu, está na história. Mas, o mais importante não é o que celebramos, mas o que queremos ser e somos.

João Batista é, como diria Leonardo Boff, um grande arquétipo, dessas estruturas fundamentais do ser humano, aquelas figuras que nos marcam por toda a vida. Precisamos de João Batista para tudo: para aprender a comer, ler, caminhar, rezar, de tal maneira que um economista e político francês, Jacques Delors, delineando as perspectivas de como seria a educação no século XXI, disse que ela deveria começar com o aprender a pensar, a fazer, a ser, a agir, a amar. Mas sempre aprender, até mesmo aprender a aprender. Isso é ser João Batista! Precisamos de alguém que nos empurre. Até mesmo as máquinas precisam de alguém para acioná-las.

Jovens, sejam João Batista para os seus colegas, seus amigos, seus companheiros de vida! Frequentemente as pessoas caminham nas trevas. João é luz que ilumina, é palavra que corta, é aquele que diz que há um caminho bonito para ser seguido. Se vocês levarem alguém a Jesus, a única fonte da sabedoria, durmam dizendo que hoje foram João Batista. Amém. (23.06.07/Natividade de São João Batista)

(*) Lc 1, 67-79

JESUS, O SALVADOR DA HUMANIDADE

(Lc 9, 18-24)

Esse evangelho tem uma beleza toda especial, não tanto pelo texto, mas pela moldura. Muitas vezes, um quadro de arte fica ainda mais bonito quando uma moldura faz realçar a obra. O núcleo do texto é esta frase: “Quem vós dizeis que eu sou?”. É uma pergunta que muitos fazem, pois ninguém escapa dessa curiosidade. Agora mesmo, quando vamos terminar um semestre, alguns professores fazem uma revisão, procurando saber a opinião dos alunos sobre o curso, o professor. Também os jogadores, na Copa, devem estar o dia todo procurando nos jornais os comentários que são feitos sobre eles. Sem falar nos políticos, que vivem vasculhando os jornais e revistas para saberem o que dizem deles. Mas será que esse evangelho trata apenas de uma curiosidade de Jesus?

Lucas é muito inteligente e coloca esse evangelho entre dois acontecimentos importantes da vida de Jesus. Começa por retirá-lo para um lugar solitário, aonde foi rezar com os apóstolos. Um pouquinho antes tinha havido a multiplicação dos pães e logo depois aconteceria a transfiguração. Esta é a moldura: a oração num lugar deserto com os apóstolos. Antes estava a multiplicação dos pães, porque nós só saberemos responder quem é Jesus, se participarmos deste pão. Só quem comunga sabe responder quem é Jesus. A multiplicação dos pães é o símbolo, a prefiguração, a antecipação da eucaristia. Portanto, para responder ou perguntar quem é Jesus, precisamos participar da eucaristia. A quem vem aqui e participa, eu posso perguntar, porque comungou, viu, sentiu a sua presença entre nós.

Lucas coloca ainda a cena do Tabor, que também é muito simbólica. O que mais me encanta nos evangelho são os símbolos, pois são muito mais profundos. No Tabor, Jesus, com o seu corpo físico, normal, de repente, fica fulgurante e conversa com Moisés, um homem que arrancou o povo da escravidão do Egito e o conduziu durante quarenta anos pelo deserto. Conversa ainda com Elias, o profeta que, simbolicamente, subiu aos céus numa carruagem de fogo. No Tabor, os três vão conversar sobre a saída de Jesus, isto é, a sua morte na cruz. Aí está completo o quadro: eucaristia, glória, cruz – a grande trilogia de Jesus! Diante desse quadro completo, cabe a nós responder: quem é Ele em nossa vida? É Ele que nos alimenta, que está glorificado, mas, para chegar a isso, terá que passar pela morte, e uma morte tremenda. Só entendendo esse quadro, poderemos entender a pergunta. E devemos reparar que há três negativas: Ele não era João Batista, não era Elias e nem um dos grandes profetas. Essas três negativas também não são fortuitas, e nenhuma delas satisfaz a Jesus.

Jesus não poderia ser João Batista, porque esse trazia a ideia de um deus tremendo, que peneirava o grão para queimar a palha. Jesus trazia uma experiência diferente de Deus Pai. Conhecia o Deus do perdão, da misericórdia, da acolhida. Também não poderia ser Elias, pois esse, de acordo com a simbologia bíblica,

nem teria morrido, pois fora para o céu num carro de fogo, deixando um manto maravilhoso para o seu discípulo Eliseu. Jesus morreu nu, sem ter nenhum manto para deixar. Ele era alguém muito próximo de nós. É impressionante quando começamos a meditar sobre a fragilidade de Jesus! O evangelho continua dizendo que Jesus também não é nenhum dos outros profetas, que olhavam para a realidade, percebiam o que era contrário ao projeto de Deus e gritavam contra ela. Jesus não fez nada disso. Diante da mulher surpreendida em adultério, mandou que ela fosse em paz. À samaritana, que tinha cinco maridos, revelou-se como Messias. A Zaqueu, que se reconhecia como ladrão, entrou em sua casa e ofereceu-lhe a salvação. Como Ele era diferente dos profetas! Era Jesus, o salvador da humanidade! Amém (20.06.2010-12º. domingo comum)

PEDRO E PAULO: INSTITUIÇÃO E CARISMA

(At 13, 14.43-52/Mt 16, 13-19)

Pedro e Paulo: dois santos, duas colunas, duas personalidades bem diferentes, dois símbolos maravilhosos para a Igreja.

Nas duas primeiras leituras já aparece a grandeza de Jesus. No seu tempo, existiam dois grandes centros: um centro cultural, que era Atenas; e um centro político, que era Roma. Pedro e Paulo não vieram nem de Atenas nem de Roma, mas de um cantozinho do Império Romano, que já tinha estendido seus tentáculos por grande parte do mundo conhecido e chegado até a Palestina. Pedro é um homem simples, pescador, eu diria, quase analfabeto – devia saber ler apenas a escritura – , mas era corajoso, valente. Com o mesmo temperamento que afirmava, também negou. Foi o mais aguerrido servidor de Jesus, mas também o homem covarde que falhou, quando Jesus perdeu todo o poder. Quem sabe ele viu em Jesus muito mais o poder do que a própria pessoa? Quando Jesus está despido, reduzido à situação de escravo, preso, flagelado, ensanguentado, Pedro não resistiu. Aquele não era o Jesus que ele conhecia – “não conheço este Homem!”. De fato, Pedro não conhecia aquele Jesus. Portanto, não foi uma traição no sentido nosso, mas muito mais profundo: é o não reconhecimento dessa dupla dimensão de Jesus. Ele se habituara ao Jesus poderoso, que fazia milagres, discutia com os fariseus, calava os adversários. Aí ele se entusiasmava e o seguia animado. Mas Jesus se desfez, se despiu de toda a glória, reduzindo-se a quase nada. Então Pedro vacilou! Não pensem que é só ele não, somos todos nós.

Quando nos aproximamos de alguém que imaginávamos uma pessoa importante, e, de repente, essa pessoa se desfaz, também nos afastamos, fugimos. Sei de um grande banqueiro que vivia em Salvador, na Bahia, rodeado de bajuladores. Mas o seu banco foi à falência, ele quase foi preso por algumas jogadas pouco dignas, e daí em diante passou a ser uma pessoa praticamente anônima, de quem ninguém mais se aproximava. Perdeu o poder, o prestígio, as amizades: “eu não te conheço!”. Quantas vezes nós somos esse Pedro, que não conhece, não reconhece o seu amigo, o parente?! É isso que Pedro fez diante de Jesus.

Mas Jesus não parou aí. Ele tem um coração muito maior e não deixa quebrar a confiança no amigo. Vai confiar no mesmo Pedro por duas vezes ainda – antes e depois da traição. Antes da traição é essa cena que ouvimos, depois da traição, é a cena onde Ele pergunta por três vezes se Pedro o amava (*), e esse vai afirmar por três vezes: “Senhor, tu sabes tudo. Tu sabes que eu te amo!”. Aí ele dá um salto qualitativo: já é o Pedro que ama o Jesus que passou pela morte e ressurreição. É outro Pedro. É aquele que será um dos fundamentos da Igreja e da nossa fé. É o Pedro da instituição. Lá em Roma, na Praça de São Pedro, ergue-se

uma imensa estátua dele apontando para o chão, porque é o homem do concreto, do chão, da instituição, da organização. Quando estamos aqui reunidos, somos Pedro. Esta paróquia, enquanto funciona, com jornalzinho, cursos de crisma, de catequese, com ministros da eucaristia, com coroinhas bonitinhos, é Pedro – a organização absolutamente necessária. O pároco, que se desvela para que esta paróquia seja viva, também é Pedro, aquele em quem apostamos e acreditamos, e a quem agradecemos.

Ainda uma palavrinha sobre Pedro. Reparem que ele estava preso, amarradinho, atado com correntes, vigiado pelos guardas. Aparece um anjo rompendo-lhe as cadeias, abrindo-lhe as portas da cidade para que ele saia. Quantas vezes também nós estamos amarrados, presos? Precisamos do anjo que arranque as nossas cadeias da droga, do sexo desvairado, do consumismo, das preocupações que ocupam toda a nossa mente, das televisões, dos programas da vaidade e vacuidade. Tudo isso são cadeias que nos atam e, se não aparecer um anjo, nunca sairemos delas. Mas o anjo veio e quebrou as cadeias. Todos nós somos capazes de ressuscitar, de sair de nossa miséria, de nossa maldade. É o anjo que nos conduz, que nos tira da cadeia, que nos livra nas horas tristes. Pode ser o filho, o pai, o amigo, mas será sempre alguém que, quando estivermos amarrados e lá embaixo, nos estenderá a mão.

Ainda outro dia fui visitar o cadeião. Numa das celas, um jovem interpelou-me: “Padre, estou com vontade de suicidar. Reze por mim!”. Fiquei mudo diante daquele jovem à beira do suicídio, trancafiado naquela prisão escura, cheirando mal. Para ele, a vida não tinha mais nenhum sentido. Precisava de um anjo que lhe abrisse as cadeias, para que saísse para a vida, para a família, para a sociedade. Para aquele jovem, o anjo ainda não chegou.

E Paulo? Na estátua diante do Vaticano, Paulo tem o dedo bem levantado para o alto. Tinha mais cultura, mas falava contra o Senhor, o perseguia. Mas é esse homem que Jesus vai chamar. São os mistérios de Deus! Paulo é inquieto, não para. Ficou três dias e três noites agarrado a um pedaço de tábua no meio do mar. Imaginem quanto esforço e energia para não morrer afogado, nem de fome, nem sequer desmaiar. Era um homem que não parava. Não tinha medo dos perigos físicos nem dos intelectuais. Foi ao Areópago, lá em Atenas, lugar da cultura, onde já estavam as maiores inteligências do mundo. Vai lá falar para os gregos, que cultuavam uma quantidade imensa de deuses num grande *pantheon*. Ele, perspicaz, solerte, inteligente, tinha passado pelo cemitério e visto uma lápide onde estava escrito *agnôsto Theô* – Ao Deus desconhecido. Aos gregos, que adoravam até um Deus que não conheciam, ele vai falar de Jesus Cristo, morto e ressuscitado.

Esse é Paulo! Chega até Roma, e lá morre decapitado porque, como cidadão romano, não poderia ser crucificado. Hoje há uma imensa basílica construída sobre o seu túmulo (**), assim como a maior igreja do mundo está construída sobre o túmulo de Pedro. Lá em Roma, estão essas basílicas imensas, mostrando

a grandiosidade da fé transmitida ao longo dos séculos. Pedro e Paulo, dois homens tão diferentes, pelos quais se inicia a longa tradição cristã – nascemos do sangue de dois mártires! Paulo significa o fundamento carismático, a coragem. Se somos Pedro quando estamos aqui, precisamos ser Paulo quando sairmos desta igreja, nas escolas, no trabalho, na família e falarmos do Senhor Jesus. Nesse momento seremos Paulo.

Ser Pedro é mais fácil, é vir à igreja, vir à missa e ficar sentadinho num banco. É maravilhoso ser Pedro! Mas ser Paulo é muito mais bonito e também mais difícil. É sentir que Cristo inundou tanto o seu ser que não coube dentro dele. É como se alguém explodisse, como Paulo explodiu Cristo para o mundo inteiro. Se tivéssemos um pouco de Paulo, daqui um, dois meses essa igreja não caberia os fiéis, porque vocês passariam a tantos a alegria imensa de acreditar em Jesus. Pedro organiza, Paulo anima! Amém. (01.07.2007/Festa de São Pedro e São Paulo)

(*) Jo 21, 15-19

(**) Basílica de São Paulo Extramuros

A PACIÊNCIA INFINITA DO AMOR ***(1Rs 19, 16.19-21/Gl 5, 1.13-18/Lc 9, 51-62)***

A liturgia hoje fez uma composição de três textos: um do Antigo Testamento, uma carta de Paulo e o evangelho, para que compreendêssemos melhor quem é Jesus. Precisamos entender melhor a inteligência que permeia esta liturgia, que retrocedeu até Elias, passando por Jesus, até chegar a Paulo. Que poderá ter em comum três situações e pessoas tão distantes? Paulo sequer conheceu Jesus, mas a liturgia une os três, para que aprendamos quem é Jesus. Como Ele está no meio, será a luz para entendermos a relação.

Inicialmente, Elias passa e chama o discípulo. O mesmo acontece com Jesus, só que Elias ao chamar, jogava o manto. Ambos chamam, mas enquanto Eliseu pede licença para despedir-se dos pais, e Elias permite, Jesus nega a quem pediu a mesma coisa. Será que Ele é tão violento, que sequer permite que nos despeçamos de nossa família? Claro que não é isso, pois Jesus era muito mais profundo. A questão não é despedir ou não. O que Ele espera de nós é uma profunda liberdade interior. Paulo captou bem a mensagem e, posteriormente, irá falar que livres eram os que viviam segundo o Espírito, isto é, os que tinham a capacidade de sair de si mesmo e se dispor para os outros. Para Paulo, carne significa o egoísta, aquele que só pensa em si, nos pequenos projetinhos. O Espírito é infinito, se expande, enquanto a carne se fecha. É esse jogo que Paulo percebe nessa chamada diferente de Jesus.

Recordo agora um outro texto que lemos recentemente, para buscar outro pormenor. Elias disputa com os sacerdotes de Baal, pede o fogo do céu para consumir o sacrifício e degola todos eles. Jesus não é recebido pelos samaritanos, os apóstolos querem o fogo do céu, mas Jesus nega. Eles não o entendiam. Se os samaritanos não o aceitavam naquele momento, Ele iria à outra cidade. Ele se dispõe para nós. Quantas vezes Ele passa ao nosso lado, nós lhe dizemos não, e nenhum raio cai sobre nossas cabeças?! Ele continuará esperando até o último suspiro. Jesus tem uma paciência infinita! João e Tiago querem o fogo, mas Ele não. Em outra passagem, Ele dirá que não trazia o espírito da vingança. Seu reino era diferente, era de liberdade, de acolhida, de compreensão. É assim que devemos ser: pessoas abertas e compreensivas, que têm o coração desprovido de rancor, de mágoa, de dor. Se não formos aceitos, voltaremos amanhã ou depois. É a paciência infinita do amor! A única realidade realmente capaz de esperar é o amor, a única pessoa que espera é aquela que ama. Saibam disso, namorados, noivos! Se realmente amam, serão capazes de esperar. Se não conseguem esperar, é porque não amam, apenas iludiram-se. Se existe em nós a verdadeira grandeza, somos capazes de esperar. É assim que uma mãe espera infinitamente um filho desgarrado por aí. Ela não mede sequer o crime cometido pelo filho, mas só mede o amor que espera sempre.

Jesus também é assim. Estejam certos de que Ele espera cada um de nós. Mesmo quando sairmos para nos perder, Ele continuará esperando por nós nas esquinas da existência. Só que Jesus é inteligente e não espera parado, manda mensagens através de

peessoas, de acontecimentos que nos tocam e mostram quem é Deus para nós. Precisamos descobrir o que Deus está nos falando através de tudo o que nos acontece. Não podemos continuar cegos, sem conseguir ver as belezas que Ele tece ao nosso lado. A cada dia, um novo fio corre por aí, formando um maravilhoso bordado que, muitas vezes, só vemos pelo avesso. Mas se virássemos o bordado, conseguiríamos ver as figuras belíssimas que Deus está tecendo para nos atrair e encantar. Deus canta em nosso coração, porque Ele sempre nos encanta. Amém. (28.06.2010/13o. domingo comum)

A PREGAÇÃO COMEÇA PELO MODO DE SER ***(Is 66, 10-14c/Lc 10, 1-12)***

Ao ler esse evangelho, parece-nos que Lucas, ingenuamente, de maneira singela, descreve um fato: Jesus e os discípulos que saem para pregar o evangelho. Mas será que é isso mesmo? Será que ele não está contando muito mais do que essa visão imediata? Mesmo que estivesse descrevendo um fato, teria acontecido dois mil anos atrás, e o *passado passou* e não volta. A história é irreversível, caminha continuamente. Portanto, não tem sentido falar do passado, pois ele só faz sentido se nos abre para o futuro. Para isso temos a história.

Lucas nos deixa esse texto e começa dizendo que Jesus escolheu 72. Por que 72 e não 80 ou 90? É que a ONU (*) daquela época contava 72 nações. O mundo não passava de 72 nações. Portanto, não é o número que interessa. Lucas quer dizer que Jesus mandou discípulos para o mundo inteiro, a todas as partes. É a grande ideia universal, sem nenhum privilégio. Jesus veio quebrar todos os privilégios, a começar do povo de Israel. Se compararmos esse texto de Lucas ao que ouvimos no Antigo Testamento, notaremos uma inversão. Ouvimos, na primeira leitura, que os rios convergiam para Jerusalém, uma cidade glorificada, o grande útero, a grande mãe que alenta e dá leite a todas as pessoas – uma imagem bonita do profeta. Lucas nos mostra uma nova Jerusalém, não mais centrípeta, mas centrífuga, uma Jerusalém que se expande para o mundo inteiro. É o mundo que sai de Jerusalém para todas as outras partes, o evangelho sendo levado a todas as nações, não apenas a Jerusalém. Ela é símbolo de onde partiram os apóstolos, não mais o lugar para onde convergem todos os povos.

Foram mandados de dois a dois. Que imagem bonita, principalmente na cultura de hoje! Dois é mais bonito que a solidão do um. Não há coisa mais trágica do que a solidão do um, do egoísmo, da pessoa que se fecha e não é capaz de ver ninguém além de si mesma. É o *narciso dos narcisos* (**), aquele que só tem olhos para o espelho em que pode ver apenas a si mesmo. O evangelho não é algo próprio, individual, mas é para ser compartilhado. Jesus os manda dois a dois: é o outro, o diferente. E como está sendo difícil ver essa interação na sociedade brasileira!

Ainda outro dia, em Nova Lima (***), um jornalista gritava, anunciando o seu jornal. Um senhor sai, todo superior, daí a pouco volta com um revólver e simplesmente mata o jornalista que o incomodava. Que coisa terrível! Também no Rio de Janeiro, uma mulher simples, pobre, é espancada, porque foi considerada diferente. O mesmo egoísmo dos jovens de Brasília, dos quais nunca nos esqueceremos. A perversidade chega a tal ponto, que encontram com um índio e o queimam. A cada dia, encontramos fatos como esses nos jornais. É a incapacidade do homem e da mulher moderna de suportarem o outro. Como aquele fato que já contei tantas vezes do executivo que se recusa a desligar

o celular dentro do avião, ainda que colocando em risco a vida de todos os passageiros e tripulantes. Os outros que se danem, pois só ele existe.

O Senhor enviou dois a dois, para que um arrancasse o outro de si mesmo. E continua: quando entrarem numa casa, desejem que a paz esteja com todos os que ali habitam. É um desejo simples e tão oportuno no mundo de hoje. Paz em hebraico é *shalom*, e não significa apenas ausência de guerra, mas todos os bens que temos para comunicar. E o primeiro bem que temos para comunicar somos nós mesmos. Se não comunicarmos a nossa pessoa, nossa liberdade, nossa fé, nosso olhar, nosso corpo, nosso ser, todas as outras palavras serão vazias. Ao sairmos desta igreja e encontrarmos os amigos, os colegas, os familiares, eles deverão notar em nós algo diferente. Ao dirigirmos um automóvel, precisamos ser diferentes. Precisamos ter olhares transparentes e, mais do que nunca, a paz precisa começar entre as pessoas mais próximas, pois é aí que se travam as batalhas mais duras e dolorosas, as que mais machucam.

Lucas continua com os seus símbolos, pois hoje ele resolveu esnobar. Devemos ir à casa dos outros, não como lobos, mas como ovelhas. Ovelha é a oferta da lã para nos vestir e do leite, para nos alimentar. Já viram animal mais bonito que esse? É símbolo do vestir e do alimentar. Precisamos ser ovelhas, oferecer a nossa lã para aquecer os corações e o nosso alimento para que as pessoas cresçam. Será que, ao contrário, entramos nas casas como lobos vorazes que devoram as pessoas ao invés de fazê-las crescer?

Quando andarmos, também não precisamos carregar alforjes, hoje diríamos mochilas, nem roupas, nem sandálias. Será que devemos andar nus e descalços? O que será que Lucas quer dizer com isso? Hoje poderíamos nos referir aos celulares, computadores, e tantas coisas que nos protegem e isolam. Quando tenho um celular na mão, não preciso olhar nem conversar com ninguém. Um meio de comunicação torna-se a maior causa de isolamento entre seres humanos. Nos aeroportos, fico observando as pessoas teclando compulsivamente nos seus aparelhinhos, muitas vezes, procurando pretextos para ligar para alguém.

O nosso grande problema é cultural – e nós, do Ocidente, sentimos muito mais. Os portugueses vieram para cá, e nós não falamos mais tupi-guarani. O ocidente nunca conseguiu imaginar que outros povos tivessem cultura. Somos donos da verdade, do conhecimento e, por isso, podemos dominar os outros. “Penso, logo existo”, já dizia Descartes (****). Jesus diz exatamente o contrário: deveríamos nos aproximar das pessoas, como se não usássemos sandálias nem roupas, totalmente desarmados, sem pretender impor nada. E só conseguiremos isso se estivermos indefesos. Poderemos propor alguma coisa, mas como alguém que simplesmente se coloca no mesmo nível delas. Jesus não queria que os apóstolos impusessem uma pregação, como aconteceu por tantos séculos. É contra o espírito do evangelho imaginarmos um proselitismo, uma religião que invade as casas, que impõe os seus costumes aos outros. Isso vai contra o espírito de Jesus. Ele quer que os seus enviados levem uma única coisa: a si mesmos.

Um grande pensador, um grande santo – Charles de Foucault – teve uma experiência bonita. Foi para a África, não falou de Jesus nem de religião, mas viveu com as pessoas. Nas suas atitudes, no seu modo de agir, as pessoas viram algo de original. Só aí ele lhes disse que era Jesus que vivia nele. Até hoje as irmãzinha de Foucault, que vivem em muitas regiões do Brasil, professam a mística desse evangelho: a sua pregação começa pela existência e só depois pela palavra. E tantas vezes achamos que podemos dominar pela palavra, quando é ela que deve acompanhar todo o nosso ser. Amém. (08.07.07/14º. domingo comum)

(*) Organização das Nações Unidas

(**) referência ao mito grego em que Narciso se apaixonou pela própria imagem no espelho das águas.

(***) município da região metropolitana de Belo Horizonte

(****) filósofo francês que viveu no século XVII

A VÍTIMA É QUEM NOS CONVERTE *(Lc 10, 25-37)*

Este evangelho, como é do estilo de Lucas, é cheio de pormenores que mostram um quadro bem original. Começa apresentando um mestre da lei que aprenderá justamente com um samaritano. Reparem na ironia de Jesus: é como se tomássemos um professor de Harvard, a grande universidade americana, e o colocássemos para aprender com um camponês brasileiro e analfabeto. O mestre da lei, aquele que conhecia as escrituras, que sabia de cor vários textos do Antigo Testamento, é colocado diante de um herege samaritano, que nem conhecia a Bíblia, e ele será o seu mestre. Tudo isso para quebrar todas as nossas vaidades e arrogâncias, todo e qualquer poderio e glória que os homens modernos gostam de ostentar. Hoje, qualquer *pé-rapado* já se diz doutor, e até já inventaram um pós-doutorado. Parece que o homem moderno precisa chamar de fora o valor que não existe dentro. Aquele homem é cheio de lei, mas vazio, se comparado àquele homem vazio de lei, mas cheio de compaixão. É a primeira grande lição desse evangelho.

Nós imaginamos que o grande personagem dessa parábola é o samaritano e até a chamamos de “Parábola do Bom Samaritano”, mas não é. É o nosso grande engano! Imaginamos que os personagens – o sacerdote, o levita e o samaritano – constituem o centro da parábola, mas o centro é a vítima, porque é ele quem vai modificar os três. Não é o samaritano que socorre a vítima, mas é a vítima quem o salva. O levita e o sacerdote não foram salvos, porque não se deixaram salvar. Enquanto não nos deixarmos salvar, não nos salvaremos. A salvação está fora de nós. Toda essa doutrina de auto-ajuda, tão popular nos dias de hoje, tão espalhada pelos aeroportos e rodoviárias, coloca em nós o poder de resolver todos os problemas. Jesus inverte essa realidade. Começa pelo sacerdote, que descia do templo de Jerusalém, todo cheio de si. Acabara de cumprir seu dever e encontra a vítima. Passa ao largo, porque não tem tempo. Acabara de oferecer o sacrifício, rezara solenemente a Javé, Todo-Poderoso, encontra a pobre vítima e passa pelo outro lado. Não se deixa salvar por ela. Aquele que clama por salvação salvaria aquele que pensa que se salva. A pobre vítima clama ao sacerdote para que saia da consciência do dever cumprido, de ter feito tudo o que podia, da acomodação. Mas ele não saiu, passou pelo outro lado, pelo lado da não-salvação. São como os sacerdotes que vivem a Instituição e se esquecem das pessoas. Podemos aplicar essa lição a todas as profissões: políticos que se ligam ao partido, professores voltados apenas para a academia, médicos presos apenas à ciência. Envolvem-se de tal maneira com as regras, com as leis, que as pessoas não contam, principalmente as pessoas que não seguem o ritual esperado. A vítima simboliza o diferente, o imprevisível, o aleatório, diante do qual nos curvamos ou passamos ao largo. Há muito mais aleatório em nossa vida do que

o programado, e é bom nos perguntar se somos capazes de nos curvar diante do inesperado, do imprevisível que nos questiona.

Logo depois, passa o levita, que vivia *enfiado* nos livros, estudando o dia todo, lendo o Talmude (*) e seus livros complementares. Sabia tudo das escrituras, estava cheio de sabedoria, de cultura. Passa solenemente ao lado da vítima, que quer convertê-lo, mas ele não se converte e passa pelo outro lado. Olhem para a vida de vocês e se perguntem: quantas vítimas gritaram aos seus ouvidos e vocês não se deixaram converter por elas? Vítimas são todas as pessoas que precisam de nossa ajuda. Não só os que foram assaltados ou agarrados por alguém, mas qualquer um em estado de fraqueza, de doença física ou psíquica, de qualquer outra privação ou ameaça. Chamam por nós, mas não nos deixamos converter, passamos pelo outro lado. Lembrem-se dessa parábola! Lembrem-se de Jesus!

O último a passar é o samaritano, um pobre que não valia nada. Era um herege, como muitas vezes pensamos sobre os fiéis de outras Igrejas. Achamos que eles agem erradamente, que não sabem nada, nunca fizeram curso de teologia aos sábados, não estão preparados, nunca farão nada que preste. São uns coitadinhos. Mas é ele que, quando encontra a vítima, acorda dentro de si o tesouro que todos nós temos. O sacerdote tinha, o levita também, mas a vítima não consegue arrancar, porque eles agarraram o tesouro para si, e não para os outros. A vítima consegue tocar o coração do samaritano e não consegue tocar o sacerdote e o levita. Esse é o grande enigma da alma humana, e nós nunca sabemos por que. Por que um fato, um acontecimento, consegue arrancar as nossas energias mais profundas, e o mesmo fato, para uma outra pessoa, tem o efeito contrário? Até a física está trabalhando isso com um conceito muito moderno, que já está sendo aplicado à psicologia e à pedagogia. Vou tomar um exemplo bem simples: um pai ou uma mãe tem dois filhos – logo, o mesmo pai e a mesma mãe –, mas um vai por um caminho de bondade, honestidade, e o outro, do mesmo pai, da mesma mãe, do mesmo lar, segue caminho contrário. De um colégio excelente, de pais religiosos, de uma família unida, sai um assassino, ao mesmo tempo em que sai um homem de bem.

O samaritano seguia num jumentozinho e trazia em seu alforje um pouco de vinho, azeite, duas moedas de prata. Mas o bem mais precioso que trazia era a compaixão. Ele vê a vítima e se aproxima, torna-se próximo. Em português, a palavra é linda, pois tem dois sentidos: de tempo e de espaço. Devemos nos aproximar das pessoas no tempo e no espaço. No espaço, até que é fácil, é só chegar perto. No tempo é muito mais difícil. Ainda outro dia, o Comblin (**) fez uma palestra e dizia que um dos problemas mais graves da cultura brasileira é a distância cultural da geração adulta em relação a esses jovens que vivem por aí, perdidos, encostados às paredes, sussurrando entre si. Houve uma grande ruptura nas tradições, que já não passam de geração para geração. Precisamos nos aproximar dos jovens, descer da cultura onde estamos e chegar perto. Precisamos ter coragem de nos aproximar dos mais humildes, ao invés

de passar todo empertigado, com terno e gravata impecáveis. São homens e mulheres estressados, preparando o próximo infarto do miocárdio. Precisamos nos aproximar de todas as pessoas no tempo cultural, no tempo etário, espiritual, religioso. Precisamos aprender também dos hereges, de pessoas que saem do nosso universo de valores. Se tivéssemos essa abertura, teríamos um pouco do bom samaritano.

Um outro aspecto muito bonito é que sobra Jesus no samaritano, quando ele diz que voltará de novo. Jesus sempre volta de novo, porque os nossos débitos sempre exigem. Ele terá sempre que pagar alguma coisa por nós. Já dera duas moedas de prata, mas voltará de novo. É o Senhor que sempre volta! Ele nunca se cansa de nós. Nós é que nos cansamos dele, ficamos aborrecidos, enjoados, mas Ele sempre olha para cada um de nós, sem nunca se cansar. Amém. (15.07.07/15º. domingo comum)

(*) livro sobre leis, tradições, costumes, lendas e histórias judaicas

(**) sacerdote belga, residente no Brasil

O AMOR NÃO DEIXA O OUTRO PARTIR

(Gn 18,1-10a/Lc 10, 38-42)

A liturgia de hoje casou duas leituras muito bonitas que tratam de temas comuns: a convivialidade, a visita, a capacidade judaica da acolhida, a importância que eles dão à refeição, de se estar junto, convivendo.

A primeira leitura é de um simbolismo muito grande. O texto anuncia que algo misterioso aconteceria, e Deus logo aparece. Moisés respeita a grande tradição da Igreja cristã, dos santos padres e dos pintores que aparecem num ícone muito famoso, que circula pelo mundo inteiro. Há três anjos fazendo menção a esses três homens que Abraão encontra e que simbolizam a Trindade. Já naquele tempo, ele anunciava que haveria um só Deus. Naquela época, acreditava-se numa grande quantidade de deuses, mas o Deus de Abraão era melhor, mais forte, verdadeiro. Claro que nunca passaria pela sua cabeça que aqueles três homens eram a Trindade, isso já é uma leitura nossa, mas o texto mostra vários sinais que prenunciavam esse encontro. Abraão prostra-se diante daqueles três homens em sinal de veneração, de respeito. É um sinal de que o homem, criatura, se prostra diante da imensa transcendência, simbolizada por três homens desconhecidos. É claro que ele percebeu alguma coisa misteriosa nessa cena.

Um segundo detalhe que nos chama a atenção é o exagero na preparação daquela refeição. Imaginem que três pessoas desconhecidas batam à sua porta. Vocês não saem apressados para ir ao *sacolé*. Ninguém faz isso nos dias de hoje para receber três desconhecidos. O texto é cheio de pormenores bonitos: a mulher que vai preparar o melhor da farinha, o melhor cabrito, a coalhada do leite mais gostoso. Ela escolhe o melhor, porque para Deus sempre devemos escolher o melhor. Mesmo que, muitas vezes, nos esqueçamos disso, para Deus devemos sempre dar o melhor que temos e do que somos. Ele quer colher em nós o que temos de mais profundo. Não está interessado em nossos pecados, mas no nosso amor, no nosso arrependimento, na nossa bondade. Abraão já intuía isso. Acolhendo aqueles três desconhecidos, está acolhendo a Trindade, para nos dizer que qualquer pessoa que for acolhida nas nossas casas estará representando a Trindade.

A leitura segue ainda mais bonita. Sabemos que Sara era velha e não poderia ter filhos. Um dos anjos, que podemos imaginar que seja Deus Pai, antes de ir embora, disse duas frases seriíssimas: “Voltarei!”. Deus sempre volta. Ele vai, e, quando parecer que está longe, lembremos desta palavra: voltarei. É como num jogo de esconde-esconde que fazemos com as crianças: nos pega no colo, nos debatemos, saímos dele, mas Ele não nos deixa. Não por querer nos prender ou nos querer mal, mas porque nos ama. O amor não deixa o outro partir, quer sempre a sua presença. Deus nos busca com os olhos, pergunta por que estamos longe dele, por que nos perdemos, pois Ele perde também. Se temos saudade de Deus, Ele tem saudade de nós, sofre com a nossa falta. Ele queria ter a todos nós,

queria que tivéssemos olhos faiscantes de beleza para Ele, que sempre deixa um sinal de beleza por onde passa. O último sinal que deixa é a segunda frase: “no ano que vem, quando eu voltar, Sara já terá uma criança no ventre”. Isso quer dizer que Sara terá vida. Onde há vida, Deus está lá. Para o judeu, não ter filho era uma tristeza enorme, e toda essa cena quer dizer que aonde Deus chega, chega a vida.

Uma pequena palavrinha sobre o evangelho. A interpretação mais tradicional, que aparece à primeira vista, é que Marta e Maria são duas pessoas que agem de modo diferente, e eu diria que não é isso. Para mim, Jesus é Marta e também Maria. São duas facetas de Jesus. Querem alguém com uma vida mais agitada que Jesus? Em muitas passagens, o evangelho diz claramente que Ele não tinha tempo para comer, tal era a sua atividade. Vivía rodeado de gente, a ponto de, em certas ocasiões, terem de descer um doente pelo telhado, por não conseguirem chegar à porta de onde estava. Levava uma vida azafamada, e aí era Marta, na dedicação, na entrega, no trabalho. Mas também era Maria, quando na azáfama da vida, era capaz de perceber a profundidade do amor e da presença. Era Maria na oração silenciosa da noite, na dimensão profunda que tinha na própria ação. Era Marta, quando trabalhava e também era Maria, porque era profundo em suas reflexões. Maria é o símbolo da profundidade, é o oposto desses programas de domingo. Ela mergulhava no mistério do coração humano, na essência do amor, da luta, do trabalho. Não se contenta, bebe a palavra, o pensar, a reflexão. Somos Maria, quando somos capazes de ir além do que os sentidos percebem. Vemos as crianças brincando como Marta, mas quando olhamos e percebemos o mistério da vida que pulula, que salta delas, temos o olhar de Maria. Se tivermos o olhar de Maria, nenhuma realidade humana irá nos escandalizar ou nos chocar. Nossos olhares estarão sempre repletos de beleza, porque, em qualquer situação, saberemos ir mais fundo do que a superfície do que acontece.

Somos educados numa cultura cada vez mais superficial, por causa da midiática, da *internet*, desses programas de auditório que só nos mostram superficialidade. Somos Maria, quando conseguimos descer um grau que seja além do que nos foi mostrado. As televisões, os jornais, o rádio, contaram todos os detalhes desse terrível acidente que houve em São Paulo, com o avião da TAM (*). Mas quando eu paro, penso na dor das famílias, naquela pequena criança que estava no avião e que nunca mais poderá viver a sua infância, se consigo perceber a dor daquela criancinha de colo, daquele pai que esperava a esposa e que não a verá mais, quando consigo mergulhar nessa dor, entrar nesse mundo, aí eu sou Maria. Não conseguimos encontrar as grandes alegrias na superfície da terra. Precisamos cavar muito, pois, do contrário, continuaremos a viver banalmente, sorvendo as palavrinhas cotidianas, sem nunca perceber os mistérios maiores que povoam cada coração. Ser Maria é ter o olhar muito mais profundo. Ser Marta é atualizar esse olhar na prática. Amém. (22.07.07/16º. domingo comum)

(*) referência ao acidente ocorrido em São Paulo, em 17.07.07.

DEUS COLOCOU A HISTÓRIA EM NOSSAS MÃOS (Gn 18, 20-32/Lc 11, 1-13)

As leituras de hoje são mais difíceis do que parecem. Na primeira, quando chega ao número dez, Deus desaparece e, como sabemos na história bíblica, Sodoma e Gomorra foram destruídas. Mas precisamos aprofundar o verdadeiro sentido dessa história. Sabemos que os livros antigos, inclusive a Bíblia, nasceram de tradições populares, como as que ouvíamos quando crianças. Não era diferente em Israel. Assim, o hagiógrafo, inspirado por Deus, toma essas histórias e, com elas, tenta nos passar algum ensinamento. Mas a história não se transforma em verdade, continua história. É claro que Abraão não ficou discutindo com Deus. É uma passagem difícil para entendermos, mas eu acho que ela significa muito para nós, que estamos aqui nesta igreja.

Muitas vezes, nós somos intermediários entre as pessoas. Nas famílias, sempre há pessoas mais velhas, sensatas, que procuram se reconciliar umas com as outras. O que a escritura quer dizer é que, no fundo, todos nós temos um pouquinho dessa vocação de Abraão, de interceder por pessoas que andam desviadas. Agora, que acabou a Copa, estamos com este caso do jogador Bruno, enchendo todos os jornais. Será que alguém pensou numa maneira de ajudar esse homem, intermediar, ser uma palavra sensata em meio a tanta confusão? Haverá alguém que se voltará para Deus e tentará achar alguma qualidade nele que atenuie suas culpas, alguma circunstância que justifique ou até diminua a gravidade de seus atos? Será que esses criminosos não merecem um pouco de nossa misericórdia, ao invés de continuarem a ser vilipendiados pela imprensa e pela opinião pública? Era isso que Abraão queria. Sodoma é isso que está aparecendo nos noticiários. O que está faltando são os *abraões* para procurar alguma forma de chegar a esses fatos e averiguar a verdade. Por aí é que vai a intercessão de Abraão. Ele sabia que aconteciam coisas horríveis naquelas cidades e não negava isso. Não se trata de justificar um crime – isso nenhuma ética permite –, mas um olhar diferente pode salvar alguém. Precisamos acreditar nesse Abraão que existe dentro de cada um de nós e irmos ao encontro dessas pessoas carentes, mesmo que criminosas. Nenhuma delas é menos que nós, pois todos somos frutos do dom do amor de Deus e do amor que recebemos – a menos ou a mais – de nossos pais.

O evangelho é mais difícil ainda, e tantas vezes foi mal entendido, porque mal pregado. Muitos pregadores aproveitam para interpretar essa passagem ao pé da letra, incutindo na cabeça das pessoas a ideia de que dobramos a Deus com a insistência de nossa oração. É quase como se pudéssemos fazer uma barganha com Ele. Que tristeza! Deus não se deixa manipular por ninguém. Que ideia triste pensar que insistir com Ele nos levará a ganhar alguma coisa. Esse é um engodo do tamanho do próprio Deus. Imaginamos Deus como um reles comerciante, e

isso é muito pouco para Ele. A Bíblia diz que Ele descansou no sétimo dia após a criação do mundo. Isso quer dizer que nos entregou o mundo. Somos nós que iremos ajudar os enfermos. São nossas mãos que cuidarão de quem necessitar. Se elas não trabalharem ou trabalharem mal, o doente não se recupera. Deus nunca suprirá nossas mãos, como também não suprirá nossos estudos, nossas responsabilidades. Ele não é tapa-buraco de ninguém nem de nada. Ele nos entregou a história e o mundo. Somos nós os responsáveis! Acreditar que Ele nos ouve significa que, em qualquer situação em que estejamos, no sucesso ou no fracasso, nos momentos de alegria ou de tristeza, podemos ter certeza de que Ele estará lá, para se alegrar conosco em nossas alegrias, chorar conosco em nossas tristezas, nos fortalecer em nossas fraquezas, nos guiar no caminho certo. Ele sempre estará ao nosso lado. É importante que tenhamos essa certeza, pois haverá momentos escuros em que tudo desaparecerá aos nossos olhos, até mesmo o próprio Deus. Mas, justamente para essas horas, Ele diz que nos dá o Espírito Santo. Todos nós já o temos, e nem precisamos pedir nada. Se o fazemos, é para acordar o que já existe. Nós lhe pedimos coisas, mas o que Ele nos dá é o infinito. A comparação que eu faço é da criança que, mesmo tendo a mãe ao seu lado, quando o medo aparece no escuro do seu quarto, ela precisa gritar por ela. Ela já estava lá, mas só o grito fez com que a criança percebesse isso. Deus é o único capaz de estar sempre ao nosso lado, pois até uma mãe precisa sair, não pode estar todo o tempo ao lado do filho. Podemos gritar por Deus, e é bom que o façamos, para receber a resposta de que Ele já estava presente. Quando pensamos que Ele está longe, e precisamos que cure alguém, devemos nos lembrar de que Ele está na doença, na morte, na dor, na festa, na demissão.

É esta certeza que Ele quer nos passar: no desemprego ou na admissão, na presença ou na ausência de qualquer ser que amamos, Ele estará ao nosso lado. É o único que pode fazer isso, porque é infinito e nenhum de nós consegue retê-lo ou ocupá-lo totalmente. Ele é como a água que nos escapa, não para ir embora, mas para permanecer. Gosto de repetir uma poesia de um místico islâmico, que diz que Deus veio visitá-lo. Ele chegou, mas logo foi embora. O poeta pede, Ele volta e se esquece de ir embora. Deus veio a cada um de nós, e se esqueceu de ir embora. Amém. (24.07.2010/17°. domingo comum)

CARREGAMOS ETERNIDADE DENTRO DE NÓS ***(Eclo 1, 2.21-23/Lc 12, 13-21)***

Ao ler esse evangelho, fico pensando que, se tivéssemos gravado a última conversa daquelas pessoas que estavam no aeroporto de Porto Alegre, à espera daquele voo, teríamos ouvido planos de tantos jovens que iriam passear em São Paulo, de tantos executivos que pretendiam realizar grandes negócios. Mas Deus disse-lhes: “ainda esta noite vocês não chegarão lá”. E o avião da TAM explodiu (*). Aconteceu agora, não é verdade? A palavra de Jesus fala do que acontece a cada dia. É claro que Jesus não tinha aquele desastre diante de seus olhos. Ele falava das mais diversas experiências.

Vejam a primeira experiência do livro do Antigo Testamento, que parece um texto pesado: “tudo é vaidade, vaidade das vaidades!”. Nós acumulamos muitas coisas por vaidade, acumulamos títulos – doutorados, pós-doutorado, cursos no estrangeiro – tudo é vaidade! Então, não devemos fazer nada, devemos ficar só balançando na rede? Será isso o que o Senhor quer? Claro que não! Certamente Ele valoriza o nosso trabalho, o nosso esforço. O autor do Eclesiástico quer ir mais fundo. Ele olha para todas as coisas transitórias e percebe que, se não houver nelas algo de mais profundo, de um amor verdadeiro, que fale de vida, elas passarão. Mas o que houver de bonito, de belo, de eterno não passará. A vaidade é apenas uma face da realidade. Por exemplo, esta nossa celebração não passará. Podem ficar tranquilos, na certeza de que carregaremos eternamente a eucaristia que receberemos hoje. “Quem come a minha carne jamais morrerá!”. Todo ato de fé, de amor, de bondade que fizermos, todo gesto de cuidado que tivermos para com outra pessoa não é vaidade e não passará, mas se fará eternidade. Essa passagem é para que os nossos olhos se agucem e percebam nas realidades o que elas têm de profundo, de definitivo, de eterno. É muita responsabilidade para nós: carregamos eternidade dentro de nós! Isso é terrível! É como se alguém carregasse nos bolsos uma grande fortuna e caminhasse por locais perigosos. Ficaria evidentemente preocupado, pois correria o risco de ser assaltado. Mas, a maior fortuna que carregamos, ninguém pode assaltar, porque é a eternidade, e só Deus é o Senhor dela. Se Ele nos deu a eternidade, nunca a tirará. Ela é nossa e para sempre. No céu, as vaidades são secundárias, porque o eterno continua.

Também é disso que Jesus nos fala no evangelho. Esse rapaz estava preocupado com a divisão de sua herança. Procurava um fazendeiro que tivesse um grande container onde pudesse guardar toda a sua colheita de soja, e Jesus lhe pergunta o que ele temia. Ele temia a morte, pois é ela que mostra a verdade de todas as coisas.

E termino com uma história pequenina. Havia morrido um senhor rico, e, ainda no velório, as pessoas discutiam sobre os bens que ele deixara. Uma

criança, que ouvia tudo calada, levanta-se e responde que sabia o que ele havia deixado: deixara tudo! Que menino sábio! O senhor rico deixara tudo, não levava nada. É isso que o evangelho de hoje nos mostra: não deixamos tudo, carregamos a eternidade que nós somos. Amém. (04.08.07/18°. domingo comum)

(*) referência ao acidente aéreo ocorrido em São Paulo em 17/07/07.

O TESOURO QUE GUARDA O NOSSO CORAÇÃO ***(Hb 11, 1-2.8-19/Lc 12, 32-48)***

A leitura da carta aos Hebreus, antigamente, era atribuída a São Paulo, mas vários estudiosos concluíram que, ainda que traga ideias parecidas com as dele, provavelmente, terá sido escrita por algum pregador de sua comunidade. Ela é a grande apologia da fé, que, de vez em quando, precisa ser um pouco estimulada e, para isso, nada melhor do que a história, que Cícero, um grande historiador romano, chamou de *magistra vita* – mestra da vida. Nesse trecho, que hoje lemos resumidamente, o pregador volta-se para a história do povo de Israel. Faz um percurso desde Abraão até Jesus Cristo. É como se traçássemos uma grande trajetória desde Pedro Álvares Cabral até o Presidente Lula. Só que esse pregador, com o olhar profundamente inspirado, não se preocupou com as façanhas políticas desses homens, mas sim com o coração deles. Mesmo Moisés, que foi um grande general, capaz de arrancar um povo inteiro da escravidão do Egito, contra um exército poderosíssimo, não mereceu nenhuma medalha de honra ao mérito. O que o pregador bíblico quer saber é o que lhe deu forças para agir assim. Muitos de nossos políticos são motivados pela ganância, pelo poder, mas aqueles homens quiseram deixar o exemplo de quem confiava profunda e radicalmente em Javé, o verdadeiro Deus. Quando Abraão deixou sua terra, Javé ainda era uma realidade confusa para ele, que vinha de uma cultura politeísta. Mesmo assim, ele parte para uma missão desconhecida. O mesmo acontece com Moisés, Sara e tantos outros patriarcas, até chegar a Jesus Cristo, que fará o maior êxodo da história, atravessando o gigantesco deserto da morte, que terminou na luz fulgurante da ressurreição.

Nós sempre imaginamos que Jesus já trazia todo o seu projeto preparadinho, mas quando deixa a sua casa, por volta dos trinta anos, Ele não tinha nenhuma ideia do que faria. Anda de lá pra cá, encontra algumas pessoas, convida, erra em alguns convites, escolhe Judas pensando ser um amigo, e foi justamente quem o traiu, escolhe Pedro como líder, e esse também o nega. Assim vai Ele Tateando para encontrar o seu caminho, até chegar ao momento último de sua vida, quando se entregará ao Pai e dará a vida a todos nós. Na cruz, despido, no isolamento mais radical, parecia que estava tudo definitivamente perdido, mas não: depois de dois milênios, nós estamos aqui. Da entrega de um único homem, existem hoje mais de um bilhão de cristãos em todo o mundo. Se somarmos todos esses séculos, seremos bilhões e bilhões de pessoas que resultaram da solidão desse Homem. É algo fantástico! Todos os nossos grandes acabaram na morte. Onde está Tibério e todos os imperadores romanos? Onde está Napoleão e todos os grandes do mundo? Ficaram por aí, na mediocridade de suas existências. E Jesus, que terminou na mais terrível solidão, tem toda uma multidão que o segue, o ama e acredita nele.

O evangelho começa com uma frase que aparece diversas vezes, e é bom que nos lembremos dela sempre que formos atravessar os nossos pequenos desertos: “não tenhais medo!”. Essa frase, tantas vezes repetida, nos dá a ideia de que as pessoas do tempo de Jesus viviam amedrontadas. Mas serão só elas? Hoje, os analistas da cultura dizem que, cada vez mais, estamos caminhando para uma sociedade do medo, da desconfiança, do sobressalto. Mas Jesus nos diz que não devemos ter medo, e nos dá uma razão para isso: o nosso medo só desaparecerá, quando o nosso coração repousar num verdadeiro tesouro. Ele não diz, mas cabe-nos responder que tesouro será capaz de nos dar paz e segurança.

Esta frase, bonita e muito existencial, é que eu deixo como dever de casa para cada um de vocês e também para mim: “onde está o seu tesouro, aí está também o seu coração”. Onde pusemos o nosso tesouro? Qual é esse tesouro? Se o nosso tesouro está no acumular bens, aí também estará o nosso coração. Se está em querer levar vantagem, não importando de que maneira, como tantas vezes temos visto nas manchetes de nossos jornais, nosso coração estará nas *maracutaias*. Mas se colocamos o nosso tesouro na inocência de uma criancinha que dorme nos braços da mãe, podemos ter a certeza de que nesse pequeno coração caberão muito mais tesouros do que bilhões e bilhões de dólares de todas as fortunas do mundo.

Como hoje é o dia dos pais, eu gostaria de perguntar aos pais biológicos e também aos espirituais: será que os seus filhos são o seu tesouro? Será que com eles está o seu coração? Não pensem que isso é uma banalidade poética, porque são milhões de pais para os quais os filhos nunca foram tesouro. Há tantas crianças soltas por aí, cujos pais nunca existiram, a não ser na biologia. Que essa lição de Jesus hoje caia fundo no coração de todos nós. Que as crianças, os jovens, os adolescentes sejam o nosso tesouro, para que também neles esteja o nosso coração. Que cada um de nós seja capaz de sair de si mesmo e se dar aos outros na maior realidade humana que existe, embora muito gasta no mundo de hoje, e que chamamos de amor. É importante que nos perguntemos que amores trazemos, que tesouros construímos. No dia em que os nossos amores forem realmente firmes, sólidos para abrigar os nossos corações, não teremos mais nenhum motivo de temer coisa alguma. Amém. (08.08.2010/19º. domingo comum)

O AMOR É A ÚNICA REALIDADE ETERNA

(Lc 1, 39-56)

Quando nos referimos a realidades maiores das que os nossos olhos, nossos sentidos captam, necessitamos de comparações, de metáforas. Quando vou falar do Espírito, por exemplo, devo ter em mente que nenhum de nós o viu. Então, falo de sopro, que é leve, usando comparações e figuras. Portanto, nesta festa da assunção, é mais comum falarmos que Nossa Senhora foi carregada, assunta. Assim imaginamos que Maria morre, vem um anjo, como um grande elevador, e a ergue para as alturas, porque, na nossa imaginação, Deus sempre está lá em cima. É claro que é metáfora, é comparação, pois, se tomarmos isso em sentido literal, pode acontecer conosco o que aconteceu com Gagárin, o astronauta russo. Ele fez a primeira grande viagem espacial e pilotou a primeira nave da história da humanidade. Depois de dar a volta na Terra, retornou triunfante, já que era ateu, porque viajara por todo o espaço e não encontrara Deus. Teria aprendido nos catecismos ortodoxos que Deus vivia numa casa grande sentado num grande trono. E, quando sobe aos céus e atravessa as estrelas, não vê nada. Numa ingenuidade de criança, conclui que Deus não existia. Assunção também é metáfora, é comparação. Depois de Galileu Galilei, de Newton e tantos outros astrônomos estudando galáxias gigantescas, nenhum de nós imagina que há um trono lá em cima.

Os antigos imaginavam o universo de uma maneira muito simples, até simpática: imaginavam que existiam três andares. A Terra era plana, pois só muito mais tarde os portugueses irão descobrir que era redonda. Embaixo, conforme a tradição judaica, existia o *sheol*, isto é, um lugar escuro onde os mortos esperavam que Deus os retirasse de lá. O judeu não separava corpo de alma, bons de maus. No início, resolveram melhorar a ideia do tal *sheol* e o dividiram em andares: os bons mais em cima e os maus mais embaixo. A Terra seria coberta pelo firmamento – reparem bem na palavra portuguesa: não se fala em movimento, mas firmamento, uma espécie de placa que se apoiava em duas altas montanhas, uma de cada lado. Nessa placa se dependuravam as estrelas, sol, lua. Acima dela existiam as águas e, para chover, abriam-se as comportas. Na descrição do dilúvio, fala-se que as comportas do céu foram abertas, e choveu quarenta dias e quarenta noites, até que elas foram novamente fechadas. E ainda existiam sete andares, e em cada um vivia um coro angélico: anjos, arcanjos, potestades, serafins, querubins. Acima de tudo isso, estava o trono de Deus e, para Nossa Senhora chegar lá, seria preciso muito esforço para atravessar tudo isso. Assim imaginavam, mas nada disso cabe mais na nossa cabeça.

Pensei numa metáfora bem comum, que qualquer pessoa que já observou o bicho-da-seda é capaz de entender. Quando eu estava no curso primário, fazíamos muito esta experiência, alimentando-os com folhas de amoras. Criávamos os

bichos-da-seda em seus casulos e, à medida que cresciam, rompiam os seus casulos, e daí saíam as borboletas. Vamos imaginar que estamos no grande casulo da história, o grande casulo cósmico. Nele também está a Virgem Maria. Nós somos como esses vermezinhas vivendo num grande casulo. Todas as vezes que fazemos alguma coisa bonita, nos vestimos de luz, a cada ato de bondade, a cada eucaristia, ficamos mais luminosos. Num dado momento, estaremos tão impregnados de luz, que não caberemos mais na escuridão da Terra. Romperemos esse grande casulo e voaremos como uma linda borboleta esplendorosa para o céu da eternidade, indo pousar nas mãos de quem nos criou. É um pouco a história de nossa vida.

Maria também foi vestindo-se de luz. Já numa idade provectora, não cabia mais aqui na Terra, não cabia mais no próprio corpo. Chegará um determinado momento em que seremos maiores que o mundo, que o nosso próprio corpo. Nesse dia, ressuscitaremos, subiremos ao céu exatamente como Nossa Senhora. Ela é uma como nós, apenas nos antecedeu. *Mas, porém, todavia, entretanto, contudo, sem embargo*, se nos desconhecemos, se continuamos nos encolhendo, nos fechando como uva passa velha, como maracujá amassado, não ressuscitaremos. Sempre podemos subir – é Maria que nos garante! Todo amor que perdermos, cada grão de amor que rejeitarmos não participará da ressurreição. O amor é a única realidade que faz crescer. Vitaminas, pílulas, academias, qualquer outra coisa faz crescer o corpo, mas nada nos acrescentará em interioridade, beleza, assunção. Só o amor nos faz crescer!

Se quiserem sair iluminados desta igreja, tocados pela assunção da Virgem, cultivem dentro de si o mínimo gesto de amor que sai de vocês e atinge o outro. Levem a alegria, o amor, a felicidade, na certeza de que é isso que será eterno. Guardem isto: se eu sou capaz de deixar a pequenez de mim mesmo e caminhar para o outro, para a alteridade, para o diferente, o necessitado que precisa da minha palavra, do meu olhar, do meu tato, do meu amor, assim eu amo. É a única realidade eterna! Isso é a ressurreição de Jesus, isso é a assunção de Maria, e também será a nossa ressurreição, a nossa assunção. Amar é ressuscitar, é sair leve e luminoso para a eternidade de Deus. Amém. (19.08.07/Festa da Assunção de Maria)

A PAZ QUE JESUS ESPERA DE NÓS ***(Lc 12, 49-53)***

Esse evangelho não é fácil de ser entendido, pois, em outra oportunidade, Jesus disse que veio trazer a paz. Na celebração da missa, nós mesmos rezamos, repartindo a paz que Ele veio trazer. Mas hoje, no evangelho, Ele mesmo diz que não veio trazer a paz, mas a guerra. Em qual devemos acreditar? Como podemos entender isso? Ele nos prepara para entender, dizendo que estava ansioso para que o fogo que trazia incendiasse o mundo. Também estava ansioso para receber um batismo. Aí estão três perguntas que precisamos responder: que fogo seria esse? Que batismo Ele pretendia receber e que divisão teria Ele trazido?

Comecemos refletindo sobre o fogo que Ele trouxe. Certamente, Ele não falava do fogo material, pois, na escritura e também na tradição religiosa, fogo é símbolo da purificação. Como não existiam desinfetantes, iodo ou qualquer outro remédio, era costume usar o fogo para limpar o mundo de todas as coisas que não serviam. Portanto, o fogo é símbolo da limpeza, da pureza, da novidade que Ele trouxe. O Espírito Santo também é comparado ao fogo. Em pentecostes, os apóstolos recebem o Espírito em forma de línguas de fogo. Fogo, portanto, é sinal de purificação, de força interior, de transformação. Quando falamos que uma pessoa tem fogo no coração, estamos querendo dizer que ela está entusiasmada. Portanto, parece-me que Jesus não gosta de pessoas acomodadas. Ele não gosta quando vê os cristãos acomodadinhos, não querendo assumir nada. Se começar a pegar fogo aqui nesta igreja, nenhum de vocês continuará assentado. O fogo acaba com toda a pasmação, nos dá movimento e energia, faz com que corramos. Essa é a idéia de Jesus. Será que a nossa vida comunitária é plena de entusiasmo? Será que existe algum fogo trabalhando em nosso interior? Ou continuamos parados, inertes, acomodados, sem energia, sem vigor?

Jesus continua dizendo que queria ser batizado e estava ansioso por esse batismo. Hoje ninguém duvida de que Ele se referia à sua morte e ressurreição, ao batismo de sangue pelo qual iria passar. Alguém que deseja entregar a sua vida, até mesmo de maneira violenta, precisa ter uma enorme coragem. Isso reforça ainda mais a idéia de que Ele não queria acomodação. Se Ele iria entregar sua própria vida num sofrimento gigantesco, não poderia aceitar que os seus seguidores vivessem acomodados, *paradões*, quietos. Justamente sobre esse contraste, Ele quer chamar nossa atenção, para que olhemos para frente e decidamos com que batismo seremos batizados. De que maneira pretendemos entregar alguma parte de nossa vida? Qual a causa que nos move? O que nos dará energia para vivermos nossa vida de cristãos?

A partir daí podemos entender esta frase: “eu não vim trazer a paz”. Ele não veio trazer a acomodação, uma paz parada, sem energia, de quem não quer

se envolver. Ele não quer a paz de quem não tem energia interior, não é capaz de contestar, de questionar a realidade para tentar transformá-la. Ele prefere a divisão, a espada, no sentido de que não sejamos pessoas não engajadas e comprometidas com a realidade. Mas quando se trata de ódio, vingança ou incompreensão entre nós, aí, então, Ele quer a paz, a paz do perdão, da reconciliação, da misericórdia, da amizade, da volta, do encontro.

Guardemos bem claramente essa lição e nos perguntemos: qual a paz que estamos vivendo? Será que vivemos a paz da acomodação ou a do perdão? Trazemos conosco a espada que fere ou a que nos estimula ao compromisso, ao trabalho, à luta? É por aí que vai a mensagem de Jesus. Ele quer que carreguemos conosco a espada que nos dará força para nos lançar no trabalho, no compromisso com os irmãos, na Igreja, na pastoral, na comunidade. O que Ele não quer é que essa espada gere divisão, ódio, vingança. Ele quer a paz da reconciliação, mas não é dessa paz que Ele fala hoje no evangelho. Amém. (15.08.2010/20º. domingo comum)

A PORTA QUE NOS LEVARÁ AO BANQUETE DA VIDA (Is 66, 18-21/Hb12, 5-7.11-13/Lc 13, 22-30)

As três leituras de hoje são atravessadas por uma mensagem única. Parece que procuram nos amedrontar, mas são leituras de esperança. Não viemos a esta celebração para ter medo. Esse fica lá fora. Deus nunca nos amedrontará com suas palavras, mesmo que sejam fortes. Precisamos descobrir algo maior por trás delas. E o maior é sempre o cuidado, o zelo, a bondade de Deus por cada um de nós.

A primeira leitura é belíssima, embora um pouco difícil para entendermos. Nós estamos em 2010, e essa passagem ocorreu há mais de vinte séculos. O povo de Israel estava no terrível cativeiro da Babilônia. É como se nós, brasileiros, fôssemos agarrados, levados para uma terra estranha, onde teríamos que trabalhar como escravos. É um tempo de grande sofrimento, até que o Senhor envia mensageiros para chamá-los de volta. Imaginem a alegria daquele povo, voltando feliz para a sua terra, carregando seus filhos e retomando a sua vida. Esse é o sonho do profeta, mas há outro exílio, outro cativeiro acontecendo agora.

Hoje nós estamos iniciando as comemorações da semana da família, e devemos pensar em problemas bem concretos de nossa vida. Acredito que há cativeiros dolorosos no seio das famílias. Nós somos muito poéticos, românticos e, muitas vezes, até líricos, quando nos referimos à família. Mas há uma frase que eu já repeti inúmeras vezes: a família é o lugar das maiores felicidades, mas também dos maiores sofrimentos; das maiores graças, mas também das maiores desgraças; do amor mais bonito e do ódio mais terrível. É o lugar das contradições e dos choques. Quando os seres humanos vivem distantes, os problemas não aparecem, pois se um ruge, o outro nem sequer ouve. Mas se vivem próximos, o rugido agride, o *coice* fere e incomoda. A família tem tudo isso e, por isso, está quebrada. Aí aparece o mensageiro! São as pessoas que têm a experiência de uma bonita vida familiar. São poucos os que têm essa graça, por isso precisam ser mensageiros e missionários para levar a tantas famílias quebradas e machucadas um pouco de paz e de luz de que fala o profeta Isaías. Nenhum de vocês pode imaginar o que estes olhos e estes ouvidos já ouviram e viram sobre os dramas que existem nas famílias. Mulheres que dizem que nunca foram felizes com seus maridos, filhos que acham sua família um inferno, maridos que acham a convivência dolorosa. Muitos não sabem a razão de continuarem a viver juntos, arrastados apenas por uma tradição que não lhes permite buscar um caminho próprio. É nesse momento que o mensageiro precisa chegar e dizer uma palavra de consolo, abrir os olhos dessas famílias para a beleza, para o amor, para a compreensão e convivência. Nós existimos unicamente para convivermos bem aqui na Terra e, eternamente, para além da vida. Todo o resto é secundário.

Comprar um belo automóvel não terá nenhum valor, se ele só servir para nos afastar da família. Para que construir uma casa imensa em que só existirão a solidão e a falta de amor, com vários quartos para cada um se trancar diante de sua própria televisão, sem nunca se encontrar? Aí não haverá amor, nem convivência, nem encontro, nem nada que faça o ser humano realmente ser humano.

Hoje já sabemos que a carta aos Hebreus terá sido escrita por algum pai de família que narra sua própria experiência. Ele diz que, quando quer repreender um filho, pensa em como Deus também nos repreende, não porque não nos ame, mas precisamente porque nos ama muito. A demonstração de um verdadeiro amor não se faz por beijinhos fortuitos e furtivos. Amar é querer o bem do outro em sua plenitude. Um pai, quando quer o bem de um filho adolescente, não pode ser conivente com tudo o que ele quer, pois acabará contribuindo para a sua destruição. O pai precisa ser o ponto de referência, de valor, de norma, de justiça. Se ele não for nada disso, o jovem acabará perdido nos subúrbios da existência, desesperado, frio e vazio, embrenhado no vício, na droga, no crime. A repreensão não significará que o pai está zangado, mas sim que ele ama. O filho perceberá isso na verdade do amor, não no fingimento. Ainda que fique contrariado, acabará percebendo que o pai queria e conseguiu formá-lo na escola do bem.

No evangelho, parece que Jesus está dizendo uma coisa forte e pesada, mas não é. Quando fala dos que estão fora, não estava pensando em nós, mas sim nos pretensiosos, arrogantes, naqueles que se julgam superiores, que não precisam de ninguém, que conquistarão o futuro por si mesmos. Esses estarão fora do banquete da vida. Mas nós, que sabemos que precisamos do Senhor, que o amamos, que precisamos de uma comunidade para caminhar, encontraremos as portas abertas que nos levarão ao banquete do Senhor, que já começa nesta celebração e terminará na eterna celebração da vida. Amém. (22.08.2010/21º. domingo comum)

DISPONIBILIDADE E GRATUIDADE

(Eclo 3, 17-20.27-28/Hb 12, 18-19.22-24/Lc 14, 1.7-14)

Essas duas historinhas de Jesus parecem simples, mas precisamos ir um pouco mais fundo no seu sentido. Uma primeira regra básica para se entender uma parábola é saber que ela tem uma ideia central, e, em torno dela, vários pormenores menos importantes são tecidos, e esses podem nos tirar a compreensão.

A ideia central da primeira parábola é a de que nós deveríamos estar sempre disponíveis para nos colocar em qualquer lugar, ao contrário de, *a priori*, tomarmos uma posição rígida e não quereremos abrir mão dela. É a primeira grande lição. Muitas vezes, temos uma ideia, um projeto fixo em nossa mente, e ficamos apegados a ele, mesmo que os fatos e até outras opiniões mais sensatas nos levem a mudar. É esse que ocupa o primeiro lugar e de lá não quer sair. Jesus hoje está nos dizendo que a vida pode nos colocar num segundo, terceiro e até último lugar. Isso não significa que o primeiro dará lugar ao último – é apenas uma maneira simbólica de falar. Jesus quer despertar em nós uma atitude bonita de disponibilidade e liberdade, sobretudo numa sociedade consumista, cheia de ideias equivocadas sobre a realização humana. Acabamos ontem um cursinho de teologia sobre a felicidade, em que vimos os vários caminhos que a sociedade e a cultura apresentam para a nossa felicidade, muitos dos quais são um grande engodo. Portanto, precisamos ter os olhos claros, perspicazes, sagazes para captar. Jesus quer nos colocar numa situação de disponibilidade. A realidade é que nos ensina, e quando não somos capazes de aprender com ela, quebramos a cabeça. Estamos num ano eleitoral, e isso aparece muito claramente em certos políticos que não têm nada na cabeça. Querem apenas ganhar a eleição a qualquer custo. São os que pretendem os primeiros lugares, mas a realidade pode colocá-los bem atrás, frustrados, sem nenhum voto.

A segunda parábola toma outra perspectiva, a da gratuidade. Não se trata de não convidar amigos para uma festa. O próprio Jesus gostava de ir à casa de Marta, frequentava a casa de amigos, portanto não é isso que Ele está ensinando, mesmo que muitas pessoas *quadradas e cúbicas* queiram interpretar ao pé-da-letra. Quando diz que devemos dar um banquete para o cego, Ele quer dizer que o cego não vê e, assim, só pode captar o carinho, o amor que demonstramos. Ele nunca verá o nosso rosto, nossas vestes, nossa maquilagem, nossa beleza física, mas somente o nosso coração, pela acolhida, pela maneira de falar. O coxo nunca conseguirá correr atrás de nós, pois mal consegue andar. Mas se nos aproximarmos, andaremos com ele. É um gesto físico, mas também espiritual. Quantos coxos espirituais estão aqui entre nós?! Quantos vivem claudicando, escorregando o dia todo, precisando de alguém que os encaminhe, que os dirija, que os conduza na gratuidade?! Poderíamos falar dos surdos, dos mudos,

e seria a mesma coisa, todos precisam ouvir a nossa voz acordando-lhes para a beleza que dorme dentro deles. Há tantos que falam fisicamente, mas são mudos interiores, porque são incapazes de falar da beleza, do amor. São fechados, são broncos, num fechamento que ninguém consegue penetrar e faz com que eles sofram terrivelmente a solidão do silêncio, da incapacidade de exprimir-se, de comunicar-se. São pessoas que vivem nervosas, mal-humoradas, têm olhares embaçados, porque falta-lhes a leveza da palavra, que liberta e salva. Ela nos diferencia dos animais, pois liberta a nossa mente e a nossa inteligência. Quantas pessoas escutam bem, mas são incapazes de ouvir uma palavra de fora, uma interpelação para a sua existência, que lhes indique um caminho, uma saída? Jesus nos diz para convidarmos essas pessoas, para salvá-las da surdez, da cegueira, do mudismo, para que voltem a caminhar e, mesmo se já estiverem mortas, ressuscitem. Amém. (29.08.2010/22°. domingo comum)

AMAR A JESUS POTENCIALIZA OS NOSSOS AMORES (Fm 9b-10.12-17/Lc 14, 25-33)

Antes de comentar o evangelho, gostaria de chamar a atenção para a segunda leitura. É realmente algo inaudito, absolutamente inédito. Nós não temos ideia do significado cultural dessa carta.

No Brasil, tivemos a escravatura até 1888. Qualquer um que tenha estudado um pouquinho de História do Brasil sabe disso. Portanto, até finais do século XIX tivemos escravos, e Paulo escreve no primeiro século. Reparem a diferença de época! Mesmo assim, ele pensava muito mais à frente do que todos nós, brasileiros. Essa carta é escrita em favor de Onésimo a Filemon, que é um senhor que devia ter posses. Era rico, dono de escravos e cedeu um deles para cuidar de Paulo na prisão. Até aí é normal numa estrutura escravocrata. Mas vem agora a genialidade de Paulo: escreve a Filemon que aquele homem não era escravo, pois fora convertido e batizado e já era seu filho muito querido. Não deveria mais ser tratado como escravo, mas acolhido como irmão na fé, como se fosse ele próprio. É tão fantástico, e não conseguimos perceber a força cultural dessa epístola. Escreve isso no primeiro século, reconhecendo o valor da pessoa humana, o que só viria a ser decretado em 1948, quando a ONU (*) proclama a declaração dos direitos humanos. Reconhecer a dignidade da pessoa humana é algo fantástico! Daí podemos compreender o que significou para Paulo o encontro com Cristo. Ele nunca mais pôde compreender que algum cristão pudesse ser tratado como escravo, porque a graça, a presença do Senhor é uma coisa tão grande, que eleva o escravo à condição de filho. Paulo só não conseguiu dar um passo à frente, também já era demais para a sua cabeça: ele se refere apenas à condição de cristão, e nós já estendemos a qualquer pessoa humana, de qualquer povo, de qualquer etnia, de qualquer religião ou ideologia. Nossos conceitos abriram-se um pouco mais, mas Paulo já havia notado a base dos direitos humanos, que ainda hoje não são praticados.

Conheço um jovem sacerdote, foi até meu aluno, que escreveu uma brilhante tese doutoral na Universidade Federal do Fundão, no Rio de Janeiro, com a melhor documentação sobre o trabalho escravo no Brasil do século XX. São crianças, jovens e adultos submetidos a trabalho escravo em Roraima, no Amazonas e em tantos outros estados em que a lei ainda não chegou. Tudo isso no final do século XX, enquanto Paulo, já no primeiro século, pedia que não houvesse escravos. Um atraso homérico! É de espantar ver a nossa ignorância, a nossa rudeza de coração diante da dignidade humana!

No evangelho, parece que Jesus nos propõe alguma coisa *desbaratada*. Ficamos até assustados. Ele é muito misterioso, se o entendermos ao pé da letra. Como podemos pensar em amar mais a Deus do que a nossos pais? Como uma criancinha vai amar mais a Jesus do que a seu pai, a sua mãe? Como podemos

entender isso? Precisamos começar situando o texto. Lucas diz que multidões acompanhavam Jesus em sua viagem para Jerusalém. Isso é simbólico. Ele não caminhava para a Samaria, por exemplo, mas para Jerusalém. Ir para Jerusalém significa que caminhava para uma cidade onde iria preferir nós a Ele mesmo. Lá, Ele daria a vida por nós. Portanto, Jesus não diz que devemos amar mais a Ele do que a pai, mãe, filho ou esposa. Em hebraico não existe comparativo, o que dificulta a compreensão. Jesus não podia dizer que amava **mais** a nós do que a Ele mesmo. O que Jesus quer é que esse amor que tem por nós seja igual ao que nós devemos ter pelos outros. Ele pede que cuidemos de nossos pais, de nossos filhos, de nossos esposos, que sejamos capazes de dar o nosso coração aos outros. Será que um esposo pode olhar a sua esposa e dizer que ama mais a ela do que a si próprio? Preferir Jesus a alguém não é não querer esse alguém, mas querer de modo diferente. Eu não apenas quero o meu próximo, mas o quero com Deus no meio. Reparem a diferença! Continuaremos a amar, mas muito mais ainda, sem que os nossos valores, os nossos amores invadam a pessoa, mas a respeitem, a elevem. Ele pede que amemos mais, só que esse **mais** não é na quantidade, mas na qualidade.

Temos uma enorme dificuldade de distinguir duas coisas muito simples, mas que embaralham a nossa cabeça. Sempre confundimos amor com posse. Quantas vezes dizemos que amamos nosso carro? Atingimos tal decadência cultural que somos capazes de imaginar que as coisas são dignas de nosso amor. São as pessoas que nos respondem em sua liberdade e podem nos dizer sim e não. Quando eu amo realmente a alguém que me diz não é algo fantástico. Só às pessoas eu posso fazer isto: continuar amando a alguém que me disse um não. É isso que Jesus nos diz nesse evangelho. Preferir amar a Jesus mais do que ao esposo, mãe ou filho significa que eu amo mais do que amava antes. É para aumentar o amor e não diminuir. Para que os pais amem seus filhos ainda mais, para que o esposo ame sua esposa ainda mais. Já disse isto a vocês, mas torno a repetir: as estatísticas nos espantam, mas os pais separados são os que mais dão presentes a seus filhos. Tentam suprir as ausências com coisas e nunca vão conseguir, porque não há coisa que possa suprir o amor de alguém. Dar coisas nunca será sinal de amor, mas, sim, dar a si mesmo: dar seu tempo, sua atenção, dar o melhor de si. Coisas a gente pode jogar fora, pode comprar outras. Pelo simples olhar, uma criança sabe se há amor, quando uma coisa lhe for dada de presente. A sociedade atual, a midiática, o *marketing*, fazem questão de nos convencer de que quem dá mais é quem mais ama. Continuamos com a *ilusão idiótica* de que podemos amar as pessoas através das coisas, e Jesus volta a nos lembrar: o amor vem de dentro, nunca de fora.

Esse evangelho é de uma beleza fantástica, e é tão terrível que, mesmo sendo repetido há mais de dois mil anos, ainda não o entendemos. Amém. (09.09.07/23° domingo comum)

(*) Organização das Nações Unidas.

BUSCAR E ESPERAR: DUAS GRANDES PEDAGOGIAS DE DEUS (Lc 15, 1-32)

Comparem a visão do Deus severo lá do alto do Sinai, entre relâmpagos e terremotos, do Deus de tantas religiões, com suas carrancas, que provocam medo em tanta gente, com essa imagem que Jesus descreve nessas três parábolas. Não que Deus, em alguma época, tivesse sido aterrador, mas os judeus viam-no dessa maneira. De tal forma que Santo Agostinho dizia que, em comunidades primitivas, muitas vezes o diácono tinha que interromper essa leitura, tal a quantidade de lágrimas provocadas entre o povo. Aqueles cristãos jamais poderiam entender que o poderoso Javé sentisse falta de nós.

Primeiro ponto: Deus sempre perde! Reparem bem: não é a ovelha que se perde, mas é o pastor que perde a ovelha; não é a moeda que se perde, mas é a mulher que perde a sua moeda. É o pastor que sente falta de sua ovelha querida; é a mulher que sente falta da moeda, talvez necessária para o seu sustento; é o pai que se sente perdido diante de um filho que se vai, talvez para sempre, meter-se numa vida de drogas, crimes, gangues. Deus perde quando o deixamos e sofre por isso! Que coisa linda! É claro que nós perdemos, mas Ele também perde. É esse Deus que sente a dor de perder alguém que vai nos mostrar duas grandes pedagogias.

Nas duas primeiras parábolas, o pastor, e depois a senhora, buscam, vasculham as regiões e a casa onde a ovelha e a moedinha poderiam estar até encontrá-las. É Deus buscando as pessoas, chamando-as, acordando-lhes a consciência. Quando estiverem longe de Deus e sentirem certo aborrecimento, é Ele que lhes fala. Quando estiverem por caminhos que não os conduzirão à felicidade e ouvirem palavras que lhes admoestem, é Deus que lhes fala. Não é pai, mãe, professor ou amigo, mas Deus que o está procurando. Imaginem aquela mulher arrastando móveis, varrendo em todos os cantinhos a poeira de colchões mal-acabados até encontrar a moedinha que poderia ser o sustento de sua família. Que imagem bonita para Deus: a busca, a procura de uma simples moedinha que poderia até não ter grande valor, mas que simboliza cada um de nós. Cada um de nós é uma moedinha de ouro para Deus. E, se estivermos perdidos por aí, estejam certos de que Ele nos estará procurando e, quando nos encontrar, sentirá grande alegria. Encontrando-nos, encontrará a vida e nos reconhecerá, porque fomos por Ele criados e continuamos sendo criados e sustentados em toda a nossa existência! Esses jovens perdidos são queridos de Deus, e Ele estará varrendo e vasculhando todos os rincões para trazê-los de volta. O Deus que busca é a primeira grande pedagogia de Deus!

Na terceira parábola é diferente. Reparem: o pai não vai procurar o filho, simplesmente o espera. Terrível, não?! Não saiu de casa, mas esperou. É a pedagogia do silêncio, da espera, da infinita paciência de pai, com os braços

abertos, olhando em busca de uma poeirinha que anunciasse a volta do filho caminhando em sua direção. Por um lado, a parábola nos fala da miséria do filho com palavras fortes, pesadas e, no cenário judeu, mais pesada ainda: imaginem disputar a comida com os porcos, um animal que o judeu sequer pode comer! Portanto, ele chegou ao mais baixo do mais baixo. Quando se sentirem assim, saibam que há um Pai esperando! E a saudade toca o filho, a saudade da casa: recorda-se de que lá os empregados têm comida. O filho sente-se tocado e toma a decisão de voltar, na certeza de que há um pai esperando. A volta é bonita: o filho sente-se humilhado, pede perdão, mas o pai vai ao seu encontro e não o deixa falar, porque seria a fala da miséria, da qual ele não queria saber. Queria a vida do filho que estava morto e ressuscitou, estava perdido e foi encontrado. Não se importa com a aparência degradada, mas o abraça e, nesse abraço, devolve-lhe a vida. Será que os nossos abraços, os nossos beijos são veículos de vida? A parábola continua: o pai manda trazer a túnica, símbolo da dignidade; coloca-lhe o anel, símbolo da realeza; sandálias, símbolo do caminhar renovado, e, para terminar, o banquete, símbolo da festa divina, a festa do amor de Deus, a festa do amor do Pai! É Deus que festeja cada momento, quando cada um de nós volta para Ele de qualquer escuridão em que esteja. Para essa festa, Ele convida todos a alegrar-se com a volta do que estava perdido.

Essa parábola deve ser guardada no mais profundo de nossos corações, para que nos lembremos, quando precisarmos dela. Um dia, quem sabe, se um de nós se perder, ela poderá nos arrancar de qualquer miséria para a festa do amor. O filho mais velho, que muitas vezes somos nós, não percebeu isso. É hora de percebermos que vale a pena todo o cansaço, todas as decepções, todos os trabalhos, para festejar um jovem – ainda que apenas um – que tenha aberto os olhos e voltado para os braços do Pai. Amém. (15.09.07/24°. domingo comum)

LUCIDEZ E FIDELIDADE (Lc 16, 1-13)

Esse evangelho de hoje é meio intrigante. À primeira vista, parece que Jesus está recomendando a corrupção. Ele constrói essa espécie de parábola falando justamente de um administrador injusto, desonesto e corrupto, que vai-se aproveitar de seu poder para abater a dívida do outro e, assim conseguir proteção para *quando sair do governo*. No evangelho, há uma espécie de comparação entre um homem que foi esperto para resolver o seu problema. Lúcido e sagaz para perceber que a sua situação estava ruim, precisava de alguns amigos para salvá-lo. Vejamos o que há de real, de evangélico, nesse mau exemplo. Tenho a impressão de que Jesus trabalha com duas chaves: lucidez e fidelidade. E, nisso, esse homem é exemplo para nós.

A própria palavra lucidez tem a luz por dentro. *Lux* em latim significa luz. Portanto, lucidez significa alguém que é capaz de jogar luz numa situação escura para que, conhecendo-a, tenha possibilidade de influenciá-la. Lançar luz, conhecer, analisar e só depois agir – isso é lucidez! Quando estamos numa situação confusa, em que ninguém entende nada, chega uma pessoa lúcida, que joga luz, e certos pontos ficam claros. No final, percebemos toda a situação. Mas posso iluminar uma situação com duplo interesse, para que eu mesmo possa tirar proveito dela. É como esse fato narrado no evangelho. Com a mesma lucidez, posso me aproveitar de uma situação para ajudar outros. É isso que o Senhor espera que façamos. Há pessoas lúcidas, o que é muito positivo, mas que estragam tudo se usam essa lucidez apenas em proveito próprio. Sejamos lúcidos, mas em função de nossos irmãos!

Gostei muito de um trabalho de universidade que foi passado para uma funcionária de nossa casa. O professor tomou uma notícia sobre a inauguração, pelo Presidente Lula, de uma obra no Nordeste, e pediu que os alunos lessem a mesma notícia em três jornais diferentes, para que, a partir daí, percebessem a diferença. Por que o “Estado de São Paulo” falou de uma maneira, a “Folha de São Paulo” de outra e o “Estado de Minas” de outra ainda diferente? A notícia era a mesma, mas cada jornal tem seu viés, sua visão. Lucidez é chegar lá dentro. Vou ficar apenas nesse exemplo, pois não estou dando aula de linguística nem de análise de texto. O “Estado de São Paulo”, Estadão, como é conhecido, é dirigido à elite paulista, pessoas cultas, de alto poder econômico. Não é um jornalzinho para ser entregue de porta em porta. A jornalista, sagaz e inteligente, ao dar a notícia, simplesmente copiou, entre aspas, algumas citações do discurso feito por Lula. À primeira vista, acharíamos muito objetivo, pois realmente foi o que ele disse, mas não é tão simples. Ela escolhe as frases em que aparecem erros de português num jornal dirigido à elite paulista, o que é uma maneira de desprezar, de mostrar que Lula não é capaz de dirigir o país por não se expressar bem em português. Sem falar claramente, ela passou essa mensagem. Vocês acham que a melhor bebida que a humanidade já produziu é a Coca-Cola? Pode ser comparada

a um bom vinho francês? Mas é a mais consumida no mundo porque há todo um trabalho subliminar de *marketing* que leva as pessoas a consumi-la. Elas pensam que pensam, mas são *pensadas*, pensam que nadam, mas são *nadadas*. A lucidez que Jesus nos pede é que observemos nossa realidade.

Olhando a nossa situação de Brasil, seremos lúcidos quando começarmos a perceber os jogos internos que estão tecendo a realidade e que, olhados superficialmente, não percebemos. Quando vemos o Jornal Nacional, na Globo, por exemplo, ouvimos a notícia que guardamos, apreendemos e contamos, mas não somos lúcidos. Agimos como papagaios: ouvimos e repetimos, e isso não é lucidez. Ver uma cena e repeti-la também não é lucidez, mas espelho. Seremos lúcidos, quando começarmos a perguntar: qual é o interesse dessa notícia? Por que essa notícia é muito prolongada? Por que, num noticiário de meia hora, dez minutos são sobre a violência? Será que, de noite, não há nenhuma mãe acalentando seu filhinho? Será que a mãe do Haimonzinho (*) não o trouxe à igreja? Mas isso não dá notícia, não aparece na televisão. As notícias lindas nunca serão vistas na televisão, mas as pessoas armadas, os grandes atentados, quem faz uma besteira qualquer, logo vira manchete. Qual será o interesse? Quais serão os jogos que estão aí? Por que um vende, e o outro não? Por que queremos tanto sangue? A partir daí, poderemos começar a ser lúcidos: perceber, analisar primeiro a nós mesmos, depois o nosso universo, nossa escola, nossos alunos e refletir em cima dos fatos, sobre os fatos.

Esse empregado fez isso: sabia que roubou, foi mau administrador e seria posto na rua. Percebeu que não continuaria *no governo, no ministério*. Não queria voltar todo envergonhado para sua cidadezinha e pensou num *jeitinho* de arranjar um cabide onde pendurar-se. Começa a usar sua lucidez, mas apenas para seu interesse. Nossa lucidez deve ser para ajudar as pessoas a perceberem sua realidade e identificá-la. No próximo ano, teremos eleições municipais. Quem iremos escolher para prefeito, para vereador? Serão aqueles que fazem a melhor propaganda, que têm a barba mais bem feita, os que jogam mais papel na rua, ou os mais capazes? Não podemos nos deixar levar pelas cores, pela beleza, pelas faixas, pelas caras lavadas e deslavadas. Precisamos começar a pensar no passado político daquele *distinto*, no que ele andou fazendo durante tantos anos, se o seu modo de vida é compatível com o salário que tem, que leis ele votou, que benefício trouxe para a nossa cidade, que ele fez para que a vida fosse melhor. Será que se preocupou que as crianças crescessem sadias, que as escolas fossem mais bem frequentadas? Isso é ter lucidez! Lúcido é o que penetra a realidade, percebe os jogos de interesses que funcionam, se posiciona e começa a dizer: é por aqui que eu quero, é por lá que eu vou, é por isso que eu escolho, é por isso que faço.

Jesus elogia esse homem, não pela sua sem-vergonhice, mas pela capacidade lúcida que teve. Quer que os filhos da luz, que somos nós, sejamos igualmente ou mais lúcidos ainda em benefício do Reino, na busca pela justiça, pela beleza, pelo

bem, pelos grandes valores. Interessante é que, já naquela época, Jesus percebia que as pessoas eram enganadas. Já na primeira leitura, o profeta Amós fala de falsificação de balanças. Isso existe em qualquer lugar, em qualquer país, há mais de dois mil e quinhentos anos. A esperteza, a ladroagem dos filhos das trevas desde sempre é enorme, enquanto os filhos da luz, que somos nós, continuamos bobamente diante da avalanche de corrupção e engodo. O evangelho tece toda essa situação para nos questionar: será que somos sagazes e lúcidos para perceber o bem, para trabalhar por uma sociedade justa, para que os bens, mesmo que injustos, rendam em favor da justiça? Todos nós sabemos que todo o dinheiro que circula no mercado financeiro vem de jogadas e jogadas horrorosas. Será então que não podemos mais usar nosso dinheiro? Será que temos que usar luvas para não nos contaminar? Não somos donos do fluxo econômico. Somos pacifistas e, mesmo assim, o dinheiro que colocamos nos bancos muitas vezes financiará a indústria de armas, por exemplo. Estão matando no Iraque com o nosso dinheiro. E que culpa podemos ter? Não somos donos do destino do dinheiro.

Nessa tarde, estava lendo uma análise de conjuntura de um economista e sociólogo brasileiro, e realmente é complicado de entender esta crise, este jogo de mercado imobiliário, ora nos Estados Unidos, ora no Brasil. O Senhor Jesus não tinha ideia dessa complexidade econômica na qual vivemos, mas o que Ele disse continua válido. Apesar de ser muito confusa a situação, teríamos que começar lentamente a buscar certa clareza e, sobretudo, ajudar as crianças e jovens a formarem uma consciência crítica. É a única defesa que temos diante do *marketing*, das propagandas, dos programas de televisão, da mídia, da *internet*, de tudo isso que existe por aí afora. Não temos a mínima condição de trabalhar isso, a não ser pela lucidez.

A segunda lição do evangelho fala de fidelidade. Esse homem também mostrou fidelidade, ainda que a si mesmo. Jesus diz que, aquele que é fiel no pouco, também o será no muito. Pedindo licença a Ele, eu diria que fidelidade é sempre grande, ainda que o seu objeto seja pequeno. Não existe pequena fidelidade. Existe fidelidade, e aí termina a frase. Eu sempre gosto de etimologia, e, na sua raiz, fidelidade traz *fides*, que em latim significa fé. Quem acredita que fazendo, cumprindo determinado dever, responde ao que há de mais profundo na sua consciência, realiza a fidelidade, que é sempre grande. Seja cuidando de uma criança, cumprindo o meu dever, eu percebo e respondo à minha consciência, deposito a minha fé, aquilo que há de mais profundo em mim mesmo, a minha confiança no existir, na realidade, por menor que ela seja. Se eu for capaz de queimar as minhas mãos, aí eu sou fiel. O tamanho da coisa não tem nenhuma importância, porque os infiéis têm um olhar turvo, um comportamento escuso. Como diz Jesus, eles gostam da noite e detestam a luz, porque são infiéis e não são lúcidos. Amém. (22.09.07/25º.domingo comum)

(*) referência a uma criança presente à celebração.

O ABISMO QUE HÁ ENTRE NÓS ***(Am 6, 1a.4-7/Lc 16, 19-31)***

Será que esse evangelho quer dizer que, depois da morte, os destinos se invertem: os que foram ricos e aproveitaram a vida irão passar fome e chorar, e os que aqui choraram e passaram fome serão saciados? Isso nos deixa perplexos, pois, se for real, vamos todos precisar mendigar para ganhar uma fortuna no céu. Imagino que Jesus não quis dizer isso, pois Ele mesmo gostava dos encontros, frequentava festas, como em Caná, tinha amigos de posses. Se entendermos esse evangelho ao pé da letra, encontraremos o que na leitura se chama um *topos*, isto é, uma espécie de lugar comum, algo que está presente em todas as culturas, que sempre se repete. Podemos ir à cultura indígena, ou à negra da África, à Mesopotâmia ou a Israel e ouviremos histórias semelhantes. Também podemos ter ouvido histórias de nossos avós. Até aí, Jesus não trouxe nada de novo, mas, se contou essa parábola, é sinal de que queria trazer-nos alguma novidade, mesmo que não esteja tão clara.

O que Ele disse lá reflete agora aqui! É sobre esse aqui que Ele está falando. Para Jesus, a novidade não é falar da distância que vai-nos separar depois da morte, como parece no texto. Ele está muito mais preocupado com a distância que existe entre nós nesta igreja, nesta cidade, neste país, neste mundo. Os lázaros e os ricos epulões são espécies de protótipos, metáforas para mostrar dois tipos de gente que são distintas, mas que também existem dentro de nós. Lázaro é o nosso lado pequeno e frágil. Tantas vezes tiramos notas baixas num exame, não passamos no vestibular, fracassamos, não damos conta, ficamos doentes, indo de médico em médico. Aí somos lazarentos, todos nós somos Lázaro! Mais cedo ou mais tarde, a *lazaridade* atinge a cada um de nós. Ninguém escapa dessa condição *lazarica*, pois todos nós carregamos essa profunda fragilidade.

Criamos entre nós abismos intransponíveis. Comparem a África e a Europa: leiam os jornais noticiando o que fazem com os navios africanos que pretendem viajar para a Europa, levando pessoas que buscam uma vida melhor. São empurrados de volta pela polícia, quando não são lançados ao mar. Quando temos que nos aproximar de pessoas diferentes, sentimos uma certa repulsa. Ainda outro dia, lia um articulista lá de São Paulo, desses bem conservadores, que falava exatamente sobre a elite do poder, do saber. Pessoas pobres não têm acesso à cultura, ao bem-estar que temos. Ele, ironicamente, questiona se deveríamos esconder os nossos diplomas, os nossos bens apenas porque outros não os têm. Jesus vem mostrar uma diferença radical na história. Não era preciso Ele descer do céu para dizer que os nossos sentidos se agradam com os bens, com a riqueza. Isso é óbvio! Basta ver as filas diante das loterias, com dezenas de pessoas querendo ganhar o prêmio para comprar uma casa bonita,

um carro moderno para andar pomposamente pelas ruas. Todos nós sabemos que a beleza e a riqueza nos agradam, e Jesus não precisaria dizer. O que Ele continua precisando dizer é que neste mundo há duas possibilidades de viver: não se deixando levar pelo consumismo, ou como aqueles que se vestem e se exibem, cheios de riqueza e de beleza, com seus olhos ofuscados, a ponto de não conseguirem ver ninguém mais além de si mesmos. É sobre esse risco que o Senhor nos alerta! A nossa cultura está nos separando das pessoas. Mas, se a cultura, a riqueza for colocada a serviços dos outros, Jesus será o primeiro a se alegrar.

Por isso, eu insisto tanto, para mim e para vocês: é muito fácil nos alegrarmos com o que somos e temos, e muito difícil dispormos do que somos e, principalmente, do que temos. Chega a ser fácil dar coisas que nos sobram, mas é muito difícil dispormos do nosso tempo, do nosso olhar, nosso carinho, nosso abraço. Dar apenas o que nos sobra nos suja, nos polui, nos deixa com o coração amargurado. Jesus vem dizer que o fundamental é abrir o nosso coração para acolher o outro.

Também temos festas, imaginem o carnaval! Quantos brasileiros gostariam que tivéssemos 365 dias de carnaval?! Também temos o nosso lado de rico Epulão. Gostamos de festas, nos cuidamos, pensamos apenas em nós e acabamos nos distanciando do Lázaro que somos e que também são os outros. Esse é o problema! O rico Epulão fechava-se em seu casulo, em sua redoma, como alguém que é incapaz de ver um miserável que pede alguma coisa que cai de sua mesa. Não que seja sovina, *mineiro ao quadrado*, que não queira dar. Não é nada disso não. Simplesmente não vê. Somos bons, mas não vemos. Somos cegos! Vemos apenas a nós mesmos. Reparem se cada um de vocês soubesse que ao seu lado estava um irmão precisando de uma palavra. Mas não vemos, não percebemos, não sentimos, porque entre nós e o outro há um abismo intransponível. Essa é a lição de Jesus, esse é o abismo que temos que superar, porque nos faz sofrer, nos conduz à solidão. Não adiantam milagres, aparecer-nos alguém que já morreu. Ouvimos também hoje a ironia do profeta Amós falando que os que viviam no luxo seriam os primeiros na fila para o exílio. O Senhor está nos dizendo que o mal não é a riqueza, mas o coração que vai-nos fechando em nós mesmos. É hora de nos perguntar: o que somos e temos nos fecha em nós mesmos, nos faz voltar apenas para nós, não nos deixar abrir nossos olhos para que participemos e partilhemos com outros?

Isso acontece em todos os lugares, mas também estão acontecendo coisas bonitas neste mundo. Já lhes falei, mas vou repetir. Outro dia, quando ia fazer uma palestrinha em La Paz, no avião, havia uns vinte ou trinta jovens alemães, holandeses. Eram jovens felizes, vermelhinhos, corados, alegres, cheios de vitaminas, vindos do primeiro mundo para passar um ano entre o povo simples e pobre do interior da Bolívia. Estudariam um pouco de espanhol na capital e depois iriam se dividir em grupos pequenos para conhecer o sofrimento, a

dor dos indígenas aimaras, quíchuas, que vivem no interior, oprimidos por uma longa colonização. Eram jovens como vocês e iriam fazer o que vocês não fazem, tentando quebrar esse abismo que existe entre a Europa e a América Latina, entre o mundo rico e fechado onde vivem e o mundo pobre da Bolívia. Quebrando esse abismo, os seus olhos se abrirão, e eles verão o sofrimento, a dor de tantas pessoas, se forem capazes de sentar-se ao lado das bolivianas com suas saias imensas, gordas, baixinhas, que mal balbuciam o espanhol e, pacientemente, as ouvirem, tentando passar um pouco do carinho, do afeto que trouxeram, depois de quase vinte horas de voo. Ainda há belezas neste mundo!

É sobre isso que Jesus fala! Não é para depois da morte, mas para agora! As barreiras estão aí, e nós deveríamos estar informados – a imprensa não informa isso – de que, no Brasil, está crescendo horrivelmente uma ciência biotecnológica terrível, já introduzida nos Estados Unidos e na Europa, de eugenismo, um racismo novo. Querem resumir o ser humano a um conjunto de neurônios que um cientista programa para que seja perfeito. Nos Estados Unidos, já houve um filho que processou a mãe e ganhou em juízo, porque ela não evitou que ele nascesse com um pequeno defeito. Ela não fizera todos os testes de eugenia para que ele nascesse perfeito. Se, de um lado, o nosso mundo caminha para a beleza de um voluntariado, de abertura, por outro lado, caminha para uma terrível segregação. E para isso existem milhões de dólares. As grandes empresas farmacêuticas americanas investem fortunas na biotecnologia para tentar fazer pessoas perfeitas. São como as modelos que são forjadas em laboratórios, ainda sobre a lupa dos cientistas. Não estou exagerando não. É exatamente isso que está acontecendo. E é isso que Jesus vem nos dizer. É ou não um abismo? Enquanto a África é largada, desaparecendo na sua fome, na sua miséria, em meio a ebola, a *aids* e tantas outras pandemias, a Europa e Estados Unidos esbanjam beleza forjada pela biotecnologia. É ou não um evangelho atual?

Jovens, acordem para um mundo de solidariedade, de proximidade! Não tenham medo! Estamos tendo um medo enorme das pessoas. Vivemos correndo com medo de assaltos, de criminosos. É claro que há muitos e não foram criados por Satanás, mas gerados por mulheres e homens aqui da Terra, que não lhes passaram nem um pouco de amor, de carinho, de cura, de cuidado para que pudessem estruturar sua psique e não se tornassem monstros horríveis. Se não trabalharmos nossa humanidade, nós mesmos sofreremos e olharemos como o rico Epulão, pedindo a Lázaro que nos traga uma gota d'água nesse fogo terrível que lançamos sobre a Terra. Amém. (30.09.07/26°. domingo comum)

NÓS CARREGAMOS A SEMENTE DA FÉ

(Lc 17, 5-10)

O evangelho de Lucas tem duas partes independentes: uma metáfora da natureza, que Jesus tira da experiência de camponês que Ele era, e uma estrutura social, típica da sociedade em que vivia. Hoje sabemos que a grande diferença entre natureza e cultura é uma das categorias mais trabalhadas pela filosofia e teologia. Quando falamos de natureza, sabemos que falamos de uma árvore. Quando a transformamos em alguma coisa diferente, já é cultura. Se plantarmos várias árvores e fizermos um jardim, já não podemos falar de natureza, pois já é cultura. Se formos para a Amazônia e encontrarmos árvores crescendo por todas as partes, teremos natureza. Mas se chegarmos como ecologistas que cuidam, é cultura. Nós, seres humanos, *culturalizamos* tudo. Tudo o que tocamos vira cultura. Não comemos arroz como um cavalo. Colocamos no prato, e isso é cultura. Água é natureza, mas nós a tomamos em copos, em garrafas, e isso é cultura. Também Jesus, apesar de não ter cursado sociologia na USP ou na UFMG (*), sabia bem distinguir natureza e cultura. Toma um exemplo da natureza: a semente, e um exemplo de cultura: um costume da época. A partir dessas duas realidades, tira sua lição.

Hoje, com a biotecnologia, com a botânica, o exemplo de Jesus se torna muito mais rico do que Ele poderia imaginar. Quando diz que a nossa fé é como uma semente, até então, achava-se que uma semente não fosse nada mais do que substâncias químicas que, depois de degradadas, fariam uma árvore. Mas hoje, os biólogos, através da biotecnologia, sabem muito bem que uma semente carrega milhares e milhões de informações. Isso é o fantástico das ciências modernas. As sementes carregam essas informações de milhões de anos. São como os cd's que os jovens carregam o dia todo, sem se dar conta de que naquela plaquinha metálica tem milhares de notas musicais, que um olhinho de luz pode transformar em sons. Portanto, a semente não é algo assim tão simples. Dentro dela estão milhões de anos de informações. Por isso, nela está tudo marcado: para nascer determinada árvore, com as folhas com o mesmo desenho, com um tronco que cresce com maior ou menor densidade. Tudo isso é guardado como informação dentro dela. Quando leio algum livro de biologia moderno, realmente fico parado, abismado. Como pode uma coisa tão pequena carregar tantas informações?!

Passemos para a outra metáfora de Jesus. Vocês acham que a fé, que, como Jesus diz, é um grão de mostarda, também é alguma coisa que nasce agora? Também ela tem milhares de anos de informações. Pra começar, tem dois mil anos de cristianismo. Se quisermos ir mais longe, podemos ir até Abrão, até

Noé, ou mesmo até Adão e Eva. Hoje, através da ciência, sabemos que o ser humano tem de um a dois milhões de anos, e tudo isso passa e chega a cada um de nós. Carregamos uma história gigantesca e podemos ter a certeza de que pelas nossas veias corre sangue com quinze bilhões de anos, porque as substâncias que estão em nosso corpo foram geradas no mesmo instante do *big-bang*. A nossa fé carrega tudo isso, para nos alimentar, nos fazer viver, nos fazer felizes, mais humanos, mais comunitários, responsáveis, solidários. Tudo isso está nessa pequenina informação. Quando andamos por uma rua e encontramos uma pessoa necessitada, uma criancinha sofrendo, nos comovemos, porque trazemos essa informação de fé, de milhares de anos e de milhões de pessoas que um dia também se comoveram e passaram para nós. Recebemos tudo isso de uma herança gigantesca, de bem e, infelizmente, também de mal.

Hoje Jesus quer falar do bem, portanto, da fé. Cada um de nós deveria olhar para a semente de sua própria fé, sabendo quanta história ela carrega. É como um acumular de experiências, tradições, vivências colhidas de nossos pais, avós, parentes que nem chegamos a conhecer, vindos de outros países, de outras etnias. Tudo isso chegou a cada um de nós. As mulheres casadas carregam a história de seus maridos e filhos. A mãe pensa que faz a história do filho, mas o filho também faz a história da mãe. Ela carrega o futuro do filho dentro de si. São coisas assim que nos deixam pasmos! Quanto mais a ciência avança, mais pensamos em quão gigantesca é a inteligência de quem criou uma coisa tão pequenina quanto uma semente. Nós somos essa semente de fé! Se tivéssemos certeza e confiança dessa grandeza, nossa cidade não seria o que é. Poderíamos chegar para uma árvore e mandar que ela se jogasse no oceano. Mas não é no sentido físico que Jesus diz. Ele quer nos lembrar a força espiritual que carregamos. Podemos dizer aos jovens que se arranquem da inércia e se lancem. Que acordem dentro deles a força interior que a semente guarda. Temos que nos preocupar em arrancar as árvores, diria mais, os espinhos, todos os arbustos secos que estão nos corações das pessoas. Temos que arrancá-los através da nossa fé e jogar lá dentro alguma árvore mais frutífera, bela, estética, perfumada, mais cheia de vida. Isso é uma tarefa muito mais difícil do que arrancar uma amoreira e lançá-la ao mar. Um trator pode fazer isso, mas arrancar de um coração humano a força viva, não há trator que consiga, não há grua que arranque. Mas a nossa palavra, nosso desejo, nosso olhar, nosso coração pode conseguir.

O mundo de hoje sofre demais! As pessoas sofrem solidão, tristeza, anonimato. Elas riem com sorriso de plástico, midiáticos, vazios, cosméticos. Não têm sorriso de alma, de coração e precisam desse sorriso, dessa vida. Mas somente pode dá-lo quem o tem, quem vive, quem espera, quem ama, quem acredita. Temos esse imenso patrimônio de experiência de vida e não o passamos. Guardamos para nós, no silêncio, na timidez, no medo, no acanhamento, na inércia que não nos deixa mover. Precisaríamos descobrir um pouco mais da energia que o Senhor diz que cada semente tem.

Sobre a cultura, o Senhor também tem o que nos dizer. O exemplo que Ele quer que sigamos é a gratuidade que deve nascer dentro de nós. Quando fizermos alguma coisa para os outros, não marquemos na lista das cobranças. Há uma palavra que sempre ouvimos neste país diuturnamente: cobrança. Que palavra feia, semântica e sonoramente! Os credores cobram, os chefes, os gerentes dos bancos, os comerciantes, os professores cobram. Todos cobram de todos. Jesus veio trazer uma realidade diferente, de gratuidade. Olhemos para nós: como nos cobramos mutuamente em nossas relações de homem e mulher. Eu lhe dei dez anos, você só me deu nove! Vivemos nesse jogo. Onde fica a gratuidade? Ela não olha, não mede, não calcula. É como uma água que brota de uma mina, límpida, ainda não contaminada, como a que deve brotar de nossos corações. Quando encontramos pessoas gratuitas, ressuscitamos. Como o olhar da pessoa gratuita é diferente! Há olhares anzóis, *cobrantes*, *sagazes*, mais ainda: eu diria *sugazes*, pois querem sugar tudo que os rodeia. Não querem devolver, nem comunicar, não fazem fluir de dentro. Jesus está nos dizendo isso há mais de dois mil anos, e ainda não aprendemos. Queremos tudo voltado para nós, e isso faz parte de nossa natureza animal, de quem só pensa em si mesmo, do mais forte que sempre devora tudo. Carregamos um traço muito importante que se chama liberdade. Podemos deixar que o outro chegue antes de nós e também se beneficie, pois somos mais que animais.

De tudo isso que o Senhor nos diz, podemos tirar duas idéias: a fé tem força, a gratuidade comove, toca, converte e muda o mundo. Jesus quer acordar em nós o sentido de humanidade, de disponibilidade. Ele nos propõe uma abertura fundamental para os outros. Amém. (07.10.07/27°. domingo comum)

(*) referência a duas grandes universidades, de São Paulo e de Minas Gerais.

MARIA PEDE A DEUS POR NÓS

(Est 5, 1b-2. 7, 2b-3/Ap 12, 1-5. 13a. 15-16/Jo 2, 1-11)

Hoje é festa, festa da Virgem Aparecida! Reparem bem no nome dela: Aparecida. Quem aparece, é porque estava escondida. Nossa Senhora estava escondida nas águas do rio, um rio importante, lá no Estado de São Paulo. E por que Maria se esconde? Muitas vezes, na nossa vida, mesmo que não haja nem mesmo esse rio sujo aqui de Vespasiano, Nossa Senhora se esconde, e nós não a vemos. Ficamos preocupados, pensando que ela nos esqueceu. Não, ela apenas se esconde para tornar a aparecer. É um primeiro momento. Não tenham medo, quando uma noite escura cobrir a vida de vocês! Um sofrimento nos fere, uma morte leva alguém. Parece que Deus, Maria nos esqueceram. Ficamos abandonados! Quantas vezes sentimos isso?! Dizem os psicanalistas – aqueles homens e mulheres sérios que gostam de nos olhar por dentro –, que das experiências mais pesadas para o ser humano é o abandono. Temos pavor de sermos abandonados, de estarmos jogados numa situação terrível sem nenhuma proteção, nenhum ponto de referência. Quando isso acontece, dentro de poucos minutos, estaremos absolutamente desesperados. Há esses momentos na vida de todos nós, uns maiores, outros menores. Há pequenos abandonos e grandes abandonos, mas ninguém escapa dessa experiência, porque há dores que são apenas nossas. Ainda que tenhamos amigos por perto, ninguém carrega a nossa dor. Quando uma filha está ao lado da mãe ou do pai morto, podem dar quantos tapinhas quiserem nas suas costas, que a sua dor ninguém retira. Podemos estar próximos, ter compaixão, mas nunca conseguiremos tirar a dor. Percebo que, muitas vezes, a mãe, quando vê um filho sofrendo, fica louca querendo arrancar a dor, mas não consegue. O filho sofre, chora, e a mãe não pode fazer nada. É o abandono! É nessas horas que devemos nos lembrar que Maria é a Virgem Aparecida, não escondida.

A primeira leitura é de uma beleza que nem sempre conseguimos captar. Naquele tempo, reis e rainhas não eram estas figuras tristes de Hollywood, de cinema americano. Eram reis e rainhas pra valer, com tronos e súditos. Quem visita os museus da Europa pode ver as relíquias dos grandes impérios. Podem imaginar os reis poderosíssimos, dos quais ninguém podia se aproximar, nem mesmo a rainha. Ester está diante do rei, e o que ela lhe pede é que salve o seu povo. Não pensou nela, em ganhar presentes para a sua família, alguma coisa de valor, mas na salvação de seu povo. É o símbolo de Maria! Ela é quem se aproxima do infinito de Deus, e pede por nós. Olha para Vespasiano, para todos vocês, e pede que nos salve. Deus esquece tudo o que fizemos de errado e realmente nos salva. Podem ter certeza de que Maria pediu, e Deus guardou o nome de cada um de nós.

Na leitura do Apocalipse aparece o dragão, que não é aquele bicho horrível que conhecemos das histórias que eu conto para as crianças na missa das nove. Esse dragão é símbolo do mal. Faço um pequeno parêntese para contar uma experiência que vivi há poucos meses na Bolívia. Lá existe o lago Titicaca, que tem a forma de um gato e pode ser visto do avião. Há uma lenda indígena que diz que esse gato é um dragão que cuspiu toda aquela água, formando o imenso lago. Portanto, são idéias antigas, que os índios já tinham, e também está na escritura. A força do mal é como a água que pode destruir tudo. Assim, quando os dragões, as maldades, a perversidades os perseguirem, tenham a certeza de que Maria olha por nós, e todo o mal vai desaparecer.

As bodas de Caná, narradas nesse evangelho, é a história de nossa vida. Imaginem que estamos aqui, com barris e barris de vinho, o vinho da alegria, da festa, da felicidade. Esse é o grande vinho, mas, e se ele falta? Às vezes ele falta, vocês ficam distraídos, mascando chicletes. Maria percebe que está faltando muito vinho, e pede que Jesus nos transforme. É a força do amor, da sua graça, de sua infinita bondade, que fará com que o vinho da alegria seja derramado em nós. Sairemos daqui bêbados de Deus! Amém. (12.10.2007 – Festa da Padroeira do Brasil)

ALÉM DO CUMPRIMENTO DO DEVER *(1Rs 5, 14-17/Lc 17, 11-19)*

Parece que a liturgia quer nos dar dois exemplos antitéticos, paradoxais. Diria que há uma tensão, para não dizer oposição. Naaman, o sírio, foi curado e foi agradecer. Como era um homem de muitas posses, não só agradece, como leva muitos presentes para o profeta Eliseu, que não aceita o agradecimento, mas permite-lhe levar terra da Palestina para a Síria, e lá adorar o Deus verdadeiro. Se Deus é quem fez o milagre, os presentes deveriam ser dados a Ele, e não a Naaman.

No evangelho, é o contrário. Os leprosos não voltam para agradecer, e Jesus se queixa. Mas eles não deveriam voltar para agradecer a Jesus. Acho que aí Jesus se enganou, porque eles já iam agradecer a Deus. Jesus disse-lhes que fossem se apresentar ao sacerdote, e isso significava que, primeiramente, eles teriam que acreditar que estavam curados. Como naquela época não havia SUS (*) nem Ministério da Saúde, quem controlava a situação dos que se diziam leprosos e ficavam curados eram os sacerdotes do templo. Portanto, eles deveriam se apresentar para receberem o certificado de cura e, só assim, voltarem ao convívio social, do qual estavam excluídos. Os leprosos viviam nos arredores das cidades, com roupas rasgadas, cabelos desgrenhados, de tal maneira que eram identificados de longe, quase como pestilentos, dos quais ninguém podia se aproximar. Quando os mandou ir ao templo, Jesus jogou com a fé deles, pois, se não acreditassem na cura, não poderiam ir. Eles foram, ficaram curados e aí agradeceram a Deus, exatamente como Eliseu queria que Naaman fizesse. Por que, então, Jesus achou ruim, se eles cumpriram o dever mais importante, voltando a fazer parte do povo de Israel? Será um simples teste de polidez, de boa educação? Agradecer é um sinal de boa educação que devemos aprender na infância. Portanto, não é virtude.

Existe um famoso filósofo e escritor francês, que é *best-seller* no Brasil, André Comte-Sponville, autor de um livro muito bonito “Pequeno Tratado das Grandes Virtudes”. O primeiro capítulo é sobre boa educação e boas maneiras, que ele diz que não são virtudes, mas base para elas. Uma pessoa mal-educada dificilmente conseguirá desenvolver a virtude. Olhem, pois, a responsabilidade dos pais de passarem aos filhos, desde crianças, o costume de agradecer, de ser atento, e assim criar condições para, mais tarde, construírem uma virtude.

Como o gesto de agradecer significava apenas boa educação, Jesus poderia apenas ter comentado que eles foram mal-educados. Mas acho que Ele queria ir mais fundo. Talvez quisesse dizer que quem o segue deve fazer alguma coisa diferente além de cumprir o dever. Os dez leprosos foram cumprir o dever, um rito prescrito pela lei de Moisés, mas um deles fez alguma coisa a mais. É desse **mais** que Jesus gosta, e esse **mais** se chama gratuidade. Aquele homem não

precisava voltar, e era normal que não voltasse, mas quis voltar. Quis mostrar algo mais, quis dizer que aquele Homem, que ele nem sabia bem quem era, o havia curado. Não pensem que naquela época o povo sabia o que hoje sabemos sobre Jesus. Ele era apenas um Homem diferente, um Mestre, mas nada de especial que merecesse uma reverência. Talvez tivessem ouvido falar que tinha certos poderes, o que não era de se espantar, pois havia vários *milagreiros* por lá. Era um dom muito comum. Jesus era um entre tantos, por isso, não mereceria um agradecimento especial. Os outros nove foram ótimos, cumpriram o dever e nada mais. Mas o samaritano, o estrangeiro, sabendo que Jesus era judeu, quis mostrar-lhe que estava acima das rivalidades, que o seu coração era maior. Naquele gesto, também acolhia o estrangeiro, o judeu, que cultuava Javé no templo e não no monte Garizim, como eles. É esse **mais** que é fundamental! Exatamente o estrangeiro traz o toque de originalidade, de novidade. Será que somos capazes!

Já lhes falei várias vezes sobre o livro “Inteligência Emocional”, que começa exatamente com um motorista que, sozinho, transformou todo um ônibus, lotado de caras feias e tristes. Não foi notado porque dirigia bem, mas por ter sido capaz de colocar a sua atenção, a gratuidade, o afeto de sua presença. Não interessa o cargo, o ofício que temos, mas sim a beleza de nosso coração.

Olhemos um pouco para a nossa vida. Se um professor prepara bem a aula, faz a sua obrigação. Dar uma boa aula, tratar bem os alunos, é sua obrigação e nada mais. Se um guarda de trânsito apita quando precisa apitar e orienta o tráfego, não fez nada mais do que sua obrigação. Se um motorista dirige bem, é sinal de que é um bom profissional. Assim por diante, cada um vai cumprindo o seu dever. Mas será que isso basta?

Quando eu era estudante em Roma, ia com os meus colegas de ônibus para a universidade. Passávamos numa encruzilhada, onde havia um guarda de trânsito que era diferente de todos os outros pela maneira como tratava cada pessoa. Tinha um olhar diferente para cada automóvel que passava. Olhava para os motoristas, brincava com os transeuntes, fazia gestos engraçados, mostrando sempre bom-humor e delicadeza. Era um guarda de trânsito, mas tinha algo a mais, e esse mais é que é importante. Ele cativava, e na época de Natal estava sempre rodeado de pessoas que lhe traziam presentes. Um professor que encontra um adolescente nos seus treze anos, para, conversa, se preocupa, se interessa, teve algo a mais, mesmo que não estivesse prescrito nos manuais de pedagogia. Será que um menino que presenciou uma cena de violência de seu pai embriagado pode chegar à escola e assistir à aula como os outros? Não merecerá uma atenção, um carinho especial que só a gratuidade é capaz de dar? Quantas vezes vamos ao médico e percebemos a diferença entre um clínico sério, competente, que examina, dá a receita e nos manda embora, e aquele que ouve, pergunta, se interessa pela pessoa? É o **mais** que não depende do ofício. Uma faxineira numa escola pode ter o **mais** que um professor não tem. Às vezes,

um funcionário dos mais simples, com uma vassoura na mão, com seu sorriso, seu carinho, sua atenção, consegue falar muito mais aos adolescentes do que um professor casmurro, com a cara fechada de *sexta-feira santa de tarde*, que não tem nenhuma maneira de se comunicar, a não ser a profissão.

Cada um de nós deveria cuidar, onde estivesse, fazendo o que fosse, para colocar esse **mais** diferente nas nossas ações. É um pouco isso que o cristianismo precisava injetar nos nossos corações. Não existem cargos mais ou menos importantes, mas pessoas que colocam a alma e o coração no que fazem. Imaginem se Vespasiano fosse assim: se cada policial, cada guarda, cada funcionário, cada caixa de banco tivesse um sorriso nos lábios! Não desses sorrisos de aeromoça para conquistar fregueses, não dessas cartilhas americanas para atender *telemarketing*. Nada disso! O mais que nasce de dentro, do cuidado, do zelo, do carinho, da busca, da percepção do outro é que é importante para mim. Se o outro é importante para mim, o meu olhar deve ser diferente. Amém. (14.10.07/28°. domingo comum)

(*) Sistema Único de Saúde

DEUS CHEGA ANTES (Ex 17, 8-13/Lc 18, 1-8)

As leituras de hoje são intrigantes, bonitas e carregadas de sentido. Mas, se não conhecermos a natureza do discurso, da linguagem, poderemos não as compreender. Uma compreensão superficial da primeira leitura poderá nos levar à ideia de que Deus está ao lado de Israel contra um outro povo. Será que Ele é contra os amalecitas ou qualquer outro povo, e só a favor de Israel? Será que, quando Moisés erguia os braços, os seus soldados venciam e, se ele os abaixava, os seus soldados perdiam? Será possível ser apenas isso? Portanto, antes de qualquer leitura, precisamos conhecer a natureza do seu discurso. Não é uma descrição, mas um discurso teológico e simbólico, isto é, quer falar da experiência que o povo faz. Também os amalecitas poderiam escrever a mesma coisa: que Deus estava do seu lado. O mesmo discurso poderiam fazer os brasileiros, russos, americanos. Qualquer povo pode dizer que Deus está ao seu lado, não apenas Israel e, muito menos, apenas nós, cristãos. Deus está ao lado de todos os povos de todos os tempos.

Reparem que simbolismo bonito! Quando, na nossa vida, temos os braços levantados, temos coragem, esperança, utopia e, então, caminhamos, avançamos, crescemos. Mas, quando temos os braços caídos, estamos desanimados, deprimidos, aborrecidos, e assim, perdemos. Está claro: os deprimidos, os pessimistas perdem! Perdem, porque não lutam, não têm coragem, não erguem os braços. O símbolo de Moisés, com os braços estendidos, é para cada um de nós. Braços erguidos apontam para a transcendência, para o céu, para Deus! Com os braços erguidos, nós sempre caminhamos, mesmo que, aparentemente, estejamos parados. Diante de nossos braços abertos, Deus sempre estará derramando o seu amor, sua graça, sua presença. Podemos passar por momentos dolorosos, partidos, rasgados, mas sem abaixarmos os braços. Não podemos nunca renunciar à presença do Senhor, porque, aí sim, seremos derrotados. Se não tivermos coragem para lutar, como enfrentaremos a vida, os problemas diários na família, com o esposo, a esposa, os filhos, no trabalho?! Como poderemos enfrentar a vida com os braços caídos, desanimados?! É claro que já estaremos derrotados, e os *amalecitas* vencerão. Eles simbolizam todas as forças da história humana que estão por aí tramando, jogando e que, de certa maneira, nos machucam, nos ferem. Esses são os amalecitas de todos os tempos! Daqui a pouco, entraremos num ano eleitoral e, se abaixarmos os braços, apenas os corruptos, os que sabem enrolar facilmente, vencerão. Se estivermos com os braços caídos, poderão continuar devastando a Amazônia.

Viajando agora para o Mato Grosso, alguém me dizia que poderiam ser vistos dezenas e dezenas de caminhões lotados de toras extraídas de regiões imensas, onde os *amalecitas* sempre vencem, porque compram, subornam, enganam. E cada vez sentimos mais calor, e ainda assim não acreditamos que o aquecimento global é uma realidade, que as grandes geleiras do Polo Norte

estão derretendo. Estive há pouco na Bolívia e ouvi os nativos comentando que não há mais neves eternas no alto das montanhas. São os *amalecitas* vencendo, conquistando, enquanto nós continuamos com os braços caídos. Que belíssima leitura! Precisamos erguer os nossos braços, para que os *amalecitas* se afastem. Jesus diz que trabalhamos na maldade, que temos medo da luz, da verdade, das pessoas honestas, que lutam. A maldade esconde a sua corrupção, que é tremenda, e vive serpenteando pela história.

Também no evangelho precisamos começar buscando a natureza da linguagem, pois, à primeira vista, podemos ter uma ideia muito errada de Deus, pensando que Ele só nos atende, se insistirmos muito, como a mulher insistiu com o juiz. Não é por aí que vai a parábola. Deus não precisa ser lembrado de nada. Sua memória envolve a todos nós, nos *pormenores mais pormenores*. Ele conhece as mínimas fímbrias de nossa existência. Percebe a restiazinha de luz que atravessa o nosso horizonte. Ele não precisa ser acordado pelo nosso pedido, como se ficasse esperando para derramar sobre nós a sua graça. Ele já o faz, está fazendo e assim continuará. Pensar que Deus está de braços cruzados é ter uma ideia falsa. Ele está derramando sobre nós sua abundância gigantesca. Deunos, não apenas uma terrinha vagabundinha, mas bilhões de galáxias, e sem que precisássemos pedir. Não pedimos a vida e nascemos, não pedimos neurônios, e Ele nos deu milhões deles para que pudéssemos pensar, estudar. Ele deu tudo isso para nós e continua nos dando. Não precisamos pedir nunca! Se Jesus nos diz que precisamos insistir, não é para Deus não, mas para nós, que não nos damos conta dos bens que recebemos, de tudo que Ele está distribuindo para cada um de nós. Somos omissos e distraídos. Quantas vezes estamos numa situação profunda e passamos por ela distraidamente?! Não agarramos a realidade, não percebemos o mistério de Deus misturado à nossa vida. Somos cegos! Não nos damos conta da beleza de uma *criancinha pequena* que nasce e é carregada no colo. Quando ouvimos falar do envelhecimento das populações europeias é que vamos perceber a beleza das crianças que ainda encham de alegria as ruas e praças do Brasil, para as quais precisamos nos abrir para acolhê-las como dom que Deus nos oferece.

Precisamos ter a coragem dessa mulher viúva e insistir, não com Deus, mas com nós mesmos. Precisamos acordar e ver como Deus está presente em nossa vida. Temos hoje dois casais celebrando bodas de prata (*). Evidentemente, têm uma caminhada e, se tiverem olhos, verão como Deus atravessou as suas existências, verão que até nas noites duras de insônia, quando rolavam na cama, preocupados com o amanhã, com a saúde dos filhos, não precisaram pedir a Deus que os socorresse, pois Ele sempre esteve presente.

Não precisamos ficar aborrecendo a Deus com insistentes pedidos. Precisamos, sim, ter coração e olhos abertos para saber que Ele já chegou antes, com os seus dons, a sua bondade, a sua graça. Amém (20.10.07/29º.domingo comum)

(*) Marta Mansur e Ricardo Pimentel, Rosária e Domingos

O BEM É EXTENSÃO DA PRESENÇA DE DEUS

(Eclo 36, 15b-17.20-22a/2Tm 4, 6-8.16-18/Lc 18, 9-14)

A oração simples do humilde, do pequeno, é como uma seta que atravessa as nuvens e crava-se no coração de Deus, que se volta para ele, com o olhar de quem acolhe o pedido. Assim pensa o homem do Antigo Testamento. Para ele, a nossa oração é como o incenso, que sobe em volutas para o alto e se perde. Mas, de certa maneira, Deus recolhe cada pequeno grão queimado. Assim também o nosso coração, quando se volta para Deus, se abre e recebe muito mais do que pede. Se entendêssemos um pouquinho mais de oração, como esse homem do Antigo Testamento, talvez rezássemos mais.

Paulo olhou para a sua vida. Oxalá, também nós, mais tarde olhemos para as nossas vidas e possamos dizer esta frase: “Combati o bom combate!”. Será realmente que o combate de nossa existência, a luta de nosso cotidiano, a nossa busca é um bom combate? Será que lutamos pela justiça, pelo bem, pela beleza, pela alegria, pela festa, pelo encontro, pelo convívio com os irmãos? Será que lutamos por uma política de mãos limpas? É bom lembrar que, algum tempo atrás, a Itália estava mergulhada numa máfia terrível. Um grupo de juízes e promotores lá no sul do país começou uma operação que chamaram de mãos limpas e, lentamente, foram purificando a política italiana. Será que esse combate não merece ser feito por nós aqui, no Brasil? No ano que vem, olhem para as suas mãos, lavem-nas antes de pensarem em votar. Procurem saber se as pessoas a quem pretendem dar o voto não são aquelas que andam por aí como abutres de mau agouro em busca de votos, para depois encherem-se de dinheiro público.

O tempo em que Jesus contou essa parábola do evangelho é tão diferente, que ela até nos parece inocente. Nela, o fariseu era uma pessoa orgulhosa, que desprezava os outros. O fariseu se orgulhava de jejuar e também de pagar o dízimo. E isso é uma coisa boa. O que o fariseu fez foi ficar contente com o bem que havia feito e, ainda assim, Jesus o criticou. Voltava à noite cansado, mas sabia que trabalhara para sustentar os filhos, para que a família tivesse mais tranquilidade. O trabalho o deixava feliz. Era alguém que vivia o seu dia com seriedade, procurando a alegria do bem que fez, de tudo o que construiu. Alegregar-se com o bem que estamos realizando a cada dia é dom de Deus, é graça do Senhor, porque o bem nasce da sua própria presença em nós, é sua extensão.

Se Jesus estivesse hoje aqui, na nossa sociedade, veria que o que está acontecendo em nosso meio é muito pior e, certamente, contaria outra parábola. O farisaísmo está desaparecendo, e dando lugar ao cinismo, que cresce mais e mais. Para mim, o cínico é a pior pessoa que existe, e, cada vez mais, medra enormemente em nossa sociedade. O cínico é o injusto que faz a injustiça com cara de justiça, é aquele que ostenta uma beleza externa e se acomoda com o mal que pratica e ainda o justifica. É muito pior que o fariseu, sem qualquer

comparação. Leva um celular em cada orelha, mais um *laptop* de última geração. Usa roupas impecáveis, gravata de último estilo, terno *Armani*. E, na sua empresa, trama destruir o seu concorrente, para triunfar sozinho, liquidando tudo que achar pela frente. Esse realmente é cínico, e depois aparece sorridente, alegre, com barba bem feita, exibindo toda a beleza, toda a riqueza, zombando dos pobres, dos honestos. Justifica sua imoralidade com cinismo, sem qualquer problema de consciência. É corrupto, rouba milhões, paga bons advogados e ainda sai com a cara mais *lavada* e se apresenta diante da sociedade como anjo. É a perda total da consciência ética! Nunca pensa em culpa, nunca irá se ajoelhar diante de Deus, como o publicano, pois está convencido de que o que faz é ótimo. Ele triunfa, ganha, vence, é o senhor que está conquistando o mundo, é o dono do mundo, como mostrava aquela antiga novela (*). São os cínicos que estão se multiplicando no senado, nas câmaras, nos tribunais, nas empresas, nos aeroportos.

Como, infelizmente, eu frequento muitos aeroportos, muitas vezes fico olhando e pensando em tanta exibição. Tanto trabalho para quê? Talvez para destruir o povo. Sem falar naqueles que fabricam armas, que anunciam guerras por puro egoísmo. Matam milhares de pessoas, oprimem um povo inteiro e ainda dizem que é para garantir a democracia. São os direitos humanos que são violados e transgredidos em todas as partes. O cinismo está invadindo todas as profissões, todas as realidades, não só entre os políticos. Há por toda parte uma corrupção ética, moral, comercial e humana.

Os psicólogos trabalham para tirar o complexo de culpa, mas o que falta é a consciência da culpa, que tende a desaparecer. Ninguém mais tem complexo de culpa. Está cada vez mais normal achar que todos fazem, todos roubam, todos mentem. Estamos perdendo toda noção de maldade, de perversidade. Precisariamos ter um pouquinho mais de consciência do mal que, muitas vezes, se incrusta na sociedade e em cada um de nós, e, diante desse mal, começar uma luta radical, séria, tenaz, para arrancar tanto cinismo de nosso meio. Será que ele também já existe nos nossos rincões profissionais? Será que também eu já estou me justificando de uma ou outra jogada? Será que nossas ações são escondidas, não podem aparecer? A luta das pessoas hoje não é mais para serem honestas, mas para que as desonestidades não sejam descobertas.

No próximo ano, estaremos votando. Olhem bem em quem irão votar. Não votem nos cínicos, naqueles que depois irão zombar de seus votos, que se constroem e se elegem à custa do voto popular, para depois se esconderem. Será que iremos eleger vereadores que vivem da droga, mentem, enganam? Se algum de vocês puder, procurem ler o artigo que o meu primo Betto (***) escreveu na semana passada, em que descreve o cínico de uma maneira muito clara e forte. O que Jesus pede é que sejamos o publicano da humildade, da simplicidade, da pureza, para que as nossas orações atravessem as nuvens e cheguem até o seio de Deus. Amém. (28.10.07/30º.domingo comum)

(*) telenovela “O dono do mundo”, de Gilberto Braga, exibida pela Rede Globo em 1991.

(**) Carlos Alberto Libanio Christo, o Frei Betto, autor do artigo “Como endireitar um esquerdista”

A FELICIDADE ONDE NÃO SE ESPERA

(Mt 5, 1-12a)

Podemos percorrer todas as culturas de todos os povos, e sempre encontraremos esta verdade: todos os seres humanos querem ser felizes! Assim, cada povo tece o seu sermão da montanha. Não é privilégio de nenhuma cultura. Poderíamos passar horas percorrendo todas elas.

Os egípcios diriam que bem-aventurados seriam os construtores das pirâmides, os faraós divinos nos seus esplendores em que milhares e milhares de pessoas se banquetavam. Bem-aventurados seriam os babilônios, que construíram os maravilhosos jardins suspensos. Bem-aventurados, diria o povo de Israel, aqueles que são capazes de ouvir a palavra de Deus e a praticar. Os romanos diriam que bem-aventurados são os que armam as grandes guerras que os possibilitam enfrentar os grandes exércitos e tornar imbatível o grande império romano. Bem-aventurados eram os poderosos romanos! Bem-aventurados seriam os gregos com sua inteligência, sua cultura milenar na qual nasceu a filosofia, o início do pensar. Eles seriam felizes porque pensavam, refletiam: Platão, Aristóteles, os peripatetas, que não eram nada patetas, mas davam aulas no areópago, andando de um lado para outro. Os índios também buscavam a bem-aventurança, procurando sempre uma terra sem males.

Poderíamos tomar qualquer povo, mas talvez a cultura que mais ofereça *bem-aventuranças* seja a nossa: a modernidade, a pós-modernidade, o deus-capitalismo. Depois que o socialismo ruiu, ruiu também o sonho de um mundo de igualdade, no qual haveria um grande partido agregando todo o povo. Sobrou apenas o grande catálogo da felicidade, as *bem-aventuranças* que estamos vivendo hoje: bem-aventurados os que frequentam as academias, porque sairão fortes e bonitos. *Bem-aventuradas* as mulheres que podem frequentar manicures, pedicures e salões para ficarem cada vez mais bonitas. *Bem-aventurados* os executivos, carregando celulares e *laptops* por aí afora, entrando e saindo de aeroportos.

Vem Jesus e propõe uma bem-aventurança totalmente diferente. O que impressiona é que Ele falou das mais simples qualidades humanas. Será que, para chegar ao céu, basta fazer coisas tão simples?! Bem-aventurado é o pobre, porque Jesus gosta dele. Pode estar sujo, mal-cheiroso, rejeitado por todos, mas Jesus gosta dele e o acolhe. Bem-aventurados os mansos! Não é preciso ter um alto posto, ser ministro, senador, andar com carros maravilhosos. Para que tanto barulho? O que precisamos é de calma, silêncio, mansidão. Agora mesmo, com o filme “Tropa de Elite”, anda jorrando sangue sobre a sociedade brasileira, e Jesus diz que bem-aventurados são os misericordiosos, porque é a misericórdia que anda nos fazendo falta. O ódio, a vingança, a brutalidade, destroem a nós e aos outros. Quanta guerra! Nas duas guerras mundiais morreram mais de um

milhão de pessoas, e os Estados Unidos continuam promovendo Iraque I, Iraque II, guerras limpas, assépticas, produzidas nos laboratórios. *Bem-aventurados* os poderosos, o grande império que ostenta a estátua da liberdade! Mas Jesus diz que bem-aventurados são os pacíficos, porque constroem a paz. Quanta diferença! *Bem-aventurados* os que estão nas *internets*, buscando os *sites* pornográficos, na insana busca do prazer. Vem Jesus e diz que bem-aventurados são os puros, porque veem a Deus. Será que ver a Deus, tão longínquo, tão distante de nós, traz felicidade?

Engraçado, Ele não propõe nenhum elemento religioso, mas mansidão e misericórdia. Outra coisa que ainda não entendi: também os aflitos são bem-aventurados. Qualquer psicólogo vai dizer que existem terapias, químicas maravilhosas, que logo os farão saltitantes. Mas Jesus diz que os aflitos serão consolados por Deus, um Deus extremamente consolador. Parece que Jesus quer brincar conosco. Todas as nossas *bem-aventuranças* são boas, todas dão uma pitadinha de felicidade. Nenhum povo errou totalmente. É claro que os construtores das pirâmides nos deixaram uma grande obra, como também os poderosos do império romano. Mas todas essas *bem-aventuranças* nunca chegaram a tocar no mais profundo do coração humano, e é lá que Jesus quer chegar. A verdadeira bem-aventurança não entra pelos olhos, mas somente pela fé. Saber que, quando sou misericordioso, quando sou manso, sou bem-aventurado, não é um dado visível, mas de fé.

Saibam que há um psicanalista inglês que diz que a felicidade é cuidar e ser cuidado. E sobre isso, eu gostaria de deixar uma última mensagem: se quiserem ser felizes, cuidem de uma criança nos seus primeiros meses. Elas são as primeiras que precisam de nosso cuidado. E continuemos cuidando de todas as pessoas que encontrarmos. Afirmo a vocês que mudarão suas vidas. Todo este *stress*, esta correria irão diminuir, porque o calor de fora só nos incomoda porque falta o calor de dentro. Quando temos muito cuidado com as pessoas, parece que as coisas externas perdem sua força. Nós nos veremos nos olhos, e nada há de mais lindo do que os olhos dos outros. Amém. (04.11.07/Festa de Todos os Santos)

O CAMINHO PARA A LIBERDADE

(Lc 19, 1-10)

Vamos tentar entender os pequenos pormenores que eu frisei durante a leitura. Começemos por uma comparação: em uma outra ocasião, Jesus encontrara um cego e lhe perguntara o que ele queria. Ele respondeu simplesmente: “Que eu veja!”, sem nenhum outro complemento. Jesus o atendeu. Hoje, Lucas dá um passo à frente, vai mais fundo na realidade, e diz que Zaqueu queria ver Jesus. Ver, todos nós aqui podemos, pois aqui, nesta igreja, não há nenhum cego. Nós vemos tantas coisas, principalmente nesta sociedade panóptica, que nos oferece tantas atrações. Mas, para Lucas, ver é pouco. Zaqueu era rico, certamente, deveria ter tudo, mas ainda não tinha visto Jesus. E nós, depois de termos visto tantas coisas, será que queremos ver Jesus?

Como Zaqueu, somos pequenos diante daquele que queremos ver e, para isso, precisaremos subir. Somos pequenos de coração e precisamos nos abrir para a verdadeira grandeza que é Deus. Nas primeiras páginas do Gênesis está escrito que Deus planta no paraíso a grande árvore da ciência do bem e do mal. Subir na árvore é querer discernir, perceber o que há de bem, o que há de mal, o que há de bom e também o que não é tão bom. Para ver Jesus, nós precisamos nos encher de vida, de coragem, de entusiasmo. Como Zaqueu, nós queremos ver o bem por excelência, que é Jesus, por isso ele sobe na árvore, mas se engana, pois, antes de ver, ele é que foi visto por Jesus. Esta é a grande beleza de Deus: Ele nos vê antes que o vejamos. Todas as vezes que voltarmos o nosso olhar para Jesus, tenhamos a certeza de que será Ele que nos olhará antes. Precisamos estar atentos, pois, se estivermos distraídos, esse olhar nos escapará. Jesus vê Zaqueu e o chama pelo nome. Como é lindo quando alguém sabe o nosso nome, que é o símbolo da nossa existência, da nossa história, de tudo o que carregamos nesta vida! Zaqueu se assusta ao encontrar o olhar de Jesus. Será que algum dia já encontramos o olhar de Jesus chamando-nos pelo nome?

Jesus não permite que Zaqueu continue simplesmente contemplando-o, manda que ele desça depressa da árvore para que abra-lhe a casa do seu coração, pois lá Ele faria morada. É isto que Jesus está dizendo a cada um de nós: que abramos a porta de nosso coração para que Ele possa entrar e habitar. É no nosso coração que Ele quer morar, basta que o abramos. Será que vocês vêm a esta igreja realmente para verem Jesus? Ou será que entram e saem sempre do mesmo jeito? Hoje Ele está dizendo para todos nós que voltemos às nossas casas levando-o em nossos corações, pois é aí que Ele quer morar.

Zaqueu não era nenhum modelo de virtude e, quando esbarra com o olhar de Jesus, se desmancha em conversão. Para Deus, não importam os nossos pecados, mas a abertura de nosso coração. Depois de encontrar o olhar de Jesus, não poderemos continuar vivendo como vivemos até agora. Zaqueu resolve se

desfazer de tudo que o prendia. Precisava ser livre, mas não apenas no sentido material. Naquele momento, Zaqueu fez a grande experiência de liberdade – uma das mais lindas que o ser humano pode fazer, quando olha para tudo que o cerca e tem a consciência de que nada daquilo o prende. Só Deus lhe basta! É uma experiência difícil, reconheço, principalmente para os jovens, mas exercitemonos, pelo menos um instante. Olhando para tudo o que nos cerca, sintamonos livres, pois o que realmente importa é a presença de Deus em nossa vida. Diante dessa verdade maior, todas as outras experiências são relativas. Amém. (31.10.2010/31º. domingo comum)

ALÉM DE TEMPO E ESPAÇO ***(2Mc 7, 1-2. 9-14/Lc 20, 27-38)***

A revelação não é um *pacote* enviado pronto do céu por Deus. É um processo que vai sendo comunicado e assimilado lentamente. O problema da ressurreição dos mortos que, para nós, é um dado da fé cristã que atravessou esses vinte séculos, para o povo de Israel, sob certo sentido, foi uma grande novidade. A maneira de os judeus se sentirem perpétuos, continuados, era através da procriação, da descendência. Por isso, não ter filhos, no Antigo Testamento, era o maior castigo, porque a pessoa morria e não haveria ninguém continuando a sua vida. Daí, os grandes patriarcas morriam felizes, conhecendo seus filhos, netos, bisnetos, vindo daí a ideia simbólica de que morriam com oitocentos, novecentos anos. Não é nenhum discurso descritivo ou cronológico, mas para dizer que, ao morrerem, deixaram atrás de si muitas gerações. Portanto, todos vocês que são pais ou mães podem dizer que não morrerão totalmente, porque seus filhos continuarão, depois netos e bisnetos. Essa é a primeira ideia de ressurreição que aparece em Israel.

Depois dão um passo à frente. Imaginavam o céu como uma grande placa firme – daí chamarem de firmamento – dependurada em duas montanhas. Em cima, estava o céu e também as águas, e embaixo havia um lugar escuro, tenebroso para onde iam os mortos bons e maus. Passam os séculos, e eles vêem que não é possível os bons e maus ficarem juntos. Começam a separar o *sheol* dos bons e dos maus. Imaginavam o *sheol* como um lugar escuro e tenebroso. Muitos séculos se passaram, e surge essa situação descrita na primeira leitura. Quando o povo de Israel, lutando contra os gregos que o dominavam, percebe que o melhor de sua tropa morre, começam a questionar se os bons poderiam ficar junto com os maus no mesmo lugar escuro. Entre os irmãos macabeus e no livro de Daniel surgirá a primeira ideia de que Deus irá arrancá-los, tirá-los daquele lugar escuro e devolver-lhes a vida. Aí nasce a ideia de ressurreição, aproximadamente dois séculos antes de Cristo.

Os saduceus, que aparecem no evangelho de hoje, eram conservadores. Quiseram conservar a fé anterior aos macabeus, como os católicos, *muito fervorosos*, que querem guardar a mesma fé anterior ao Vaticano II. Para os saduceus, os mortos iam para o *sheol* e lá ficavam. Enquanto isso, os fariseus, que eram mais estudiosos, aceitavam e acreditavam na ressurreição. Jesus parte desse momento cultural. Os saduceus trazem-lhe um caso, perguntando-lhe com quem ficaria na eternidade uma pessoa que se casa várias vezes. Jesus lhes responde dizendo que não entendiam nada de ressurreição. Na ressurreição há outro tipo de vida!

Essa é uma reflexão recorrente que sempre me propõem sobre como será a nossa vida depois da morte. Claro que nenhum de nós teve chance de ver. *Escrevi*

vários correios eletrônicos para Jesus, mas Ele não respondeu nenhum deles. Enquanto não responde, vamos usar um pouco do que lemos das escrituras, o que temos na nossa cabeça, as nossas experiências. Podemos observar que, quando as pessoas morrem, se desfazem. Se formos ao cemitério e abrirmos qualquer túmulo, encontraremos corpos decompostos, reduzidos a poeira. Portanto, este nosso corpo desaparece e não volta mais, isso qualquer um sabe. Basta abrir um túmulo.

Com este nosso corpo, estamos agora nesta igreja e não podemos estar nas nossas casas. Estamos agora e não podemos estar ontem nem amanhã. O corpo nos liga ao tempo e ao espaço. Só posso estar aqui e agora. Como diria Leonardo Boff (*), na ressurreição, é como se o nosso corpo fosse uma larva que fica dentro de um casulo, o casulo da história, do tempo e do espaço. Estamos nesse casulo e, de repente, a larva amadurece, fica tão forte, que rompe o casulo, e dele sai uma borboleta bonita que não se prende a nenhum lugar, mas pode voar para onde quiser. A morte permite que aqueles que morreram estejam em todos os lugares e em todos os tempos, porque não estão mais ligados a tempo ou espaço. Um pai, um avô que morreu pode estar ligado a todos os filhos e netos, em todos os lugares e em todos os tempos, simultaneamente. Isso é fascinante! Essa possibilidade de não estar ligado a tempo e espaço nos fará comungar com todas as pessoas. Onde houver um momento de memória, onde houver uma nesgazinha de amor, de lembrança, lá estarão o pai, o avô, olhando, amando, ajudando, de uma maneira que não sabemos, mas muito real. A Igreja, por não saber formular, falou em comunhão dos santos, como rezamos no Credo. Comunhão dos santos é essa ubiquidade, isto é, a capacidade de estar em todos os lugares e em todos os tempos. O nosso ontem é presente para os nossos pais falecidos, porque eles também veem o nosso futuro. Têm toda a nossa história na palma de suas mãos e podem se deliciar, se alegrar. Por outro lado, também se entristecem com as nossas contingências, nossos desvarios.

Imagino que os que morreram participam de nossa vida com a grande vantagem de poderem participar de todas as vidas com as quais tiveram relações. Uma outra imagem bonita, também de Leonardo Boff, é nos comparar a um pequeno nó do qual puxássemos muitos fios. Cada pessoa que eu amei é um fio. Quando morreremos, ressuscitará o nó e todos os fios, sem que nenhum se perca. Só que aí todos os fios serão transparentes e estarão retidos na memória infinita de Deus.

Que os nossos mortos, olhando para Deus, vejam esse teatro gigantesco, essa arena de bilhões de pessoas, de bilhões de anos. Os olhos dos nossos mortos atravessam tempo e espaço, porque pertencem à eternidade de Deus. Amém. (10.11.07/32º. domingo comum)

(*) referência ao teólogo catarinense Leonardo Boff

PEDRAS QUE CONSTROEM ESPERANÇA ***(Lc 21, 5-19)***

À medida que nos aproximamos do final do ano litúrgico, que quase coincide com o final do ano civil, o evangelho nos apresenta cenas que chamamos, em linguagem técnica, de apocalípticas. Ainda bem que muitos de vocês já sabem perceber a diferença dos discursos. O que acabamos de ouvir é um discurso apocalíptico, não é descrição de nada que irá acontecer. Imaginar que o fim do mundo será isto – guerras, catástrofes – é não entender o discurso, que vê o fato que acontece agora, projeta-o para o fim com uma lente de aumento enorme, e faz crescer um acontecimento pequenino do nosso cotidiano. Olha para o real, capta-o e projeta, joga para frente exageradamente, para que acordemos para realidades que já estamos vivendo. A mensagem é sempre para que não tenhamos medo, pois termina com a certeza de que, mesmo em acontecimentos assim, Deus sempre estará conosco, e com muito mais razão, portanto, em acontecimentos menores. É um discurso de animação, entusiasmo e coragem, não de medo. Por isso, muitos pregadores por aí, que não entendem nada, absolutamente nada, tomam esse sermão e usam-no para ameaças. Tudo bem, apenas não sabem analisar o discurso.

Passemos agora aos três fatos, três grandes catástrofes que o evangelho escolhe: a ruptura do templo, da paz e da família. Querem coisas mais desastrosas que essas? Jesus começa dizendo que, do templo, não ficará pedra sobre pedra. Claro que não é uma ruptura física, porque, quando Lucas escreveu, o templo de Jerusalém já havia sido destruído. Não foi uma previsão, mas algo que já havia acontecido. Restou um pedaço de muro e nada mais, e no seu lugar está hoje uma mesquita islâmica, o que ainda causa grande pesar aos judeus. Templo significa o lugar de Deus, o lugar de nossa devoção, o lugar da nossa presença, de todas as lembranças contidas naquele lugar. Podemos comparar com o sentimento dos moradores de Vespasiano, quando a antiga igreja foi demolida, para que esta fosse construída. Muitos choraram as lembranças de matrimônios, batizados nela realizados. Se compararmos algumas comunidades fervorosas que viviam na Europa, na África, nos primeiros séculos, veremos que deram lugar a grupos muçulmanos. Na mesma Europa, há igrejas que foram transformadas em restaurantes. Num país como a Holanda, que já enviou tantos missionários ao Brasil, o cristianismo está acabando – “não restou pedra sobre pedra”. Não é um único templo que foi destruído, mas tantos outros que continuam sendo destruídos na nossa vida, nas nossas famílias, nas nossas comunidades. Será que permitiremos que isso continue acontecendo? Jesus está nos dizendo é dos templos que estamos construindo, os templos interiores, da nossa devoção, da nossa piedade, da nossa presença. Quantos coroinhas que conhecemos já são senhores, tantos vivem desgarrados, não voltam?! Nossas

catequistas, coordenadores de crisma, todos os anos enchem esta igreja de jovens crismandos. De repente, todos eles voam como pombas para outros pombais. É disso que fala o evangelho, nada de fim do mundo. Pensemos na nossa vida: quando aconteceu a queda do templo também desmoronou a minha relação com Deus, a minha vida de oração?

Uma ruptura mais terrível ainda é a da paz. Povo lutando contra povo, os absurdos que acontecem no Rio, nas grandes cidades: sequestros, tráfico, violência. O grande sucesso do cinema brasileiro hoje é uma ode à violência: “Tropa de Elite”, que os nossos jovens assistem naturalmente. Não é fim do mundo, mas Brasil, 2007. Jesus fala de experiências humanas que atravessam todos os séculos, ora mais, ora menos. Só para se ter uma ideia: no século passado, mais de cem milhões de pessoas foram mortas em guerras, mais que toda a população do Brasil naquela época. Tudo isso sem falar em outras escaramuças menores, e em toda a violência que grassa em nossa sociedade: em namorado que mata a namorada e se joga pela janela (*). Não precisamos ir ao Iraque não, é logo ali. Por que matar uma pessoa? Será que é assim que vivemos agora, qualquer coisinha virando pretexto para matar? Basta querer alguma coisa e, se não consegue, mata-se o dono? Não é preciso pensar em povo contra povo, é brasileiro contra brasileiro, são pessoas da nossa cidade, às vezes colegas da mesma escola. Não precisamos temer as grandes guerras entre nações, mas aquelas travadas no interior das nossas comunidades.

A terceira ideia é de que pais entregam filhos, e filhos entregam pais, a ruptura da família – a pior e mais dolorosa de todas. Não pensem que é exagero, que Jesus colocou uma lupa muito grande. Outro dia, li uma crônica em que se narra uma experiência de catequese. Diante do professor falando que Deus é pai, a criança pergunta se Ele batia na mãe de Jesus, porque o seu pai fazia isso. Essa era a imagem que aquela criança trazia da figura paterna. Isso aconteceu em Belo Horizonte. Não precisamos ir longe não: “pais contra filhos, filhos contra pais”. Mesmo em famílias fisicamente unidas, existe a desunião, imperam a mídia, a *internet*, a televisão, as ausências, a falta de diálogo. Perguntem aos encarcerados, a essas crianças que vivem pelas ruas como foram os seus pais, suas mães, e verão que Jesus tinha razão. Em tantos lares, hoje, imperam a televisão, a *internet*, e nada de responsabilidade, nada de ética, nada de moral. É disso que Jesus fala. Ainda que Ele exagere, as três rupturas estão aqui, não para nos parar com um discurso pessimista, mas para termos esperança e reconstruirmos o *templo*.

Vejo vocês entrando nesta igreja, vejo tantos jovens e digo para Jesus que o templo não foi arrasado, existem ainda pedras sobre pedras. Quantas pedras estão aqui dentro?! A cada sábado, a cada domingo, Pe. Lauro e eu celebramos e sentimos uma grande alegria. Ainda há pedras lindas construindo a Igreja! Podemos dizer para Jesus que ainda não chegou o fim do mundo, porque no Brasil e em Vespasiano ainda se constroem templos. Na semana passada, um

grupo de médicos dedicou todo o dia para acolher as crianças, orientar suas mães, ajudar a comunidade. Há tanta gente trabalhando nas ruas, ajudando as pessoas abandonadas, voluntários nos asilos ouvindo os velhos; nos hospitais, animando os doentes. São coisas lindas, muita paz ainda está sendo semeada! Um autor francês chama essas pessoas de transumanas. Muitas famílias ainda se reúnem para rezar, para conversar. Ainda há pessoas que sabem e gostam de conversar! É tão lindo quando um adolescente encosta a cabeça no ombro do pai, conversam, choram e riem juntos. Podemos nos animar, porque ainda existem famílias que se amam. Amém. (18.11.07/33º. domingo comum)

(*) referência a um crime acontecido em Belo Horizonte e com repercussão na mídia.

UM REINO CHAMADO AMOR

(Lc 23, 35-43)

Às vezes, a liturgia desconserta-nos. O nome dado à festa de hoje é Jesus Cristo, rei do universo. Foi criada no pontificado de Pio XI, um papa poderoso, que enfrentou o nazismo e o fascismo que crescia na Itália. De certa maneira, ele cria essa festa para opor-se aos regimes que propagavam o ateísmo no mundo, pregando contra Deus e a religião. O papa coloca Cristo, forte e poderoso, como rei do universo. Sendo assim, esperávamos uma liturgia que nos mostrasse um Cristo poderoso, descendo das nuvens cercado de anjos e arcanjos tocando trombetas em meio a tempestades, fogo e trovões. Mas, hoje a liturgia nos surpreende e toma um texto da paixão, justamente quando Ele está mais fraco, quando é menos rei, de acordo com os nossos conceitos. Não há nenhuma coroa, a não ser de espinhos; não há cetro, a não ser um pedaço de bambu que lhe puseram nas mãos; não há manto, a não ser sua pele ensanquetada; não há nenhum sinal das realezas mundanas de que ouvimos falar nas histórias dos faraós egípcios, dos césores romanos, até mesmo desses reis modernos, com todo o seu poder, suas carruagens, joias, pompas, súditos. Ele é rei de outra maneira, a ponto de as pessoas zombarem dele. Pilatos, num cinismo horroroso, mandou colocar no alto da cruz uma frase escrita em grego, hebraico e latim: “Este é o Rei dos Judeus”. Certamente, gargalhava, lá da Torre Antônia, poderoso, cercado de tropas, tendo nas mãos o destino daquele Homem crucificado.

Parece que a liturgia quer trazer-nos para a história, para que a nossa fantasia não se perca num Cristo glorioso, lembrando-nos de que Ele não chegou lá de qualquer maneira. Todos nós queremos a glória, o poder, muitas vezes nos esquecendo dos caminhos que nos conduzem. A teologia atual insiste muito nesta frase: o Cristo glorificado é o mesmo Cristo crucificado. O Jesus da cruz, do sofrimento, da história, aquele que perdoava, curava, que olhou com ternura para a mulher pecadora, que acolheu as crianças, esse Jesus bem nosso, bem humano, bem sensibilidade, é o mesmo que hoje olhamos no céu, vestido de luz, de glória e poder. Só que o poder de Deus tem nome, ao contrário do poder dos homens aqui da Terra, que só pretendem fazer a própria vontade, dispondo-se das pessoas. Deus não tem súditos, pois o seu reinado se chama amor! Ele quer apenas que busquemos a plenitude de nós mesmos. Eu diria mesmo que Jesus é mais rei quanto menor, mais pobre, mais miserável é a pessoa. Ele é rei, primeiramente, para estas crianças, pois foi a elas que acolheu, abraçou, escandalizando os poderosos de sua época. Quando andava pela Palestina, encontrando toda espécie de pobres e miseráveis, era um rei andarilho, como nunca sequer podemos imaginar. Um rei sem carruagem, andando a pé, dormindo ao relento, sem ter casa ou moradia. Tiremos de nosso imaginário essas glórias vazias e voltemo-nos para a grandeza do reinado de Jesus, não para pararmos

nele, mas nos perguntar como podemos ser reis e rainhas para os outros. Que sejamos reis e rainhas na busca da simplicidade, do carinho, da acolhida, da oferta gratuita da presença ao outro. Este é um reinado que todos nós podemos ter, no serviço, na entrega gratuita ao Senhor e ao próximo.

O texto escolhido é finíssimo e eu não poderia deixar de comentar os detalhes. Precisamos de muita atenção para perceber. Lucas coloca ao lado de Jesus dois subversivos que, provavelmente, lutavam contra os desmandos do império romano, ainda que a tradição os chame de ladrões. São três criminosos que se encontram, pois também Jesus era apresentado como tal. Foi condenado como herege, um excomungado pela religião judaica, alguém que se dizia rei não poderia estar junto de César e deveria morrer. Um desses criminosos significa a história que não entendeu Jesus, é aquele que chamamos impropriamente de mau ladrão. Ele representa a nossa incapacidade de penetrar o mistério de Jesus. Quantas vezes somos como esse mau ladrão, incapazes de entender o mistério do Senhor?! O outro também é como nós. Cada um de nós traz um pedaço de cada um deles. Aquele homem, que não fez nenhum curso de teologia, que, provavelmente, nunca teria se encontrado com Jesus, percebe nele alguma coisa diferente. Já pensaram nisso? Imaginem vocês, num presídio, encontrando-se com três criminosos condenados, e, entre eles, percebem um que tem algo diferente. Foi o que aconteceu com aquele bom ladrão. Ele o vê, fisicamente, como ele: criminoso, condenado à morte, um subversivo contra a ordem religiosa e romana. Mas, naquele pedaço de olhar que restara a Jesus, naquele rosto desfigurado que já não guardava nenhuma beleza, naquele corpo rijo pela perda total de sangue, ele consegue ver todo o bem que ele praticara. Diante daquela cena, ele interpela Jesus para que se lembrasse dele ao chegar ao paraíso. Será que algum dia teremos coragem de pedir a um bêbado, a um miserável, a uma pessoa desprezada, jogada numa sarjeta, que se lembre de nós? Aquele homem teve essa coragem e recebeu a resposta de que ainda hoje ele estaria no paraíso. Não o hoje do dia da morte, mas de cada dia. Todas as vezes em que pedirmos a um miserável que se lembre de nós junto ao Senhor, hoje, naquele momento, tocaremos o paraíso verdadeiro, não aquele das modas, da futilidade, da exterioridade, mas o paraíso de quem tem o olhar profundo, que consegue perceber que, mesmo nos corações mais miseráveis, existe o lampejo divino. Descobrir esse lampejo é descobrir o paraíso de Deus. Amém. (21.11.2010/34º. domingo comum – Festa de Cristo Rei)

Índice Remissivo

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Dor e consolação no caminho do Calvário		VII	65
Grandes dores e grandes amores se encontram		VIII	70
O Profeta da eterna felicidade		VIII	78
Os braços em que podemos nos abandonar		VII	71
A Arte de Formar-se		IV	123
Deus Pai		IV	156
Escatologia: Realidade ou Simbolismo?		VI	123
Espiritualidade Inaciana		IV	143
Ética é a Palavra Mágica		VI	72
Eucaristia e Reconciliação		VI	136
Juventude – Memória e Sonho		I	14
Natal: Memória, Presença e Anúncio		VI	114
Se Realmente Houvesse Amor...		VI	119
Fé e Religião no Terceiro Milênio		V	107
Qual o Futuro do Cristianismo?		V	118
Refletindo a Vida		V	59
Como Estamos Usando o Nosso Corpo	1Cor 3, 9-11.16-17	VI	88
O reino de Deus nos desvela a realidade	1Cor 7,29-31	VII	35
Sinais do Reino de Deus em Nossa Realidade	1Cor 7,29-31	II	25
Os rumos dos nossos caminhos	1Cor 7,32-35	VII	38
No meio do povo e diante de Deus	1Cor 9,16-19.22.23	VII	41
A eucaristia nos fala de eternidade	1Cor 11,23-26	VII	66
O Senhor despe a túnica	1Cor 11,23-26	VIII	73
A Beleza na Diversidade	1Cor 12, 4-11	IV	14
Nosso Valor Está na Singularidade	1Cor 12,12-30	III	25
O meio é o caminho da liberdade	1Cor 12,31-13,13	VIII	41
Amar a Face Escura	1Cor 12,31-13,3	I	20
A Verdadeira Experiência do Amor	1Cor 13,1-8	I	22
Nossa Vocação é Criar as Relações	1Cor 15,1-11	I	24
Maria Traz para a História Sementes de Eternidade	1Cor 15,20-27	IV	72
O voo da águia alcança o infinito do amor	1Jo 1, 1-4	VII	24

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
A santidade ao alcance de cada um	1Jo 3, 1-3	VII	145
Só Descobrimos o que Já Temos	1Rs 3, 5.7-12	IV	65
Além do cumprimento do dever	1Rs 5,14-17	VIII	159
O único amor que resiste ao tempo	1Rs 17,10-16	VII	147
Eucaristia é Participar da Intimidade de Deus	1Rs 19, 4-8	IV	70
A paciência infinita do amor	1Rs 19,16.19-21	VIII	120
Pão e pai	1Rs 19,4-8	VII	116
Barcas ao Mar	1Rs 19,9.11-13	III	97
Pais: Parceiros na Criação de Deus	1Rs 19,9.11-13	VI	53
A Grande e Total Presença	1Rs 19,9a.11-13a	II	148
O Chamado que Desacomoda	1Sm 3, 3-10,19	II	20
Um gesto que muda a história	1Sm 3,3b-10.19	VII	33
A Sabedoria Que Não Vem dos Livros	2Cor 12, 7-10	VI	39
O perdão que nos liberta	2Cr 36,14-16.19-23	VII	57
A Teologia nos Descortina Horizontes Infinitos	2Mc 7, 1-2.9-14	IV	104
Além de tempo e espaço	2Mc 7, 1-2.9-14	VIII	171
O Amor Reconstrói por Dentro	2Sm 12, 7-10,13	I	104
Amar é Ser Para o Outro	2Sm 12, 7-10.13	VI	27
O bem é extensão da presença de Deus	2Tm 4, 6-8.16-18	VIII	164
A igreja continua sendo construída	2Tm 4, 6-8.17-18	VII	100
A Igreja Precisa de Pedros e Paulos	2Tm 4, 6-8.17-18	II	77
Quem Eu Sou Perante Deus	2Tm 4, 6-8.17-18	III	80
O abismo que há entre nós	Am 6, 1a.4-7	VIII	151
Autoridade x Poder	Am 7,12-15	II	86
A santidade ao alcance de cada um	Ap 7,2-4.9-14	VII	145
Deus nos Dará Aquilo que Somos	Ap 7,2-4.9-14	III	132
Cordeiros e Pastores	Ap 9,14b-17	I	94
Maria Nos Fala da Proximidade Com Deus	Ap 11,19a-12,6	VI	55
A glória de servir	Ap 11,19a,12,1-6a	VII	118
A Transformação Passa Por Dentro de Nós	Ap 12, 1-5.13.15-16	V	76
Maria pede a Deus por nós	Ap 12, 1-5.13a.15-16	VIII	157
Além de todas as certezas visíveis	At 1, 1-11	VII	89

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Ascensão é o Mistério da Ausência	At 1, 1-11	IV	43
Não vos afasteis de Jerusalém	At 1, 1-11	VIII	100
Nós Precisamos de Tempo	At 1, 1-11	I	78
Pentecostes nos faz ser para o outro	At 1, 1-11	VII	91
A Vida Sem o Espírito Santo	At 2, 1-11	V	26
Babel x Pentecostes	At 2, 1-11	I	85
Espírito é o lado feminino de Deus	At 2, 1-11	VIII	103
Jesus Não Deu Conta	At 2, 1-11	IV	37
Locomotiva, Trilho e Destino	At 2, 1-11	II	57
Os Dons do Espírito Santo no Nosso Cotidiano	At 2, 1-11	VI	21
Pentecostes Cria Comunidade	At 2, 1-11	IV	46
Pentecostes: História e Limite	At 2, 1-11	I	81
Um Outro Pentecostes	At 2, 1-11	I	83
A igreja continua sendo construída	At 12, 1-11	VII	100
A Igreja Precisa de Pedros e Paulos	At 12, 1-11	II	77
Pedro e Paulo	At 12, 1-11	I	106
Percebendo o Anjo em Nossas Vidas	At 12, 1-11	I	98
Quem Eu Sou Perante Deus	At 12, 1-11	III	80
Pedro e Paulo: instituição e carisma	At 13,14.43-52	VIII	117
Igreja Plural	At 15,1-2.22-29	III	72
Uma religião inserida na história	Br 5, 1-9	VIII	13
A Importância da Família	Cl 3,12-21	I	130
A Sacralidade da Família	Cl 3,12-21	V	104
Jesus Espera o Nosso Assumir na Família e na Sociedade	Cl 3,12-21	VI	112
O Alicerce da Autoridade é a Verdade	Cl 3,12-21	III	154
Seremos o que formos na história	Dn 12, 1-3	VII	149
Amar é a única razão do amor	Dt 4, 1-2.6-8	VII	122
A Única Beleza Que Ultrapassa a Morte	Dt 4,1-2.6-8	VI	62
Alegria se Celebra com Alegria	Dt 5,12-15	III	43
A Felicidade Nas Coisas Simples	Ecl 1, 2,2,21-23	V	46
Carregamos eternidade dentro de nós	Eclo 1, 2;2,21-23	VIII	132
Disponibilidade e Gratuidade	Eclo 3,17-20.27-28	VIII	142

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
A Igreja Começa na Família	Eclo 3,2-6.12-14	III	152
A Sacralidade da Família	Eclo 3,2-6.12-14	V	104
Jesus Espera o Nosso Assumir na Família e na Sociedade	Eclo 3,2-6.12-14	VI	112
O Alicerce da Autoridade é a Verdade	Eclo 3,2-6.12-14	III	154
A Família Precisa de Ritos	Eclo 3,3-7,14-17a	II	144
O bem é extensão da presença de Deus	Eclo 36,15b-17.20-22a	VIII	164
Fé e Razão	Ef 3, 2-6	III	15
A Quem Iremos?	Ef 5,21-32	II	81
Um Amor do Tamanho do Amor de Deus	Ef 5,21-32	VI	60
A Transformação Passa Por Dentro de Nós	Est 5, 1-2; 7,2-3	V	76
Maria pede a Deus por nós	Est 5, 1b-2.7,2b-3	VIII	157
Deus Age Através de Nossas Ações	Ex 3, 1-8a,13-15	V	23
Um Nome Não É Simplesmente Um Nome	Ex 3, 1-8a,13-15	I	39
O amor de Deus é fogo que não se consome	Ex 3, 1-8a.13-15	VIII	60
A eucaristia nos fala de eternidade	Ex 12, 1-8.11-14	VII	66
O Senhor despe a túnica	Ex 12, 1-8.11-14	VIII	73
Um presente nos torna presentes	Ex 16, 2-4.12-15	VII	114
A Pergunta que Nos Move	Ex 17, 8-13	II	114
Deus chega antes	Ex 17, 8-13	VIII	162
Jesus Revela o Coração de Deus	Ex 19, 2-6a	III	74
Templos vivos	Ex 20, 1-17	VII	55
Amar a Deus na Obra de Sua Criação	Ex 22,20-26	III	125
Deus Ouve o Grito dos Excluídos	Ex 22,20-26	IV	96
Jesus Está Sempre em Má Companhia	Ex 34, 4-6.8-9	IV	40
A Sabedoria Que Não Vem dos Livros	Ez 2, 2-5	VI	39
Responsabilidade Ética	Ez 33, 7-9	IV	80
Dentro de cada um de nós existe o infinito	Fl 3,8-14	VIII	66
Amar a Jesus potencializa os nossos amores	Fm 9b-10.12-17	VIII	144
Lidando Com as Perdas	Gl 3,26-29	IV	52
A paciência infinita do amor	Gl 5, 1.13-18	VIII	120
O Bem e o Mal: Tentações	Gn 2,15-24	I	52

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Amar é Querer Que o Outro Seja Eterno	Gn 2,18-24	VI	77
Homem e Mulher Constroem Felicidade Juntos	Gn 2,18-24	V	72
A Grande Tentação de Construir um Mundo Melhor	Gn 9,8-15	III	51
Uma Caminhada de Conversão	Gn 9,8-15	III	53
A Acolhida pelo Saber Ouvir	Gn 18, 1-10a	IV	60
Marta e Maria	Gn 18, 1-10a	I	112
O amor não deixa o outro partir	Gn 18, 1-10a	VIII	128
Deus colocou a história em nossas mãos	Gn 18,20-32	VIII	130
Pedir é Abrir-se	Gn 18,20-32	III	86
O tesouro que guarda o nosso coração	Hb 11, 1-2.8-19	VIII	134
A porta que nos levará ao Banquete da Vida	Hb 12, 5-7.11-13	VIII	140
Disponibilidade e Gratuidade	Hb 12,18-19.22-24	VIII	142
Nós Somos a Vinha do Senhor	Is 6, 1-7	V	70
As Crianças Carregam Esperanças	Is 7,10-14	VI	106
Reino de Deus: Já e Ainda Não	Is 8,23-9,3	II	23
A Luz que ilumina as nossas noites	Is 9, 1-6	VIII	21
Deus Prefere o Silêncio da Noite	Is 9, 1-6	V	102
Os Sinais de Deus	Is 9, 1-6	VI	110
Antes da Ternura de Belém, a Aspreza de João Batista	Is 11, 1-10	II	134
Pequenas Utopias	Is 11, 1-10	V	88
Um Gesto Pela Paz	Is 12, 2-6	VI	100
Pela Palavra Criamos Solidariedade	Is 35, 1-6a.10	V	94
Dentro de cada um de nós existe o infinito	Is 43,16-21	VIII	66
Deus é propício para o seu povo	Is 49, 1-6	VIII	112
O desafio da doação	Is 50, 5-9a	VII	126
Buscando Sinais que Nos Unam	Is 55,1-3	III	88
Somos Chamados ao Infinito Abraço de Deus	Is 55,1-3	VI	46
Ser Pai é Desacomodar e Encorajar	Is 56, 1.6-7	V	50
Fé e Razão	Is 60, 1-6	III	15
Há em nós ouro, incenso e mirra	Is 60, 1-6	VIII	31
Palavra e eucaristia são estrelas que nos guiam	Is 60, 1-6	VII	31
A pregação começa pelo modo de ser	Is 66,10-14c	VIII	122

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
A porta que nos levará ao Banquete da Vida	Is 66,18-21	VIII	140
O reino de Deus nos desvela a realidade	Jn 3, 1-5.10	VII	35
Sinais do Reino de Deus em Nossa Realidade	Jn 3, 1-5.10	II	25
Jesus nos assume para nos salvar	Jo 1, 1-17	VIII	23
A Força do Olhar de Jesus	Jo 1, 1-18	III	150
Jesus nos mostra o rosto visível de Deus	Jo 1, 1-18	VII	22
Natal – Valeu a Pena Criar (Um Diálogo Trinitário)	Jo 1, 1-18	I	127
O testemunho de João Batista	Jo 1, 6-8.19-28	VII	16
Ser Profeta no Cotidiano	Jo 1, 6-8.19-28	V	98
Somos Testemunhas da Luz	Jo 1, 6-8.19-28	V	100
A Novidade da Fé	Jo 1,19-28	III	27
O Espírito Como Sinal de Reconhecimento	Jo 1,29-34	VI	11
O Chamado que Desacomoda	Jo 1,35-42	II	20
Um gesto que muda a história	Jo 1,35-42	VII	33
A democracia da felicidade	Jo 2, 1-11	VIII	35
A Transformação Passa Por Dentro de Nós	Jo 2, 1-11	V	76
Maria pede a Deus por nós	Jo 2, 1-11	VIII	157
Reação a Uma Sociedade Desumanizante	Jo 2, 1-12	VI	57
Como Estamos Usando o Nosso Corpo	Jo 2,13-22	VI	88
O Sagrado é Inegociável	Jo 2,13-22	II	45
Templos vivos	Jo 2,13-25	VII	55
O perdão que nos liberta	Jo 3,14-21	VII	57
Amar É o Verbo de Deus	Jo 3,16-18	II	63
Crescemos na Reciprocidade	Jo 3,16-18	V	29
Jesus Está Sempre em Má Companhia	Jo 3,16-18	IV	40
Água: Sinal e Símbolo	Jo 4, 1-26	I	55
Multiplicando por Palavras	Jo 6, 1-15	II	90
Que pão nós estamos repartindo?	Jo 6, 1-15	VII	111
Jesus Se Nos Dá na Intimidade	Jo 6,24-35	VI	51
Um presente nos torna presentes	Jo 6,24-35	VII	114
O Pão da Convivência	Jo 6,30-50	III	90
Eucaristia é Participar da Intimidade de Deus	Jo 6,41-51	IV	70
Pão e pai	Jo 6,41-51	VII	116

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Nossa Alegria É a Alegria de Deus	Jo 6,51-58	II	66
A Quem Iremos?	Jo 6,60-69	II	81
Alegrias e dores do cotidiano	Jo 6,60-69	VII	120
Buscando Força Interior	Jo 6,60-69	IV	74
A Grande Lição de Paciência e Esperança	Jo 8, 1-11	IV	27
A Originalidade do Perdão de Deus	Jo 8, 1-11	V	19
Dentro de cada um de nós existe o infinito	Jo 8, 1-11	VIII	66
As Cegueiras em Nosso Dia-a-Dia	Jo 9, 1-41	III	48
Luz: A Caminhada da Fé	Jo 9, 1-41	I	57
Razão se Faz com Lama e Luz na Medida Certa	Jo 9, 1-41	II	37
Nós Temos Sede de Infinito	Jo 10, 1-10	IV	31
Somos Pastores na Igualdade	Jo 10, 1-10	II	49
A ética do cuidado	Jo 10,11-18	VII	83
Mães Para Todas as Estações	Jo 10,11-21	II	54
Cordeiros e Pastores	Jo 10,27-30	I	94
O cuidado começa pelo olhar	Jo 10,27-30	VIII	91
Lázaro: Milagre por Amor	Jo 11, 1-44	I	61
Vida é Movimento de Dentro	Jo 11, 1-44	I	59
Deus É, Deus Ama	Jo 11, 1-45	II	150
Sinais de Morte e Ressurreição no Amor	Jo 11, 1-45	II	39
Jesus Assumiu na Liberdade	Jo 12,12-19	I	63
Jesus é o sacramento do amor infinito de Deus pai	Jo 12,20-33	VII	59
O Grão que Cai na Terra	Jo 12,20-33	III	58
A eucaristia nos fala de eternidade	Jo 13,1-15	VII	66
O Senhor despe a túnica	Jo 13,1-15	VIII	73
É Noite!	Jo 13,21-33	I	65
Mães	Jo 13,31-33a,34,35	I	96
Amar é Desejar a Vida Para Todos	Jo 13,31-35	IV	34
Vida é o infinito de que dispomos	Jo 13,31-35	VIII	94
Construindo Eternidade	Jo 14, 1-12	III	65
Caminho, Verdade e Vida	Jo 14, 1-14	I	29
A Presença Que é Certeza e União	Jo 14,15-21	V	25
O Amor se Faz na Acolhida do Diferente	Jo 14,15-21	III	69

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
A força heurística da palavra	Jo 14,23-29	VIII	97
A Paz que Vem de Cristo	Jo 14,23-29	I	76
Nó de Relações	Jo 15, 1-8	II	60
Palavras que moldam a vida	Jo 15, 1-8	VII	85
Somos Árvores Que Precisam de Raízes Para Sustentar Nossos Sonhos	Jo 15, 1-8	VI	18
Amar Como Jesus Amou	Jo 15, 9-17	VI	23
O amor que eleva nossos amores	Jo 15, 9-17	VII	87
A Trindade nos leva à abertura	Jo 16,12-15	VIII	106
Deus Nos Revela o Mistério Trinitário	Jo 16,12-15	V	33
Deus Pai Entrega Seu Filho à História	Jo 18,1-19.42	V	21
Escândalo e loucura	Jo 18,1-19.42	VII	69
O Sentido da Morte na Morte de Jesus	Jo 18,1-19.42	I	69
Um Deus próximo de nossas dores	Jo 18,1-19.42	VIII	76
A Realeza que Recebemos no Batismo	Jo 18,33-37	IV	113
Um rei que se faz próximo	Jo 18,33b-37	VII	152
Entendendo a Ressurreição	Jo 20, 1-9	I	70
Para o salto da fé, precisamos de sinais	Jo 20, 1-9	VII	75
Quem precisa de ressurreição?	Jo 20, 1-9	VIII	83
A Vida Sem o Espírito Santo	Jo 20,19-23	V	26
Espírito é o lado feminino de Deus	Jo 20,19-23	VIII	103
Jesus Não Deu Conta	Jo 20,19-23	IV	37
A fé passa pela memória	Jo 20,19-31	VIII	85
A Identidade do Ressuscitado	Jo 20,19-31	II	52
Abrindo portas para dar e acolher o perdão	Jo 20,19-31	VII	77
Tomé – O Amor é Incondicional	Jo 20,19-31	I	74
Tomé – O Crucificado é o Ressuscitado	Jo 20,19-31	I	72
O toque de Deus	Jo 21, 1-19	VIII	88
Amar a Face Escura	Jr 1,4-5/17-19	I	20
A Quem Iremos?	Js 24, 1-2.15-18	II	81
Buscando Força Interior	Js 24, 1-2.15-18	IV	74
Um Amor do Tamanho do Amor de Deus	Js 24, 1-2.15-18	VI	60
Alegrias e dores do cotidiano	Js 24, 1-2a.15-17.18b	VII	120

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Jesus nos propõe o seu plano de metas	Lc 1,1-4;4,14-21	VIII	38
A perenidade da boa notícia	Lc 1,26-38	VII	18
Imaculada Conceição: A festa da esperança	Lc 1,26-38	VII	14
O Amor de Deus Antecipa a Vida de Maria	Lc 1,26-38	VI	98
O Ser Humano Como Lugar de Deus	Lc 1,26-38	III	148
Maria Irradia o Amor de Deus Pai	Lc 1,28-38	V	90
As Três Dimensões da Assunção	Lc 1,39-45	III	95
Duas crianças como artífices da salvação	Lc 1,39-45	VIII	19
Maria Nos Fala da Proximidade Com Deus	Lc 1,39-45	VI	55
Natal é Tempo de Busca e Esperança	Lc 1,39-45	VI	108
Noite Silenciosa	Lc 1,39-45	I	126
A glória de servir	Lc 1,39-56	VII	118
Assunção – Fé Pretensiosa	Lc 1,39-56	I	122
Assunção: A Festa da Esperança	Lc 1,39-56	II	98
Maria Traz para a História Sementes de Eternidade	Lc 1,39-56	IV	72
Na Assunção, A Totalidade de Maria	Lc 1,39-56	V	52
O amor é a única realidade eterna	Lc 1,39-56	VIII	136
Deus é propício para o seu povo	Lc 1,57-60.80	VIII	112
João Batista: Tradição e Profecia	Lc 1,57-66.80	II	75
A Luz que ilumina as nossas noites	Lc 2, 1-14	VIII	21
A Transformação da História Começa no Mistério do Coração de Deus	Lc 2, 1-14	IV	120
Deus Prefere o Silêncio da Noite	Lc 2, 1-14	V	102
Natal é Mergulhar no Mistério de Deus	Lc 2, 1-14	II	140
Os Sinais de Deus	Lc 2, 1-20	VI	110
O presépio de nossa história	Lc 2, 1-7	VII	20
A Renovação Que Um Ano Novo Nos Oferece	Lc 2,16-21	V	9
A única certeza é o amor de Deus	Lc 2,16-21	VII	26
Ano Novo – Portas Abertas para o Ser	Lc 2,16-21	I	11
As surpresas de cada dia	Lc 2,16-21	VII	28
As Três Fogueiras	Lc 2,16-21	II	13
Com Maria e em nome de Jesus	Lc 2,16-21	VIII	29
Deus Pai nos Propõe o Ano da Misericórdia	Lc 2,16-21	IV	9

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Um ano novo na misericórdia do Filho e na graça de Maria	Lc 2,16-21	VIII	27
Um Dia Diferente	Lc 2,16-21	II	146
Alegrias e dores se misturam na família	Lc 2,22-40	VIII	25
Entrando Num Novo Milênio com Cristo	Lc 2,41-52	III	11
O Valor das Pequenas Alegrias	Lc 3, 1-19	VI	102
Preparar Para a Festa Já é Festa	Lc 3, 1-19	V	96
Advento é Tempo de Confiança	Lc 3, 1-6	IV	116
As Presenças de Cristo no Nosso Cotidiano	Lc 3, 1-6	V	92
Uma religião inserida na história	Lc 3, 1-6	VIII	13
Que túnica iremos repartir?	Lc 3,10-18	VIII	16
Um Gesto Pela Paz	Lc 3,10-18	VI	100
Batismo é Compromisso Com o Futuro	Lc 3,15-16.21-22	IV	11
A Nossa Liberdade Pode Domar o Animal da Tentação	Lc 4, 1-13	VI	14
Nós Somos o Limite de Deus	Lc 4, 1-13	IV	22
Tentação é uma realidade diária e contínua	Lc 4, 1-13	VIII	54
Tentações em Lucas	Lc 4, 1-13	I	50
O meio é o caminho da liberdade	Lc 4,21-30	VIII	41
Avançar para Águas mais Profundas	Lc 5, 1-11	I	26
Nossa Vocação é Criar as Relações	Lc 5, 1-11	I	24
O peixe que não vemos	Lc 5, 1-11	VIII	43
Bem-Aventuranças em Lucas	Lc 6,17-26	I	43
A Proposta Cristã para a Vida Além da Morte	Lc 6,17.20-26	III	129
Jesus Responde à Grande Pergunta	Lc 6,17.20-26	III	127
O amor que cobre todas as dores	Lc 6,17.20-26	VIII	46
Gratuidade x Reciprocidade	Lc 6,27-36	IV	16
Ser Cristão é Mais que Ser Ético	Lc 6,27-36	I	35
Só o perdão salva e reconstrói	Lc 6,27-38	VIII	49
Compaixão é colocar-se ao lado	Lc 7,11-17	VIII	108
Amar é Ser Para o Outro	Lc 7,36-8,3	VI	27
Jesus Quer Mais que Rito e Rotina. Ele Quer Amor	Lc 7,36-8,3	I	102
O Amor Reconstrói por Dentro	Lc 7,36-8,3	I	104
O perdão nasce do amor	Lc 7,36-8,3	VIII	110

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Alegrar-se Com Todas as Alegrias	Lc 9,18-24	V	44
Jesus, o Salvador da humanidade	Lc 9,18-24	VIII	115
Lidando Com as Perdas	Lc 9,18-24	IV	52
Transfiguração – A Festa Contínua	Lc 9,28-36	I	47
O Jesus do Cotidiano e da Glória	Lc 9,28b-36	V	17
Transfigurar é ir além da figura	Lc 9,28b-36	VIII	57
Transfiguração: Força para o Sofrimento	Lc 9,29-36	I	49
Transfigurações no Nosso Dia-a-Dia	Lc 9,29-36	II	42
A paciência infinita do amor	Lc 9,51-62	VIII	120
Ser Livre Para Amar, Amar Para Ser Livre	Lc 9,51-62	I	108
A pregação começa pelo modo de ser	Lc 10, 1-12	VIII	122
A vítima é quem nos converte	Lc 10,25-37	VIII	125
Abrindo a Janela Interior	Lc 10,25-37	I	114
Todas as Leis se Calam Diante do Amor	Lc 10,25-37	IV	57
A Acolhida pelo Saber Ouvir	Lc 10,38-42	IV	60
Marta e Maria	Lc 10,38-42	I	112
O amor não deixa o outro partir	Lc 10,38-42	VIII	128
Servir e Contemplar	Lc 10,38-42	I	110
Deus colocou a história em nossas mãos	Lc 11, 1-13	VIII	130
Pedir é Abrir-se	Lc 11, 1-13	III	86
Pedir é Acolher a Ação de Deus	Lc 11, 1-13	VI	44
A Felicidade Nas Coisas Simples	Lc 12,13-21	V	46
Carregamos eternidade dentro de nós	Lc 12,13-21	VIII	132
O Nada se Veste	Lc 12,13-21	II	94
Somos o Que Amamos	Lc 12,16-21	I	116
O Serviço de Ser Pai	Lc 12,32-48	III	93
O tesouro que guarda o nosso coração	Lc 12,32-48	VIII	134
Pai, Referência Fundamental	Lc 12,32-48	I	119
Pais da Transcendência	Lc 12,32-48	II	96
A paz que Jesus espera de nós	Lc 12,49-53	VIII	138
Deus Age Através de Nossas Ações	Lc 13, 1-9	V	23
O amor de Deus é fogo que não se consome	Lc 13, 1-9	VIII	60
A Porta Estreita	Lc 13,22-30	V	55

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
A porta que nos levará ao Banquete da Vida	Lc 13,22-30	VIII	140
Abrir-se para Acolher	Lc 13,22-30	III	100
Nós Construimos a Salvação	Lc 13,22-30	III	102
Disponibilidade e Gratuidade	Lc 14, 1.7-14	VIII	142
Nós Existimos para Deus	Lc 14, 1.7-14	III	104
A Felicidade que Deus Espera para Nós	Lc 14,25-33	III	108
Amar a Jesus potencializa os nossos amores	Lc 14,25-33	VIII	144
A Busca da Interioridade	Lc 14,26-33	II	104
A Parábola do Pai Misericordioso	Lc 15, 1-3.11-32	I	28
Deus sempre espera	Lc 15, 1-3.11-32	VIII	63
O Retrato Mais Fiel de Deus Pai	Lc 15, 1-3.11-32	VI	20
Buscar e Esperar: duas grandes pedagogias de Deus	Lc 15, 1-32	VIII	146
Jesus nos Apresenta o Deus da Acolhida	Lc 15, 1-32	III	111
A Beleza de Cada Cultura	Lc 16, 1-13	VI	68
Lucidez e Fidelidade	Lc 16, 1-13	VIII	148
A Parábola dos Inversos	Lc 16,19-31	II	108
No Cotidiano se Faz Eternidade	Lc 16,19-31	III	117
O abismo que há entre nós	Lc 16,19-31	VIII	151
Nós carregamos a semente da fé	Lc 17, 5-10	VIII	154
O Horizonte do Amor É o Infinito	Lc 17, 5-10	II	110
Além do cumprimento do dever	Lc 17,11-19	VIII	159
A Pergunta que Nos Move	Lc 18, 1-8	II	114
Deus chega antes	Lc 18, 1-8	VIII	162
Deus é Contínua Doação	Lc 18, 1-8	IV	94
A Dimensão da Verdadeira Glória	Lc 18, 9-14	II	120
Justiça e Misericórdia	Lc 18, 9-14	I	100
O bem é extensão da presença de Deus	Lc 18, 9-14	VIII	164
Somos Iguais na Radicalidade	Lc 18, 9-14	IV	98
A Caminhada de Zaqueu	Lc 19, 1-10	II	123
O caminho para a liberdade	Lc 19, 1-10	VIII	169
A Teologia nos Descortina Horizontes Infinitos	Lc 20,27-38	IV	104
Além de tempo e espaço	Lc 20,27-38	VIII	171

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
O Fim do Mundo a Cada Dia	Lc 21, 5-19	III	135
Pedras que constroem esperança	Lc 21, 5-19	VIII	173
Só Restará o que For Construído por Dentro	Lc 21, 5-19	II	129
A Diferença Está no Modo de Olhar	Lc 21,25-28.34-36	VI	94
A Salvação Está Próxima	Lc 21,25-28.34-36	VI	104
Deus se Faz Presente na Dinâmica de Nossa História	Lc 21,25-28.34-36	VI	96
O Futuro que estamos construindo	Lc 21,25-28.34-36	VIII	9
Responsabilidade Cidadã	Lc 21,25-28.34-36	V	86
A Paixão em Lucas	Lc 22,14-23.56	I	67
Nós Não Damos Conta do Amor	Lc 22,14-23.56	IV	29
O Deus que se entrega	Lc 22,14-23.56	VIII	68
A Originalidade da Realeza de Jesus	Lc 23,35-43	II	131
A Realeza pelo Olhar	Lc 23,35-43	III	138
Um reino chamado amor	Lc 23,35-43	VIII	176
As passagens em nossa vida	Lc 24, 1-12	VIII	81
A Grande Caminhada para Jerusalém	Lc 24,13-35	III	60
Emaús x Jerusalém	Lc 24,13-35	I	92
Ser de Luz	Lc 24,13-35	I	91
Testemunhas da transformação	Lc 24,35-48	VII	80
Na Ascensão, A Nossa Ressurreição	Lc 24,46-53	I	80
Não vos afasteis de Jerusalém	Lc 24,46-53	VIII	100
Encontros de interioridades	Lv 13, 1-2.44-46	VII	43
O Sentido do Silêncio Messiânico	Lv 13, 1-2.44-46	IV	20
Deserto é o caminho para a liberdade	Mc 1, 1-8	VII	11
Quando o Céu se Abre	Mc 1, 1-8	III	146
Os Vários Sentidos de Batismo	Mc 1, 6-11	III	23
Vozes de Nossa Vocação	Mc 1, 7-11	III	21
A Grande Tentação de Construir um Mundo Melhor	Mc 1,12-15	III	51
Jesus toca o nosso tempo e o transforma	Mc 1,12-15	VII	51
O Reino de Deus Aqui e Agora	Mc 1,12-15	IV	25
Uma Caminhada de Conversão	Mc 1,12-15	III	53
Cronos e Kairos – Tempo Qualitativo	Mc 1,14-20	I	124

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
O reino de Deus nos desvela a realidade	Mc 1,14-20	VII	35
Sinais do Reino de Deus em Nossa Realidade	Mc 1,14-20	II	25
Os rumos dos nossos caminhos	Mc 1,21-28	VII	38
Construindo Solidariedade	Mc 1,29-39	V	13
No meio do povo e diante de Deus	Mc 1,29-39	VII	41
O Cotidiano de Jesus	Mc 1,29-39	III	31
A Acolhida pela Pele	Mc 1,40-45	III	39
Encontros de interioridades	Mc 1,40-45	VII	43
O Sentido do Silêncio Messiânico	Mc 1,40-45	IV	20
O Invisível no Visível	Mc 2, 1-12	IV	18
Somos carregados pelos braços da fé	Mc 2, 1-12	VII	45
O Espírito nos abre ao amor	Mc 2,18-22	VII	47
Palavras Novas Para Tempos Novos	Mc 2,18-22	VI	16
Alegria se Celebra com Alegria	Mc 2,23-3,6	III	43
Os Batismos na Vida de Jesus	Mc 3,13-17	II	17
Valemos Pelo Que Somos	Mc 3,20-35	V	31
A Paciência Infinita de Deus	Mc 4,26-34	VI	30
O tempo pede paciência	Mc 4,26-34	VII	96
A Outra Margem	Mc 4,35-41	IV	55
Jesus é a Presença Certa em Todas as Tempestades	Mc 4,35-41	VI	32
Jesus nos acompanha à outra margem	Mc 4,35-41	VII	98
Só Crescemos na Verdade de Nós Mesmos	Mc 4,35-41	V	37
A cultura da aparência	Mc 6, 1-6	VII	103
A Sabedoria Que Não Vem dos Livros	Mc 6, 1-6	VI	39
Pedro e Paulo Nos Ensinam Fidelidade	Mc 6, 1-6	VI	37
Oração, Esmola e Jejum	Mc 6, 1-6,16-18	III	45
A metáfora do abraço	Mc 6, 7-13	VII	106
Anunciando Horizontes Maiores	Mc 6, 7-13	VI	42
Autoridade x Poder	Mc 6, 7-13	II	86
Contando histórias se faz história	Mc 6,30-34	VII	108
A Única Beleza Que Ultrapassa a Morte	Mc 7, 1-8.14-15.21-23	VI	62
Amar é a única razão do amor	Mc 7, 1-8.14-15.21-23	VII	122

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Acontecimentos Que Nos Questionam	Mc 7,31-37	VI	64
Falar e ouvir fazem a nossa convivência	Mc 7,31-37	VII	124
A Força da Fé	Mc 8,27-33	VI	35
Encontro de Liberdades	Mc 8,27-35	VI	66
O desafio da doação	Mc 8,27-35	VII	126
A transfiguração transforma as realidades	Mc 9,2-10	VII	53
Antecipando a Ressurreição	Mc 9,2-10	III	55
Jesus Se Mostra Divino Na Extrema Humanidade	Mc 9,2-10	V	48
O infinito que mora dentro de nós	Mc 9,30-37	VII	129
O Batismo Nos Faz Profetas	Mc 9,38-43.45.47-48	IV	89
Talentos a serviço da comunidade	Mc 9,38-43.47-48	VII	131
O Privilégio do Bem Não é Exclusivo	Mc 9,38-48	IV	87
Amar é Querer Que o Outro Seja Eterno	Mc 10, 2-16	VI	77
Homem e Mulher Constroem Felicidade Juntos	Mc 10, 2-16	V	72
Somos construtores do projeto de Deus	Mc 10, 2-16	VII	134
A tristeza de não querer ser melhor	Mc 10,17-30	VII	136
O Grito Que Comove o Coração de Deus	Mc 10,35-45	VI	79
O poder que faz o outro crescer	Mc 10,35-45	VII	138
A igreja que caminha	Mc 10,46-52	VII	141
O único amor que resiste ao tempo	Mc 12,38-44	VII	147
Cada dia é único em nossa vida	Mc 13,24-26.33-37	VII	9
Seremos o que formos na história	Mc 13,24-32	VII	149
A Presença de Deus nos Traz Germes de Ressurreição	Mc 13,33-37	VI	92
Consciência e Liberdade	Mc 13,33-37	II	133
A certeza da mão do Pai	Mc 14,1-15,47	VII	61
Humanidade e Divindade Fazem a Realeza de Jesus	Mc 14,1-15,47	III	62
Sem Galileia, não há Jerusalém	Mc 16, 1-7	VII	73
Além de todas as certezas visíveis	Mc 16,15-20	VII	89
Ascensão é o Mistério da Ausência	Mc 16,15-20	IV	43
A Força da Mulher na Transformação do Mundo	Mt 1,18-24	II	136
As Crianças Carregam Esperanças	Mt 1,18-24	VI	106

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Uma Fé Aberta para a História	Mt 1,18-25	II	138
A Estrela Que Nos Conduz à Verdade do Menino	Mt 2, 1-12	V	11
A Noite que Antecede a Aurora	Mt 2, 1-12	III	13
A Universalidade de Jesus	Mt 2, 1-12	III	18
Fé e Razão	Mt 2, 1-12	III	15
Há em nós ouro, incenso e mirra	Mt 2, 1-12	VIII	31
Magos – Dois Olhares	Mt 2, 1-12	I	17
Magos: Diálogo Inter-Religioso	Mt 2, 1-12	II	15
Palavra e eucaristia são estrelas que nos guiam	Mt 2, 1-12	VII	31
Coragem para Buscar Libertação	Mt 2,13-15,19-23	II	142
Jesus Espera o Nosso Assumir na Família e na Sociedade	Mt 2,13-15,19-23	VI	112
Antes da Ternura de Belém, a Aspreza de João Batista	Mt 3, 1-12	II	134
Como João Batista Esperava Jesus	Mt 3, 1-12	I	41
Cronos e Kairos – Tempo Qualitativo	Mt 3, 1-12	I	124
Atravessando o Rio Jordão	Mt 3,13-17	IV	118
No Batismo, a Humanidade de Jesus	Mt 3,13-17	VI	9
Nossa Tentação em Ver um Jesus Diferente	Mt 4, 1-11	II	35
O Bem e o Mal: Tentações	Mt 4, 1-11	I	52
Jesus Vai à Frente	Mt 4,12-13a,17-22	III	29
Reino de Deus: Já e Ainda Não	Mt 4,12-17	II	23
A Maratona dos Santos	Mt 5, 1-12	VI	84
Bem-Aventuranças em Mateus	Mt 5, 1-12	I	45
Deus nos Dará Aquilo que Somos	Mt 5, 1-12	III	132
Nas Bem-Aventuranças, Um Novo Retrato de Deus	Mt 5, 1-12	V	81
Os Verdadeiros Modelos Para os Jovens	Mt 5, 1-12	V	78
Pérolas de Eternidade	Mt 5, 1-12	II	28
Um Jeito Novo de Viver as Bem-Aventuranças	Mt 5, 1-12	VI	86
A felicidade onde não se espera	Mt 5, 1-12a	VIII	167
A santidade ao alcance de cada um	Mt 5, 1-12a	VII	145
Bem-Aventuranças: A Felicidade que Ninguém nos Tira	Mt 5, 1-12a	IV	107

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Sabedoria e Luz	Mt 5,13-16	III	34
Sabedoria é Saber com Sabor	Mt 5,13-16	II	30
Nova Visão da Lei e Valor do Lazer	Mt 5,21-47	I	37
Deus Esqueceu-se de Ir Embora	Mt 5,43-48	I	31
Estrelas falam de Deus	Mt 6, 1-6.16-18	VIII	52
O Mistério se Encontra no Silêncio	Mt 6, 1-6.16-18	III	36
Tempo de silêncio e interioridade	Mt 6, 1-6.16-18	VII	49
Três Dimensões de Abertura	Mt 6, 1-6.16-18	II	32
Transparências e Limites	Mt 7,21-27	II	68
“Vem e Segue-me!”	Mt 9, 9-13	VI	25
Deus Age nas Coincidências	Mt 9, 9-13	II	71
O Símbolo Traduz o Amor	Mt 9,36-10,8	IV	49
Medos	Mt 10,26-31	II	73
O Tribunal da Consciência	Mt 10,26-33	V	35
Deus Potencializa os Nossos Amores	Mt 10,37-42	III	77
Um Amor que Estrutura os Nossos Amores	Mt 10,37-42	V	40
Pela Palavra Criamos Solidariedade	Mt 11, 2-11	V	94
Abba: Um Deus Próximo	Mt 11,25-30	II	79
O Poder da Palavra	Mt 12,33-37	I	33
As Palavras Carregam Experiências	Mt 13, 1-23	III	83
O Longo Trabalho de Fazer Crescer a Semente	Mt 13, 1-23	V	42
Ser Terra para Acolher e Produzir Frutos	Mt 13, 1-23	II	84
Um Outro Pentecostes	Mt 13, 1-23	I	83
Trindade: Realidade Cotidiana	Mt 13,24-30	I	87
A Semente de Trigo que Guarda a Nossa Esperança	Mt 13,24-43	IV	62
Joio e Trigo Coexistem Dentro de Nós	Mt 13,24-43	II	88
Só Descobrimos o que Já Temos	Mt 13,44-46	IV	65
A Grande Rede que Procura Bondade	Mt 13,44-52	IV	68
Buscando Sinais que Nos Unam	Mt 14,13-21	III	88
Jesus é o Novo Moisés	Mt 14,13-21	VI	49
Somos Chamados ao Infinito Abraço de Deus	Mt 14,13-21	VI	46
A Grande e Total Presença	Mt 14,22-33	II	148

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Barcas ao Mar	Mt 14,22-33	III	97
Pais: Parceiros na Criação de Deus	Mt 14,22-33	VI	53
Ser Pai é Desacomodar e Encorajar	Mt 14,22-33	V	50
A igreja continua sendo construída	Mt 16,13-19	VII	100
A Igreja Precisa de Pedros e Paulos	Mt 16,13-19	II	77
Pedro e Paulo	Mt 16,13-19	I	106
Pedro e Paulo: instituição e carisma	Mt 16,13-19	VIII	117
Quem Eu Sou Perante Deus	Mt 16,13-19	III	80
Tu És Pedra	Mt 16,13-20	II	100
Respeito à Individualidade	Mt 16,21-23	II	102
Dom Helder: O Mensageiro da Esperança	Mt 16,21-27	IV	77
Vencer a Acomodação Buscando Horizontes Mais Amplos	Mt 16,21-27	V	57
Transfiguração é a Nossa Reserva de Luz	Mt 17,1-9	III	41
Transfigurar-se é Renunciar ao Comodismo	Mt 17,1-9	V	15
As Ovelhas Amadas de Deus Pai	Mt 18,12-14	III	143
A Gratuidade do Perdão	Mt 18,15-18	III	106
Responsabilidade Ética	Mt 18,15-20	IV	80
A Dimensão Cristã do Perdão	Mt 18,21-35	V	63
Deus Nos Criou Para Sermos Eternos	Mt 18,21-35	V	61
O Perdão Que Nos Reconstrói	Mt 18,21-35	IV	84
A Lógica de Deus	Mt 20, 1-16	II	106
O Julgamento Misericordioso de Deus	Mt 20, 1-16	III	113
O Tempo de Deus é Outro	Mt 20, 1-16	III	115
O Tempo Não Faz o Amor	Mt 20, 1-16	V	66
Cristianismo é Mais Que Religião	Mt 21,28-32	VI	70
O Valor de Quem se Gasta Pelo Reino de Deus	Mt 21,28-32	V	68
A Nova Vinha	Mt 21,33-43	III	120
Nós Somos a Vinha do Senhor	Mt 21,33-43	V	70
Nosso Compromisso Com as Chances Históricas	Mt 21,33-43	VI	74
Uma Matemática Diferente	Mt 21,33-45	II	112
Deus nos Convida ao Banquete da Vida Plena	Mt 22, 1-10	IV	91
Nossa Resposta Aos Convites de Deus	Mt 22, 1-14	V	74

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
A Ação de Deus Depende de Nossa Liberdade	Mt 22,15-22	II	118
Deus Está Presente em Todos os Amores	Mt 22,15-22	II	116
Amar a Deus na Obra de Sua Criação	Mt 22,34-40	III	125
O Amor Constitui o Nosso Ser	Mt 22,34-40	VI	81
Religião: Símbolo, Doutrina e Práxis	Mt 23, 1-12	III	122
Estamos Preparados?	Mt 24,37-44	III	140
O Noivo do Dia Seguinte	Mt 25, 1-13	IV	101
O Noivo É a Realidade	Mt 25, 1-13	II	125
A Felicidade de Repartir	Mt 25,14-30	II	127
Pontos de Transcendência	Mt 25,14-30	IV	110
A festa de quem cumpriu a sua missão	Mt 25,31-46	VII	143
Eu Me Construo Nas Minhas Relações	Mt 25,31-46	V	84
O Evangelho da Nossa Vergonha	Mt 25,31-46	VI	90
Jesus também experimentou a traição	Mt 26,14-25	VII	63
Como seria viver sem Trindade?	Mt 28,16-20	VII	93
Trindade: Unidade na Diversidade	Mt 28,16-20	I	89
Jesus Revela o Coração de Deus	Mt 9,36-10,8	III	74
O Batismo Nos Faz Profetas	Nm 11,25-29	IV	89
O Privilégio do Bem Não é Exclusivo	Nm 11,25-29	IV	87
Talentos a serviço da comunidade	Nm 11,25-29	VII	131
Buscando Sinais que Nos Unam	Rm 8,35.37-39	III	88
Somos Chamados ao Infinito Abraço de Deus	Rm 8,35.37-39	VI	46
Somente o Ser Humano é Instrumento de Paz	Sl 137/136	II	47
A Única Beleza Que Ultrapassa a Morte	Tg 1,17-18.21-22.27	VI	62
Pela Palavra Criamos Solidariedade	Tg 5, 7-9	V	94